O DEFENSOR
DA
RELIGIÃO

EM PALESTRAS RELIGIOSAS.

PARTE QUARTA.

LISBOA. 1837.

NA TYPOGRAFIA DE F. A. C. T. D'ABRANCHES.

Rua da Inveja N.° 57 1.° andar.

O DEFENSOR DA RELIGIÃO

EM PALESTRAS RELIGIOSAS.

PARTE QUARTA.

PALESTRA PRIMEIRA.

Conversão na Morte.

PALESTRANTES

Parocho, *Deista*, *Atheo*, e *Freguez.*

Introducção.

Deista — Dê-nos a sua benção, nosso *Mestre*, e *Pai.* Todos estimamos, que passasse bem. Ainda que ja o fiz sabedor, do que se passou desde a ultima tarde em que nos ajuntamos, o direi aqui para satisfação de todos. O Sr. *Atheo* foi instado por seus antigos collegas a pedir a demora de tres dias, em que se pudesse prevenir com os melhores, e mais fortes argumentos, para os porem em sua boca, e os fazer valer aqui com força, pois o tem interpellado de fraqueza, mas sem razão. Eu fiz avisos publicos, e ninguem teve incommodo.

Parocho — Talvez que algum desses Srs. deseje expor pessoalmente seus sentimentos; e julgo que o Sr. *Brigadeiro* será contente.

D. — Esta casa he sua, e ninguem mais nella manda na presença do Sr. *Abbade.* He isso mesmo, o que de balde se lhes tem offerecido. Elles conhecem as vantagens, que lhes leva o Sr. *At.* na força, clareza, no estilo, e arte de argumentar. Eu sei, que elle prometteo nada deixar-lhes a desejar.

Atheo — Deveramos estar todos convencidos, de que as esperanças do impio não são mais firmes, consistentes, e dignas, ou merecedoras de confianças, do que o pó, empola d'agoa, e fumo, na frase do *Espirito Santo*: porem queira o Sr. Ab. compadecer-se da nossa cegueira, e abrir-nos de huma vez os olhos, permittindo, que eu por esta ultima vez advogue a causa da impiedade, pondo em acção as maquinas quimericas, e vãas, com que ella pertende sustentar-se neste seu ultimo intrincheiramento. Não tem outro. Todos ouvem com gosto, e resolvidos estão a renunciar seus erros, segundo devo esperar.

P. — Nenhuma satisfação poderia ter maior; talvez possa crescer com a força, que fizer o Sr. At. defendendo o que por antonomasia chama-o *Espirito Santo.*

Erro dos Impios.

D. — Que tal he aquella estocada por primeira!

P. — Quirão ter paciencia, pois nos ajustamos a fallar com a decente liberdade; e eu não posso, nem mesmo sei em taes materias deixar de seguir a divina frase, como tem notado. A palavra *impiedade* exprime os erros em materias religiosas, por isso mesmo que redundão em formal desprezo de Deos por qualquer face que se considerem; e *impio* he aquelle, que os admitte. Os sagrados *Escritores* estão conformes neste estilo, e eu não sei outro.

Freguez — Dê, P., o nome aos bois, e nada de satisfações.

A. — Quizera saber d'onde consta ser este o erro dos impios.

P. — Eu lho mostro; mas não se queira desanimar, nem enervar com isto a força de seus argumentos. Queira dizer-me, o que pertende sustentar hoje, e qual esse intrincheiramento, em que pertende ultimamente encastellar-se o peccador obstinado?

A. — Eu o faço com a possivel brevidade de palavras. O homem fraco por natureza...

F. — Alto lá! Já se mostrou, que o homem he ferro, e aço.

A. — Lembrado estou; porem direi; que o homem, perdido o temor de Deos, desprezando sua lei, e ensurdecendo-se a

instrução, cahe na cegueira, que temos visto, demorando sempre sua conversão, confia finalmente, que na ultima enfermidade poderá reconciliar-se com Deos. As razões que o animão nestas confianças são muitas. Eu passo a expolas, e a sustentar....

P. — Eu julgo, que seguiremos melhor methodo se as expuzer com singularidade á proporção, que o desenvolvimento o exija. Diz muito bem, que taes peccadores, procrastinando de dia em dia sua conversão, sem jamais a fazerem, vem a prolongar tal procrastinação até á morte; e o mesmo será dizer: *Na morte me converterei*, que dizer: *Converter-me-hei mais ao diante.* Pois eis-aqui a que o *Espirito Santo* dá o nome, que disse, chamando-o por antonomasia, *erro d'impios.* Queira lêr aqui.

D. — Eu leio. *Ne demoréris in errore impiorum; ante mortem confitére. A mortuo quasi nihil perit confessio. Eccl.* 17: 26. Não te demores no erro dos impios; confessa-te antes da morte: a confissão pelo morto acaba, como se nada fosse, porque nada se faz pelo morto, e por isso não ha confissão. Aqui temos bem claro, Sr. At., o *erro dos impios*, em que não he licito demorar: *Ne demoreris in errore impiorum*? Qual he este erro? He guardar para a morte a confissão, por isso accrescenta: *Ante mortem confitere.* Isto he bem claro.

A. — Ahi falla na mesma occasião da morte, ou melhor depois da morte; mas eu digo antes della, na ultima enfermidade, porque então...

P. — Queira lêr o ℣., que se segue, e então dirá o mais.

D. — Cá está, tenha paciencia, a resposta. *Confiteberis vivens, vivus & sanus confiteberis, & laudabis Deum, & gloriaberis in miserationibus illius* ℣. 27. Vivendo te confessarás, vivo, e são te confessarás; louvarás ao *Senhor*, e te gloriarás nas suas misericordias. Está bem claro: este he o *erro dos impios*, o que faz impios; e verdadeiros impios são os que confião em tal erro.

F. — Tenha animo, Sr. impio; não se desanime.

P. — A palavra *confissão* significa ahi, e tem o sentido natural de conversão do peccador a Deos. O mesmo he confessar antes da morte, que converter-se verdadeiramente a Deos. Vivendo o deve fazer, vivo, e são, e não enfermo. Vivo, e são deve louvar a Deos, não só com a boca, mas com obras, guardando a sua lei, e observando seus mandamentos. Então se gloriará nas misericordias do *Senhor*,

que choverão sobre elle: *Gloriaberis in miserationibus Domini*; porque, aos que assim fazem, aos que vivos, e sãos se convertem, estão promettidas as mui grandes misericordias, e perdão de todos os peccados, como affirma no ℣. seguinte.

D. — *Quam magna misericordia Domini, & propitiatio illius convertentibus ad se!* ℣. 28. Ja vimos este texto.

P. — O contrario he erro, e *erro de impios*, com que pertendem cegar-se para seu mal; e taes esperanças, ou confianças, mais que todas as outras, são taes como o pó da terra, que com qualquer movimento do ar desaparece, como a empola d'agoa, que sem nada se extingue, e como o fumo, que se desvanece: *Spes impii tanquam lanugo est, quae a vento tollitur; & tanquam spuma gracilis, quae a procella dispergitur; & tanquam fumus, qui a vento diffusus est. Sap.* 5. 15. Vamos pois finalmente a pôr esta verdade no maior gráo de evidencia.

A. — Não me poderá negar, que hum peccador posto na ultima enfermidade em seu perfeito juizo, vendo-se proximo a comparecer no Tribunal divino, toma differentes sentimentos... Eu julgo, que esta razão, e argumento não merece sorrisos.

P. — Queira disculpar-me a incivilidade. Eu o fiz...

A. — Eu julgo, e com effeito julgão todos, esta razão mui forte, e animadora. Como não se commoverá, e converterá mui de coração hum homem, posto neste estado? Tudo a isso forçosamente o obrigará: e logo que o faça, poderá negar, que Deos lhe perdoará?

P. — Não o nego; pois sei que qualquer que seja o tempo, em que o peccador o faça, elle será perdoado; o ponto, e toda a duvida consiste em o fazer. Porem essas esperanças, e confianças não tem mais consistencia, que o pó, a empola d'agoa, e o fumo. Não se admire, vamos por partes, e conhecerá a verdade, e o motivo do meu imprudente sorriso.

Morte repentina.

Em tal materia, assim como em todas, nós devemos estar pelo que Deos nos diz, e tomar seus desenganos, se não quizermos ficar enganados em cousas de tão grande importancia. Falla o Sr. At. em huma enfermidade, que preceda á morte do peccador, e em que conheça a proximidade do seu juizo. Eu brevemente o supporei; e não

concederei. Por agora perguntarei, como pode o peccador pôr ahi suas esperanças, e confianças, quando Deos bem claramente lhas dissipa?

D. — Eu direi alguns textos. He bem sabido o do *Ecclesiastico*: *Ne tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem*; não te demores em te converter ao *Senhor*, e não andes differindo de dia em dia, porque repentinamente virá sobre ti a ira de Deos, e te perderá no tempo de sua vingança: *Subitó enim veniet ira illius, & in tempore vindictae disperdet te.* 5. 8. Isto he bem claro. Nós já vimos o que J. C. diz no *Evangelho* a tal respeito nas parabolas do servo vigilante, affirmando, que então virá na hora, em que se não pensar: *In qua hora non putatis, Filius hominis veniet. Luc.* 12. 40. Esta para mim diz tudo neste respeito, e sem duvida deve obrigar a todos á preparação muito anticipada, *Estote parati*, por isso mesmo que estamos ameaçados a sermos chamados a contas, quando menos o pensarmos: *In qua hora non putatis.* Não podia fallar mais claro, nem dar maior, e decesivo desengano.

P. — Não o fez somente com palavras, mas tambem com exemplos verdadeiros. Pregava o *Senhor* ás turbas, quando chegarão noticias, de que *Pilatos* havia feito morrer certos *Galileos*, que estavão sacrificando, tão inexperada, e repentinamente, que seu sangue se misturou com o das victimas, que immolavão. Todos sabião, e não havia muito tempo, que perto da fonte de *Siloé* huma torre se havia desmoronado, sobre desoito homens, que todos ficarão esmagados. Quando se annunciou o primeiro facto, toma J. C. a palavra, e diz assim: *Putatis quod hi Galilaei prae omnibus Galilaeis peccatores fuerint, quia talia passi sunt? Luc.* 13. 2. Vós pensais que estes *Galileos* erão de todos os maiores peccadores por isso mesmo que sofrerão tal pena, e desgraça de morte tão repentina? Sabei, que não he assim, pois que esta mesma pena, este genero de morte repentina tereis vós todos, se não fizerdes penitencia: *Non, dico vobis: sed nisi poenitentiam habueritis, omnes similiter peribitis.* ℣. 3.

Como não satisfeito ainda, serve-se do segundo caso, faz a mesma applicação, e repete a mesma ameaça: *Sicut illi decem & octo, super quos cecidit turris in Siloé, & occidit eos*; bem assim como os desoito homens, sobre os quaes cahio a torre em *Siloé*. Pensais vós, que elles erão

mais devedores á divina justiça, que todas os mais habitantes de *Jerusalem*? *Putatis quia & ipsi debitores fuerint praeter omnes homines habitantes in Jerusalem*? ℣. 4. Eu vos digo, que não.; mas sabei, que se não fizerdes penitencia, todos acabareis do mesmo modo: *Non, dico vobis; sed si poenitentiam non egeritis, omnes similiter peribitis.* ℣. 5.

A. — E por ventura verifica-se sempre essa ameaça?

P. — Responderei, que ordinariamente se verifica: porem queira permittir-me huma breve exposição do texto, para entrarmos no seu legitimo sentido. Parece ser commum opinião entre os *Judeos* naquelle tempo, que semelhantes casos não succedião se não a malvados, que erão devedores á justiça divina por gravissimos peccados. A isto allude J. C., e affirma, que a todos os peccadores, que não fazem penitencia, que sem duvida são os de que fallamos, está reservada, e contra elles pronunciada esta sentença: *Omnes similiter peribitis.* Não quer dizer, que todos hão-de morrer degolados, como aquelles *Galileos*, ou esmagados por huma torre, como os *Judeos* em *Siloé*, mas sim com morte tão repentina, e inexperada, como foi a destes; qualquer que seja o modo.

Devemos ainda notar, que diz, *todos*, *omnes*; e *do mesmo modo*, *similiter*; todos os que não fizerem penitencia, isto he, todos os que peccando, não cuidão na penitencia, e que a vão retardando, e differindo para outro tempo, e principalmente para a morte. Mais devemos notar, que duas vezes repetio J. C., e na mesma occasião, a mesma terrivel ameaça: *Omnes similiter peribitis.*

Fazendo agora a combinação das doutrinas de J. C., em cujas mãos estão os nossos destinos, e que he o nosso Supremo *Juiz*, nós as acharemos todas conformes neste sentido, e ainda muitas vezes repetidas. As parabolas dos servos, que ignorão a chegada de seu senhor, que dará o premio aos vigilantes, a do rico avarento, a quem foi arrancada do corpo a alma, no momento, em que nada mais cuidava, que das suas riquezas temporaes, todo o mais, e finalmente o desengano, de que hade vir residenciar, e chamar a contas taes peccadores, quando menos o pensarem, combinão perfeitamente nesta terrivel ameaça de mortes repentinas.

F. — He isso mesmo, o que continuamente está succedendo a esses impios Incredulos por varios modos.

A. — A todos succede o mesmo sem distincção de bons, e máos.

P. — Não o creia assim do bom servo, que sempre está vigilante; pois que para este nunca a morte he repentina.

A. — Eu não posso concordar, porque a experiencia continuamente está mostrando o contrario. Não vemos nós com muita frequencia grandes peccadores, que nunca cuidarão em fazer penitencia, morrendo com prolongadas enfermidades nos seus leitos, avisinhando-se lentamente a morte! Contra a experiencia não ha argumento. Não ignora o Sr. Ab., que essas ameaças nem sempre se verificão, e são mais ameaças, que realidades.

P. — Não diz bem; nunca são debalde as ameaças de hum Deos, quando se não interpõe a penitencia. Mas queira dizer-me, quantos desses moribundos com prolongadas enfermidades tem visto fazerem sua premeditada conversão?

A. — Não me lembro nesta occasião.

P. — Nem em outra qualquer se lembrará.

D. — Essa parece-me ardua, pois tenho visto alguns morrerem assistidos dos Sacramentos.

P. — E por ventura pode affirmar, que taes Confissões forão verdadeiras? Entrarão na devida duvida, quando tivermos desenvolvido tal objecto, que nos occupará algumas tardes. Deve saber o Sr. At., que apezar de lhes mostrar a experiencia, que muitos peccadores acabão, precedendo longas enfermidades, se elles são dos que fallamos, mostra a mim a mesma experiencia, que suas mortes são repentinas, verificando nelles esta terrivel ameaça. Não queira admirar-se, porque eu lhe faço palpavel esta verdade.

Deve fazer grande differença entre hum bom *Christão*, que vive no temor de Deos, e o impio, a quem nada menos importa, que o serviço de Deos, e a sua salvação. Aquelle por quaesquer breves dores de cabeça, acostumado a lembrar-se da morte, e das contas, que deve dar a Deos, pensa logo estar chegada a occasião, e não cuida em mais, que em preparar-se mais, e mais. Não he assim porem o peccador, que olha a morte com horror, nem nella pensa, nem quer pensar. E quem se atreverá a lembrar-lha? Se o não fizerem assim, eu affirmarei, que elle morre sem o saber, nem nisso pensar. Parecerá isto hum paradoxo, mas somente a quem não conhece, o que he o peccador, e que não tem a devida experiencia.

Taes são semelhantes peccadores, que por mais gravemente enfermos, que estejão, se revoltarão indignados con-

tra quem lhes disser, que o estão. Seus mesmos amigos não o desenganarão, menos os domesticos da casa, porque nenhum destes o quer disgostar; talvez ainda procurem, que outros o não fação; e os facultativos, quando mais avisarão os domesticos da necessidade dos *Sacramentos*. A enfermidade vai progredindo, e o inferno protestando, que vai melhor; e o protestará até o mesmo ultimo suspiro.

Quando porem o cheguem a desenganar (o que rarissimas vezes succede) he ja tão tarde, que tudo se torna inutil. Parece, que destes diz o *Psalmo*: *Multiplicatae sunt infirmitates eorum; postea acceleraverunt*. 15. 4. Depois que as enfermidades crescem, e chegão a alto ponto, então he que se apressão a chamar confessor, e tudo á pressa: *Cúm venerit super illos mors*, diz S. João Chrisostomo, *festinant, anciantur, vocant Sacerdotes, poenitentiam volunt agere*; quando a morte está chegada, apressão-se, ancião-se, chamão *Sacerdotes*, querem fazer penitencia; mas quando? *Cúm jam poenitentiae non est tempus*; quando ja não he tempo de a fazer, ja he tarde; e eis-ahi vai o desgraçado com morte repentina.

D. — Isto he huma verdade, Sr. At., que não podemos negar, pois não mencionará algum que o tenha feito no seu devido tempo.

F. — Dê-me licença, P., porque quero dizer, o que se passa em tal respeito pelos Incredulos; e quero protestar, que elles morrerão impenitentes, sem Confessores, por isso mesmo que os tem perseguido de morte; só se forem os *Calvinos Jansenistas*, que fazem huma confissão em quanto o diabo esfrega hum olho, ainda que seja de vinte annos, e do maior sensual.

P. — Todos sabemos, o que fazem huns, e outros, e podémos presumir, o que lhes succederá. Eu quero porem suppor, o que não concedo, á vista das verdades divinas, que o peccador, de que fallamos, tenha a morte qual deseja, com enfermidade demorada...

A. — Antes disso devo dizer, que apezar dessas ameaças tem ainda os peccadores alguma cousa, em que confiem, pois que não lhes virá a morte tão breve, e tão desconhecida, e imprevista, qualquer que seja o modo, que não possa fazer hum *acto de contrição*. Quando ainda o não possa fazer, com hum *Pequei*, como o de *David*, em quem temos bem claro o exemplo, pode conseguir o perdão.

P. — Bem claro exemplo! E que? *David* quando isso disse as-

tava mui são, e gosava de mui boa saude Nesciamente se applicão os impios tal exemplo, que pelo contrario os condemna. Elles são fecundos em invenções para seu mal! Desse modo discorria hum, de quem se falla na vida de *Thomaz Moro*, famoso Martyr de *Inglaterra*, no livro intitulado: *Mortes pessimas de peccadores.* A impia conducta de hum moço licencioso obrigou a seus amigos todos *Christãos* a rogar-lhe, que se corregisse em suas depravações, e sensualidades, temendo a Deos, e aos tormentos eternos. Respondia a tudo, que quando viesse a morte, com tres palavras, que dissesse, em que confessasse suas culpas, e pedisse a Deos perdão, conseguiria o *Ceo.* Nisto se ficava mui satisfeito.

Não tardou muito, que lhe não succedesse tudo pelo contrario, do que pensava, pois ao passar por huma ponte, se estimulou o cavallo, que montava, de tal sorte, que se despenhou no rio indo logo ao fundo. As palavras ultimas, que se lhe ouvirão ao despenhar-se, forão na verdade tres; mas quaes? *Rapiat omnia doemon*; leve tudo o diabo. Não he assim, Sr. At., que se zomba de Deos. Esse *pequei*, que se imaginão os impios na morte, he huma quimera, que não merece a honra da refutação; porem do que formos dizendo, verão desapparecer esse pó, esse fumo de tão nescias confianças.

A. — Mas não poderá negar, que hum *acto de contrição*, que se pode fazer em mui breves palavras, tem virtude de conseguir o perdão de todos os peccados.

P. — Não o posso, nem quero negar, com tanto que seja, qual deve ser. Trinta mil *actos de contrição* fará o peccador, e talvez não acerte o fazer hum, qual deve ser, e tudo será em vão. Tenha paciencia com a marcha vagarosa, que vamos seguindo, porque assim he necessario, por não baralharmos as materias. No que vou a propor adiantaremos muito, e talvez possa dar hum amplo conhecimento, qual o deve ter hum *Christão* neste respeito.

D. — Deixemos, que falle, e ouçamos em silencio.

P. — Tenha o Sr. At. toda a liberdade da opposição. Eu quero suppor, que o peccador tenha a morte qual deseja, isto he, morte, a que precedão claros avisos, e desenganos; e mesmo com a desejada assistencia dos soccorros da *Igreja.* Que diremos em tal caso? Nós o vamos a ver, mas permittão-me algumas previas reflexões.

Desprezo da Salvação.

Facilmente concordaremos todos, que nenhuma outra cousa ha no homem, que mais o deva occupar, do que a sua *salvação*. Este he o seu negocio, e não tem outro: a isto veio, e nada mais: para se salvar, foi creado, e não por mais. Desenganem-se os Incredulos! Apezar de se desejarem na cathagoria de bestas, não o conseguiráõ. Eu quizera dizer a todos elles, se por ventura me escutassem: Homens nescios, vossa ignorancia he grande, e maior vossa cegueira. Abrí hum pouco os olhos, e accreditai, a quem vos falla. Vós não me excedeis nem na diuturnidade, e continuação teimosa da lição, nem na meditação da natureza do homem, e sciencia da *Religião*. Eu desafio a qualquer que seja, a fazer-lhe palpavel sua cegueira. Se eu estou em erro, se eu sou hum hypocrita, visionario, ou o que vós quizerdes, porque conhecendo-o vós, me não convenceis? Eu vos trato de ignorantes, pedantes, impios, e me ponho em campo para o provar. Porque não sahis? »

D. — Temos sahido, e nada temos feito.

P. — Sim; mas eu com isto queria fazer outra cousa; e he, que fazendo-lhes ver, que não tendo outro fim a esperar, que sua felicidade, ou desgraça eterna, perguntar-lhes d'onde lhes veio tão grande cegueira, entendimento tão embrutecido, que se atrevão a reservar para a morte o tratar do unico, do importantissimo negocio de sua salvação, de que pende toda a sua felicidade, ou desgraça irremediavel? Eu não posso attribuir isto senão a huma de duas; ou verdadeira incredulidade, ou perfeito embrutecimento do entendimento; e he a isto que eu desejaria chamar a todos. Convencidos da verdade divina dos nossos destinos, desejava saber então, d'onde pode originar-se tanta cegueira, que se resolvão a reservar para a morte hum tal negocio? Isto he pasmoso na verdade!

D. — Onde lhe parece, P., que tem a sua origem?

P. — Eu não acho outra, mais que os fataes effeitos do peccado, pelo embrutecimento, em que põe o desgraçado peccador. Nós ja o vimos, e agora mais claro o veremos. Figurem hum homem deitado em huma delgada têa, têa de aranha, que não he mais fragil; que os fios da vida, que o sustenta sobre a boca de hum abismo. Homem, lhe clamaráõ, salta fóra; não vês o perigo em que estás? Eu o vejo, responde socegado, porem eu o farei, não agora, mas na occasião,

em que esta têa comece a rasgar-se, e eu a descer, então saltarei fóra. Poderia acaso isto imaginar-se em hum homem, que não estivesse perdido de cabeça?

Permittão-me huma breve, posto que bem interessante digressão a este respeito, que porá patente a cegueira do genero humano em geral. Nada poderá o homem imaginar de mais interessante, nem mesmo cousa que com isso se assemelhe, que a sua salvação; mas por fatal desgraça nada ha mais desprezado: proposição esta, cuja verdade apparece bem clara, a quem por hum pouco o considera. Então se deve reputar huma cousa por mui interessante, quando ella em si mesma he de muita ponderação, quando della se está encarregado, quando sua perda he irremediavel, e ainda mais quando desta resulta gravissimo mal. Eis aqui quatro gravissimas circunstancias, que revestem a importancia da nossa salvação, que com hum simples golpe de vista se conhecem.

Em quanto á primeira, que alguma outra cousa se poderá imaginar de mais, ou semelhante importancia? De todas as maximas do *Evangelho*, a que mais forte impressão nos deveria fazer, e que sempre nos deveria retinnir em ambos os ouvidos, e ferir os corações, he sem duvida a que se contem na pergunta, que J. C. nos faz a todos: *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animae veró suae detrimentum patiatur?* Que aproveitaria ao homem fazer-se senhor de todo o mundo, quando perca a sua alma? Que poderá servir-lhe de satisfação, ou commutação, e abono de huma tal perda? *Quam dabit homo commutationem pro anima sua?* *Math.* 16. 26. Como se dissera: Cegos, loucos homens, que em nada tanto cuidais como nas riquezas, e interesses mundanos! De que vos servirão elles se perderdes vossas almas?

D. — Já antes de J. C. os mesmos condemnados no inferno nos intimarão esta maxima: *Quid nobis profecit superbia aut divitiarum jactantia?* *Sap.* 5. 8. De que nos aproveitarão as riquezas com suas soberbas, e mais cousas do mundo? Na verdade que na alma, na sua salvação está tudo; este he o unico negocio importante, e nenhum outro o he em sua comparação.

F. — Os mais são brincos de crianças; pois menos que ellas são todos os homens por suas loucuras; menos homens, que crianças.

P. — Com ellas os compara o *Espirito Santo*, e trata de loucos, e imprudentes: a primeira porque amão criancices:

Usquequo parvuli diligitis infantiam? Até quando homens crianças, meninos, amareis criancices? Criancices, brincos, entretenimentos de meninos são tudo o que occupa os homens. A segunda porque amão, o que lhes he nocivo: *Et stulti ea, quae sibi sunt nociva, cupiunt*; o que he bem proprio de homens sem algum juizo. Imprudentes, porque aborrecem a verdadeira sciencia: *Et imprudentes odibunt scientiam? Prov. 1. 22.*

Accresce a isto a incumbencia, que bem expressa temos do nosso *Creador*, de tratarmos este negocio da salvação, que he unico, e faze-lo com temor e tremor: *Cum metu & tremore vestram salutem operamini. Philip. 2. 12.* Para que fim pensas tu, desgraçado, (perguntaria eu a hum destes) que foste tirado do nada, posto neste mundo, e favorecido de hum Deos com tantos, e tão prodigiosos beneficios, e excessos de amor divino? Pensas, alma brutal, que nada mais tens a cuidar, que, qual animal bruto, nas riquezas, nos regalos, nas malvadas concupiscencias, e sensualidades da carne? Ah, cego! Tuas maldades te embrutecem! Para nenhuma outra cousa, para nenhum outro fim tu foste creado, tu existes, e andas neste mundo, que para grangeares tua salvação: este he o teu negocio unico, em que de dia e de noite deves cuidar, e que todos os instantes de tua vida te deve occupar. Ai de ti, se o não fazes, e por isso o não consegues! Se perdes a salvação, se perdes o fim para que foste creado, se não dás boa conta, e sahes mal deste negocio, e em fim perdes a tua alma, perdido ficas para sempre, pois irremediavel he esta perda.

D. — O mais he ainda que perdendo-se hum bem infinito, qual he a gloria eterna, se incorre n'um mal infinito, qual he o inferno para sempre!

P. — He essa a outra circunstancia, ou condição, que torna importantissimo o negocio da salvação. Elle ainda he geral, sem exclusão, ou excepção de pessoa. Pensa o rico, o nobre, o chamado grande, que faz a excepção da regra, e dirá, que não he para a vida christãa, e devota, nem com elle se entendem as maximas do Evangelho de *J. Christo*! Assim será, porque apenas, desgraçado, tens o nome de *Christão*, e não as obras. Dirás, que para ti não são os Sacramentos, a vida morteficada, e o mais que a *Religião* prescreve, mas sim para *Religiosos*, para a gente baixa, de outra condição que não seja a tua! Sim,

eu assim o creio, lhe diria, porque para só essa gente he o *Ceo*, e não para ti malvado, que assim o pensas, e assim o fazes.

Dêem-me os Srs. licença para perguntar ainda a hum destes, que pensa elle ter de mais, ou de menos daquelle, que nos claustros, ou por outros meios, procura sanctificar-se? Dize-me, impio, insensato, que mais tem aquelle, que vês todo afadigado pela sua salvação, que tu não tenhas, ou que menos tem do que tu? Se elle tem alma eterna, não a tens tu, ainda que não queiras? Se teme o inferno, não tens tu mais razão de o temer?....

F. — (O meu Ab., está hoje bravo! Ninguem o atalhe.)

P. — Dirás: Tenho varios outros negocios a cuidar, tenho grandes riquezas, sou nobre &c. Desgraçado, insensato que tu és! Não te encommendou Deos, teu Creador, algum outro qualquer negocio, que seja o da tua salvação, tuas riquezas, o teu ouro, e a tua prata não te resarcirão a perda da tua alma; antes ellas te servirão para tua maior condemnação, por isso mesmo que mais as quizeste, do que a tua salvação. Deverias insensato, fazer timbre de tua maior nobreza e seres verdadeiro filho do *Altissimo*, membro de J. C., e com elle divinisar-te. Esta a verdadeira nobreza: mas, impio, mais queres ser inimigo de Deos, servo e escravo do diabo; este o timbre de tua nobreza! Insensato que tu és!....

A. — Faz-nos tremer, P.! Eu nada quero, que possa impedir minha salvação, e por tudo cortarei.

Meterialista — Eu estou nos mesmos propositos, que seguirei.

P. — Queirão desculpar-me este momento de bilis, que na verdade não tinhão aqui lugar; porem....

D. — Tem todo o lugar; falle como melhor lhe parecer: Se algum se der por offendido, esse mais merece taes invectivas, do que algum outro. Continue.

P. — Bastará que diga não com pequena magoa do meu coração, que assim me obriga a fallar, que geralmente a salvação he desprezada, e grandemente desprezada, porque nada se faz por ella. Que maior desprezo de huma cousa do que nada fazer por ella? Queirão dizer-me os Srs., que vêem fazer os homens por sua salvação?

D. — Nada, e absolutamente nada entre a maior parte.

M. — Então eu direi, que nem em tal cousa pensão.

F. — Pois eu protesto, que fazem muito, e muito trabalhão com ancias do coração, mas he pela a perderem, e tanto

que parecem apostados a procurarem por todos os modos e meios a sua perdição. Elles parecem estar dizendo, se não com vozes, com as obras: Por força quero condemnar-me ao inferno, ou Deos queira ou não queira. Debalde elle se canga comigo, debalde elle me queira levar ao *Ceo*; eu não o quero, e protesto, que o não quero; mas sim quero servir ao diabo, e quero o inferno, que elle me hade dar... Não olhem para mim, porque eu sou capaz de mostrar, que isto he huma verdade mais clara do que a mesma agoa. E advirtão, que não metto na conta os Incredulos, porque estes jogão a espada contra Deos para lhes desempedir o caminho do inferno. Não vèem o louco, que se quer arrojar no pôço?

D. — Tem razão, Sr. Fr.; diz a verdade; e fica bem provado, que a salvação he extrema, e excessivamente desprezada, e extrema a cegueira, o embrutecimento dos homens.

A. — Leve o diabo tal cegueira, e tal embrutecimento. Porem permitta-me advogar ainda a minha causa Conheço, e fica bem claro o desprezo, que se faz da salvação; porem não devemos arguir de tanto os que apezar de a desprezarem na vida confião na ultima enfermidade.

F. — Eu protesto, que esse mesmo he o desprezo de todos os desprezos, pois para tal tempo abandonão o negocio unico, e importantissimo.

D. — Considere-o bem, Sr. At., e verá que diz huma...

P. — Não fosse embora hum summo, e extremo desprezo; não poderá negar, que he huma verdadeira estulticia, huma zombaria formal, ou como lhe queirão chamar, a não lhe quererem dar o nome de brutal desprezo, ou embrutecimento do entimento. Eu não sei como me explique, pois me faltão as expressões. Chamar-lhe-hei impia cegeira, louquissima estulticia, estupidês. He o que diz St.° *Agostinho*, fallando de taes: *De morte sua, de salute sua ludit, qui haec cogitat*; zomba, e brinca com a morte, e com sua salvação, o que tal pensa: *Stultissimum est hoc*; he isto estultissimo, primeiramente porque he perigosissima a conversão no ultimo dia: *Quia periculosissimum* &c. He ainda estultissimo reservar negocios eternos para as ultimas extremidades da vida, que ja vai a faltar: *Deinde stultissimum* &c. He em fim estultissimo, porque nada, inteiramente nada tem o cego peccador, em que possa confiar. Poder-se-ha ter em maior desprezo a salvação?

Confissões na ultima enfermidade.

A. — Acaso nada serviráõ as confissões na ultima enfermidade? Se não servem, para que as manda a *Igreja*, e instituio o Sacramento da *Uncção extrema*?

P. — E que? Para taes peccadores somente os manda, e instituio? Porem eu lhe respondo com o mesmo St.° *Doutor*. Faz elle differença entre as mortes, e segurança de salvação conforme seus estados. Ha huns, que desde a infancia tiverão em cuidado conformar sua vida com as leis divinas, e conserváräo até á morte sua innocencia baptismal. Estes, qualquer que seja a sua morte, sahem deste mundo seguros de sua salvação: *Securus exit.* Outros ha, que por desgraça perderão esta innocencia, mas se arrependerão a tempo, confessarão-se, e perseverarão na emenda. Tenhão estes confiança, pois sahem seguros: *Securus exit.*

Que diremos porem daquelles, que, andando em peccado toda a vida, chegão á morte, e então se confessão, e recebem os mais sacramentos? Sahirião seguros deste mundo? *Ego non sum securus*, diz, eu não estou seguro para dar tal segurança. Devo expor bem o meu sentimento para que me entendão. *Nunquid dico: damnabitur? Non dico.* Não digo, que se condemnará, mas tambem não digo, que se salvará. *Sed quid dicis?* Que he pois, o que dizes? *Nescio, non praesumo, non promitto, nescio*; não sei, nada presumo, não prometto, não sei. Eu dou a penitencia, e os mais Sacramentos, porque não sei; se eu soubesse, que não aproveitavão, eu não os daria; mas se eu soubesse, que aproveitavão, eu não te aterraria, ó peccador, que nisto confias: *Si scirem tibi prodesse, non te admonerem, non te terrerem.* Assim falla a tal respeito este St.° *Doutor*; porem nós temos muitas razões de duvidar, e levarmos nossas duvidas a mais alto gráo.

As razões, que elle dá, e que na verdade são bem claras, consistem nas muitas, e differentes cousas, que impedem, e retrahem o infermo da verdadeira penitencia: *Multa sunt, quae impediunt, & languentem retrahunt.* São estes impedimentos, os que nós devemos ponderar. Ha impedimentos da parte da enfermidade, da parte da mesma penitencia, ou confissão, e da parte de Deos, sem cujas graças nada se faz. Vamos a estes desenvolvimentos, e demonstrações.

Impedimentos da parte da enfermidade.

Devemos primeiramente considerar as tristes crises, e circunstancias, em que se acha o desgraçado penitente enfermo, quando se resolve, e entra a tratar da salvação por meio do Sacramento da confissão. Se elle he dos que fallamos, nunca jamais o fará nos principios da enfermidade.

F. — Eu protesto, que já estará com a morte na garganta, e que a confissão hade ser, qual costumão fazer os taes Padres da moda, que as fazem, em quanto o diabo esfrega hum olho com as garras affiadas, e promptas. Elle rirá de taes confissões.

P. — Oxalá não servissem de maior condemnação! Porem supponhamos, que cahe nas mãos de hum Confessor, que deseja desempenhar seu officio. He certo que nunca isto se principia, se não no progresso da enfermidade; e sendo necessario para isto o desengano, este nunca se dá, se não quando está proxima a morte. Seja porem como quizerem, e com bastante tempo, que não poderá ser se não no auge da enfermidade. Que impedimentos! Eu não posso numera-los, e menos expo-los. A só lembrança, de que se vai a finalizar huma vida passada na continuação de maldades, e a consideração da proximidade do comparecimento no Tribunal divino, que perturbações não causaráõ em hum tal moribundo?

Em breves palavras descreveo *David*, o que passa por hum semelhante peccador em tal crise, dizendo de si: *Circumdederunt me dolores mortis, & torrentes iniquitatis conturbaverunt me. Psal. 17. 5.* Cercarão-me as dôres da morte, e com ellas me accommetterão, e me atterrarão as torrentes, ou grande multidão de minhas iniquidades; dôres semelhantes ás do inferno, vierão sobre mim, quando precipitada, e subitamente me vi nos laços da morte: *Dolores inferni circumdederunt me; praeocupaverunt me laquei mortis. ℣. 6.*

D. — Eu julgo que não se poderá descrever ao vivo, o que em taes apertos passará por hum homem, que nunca fez caso de Deos, vivendo como se o não houvera.

F. — Pois olhe, que em grande parte nem então se lembrão, nem de Deos, nem de Santa Maria, nem do *Ceo*, nem do inferno.

A. — Isso não pode ser á excepção de demencia.

F. — Bem dementes andão elles toda a sua vida, e dementes

vão para o outro mundo. Vm. nunca os vio nessas occasiões, e nada sabe, do que se passa.

A. — Não pode ser, que hum homem, que está em seu juizo perfeito, vendo-se proximo á morte...

P. — O Freguez, Sr. At., sabe melhor, o que se passa a este respeito, porque tem a experiencia por sua devoção de assistir aos enfermos, e moribundos; e saiba que diz a verdade.

F. — Quantas vezes lhes digo: Irmão, prepare-se para dar contas a Deos, por quem vai a ser julgado &c., e elles voltando a cara para a parede, ou pedindo, que os deixe, ou ficando-se dormindo, como que nada entendem?

A. — Como pode isso succeder em hum homem..?

D. — Como! E que argumento ha contra a experiencia?

P. — Pode sê-lo, por aquella regra geral, que diz: *Qual a vida, tal a morte*, assim como a vida assim a morte. Em vida andou sempre em continuos perigos da morte, e contudo nunca se lembrou della, nem das contas, que ha de dar a Deos: não he muito que então faça o mesmo. Se em vida elle desprezou os avisos, tambem então os desprezará. He esta huma pena devida por justo juizo de Deos. Logo melhor o veremos. Porem se o quer attribuir a demencia, eu ja mostrei, que o peccado faz embrutecer o homem até este mesmo ponto, que dizemos.

F. — Vivem como brutos, e como brutos morrem. A vida brutal deve corresponder morte brutal. Não olhe para mim, nem lhe pareça, que digo de mais. Repare bem como morrem os brutos, e ahi tem a morte de taes peccadores.

A. — Como então os descreveo *David* com as dôres infernaes, e conturbação dos peccados?

P. — Assim o fez no sentido, em que o Sr. At. quer representar hum tal peccador, isto he, no caso que elle então pertende sua conversão. Queira entender, que nem sempre os peccadores morrem do mesmo modo, ainda que sua morte sempre he pessima; assim como tambem os justos, sendo sempre preciosa sua morte, ainda que seja de hum raio. Commumente a dos peccadores he do modo, que diz o Fr., e logo melhor o veremos; porem algumas vezes succede o contrario, antecipando-se-lhes os tormentos infernaes. Quando o peccador acoçado pelos remorsos da consciencia intentasse sua conversão séria, sem duvida se sentiria, qual *David* o representa.

Queira figurar-se hum homem com o corpo afflicto, a ca-

beça perturbada pela actividade da febre, e mais effeitos da enfermidade, pensando sobre sua vida, que pelo espaço de annos não foi mais que hum tecido de iniquidades, considerando-se proximo a bater ás portas da eternidade, e a entrar em juizo com aquelle, que jamais honrou, e servio como devia, e sempre, talvez, aborreceo. Que lhe parece passará por hum tal desgraçado?

D. — Não se pode pintar ao vivo, nem descrever.

A. — Mas dahi mesmo tomo eu huma razão favoravel; e he, que atterrado com essas considerações facilmente se voltará a Deos, clamará por suas misericordias, e o soccorrerá com ellas.

P. — He o que eu ignoro, e com toda a razão duvido.

A. — Pois não he verdade, que em qualquer occasião, em que o peccador se converta, Deos lhe perdoará?

P. — He sim verdade, mas por ventura converter-se-ha hum tal peccador em semelhante occasião? Ignora o Sr. At. o que he huma verdadeira conversão. Nós o veremos; mas ja mostrei, que ninguem se converte sem Deos o converter. Será necessario hum grande prodigio das misericordias do *Senhor*. Se assim o fará, logo veremos. Eu por brevidade omitto innumeraveis outros impedimentos, que são indispensaveis, e que fazem quasi impossivel a penitencia em taes circunstancias.

Impedimentos por parte da penitencia.

D. — Não são de pouca ponderação, os que costumão pôr os domesticos da casa, os parentes, os amigos, as visitas, os medicos, os remedios, e talvez as ultimas disposições; que sem duvida tornaráõ difficultosissima huma boa e verdadeira conversão, e Confissão.

P. — Tanto que nella vai a faltar tudo o principal. Eu nada digo, do que entra em sua essencia, que he a verdadeira dôr, ou contrição, porque della temos de fallar a proposito, e com a devida extensão. Ella he totalmente obra de Deos, e a mais prodigiosa: he a formação de hum novo coração; e vãa he a penitencia, que não he acompanhada desta mudança, que he a verdadeira conversão. Poderá isto succeder em taes circunstancias? *Nonne adhuc in modico, & in brevi convertetur libanus in charmel, & charmel in saltum reputabitur?* pergunta *Isaias.* 29. 17., se me não engano, ao mesmo respeito. Por ventura em brevissimo es-

paço de tempo poderá o monte *libano*, que he todo cuberto de grossas arvores, bosques, e matas, converter-se no monte *carmelo*, que he fertilissimo em producção? Poderá esse peccador, que toda sua vida foi, qual o monte *libano*, bosque, e brava mata de maldades, e peccados, coração duro, nunca agricultado pelo temor de Deos, converter-se em tão breve tempo, e em taes crises, em hum outro homem, que se carregue de frutos de merecimentos, quaes são necessarios para entrar no *Ceo*?

F. — Dê-me licença, para perguntar tambem, se poderá em tão breve tempo, e taes crises, hum bruto salvagem, e sensual converter-se em homem, e de homem em Anjo? Hum filho do demonio, como chamou J. C. aos peccadores, em filho de Deos?

A. — Essa virtude tem o Sacramento da Confissão.

D. — Pórem ahi vai toda a difficuldade. Pondo de parte a dor, ou contrição, como se poderá revolver huma vida talvez longa, para confessar devidamente horrores de peccados? Elle não poderá de sorte alguma fazer exame de consciencia. Não he longa a minha vida, e Deos me tem preservado de muitos vicios, que vejo mui communs, e contudo ha bastante tempo, que principiei com a minha Confissão, fazendo o exame segundo a direcção do Sr. Ab.e, e continuamente me estão lembrando novas maldades, que entrego a certos apontamentos por me não esquecerem. Como pois se poderá lembrar em taes circunstancias..?

A. — Quando se não lembre, nem por isso deixará de ser boa a Confissão, pois que ninguem está obrigado a impossiveis; *Ad impossibilia nemo tenetur.*

P. — Mas perguntarei se Deos estará obrigado a aceitar, e receber confissões, que para taes impossibilidades se guardão? Se he certo, que cahe no perigo, quem o ama, e não procura evita-lo, que diremos de quem podendo em bom tempo, deixa para taes perigos, e impossibilidade hum negocio de tal importancia?

D. — Essa pergunta não tem resposta. A condição de Deos, qual temos visto, exige que se ponhão os melhores meios.

P. — Brevemente o vamos a ver; pois he isso, o que mais intento, mencionando de passagem estes impedimentos, a que o cego peccador devia abrir os olhos, visto que os não quer abrir ao verdadeiro conhecimento de Deos.

Olhando para estas cousas humanamente, isto he, nada mais considerando nellas do que hum negocio humano, pon-

do de parte o tem de divino, que nos ensina a Fé, não pode deixar de se ver, que he bem enferma a penitencia, que se faz por hum enfermo, e morta a que se faz por hum morto. *Vivus & sanus confiteberis*; confessarás ao *Senhor*, e te converterás a elle vivo, e são. Antes da morte o farás, porque a confissão feita pelo morto nada he: *A mortuo quasi nihil perit confessio.*

A. — Não se pode chamar morto o homem, que vive, apezar de padecer, por mais atribulado que esteja.

P. — Nego que viva. Que outra cousa he a vida do homem, se não o vigor do corpo? Mas este em tal estado está mais morto, do que vivo. He huma desconcertada maquina, que ja não opéra, e em fim tem perdidas suas funcções vitaes. Semelhantemente he, e deve ser a penitencia, enferma, e mesmo morta; e não d'outra sorte a confissão sacramental, pois nella não ha aquillo mesmo, que propriamente se chama Confissão, que he a accusação dos peccados, porque ella he impossivel em tal estado, tal qual deve ser, por isso mesmo que falta o exame de consciencia. Quando o haja não póde deixar de ser enfermo, e mesmo morto. Falta ainda a satisfação da pena temporal, a que chamamos penitencia, parte integral deste Sacramento. Enfermos, e mortos são o exame, a Confissão, e a satisfação. Como poderá ser agradavel aos olhos de Deos huma penitencia tão enferma, e mesmo morta?

A. — Quando essas partes o sejão, a dor, e pezar pode ser bem viva, e suprir por todo o mais que falte.

P. — Pode sim, mas apenas por hum rarissimo, e mui singular prodigio do braço omnipotente, de que eu não tenho exemplo, que mereça fé. O Sr. At. insta com essa dor, e pezar como se ella fosse mui natural ao homem, e posta em suas mãos; porem he hum erro contra a Fé, como ja temos visto. Noto ainda que não conhece, ou faz reflexão na condição, natureza, e forças vigentes nas differentes épocas da vida humana, sendo que a experiencia continua o está mostrando. Queira fazer esta reflexão.

A pezar da espiritualidade da alma, tão differente da materia, he tal esta união, que em tudo parece depender do corpo, e mesmo no que respeita á mesma sua propria vida mortal. Não se admirem, do que digo, pois tenho em meu favor a experiencia. Em certo modo tem a alma no corpo duas vidas; huma espiritual, que lhe he essencial, e propriamente sua, com suas faculdades intellectuaes: porem

esta que devemos chamar propriamente vida, está quasi inteiramente envolvida nas mantilhas de huma verdadeira infancia, ou embrião.

D. — Lembrado estou da paridade, e semelhança com o grão de semente, que se não desenvolve se não quando tem a instrucção, assim como a semente na terra.

P. — Lembra-se bem, e sirvamo-nos do mesmo simile, que mui bem serve, e tem aqui lugar. O grão de semente tem vida vegetal; mas envolvida inteiramente. Lançada na terra se desenvolve nesta vida vegetal. Eis aqui a alma humana unida á terra de nossos corpos começa a desenvolver-se em huma vida, que mais podemos chamar vegetal, do que a verdadeira, propria, e essencial da alma, porque segue a condição do corpo, e pouco mais adianta alem, do que os orgãos do corpo lhe subministrão. A mesma instrucção não tem se não pelo ouvido corporal. Ella não entrará em suas proprias, e naturaes funcções, se não quando se desprender da materia de seu corpo. Fica esta vida tão estreitamente ligada com o corpo, que com elle cresce, se vigora, se augmenta, decresce, diminue, e enfraquece, e parece morrer.

Dirá tudo a comparação da semente vegetando. Como arvores ambulantes vio os homens o cego do *Evangelho*, a quem o *Senhor* deo vista: *Video homines velut arbores ambulantes. Marc.* 8: 24. Ninguem duvida, que como as arvores são os homens no corpo; que como ellas se desenvolvem, crescem, e decrescem; mas o mais he, que a vida da alma segue esta mesma condição do corpo, como a vida vegetal da arvore, que depois do seu florescimento entrão em languidez, e velhice; não a verdadeira vida da alma, mas sim esta, que com o corpo, e por meio do corpo, se desenvolve. Vemos a alma no melhor vigor da vida corporal, no melhor vigor tambem de sua vida, e melhor desenvolvimento de suas faculdades, e potencias, quaes são a memoria, a percepção, entendimento &c. Vejão porem a alma na ultima velhice do corpo, e dirão: que ja não he a mesma. Esta vida vegetal, ou como lhe queirão chamar, parece entrar em sua dissolução com o corpo, e qual este está, assim está a alma.

D. — Por consequencia o corpo enfermo, a alma enferma, seguindo a mesma condição do corpo. He huma verdade inegavel. Com a enfermidade do corpo a alma delira, com a velhice parece perder suas faculdades intellectuaes; e em

fim envelhece como o corpo. Sabé Sr. At. onde isto vai dar? Em que a alma enferma como o corpo, não tem vigor proprio para formar esses actos de dôr, e de contrição, quaes presumem taes peccadores.

F. — Eu affirmo, que não haverá pregador algum, que mova a fazer hum bom acto de contrição a hum peccador de toda a vida, depois de chegar a certa idade, e ainda que lhe mostrassem o inferno aberto. Tem a alma tão velha, como o corpo; nem memoria, nem juizo, nem parece, que he alma humana.

P. — Ella he a mesma alma, mas sua verdadeira vida não teve mais desenvolvimento, do que o adquirido pelo corpo, cuja condição segue. Para Deos desempenhar os altos designios formados sobre o homem, foi necessario, que assim o fizesse, e não de outra sorte. Não convinha para o merito, ou demerito, que esta substancia immortal, espiritual, e imagem de Deos entrasse em suas proprias faculdades, em quanto estivesse sugeita, ou unida ao corpo. Quando me perguntassem como isto pode ser? eu responderia, que o seu Creador o sabe, e não lhe he este envolvimento menos possivel do que a propria creação.

D. — He verdade, que a experiencia o mostra bem claramente; e tambem o he, que nossos philosophos não tem aberto a ella os olhos, sendo que continuamente o estamos vendo.

F. — Menos os peccadores, que pensão de ter sempre as almas no vigor dos seus trinta, ou quarenta.

P. — Vigorando pois a alma, crescendo, defecando, diminuindo, e enfermando com o corpo, nescias são as esperanças do peccador nesses actos imaginados na enfermidade, e talvez na velhice, e decrepitude do corpo, que he a mesma da alma por este respeito. Para que diga tudo, nada me agrada tanto, como a morte de hum homem, ou mulher no vigor da sua idade, a quem o *Senhor* previne com avisos, e soccorre com os recursos da *Religião* por hum prudente, e zeloso seu Ministro. Então a alma nada perdendo do seu vigor apezar das dores do corpo no seu melhor tempo, está apta para os influxos da divina graça, e costuma produzir os melhores effeitos. Contudo fica sempre certo, que a enfermidade do corpo envolve a da alma, e nescio fica sempre sendo, o que em qualquer tempo confia nella.

M. — Parece-me, P., que a falta do conhecimento, do que acaba de dizer, tem feito muitos *Materialistas*, e *Atheos*,

por isso mesmo que a substancia intellectual segue a condição da materia vigente.

P. — Assim o creio, e o mesmo succederá a todos os que intentarem conhecer o homem sem as luzes da revelação, ou instrucção, que nosso Creador nos deo. Como brutos irracionaes, que na verdade são sem a instrucção divina, discorrerão todos os que a desprezarem; e não admira, que em tal cathagoria se considerem. Cegos andarão, porque não querem ver a verdadeira luz.

Os impios demorando sua conversão, quando vivem, vem a dar na velhice, e decrepitude do corpo, e da alma, em que ficão impossibilitados, para fazerem huma verdadeira conversão; e vem a morrer sem saberem, que morrem, sem juizo, sem entendimento; e em fim como ja mortos, pois que a verdadeira vida haja acabado. Se ainda existe a alma no corpo, quasi morta ja está sem esta vida, que dizemos. Não se avantaja no entendimento a hum bruto irracional. Que taes serão as conversões em tal tempo? Conversões mortas, porque são conversões de morto.

F. — Ai, P., quanto sinto não morrer na enfermidade que tive! Vou entrando na velhice; e qual será a morte?

P. — Va-se preparando, e nada reserve para ella. Temos pois visto, que humanamente he bem insensato o peccador, que confia fazer na morte, o que não faz em vida. Porem taes confianças desapparecerão como o fumo, se considerar taes cousas divinamente, como nos ensina a Fé, dicta a razão, e conforme devemos entender ainda naturalmente.

Conducta de Deos com taes moribundos.

Quando não fosse huma verdade divina, que para a conversão do peccador, e sua justificação, hè de summa, é absoluta necessidade a graça divina em qualquer outro tempo, neste seria bem certo, que he absolutamente necessario hum prodigio do braço omnipotente. O transformar em hum momento o monte *libano*, cuberto de bosques, e matas, em hum *carmelo* todo fructifero, não seria maior prodigio, que transformar hum tal peccador em hum santo digno de entrar na gloria de Deos, promettida aos que fazem obras dignas, e della merecedoras. Fará Deos este prodigio!

D. — Será necessario, que elle transtorne a ordem estabelecida, que he dar o seu Reino em premio das boas obras. Este he todo o seu *Evangelho*.

A. — O peccador por maior, que seja, algumas boas obras fa-

rá, que o possão merecer, ou ao menos moverá compaixão.

P. — Não ha tal. Já se mostrou, que as obras boas feitas em peccado são mortas, e não tem merecimento algum de premio eterno.

P. — De certo daria o premio sem algum merecimento. Poderá ser esta a condição de hum Deos justo? *Nolite errare: Deus non irridetur*; nos diz *S. Paulo*; não vos deixeis cegar; de Deos não se zomba; e bem pensa zombar delle, quem se persuade, que terá o premio somente devido ás boas obras, o que sempre, e toda a vida as teve más. Ninguem recolhe, senão do que semêa: *Quae enim seminaverit homo, haec & mettet. Gal.* 6. 7. Que louco seria aquelle, que semeando pedras esperasse recolher trigo? Que ridiculo seria este louco? Mas não o he menos, o que semeando, ou não fazendo mais, que obras dignas de tormentos eternos na vida, esperasse na morte receber o premio eterno. Presumpção abominavel, e injuriosissima a Deos, he a de se salvar sem merecimentos. Este desgraçado nega a Deos justo, e se forma hum Deos falso, que não existe; hum Deos sem justiça, sem providencia, e sem discrição.

Lancemos hum golpe de vista sobre a vida de hum tal peccador. Elle se desunio por vontade propria da corporação de J. C., voltou-lhe as costas, escolheo o serviço do diabo, quiz viver á sua vontade, satisfazer suas paixões, e appetites brutaes; nisto passou o melhor de sua vida, e perseverou até a morte. Continuamente o chamou Deos, e com abominavel desprezo se ensurdeceo, continuou em suas offensas, e mais não fez, porque a morte lhe vem atalhar os passos. Como deverá portar-se com hum tal monstro hum Deos por essencia justo retribuidor do premio, e da pena devida aos merecimentos de cada hum? *Reddet unicuique secundum opera ejus.*

A. — Mas elle pode usar de suas misericordias, e dar-lhe occasião de merecer nesse pouco tempo.

P. — Pode fazer de pedras filhos de *Abrahão*; mas não se segue, que o faça, porque o pode fazer. Mas esse mesmo seria o premio, que não promette.

A. — A experiencia tambem tem mostrado, que muitos moribundos grandes peccadores fazem actos de contrição, chorão, exclamão a Deos, invocão seu Nome, abração, e beijão os Crucifixos; e não pode negar, que taes cousas são sinaes de verdadeira conversão.

P. — Não ignoro, que querem fazer de *Christãos*, ainda que

de taes só tivessem o Baptismo. E Vm. que queria? Que elles fizessem de *Judeos*, mordendo o Crucifixo, que lhes chegão á boca? Que queria? Que não fossem repetindo as mesmas palavras, que lhes vão dizendo? Cessem de lhas dizer, e os veráõ mudos, ou lamentando seus males temporaes. Chorão! E que choraráõ? Qual o motivo de suas lagrimas? Quando o indaguem, acharáõ, que não he o que pensão, mas sim que sentimentos mui diversos as fazem verter: ou as dores, e affecções da enfermidade, ou sentimento de largar a vida, o mundo, e o que nelle possuião; talvez o verem chorar, e ainda o temor da morte são, os que obrão esses effeitos, e de nenhuma sorte o pezar de haverem offendido a hum Deos infinitamente bom.

F. — Eu apenas tenho visto essas lagrimas em algum moribundo, cuja vida foi sempre verdadeiramente *Christãa*: estes sim chorão o não haverem amado mais, e mais a Deos; e são lagrimas de consolação.

P. — He esta huma persuasão gerál, a que os impios, apezar de sua incredulidade, são os mais afferrados, não sei se por infernal tentação, se por grande ignorancia, que tem da *Religião*, e falta do conhecimento de Deos. Porque hum impio, que em vida ja mais mostrou ser *Christão*, se não em algumas exterioridades, continua na morte com estas, porque faz a ceremonia da Confissão, recebe o Sagrado Viatico, faz alguns outros actos, pronuncia os santissimos *Nomes*, e semelhantes, he logo canonisado por santo, e pouco falta para o pôrem nos altares; ao menos affirmaráõ, que teve morte de santo.

A. — E que outra cousa á vista disso se poderá dizer?

P. — Eu direi, e affirmarei, que teve morte pessima, como são todas as dos pecccadores, do mesmo modo que são preciosas as mortes dos justos, de qualquer sorte que ellas sejão. Eu não julgo por exterioridades. Eu sei que huma boa morte he o premio de huma boa vida. Porque a consigão, trabalhão os bons, e os mesmos *Santos* toda a vida; por ella não se dão a descanço, nem se poupão a morteficações, e penalidades: tudo fazem porque Deos lhes conceda huma boa morte. E que? Dará Deos este premio tão sobrecellente, que merece os trabalhos de toda huma vida, a quem sempre trabalhou pela ter pessima?

A. — Eu julgo, que todos pensão ser boa e ditosa morte aquella, que he precedida de annuncios, assistida dos soccorros da *Igreja* e em juizo perfeito.

F. — Menos eu, que estou certo, que a morte dos bons sempre he boa; e da dos máos duvido muito.

P. — Pensa o Sr. At. como todos; e disso me queixo.

A. — Por esse modo julga inuteis os Sacramentos, e por isso desnecessario recorrer aos socorros da *Igreja*.

P. — Longe de mim, que eu tal diga. Ignoro os juizos de Deos sobre os moribundos, e até onde quer estender suas misericordias. Faz a *Igreja*, com os que tem por seus filhos, quaesquer que sejão, quanto podé, e está da sua parte, e não perde as boas esperanças; nem eu quero, que algum as perca. Quero sim, e este he o meu fim, que ninguem nesciamense confie, ou impiamente presuma. Muito se enganão, os que julgão da qualidade das boas ou más mortes por taes exterioridades.

A. — E que? Dará o nome de felizes mortes ás repentinas, quaes muitas vezes tem os bons *Christãos*?

F. — Está o menino muito atrazado na materia!

P. — Felicissimas chamarei eu a essas mortes, e sempre preciosas aos olhos de Deos. Que melhor dita, que subitamente achar-se o homem, quasi sem sentir as dôres da morte, ás portas do *Ceo*? Deve saber, que taes mortes para os bons, e vigilantes servos nunca são repentinas: nunca seu *Senhor* os acha dormindo, porque segundo a parabola do *Evangelho*, estão sempre vigilantes, e como as *Virgens*, com as luzes prevenidas. Que melhor cousa se pode desejar, que repentinamente serem logo entrados a gosar do premio?

O mundo discorre mui loucamente, Sr. At., porque não entra no conhecimento da divina conducta. Convinha a Deos por seus altos fins formados sobre o homem, não haver differença entre a morte do bom, e do máo, pois que alem de muitas outras razões, quiz dirigir o homem pelas luzes de suas instrucções, ou Fé em sua palavra, e não por factos exteriores occorridos deste ou daquelle modo, quaes são as mortes deste ou daquelle genero. Ao menos esta he a regra geral, pois muitas vezes quer mostrar rasgos de sua terrivel justiça, castigando com mortes desastrosas a grandes impios, para exemplo d'outros. Commumente porem não faz differença aos olhos do mundo. Mas nem por isso deixa de usar huma bem providente, e amiga conducta para com seus servos por este respeito.

Tem-me mostrado a experiencia varias razões, com que poderia isto provar. Tenho observado, que as mortes re-

pentinas, ao pensar do mundo, são hum premio para huma qualidade de bons servos. São estes os de consciencia mui delicada, e escrupulosa; sem duvida para os poupar a este tormento, que lhes seria penosissimo em huma enfermidade prolongada. A' semelhança disto poderia dizer muito mais, que ommitto por não sahirmos fora do nosso proposito, e por brevidade.

F. — Diz-se tudo em duas palavras. Quem serve ao *Senhor*, hade ter o premio. Mas qual terá na morte, o que toda a vida servio ao diabo? Considerem-no.

P. — Quer o Sr. At. julgar pelo que observa em hum moribundo assistido dos soccorros, que a *Religião*, que sempre desprezou, lhe subministra. Pois julguemos muito embora por isso. Terá visto a muitos quasi nesses transes, ja desenganados, e sacramentados, que melhorárão, e continuárão a viver largo tempo. Tem observado a sua posterior conducta? He ella differente da anterior?

D. — Essa he bem lembrada, e prova tudo. Elles, ao menos os que eu tenho observado, ficão sendo quaes antes erão; o que prova decididamente, que taes conversões, e protextos, não erão, o que parecerão.

P. — Julgo, que não seria necessario mais para dar sufficiente conhecimento do que he o peccador. Causará pasmo, e assombro ver tornado logo á perversidade antiga hum homem, que se vio labutando a braços com a morte, de cujas garras escapou por hum particular favor de Deos. Contudo he hum facto mil vezes repetido. Elles somente se podem explicar, segundo o que vou dizendo. Não houve em taes conversões mudança alguma nos corações: suas confissões forão bem, como aquellas, que costumavão fazer annualmente, sem dôr, sem pezar, sem sentimentos alguns religiosos, ficando sempre o coração duro, e obstinado, qual antes era. Talvez ainda peiores pelas circunstancias, em que se acharão.

He isto pelo que respeita aos que chegão a estes transes em seu perfeito juizo; mas o ordinario he fazerem estes actos religiosos maquinalmente, tanto assim, que quando escapão com vida, não se lembrão, de que tal fizessem. Em alienação do entendimento o fizerão, e não forão mais que huma pura maquina movida pelos impulsos, que lhe derão. Mas haja ou não alienação, em todo o caso se opéra tudo maquinalmente. O que tiver a experiencia, qual eu tenho tido, concordará perfeitamente comigo.

P. — Eu o sei muito bem, e até me custa fallar em taes cousas; porque só me consolão as mortes dos bons e fieis *Christãos.* Ainda não ha muito tempo, que morreo aquella menina, de que estará lembrado, a quem foi levar o *Senhor* muito á pressa. Ella ja confessada, sem ter de que, pois era hum *Anjo*, entrou em deliquios, com grande magoa minha, por não estar em estado de receber o Sagrado Viatico. Então nessa occasião abrio os moribundos olhos, e conversando comigo me pedio, que o fosse, ou mandasse chamar para lhe trazer o *Senhor*, porque tinha grande sentimento em o não receber &c. Oh Deos! Que prazer tive! Ella o recebeo bem como hum *Anjo*, dèo as suas graças com muita devoção; e com as mãos postas se ficou, como nu'm doce somno, o corpo, voando seu ditoso espirito a seu feliz destino.

Porem os disgostos, que tenho tido com esses desgraçados, só Deos o sabe. Quando os resolvo á Confissão, não he sem instancias minhas, e nunca ou rarissimas vezes por propria vontade. Eu lhes peço, que se lembrem de Deos, que fação comsigo actos de contrição, e elles em somnolencia. Quantos me tem dito, que me ausente, e não os inquiete, nem lhes faça dores de cabeça?

P. — Ainda tenho notado huma cousa bem singular, e que me faz augurar muito mal; e he a procrastinação, em que andarão toda a vida, ainda mesmo nessa occasião, e nesse ultimo tempo. Agora estou inquieto, e perturbado da cabeça, dizem; amanhãa me confessarei. Nesse dia tornão a dizer o mesmo; e não ha eloquencia, que os possa resolver a outra cousa.

Podemos reduzir a duas sortes as mortes de taes peccadores, quando não são repentinas de outro modo, estando certos, de que ellas sempre o são para taes peccadores. He huma, a que acaba de dizer. Não sei se he ainda a outra mais terrivel, que ja mencionamos. E quando taes peccadores chegão a maior, e mais avançada idade, morrem sem saber, que morrem. Morre o corpo, ou a vida corporal antes de morrer; morre a vida animal da alma, antes de sahir do morto corpo, e tudo está morto antes de morrer; he huma para e debil maquina, ou mero automato sem mais movimento, do que lhe dão. Queres confessar-te? Quero, respondem; e se ficão mortos, ou como mortos. Dize Jesus, *Valei-me.* Jesus *Valei-me*, dizem; e ficão mortos. *Peza-me*, *Senhor* &c. *Peza-me*, *Senhor*; e dahi não pas-

são, porque pára, e fica sem acção a maquina morta. Confissões de morto, ou conversões, são Confissões, e conversões mortas; e estas são as mortes canonisadas de santas!

F. — Olhe, que isso succede não só na velhice, mas tambem em todos os tempos da vida de taes peccadores.

P. — Assim he, porque a enfermidade vai matando a vida corporal, e a animal pouco a pouco, como o faz a decrepitude dos annos. A' vista de tudo não tem o Sr. At. para onde appelle, se não para hum prodigio, o maior, das misericordias do *Senhor.*

A. — E porque o não pode esperar o peccador?

P. — Porque o tempo proprio das misericordias passou, e o da morte do peccador, ou esse tempo, em que ella chega, he chamado o dia da ira, e o tempo da justa vingança de Deos. Quererá por ventura contestar a Deos esta condição?

Dia da morte dia da ira.

D. — Sendo Deos como firmemente cremos, misericordioso, e justo, quando o não consideremos usando, e praticando promiscuamente huma e outra, lançando mão ora á sua misericordia, ora á sua justiça, dando tempos a huma, e a outra, infallivelmente os devemos dar á sua justiça. Acabo de entender perfeitamente os textos, e a necessaria condição de hum Deos infinitamente bom. Veja, P., se o entendo bem.

Ne tardes converti ad Dominum; diz o Ecclesiastico, *& ne differas de die in diem;* não demores a tua conversão a Deos, e não a retardes de dia para dia. *Subitó veniet ira illius, & in tempore vindictae disperdet te;* porque repentinamente virá sobre ti a sua ira, e te perderá no tempo da sua vingança. Aqui temos dois tempos: tempo da misericordia, que sem duvida he o tempo da vida, que Deos dá proprio para a conversão. O tempo da vingança sem duvida alguma he o ultimo da vida, em que se vai acabando de todo, e a morte avizinhando-se.

A. — Não ha tal. Esse tempo he o momento da morte.

D. — Qual momento da morte? Esse he hum ponto mathematico, e indivisivel. Ou hade ser antes, ou depois. Antes deve ser, porque se não passe toda a vida em misericordias sem justiça, porque isso não he conforme á divina condição. Depois da morte ha sim a justiça de Deos, mas he outro tempo. Temos o outro texto de S. *Paulo*, que nos

affirma enthesourarem taes peccadores a ira para o dia da ira: *Thezaurizas iram in die irae.* Qual he este dia da ira, se não o tempo, que proximamente precede á morte?

A. — Eu não me pósso persuadir, que assim seja.

P. — Queira o Sr. Br. abrir o sagrado livro dos divinos *Proverbios*, e ler no *cap.* 1. desde o ỳ. 23. até o fim. Porem seja somente em latim.

F. — Ficarei em jejum, mas não de todo, porque bem sei que ahi ameaça Deos zombar dos peccadores na morte, assim como na vida delle zombarão, e que se não hade compadecer. Eu mui bem o sei.

D. — Não ha duvida, que assim he. Ouça Sr. At.: *Convertimini ad correctionem meam; en proferam vobis spiritum meum, & ostendam vobis verba mea. Quia vocavi & renuistis, extendi manum meam & non fuit qui aspiceret. Despexistis omne consilium meum, & increpationes meas neglexistis. Ego quoque in interitu vestro ridebo, & subsannabo, cùm id, quod timebatis, advenerit. Cùm irruerit repentina calamitas, & interitus quasi tempestas ingruerit, quando venerit super vos tribulatio & angustia, tunc invocabunt me, & non exaudiam.* Que tão terriveis ameaças!

P. — Pode dizer os seguintes ỳỳ. em lingoa vulgar.

D. — » Assim se portará Deos com taes peccadores neste tempo, porque aborrecerão em vida sua disciplina, sua Lei, e mandamentos, e não quizerão receber o seu temor, nem quizerão seus avisos, e desprezarão a correcção, como filhos rebeldes. Elles comerão do fructo de seus trabalhos, e se fartarão, e saciarão em suas sensualidades. Mais loucos, mais estupidos, que os meninos, a prosperidade, em que vivem, os acabará de perder. Porem, diz o *Senhor*, o que me ouvir, e fôr meu servo, descance sem temor; elle hade gosar da abundancia de minhas graças, tirado todo o receio de males. « Que lhe parece disto, Sr. *Atheo*?

A. — Que me hade parecer? Que leve o demo taes esperanças dos impios, que me não enganarão mais.

D. — Eu julgo, que nada poderá desafiar mais a ira de Deos, do que pertender passar toda a vida em maldades, e perversidades, e nos ultimos restos della presumir preparar-se para entrar no *Ceo*. Pareceme ser esta

Impiedade sobre toda a impiedade.

P. — Em prova dessa verdade, e não menos para cabal conhecimento, do que fica dito, mencionarei as formais palavras, que nos deixou escritas *Eusebio*, discipulo do Doutor Maximo S. *Jeronimo*, como ditas por este mesmo, quando estava morrendo. Vem nas mesmas obras deste St.° Doutor, *tom.*. 9. *pag.* 280. Eis aqui como se expressou a tal respeito, intentando provar, que não se devia reservar para o tempo da ultima enfermidade a penitencia.

„ Talvez alguem me dirá: *Benignus est Dominus, misericors* &c. O *Senhor* he benigno, e misericordioso, que recebe a todo o peccador, que a elle se volta, e lhe dá o perdão de todos os peccados, em qualquer tempo que o faça. Eu confesso, que assim he; porque o *Senhor* he mais benigno, e misericordioso, do que se crê, e recebe, ao que a elle se converte como convem, e he necessario. Não he elle por ventura bem benigno, quando sofre tantas injurias dos peccadores, dando-lhes espaço de tempo, occasiões, e facilitando-lhes os meios de se converterem? Mas isto devem elles conhecer, e he, que assim como o *Senhor* he benigno, he misericordioso em sofrer, e esperar, assim tambem he justo em castigar os obtinados, e desprezadores de suas misericordias. „

„ Porem dirá ainda algum: *Sed forte iterum quis dicet* &c. O peccador, que por todo o espaço de sua vida, foi perverso, na morte fez penitencia, recebendo os Sacramentos, deverá alcançar perdão, e sua penitencia será recebida, e aceita por Deos. Ah, quam falsa presumpção, e nescio pensamento! *Heu! quam falsa suspicio, & vana meditatio! Vix de centum millibus hominum quorum mala semper fuit vita meretur a Deo habere indulgentiam unus*: apenas hum de cem mil, cuja vida sempre foi má, merecerá receber de Deos o perdão. Hum homem todo gerado, crescido, e nutrido em peccados, que nunca conheceo a Deos, nem o quiz conhecer, não o ouvio, nem quiz ouvir, não respeitou nem quiz respeitar, nada mais quiz, que despreza-lo, o offende-lo, e injuria-lo, vivendo como se não houvera Deos, e não adorando mais que suas paixões brutaes, e suas infames sensualidades, que penitencia fará, que possa ser acceita a Deos? Como poderá ser aceita a Deos huma penitencia, que não teria, nem faria, se

elle crêsse, que ainda continuaria a viver, escapando daquella enfermidade?"

D. — Perdôe, P.; não me posso conter, que não diga que essa razão he fortissima. He certo que se tal peccador soubesse, que escapava da enfermidade, de certo nem se confessaria, nem mostras daria de penitencia. Logo he huma penitencia forçada, que não pode de sorte alguma ser verdadeira, e menos pode agradar a Deos. Ninguem poderá negar nem huma, nem outra; nem que tal penitencia he forçada, nem que será summamente desagradavel a Deos. Toda a penitencia deve ser fundada no amor de Deos. Tal peccador não pode fazer hum acto de contrição.

F. — Essa he a pura verdade, e he bem clara.

A. — Porque não pode? Quem tal pode dizer?

D. — Digo-o eu; porque o acto de contrição deve ser fundado no amor de Deos, motivada a dor na infinita bondade offendida; e tal peccador não a pode ter, pois nada menos lhe importa, que a bondade de Deos, e sua offensa. Se não fosse o temor da morte continuaria nas mesmas disposições. Logo que amor de Deos pode ter?

P. — Diz a verdade; eis-ahi o grande prodigio, que deveria Deos operar em taes corações, fazendo-os em tão breve espaço de tempo amar, o que sempre aborrecerão, e aborrecer, o que sempre amárão; amar sobre tudo a Deos, a quem sempre aborrecerão, e aborrecer o peccado, que sempre amarão sobre tudo. A creação dos Ceos e terra não seria mais prodigiosa do que esta mudança, e transformação de coração. Quando fallarmos da contrição melhor o veremos. Concluirei agora a falla do Doutor Maximo, proximo á morte.

" *Certe, veró concludam* &c. Eu concluirei dizendo, (são suas formaes palavras) que aquelles que vivendo, e na sua mocidade, *sanus est*, & *juvenis*, não temem offender a Deos, não merecerão alcançar o perdão. Que penitencia, que pezar de peccados he este, filhos dilectissimos, que então só tem, quando vêem, que mais não podem viver, e que se pudessem escapar da enfermidade continuarião a ser peiores do que antes erão?" Confirma isto com a propria experiencia, affirmando, que observou em alguns, que escaparão de gravissimas enfermidades, em que fizerão essa, não mais que ceremonia, de penitencia, e conclue com estas palavras: *Hoc teneo, hoc verum puto, hoc multiplici experientia didici, quód ei non bonus est finis,*

cui mala semper fecit vita, qui peccare non continuit; isto julgo, isto tenho por certo, e as multiplicadas experiencias me tem ensinado, e he que nunca tem bom fim aquelles cuja vida foi sempre má, e que nunca se contiverão nas offensas de Deos.

D. — Assim deve ser, porque nada mais impio do que viver á sua vontade, como se não houvera Deos, e reservar para a morte, o que devia fazer em toda a vida.

F. — He o mesmo que viver como bruto, e morrer como *Anjo*!

D. — He sem duvida verdadeiro ludibrio de Deos!

P. — Na sua 1.ª *Carta* faz o *Apostolo* da caridade menção de hum peccado, perversidade, ou impiedade, que distingue entre outras com espantosa differença. Nós temos confiança em Deos, diz, de obtermos delle tudo o que lhe pedirmos segundo a sua vontade. Sabemos que elle ouve as nossas orações, e nós não ignoramos que temos necessidade de muitas cousas a pedir-lhe. O que pois sabe, que seu irmão commetteo algum peccado, que não he peccado para a morte, peça por elle a Deos, e se dará a vida ao que pecca não para a morte: *Qui scit fratrem suum peccare peccatum non ad mortem, petat, & dabitur ei vita peccanti non ad mortem.* 1. *Joan.* 5 16.

A. — Pois não são todos os peccados mortaes para a morte?

P. — Queira ter paciencia, ouça o mais, e dirá o que lhe parecer. *Est peccatum ad mortem*, diz; ha peccado para a morte; e neste caso, quando ha peccador, que cahe nesta impiedade, então não digo, não recommendo, e peço, que rogue alguem por elle: *Est peccatum ad mortem: non pro illo dico ut roget quis.* Bem sabemos nós, que toda a iniquidade he peccado: *Omnis iniquitas peccatum: & est peccatum ad mortem.* O *Texto Grego* lê: *Et est peccatum non ad mortem.* ℣. 17. Toda a iniquidade he peccado, mas ha iniquidade para a morte; ou ha iniquidade que não he para a morte. Faz pois o St.º *Apostolo* distincção entre os peccados, affirmando que ha huns tão iniquos, e malvados, que são peccados para a morte, que sem duvida vão a produzir a morte eterna; pelos quaes elle não recommenda, que se rogue, mas sim por aquelles peccadores, que não commettem taes peccados. Queirão agora dizer os Srs., que peccados serão estes, e o que delles lhes parece?

A. — Peccados que não são para a morte devem ser os peccados veniaes, e os outros os mortaes, que causão, e dão a morte eterna.

P. — Mas parece-lhe que o *Apostolo* da caridade diria, que se não rogasse, ou que não aconselharia a oração por nenhum dos que cahissem em peccados mortaes? Nem esse he o espirito da *Igreja.*

D. — Deverão ser peccados os mais monstruosos.

P. — São esses os Excommungados, quaes são os Incredulos, que estão obstinados no odio a Deos, e resolvidos a fazer-lhe guerra de morte, e todos os que querem peccar até á morte. Parece-me, que o St.° *Apostolo* disse: Peccado até á morte, e não para a morte.

P. — He isso o mesmo que diz S. *Gregorio Magno*: *Peccatum ad mortem*, id est, *peccatum usque ad mortem*, peccado prolongado até a morte. Apezar de que os Expositores se lembrão de alguns outros peccados em singular; contudo concordão todos, em que o *Apostolo* falla dos peccadores toda a vida obstinados na maldade, que a estendem até a morte, e della adiante se possivel fosse; ao menos a vontade não he outra, e apenas cessa por ser atalhada. Não sei que outra impiedade possa melhor ser chamada peccado para a morte.

D. — Creio que assim he; mas horrorisa dizer o *Apostolo*, que todo se abrazava em amor de caridade, que não recommendava a oração por taes peccadores. Porque seria? Por julgar sem remedio a taes peccadores, ou pela impiedade de tal maldade?

P. — Sem remedio não digo, porque Deos lho pode dar; mas somente por hum prodigio. Direi, que he esta huma tal maldade, que obsta a todos os meios ordinarios, de que Deos se serve para converter peccadores, em que entrão as orações, que os bons servos por elles offerecem, e fazem a Deos: *Peccantis malitia*, *qualem expressimus*, diz Calmet, ibi, *insuperabiles ferme Dei misericordiae obices ponit*; a malicia de hum tal peccador, qual he o obstinado, que não quer corrigir-se, põe impedimentos á misericordia de Deos, quasi insuperaveis; de sorte que tão raras vezes concede Deos a graça da conversão a taes peccadores, que quando o faz, se deve attribuir a hum prodigio, que não pode de modo algum trazer-se para exemplo: *Iam raró conversionis gratiam largitur Deus*, *ut si quando dederit*, *id prodigii loco in exemplum non usurpandi*, *habendum sit.*

P. — Podem mui bem tomar por exemplo hum entre cem mil, como disse S. *Jeronimo*, mas somente loucos, como elles são, o poderão fazer. Não pode haver maior loucura.

P. — Taes são os impedimentos, que taes peccadores oppõem ás graças divinas, que essas mesmas se lhes tornão em mal, e sendo remedios salutares, se lhes tornão em veneno mortifero, de sorte que constrangem de certo modo, e obrigão a Deos, a que lhas não conceda. Queirão notar esta razão, porque he mui ponderosa. Para que melhor me entendão, lhes lembrarei as obras de dois pequenos differentes animaes. Temos a meliflua, e solicita abelha, que tem o estomago em tal construcção, e temperatura, que converte em mel tudo, o que nelle entra: a mesma agoa dos charcos immundos, que bebe, he vomitada no favo dôce mel. Como esta são os bons servos de Deos que tanto das flores dos seus favores, como dos amargores de sua justiça, tirão o dôce mel do merecimento.

Não he assim a venenosa aranha, que tudo converte em veneno para matar, e láços para enredar, prender, e dar a morte. Se ella vive em prosperidade, não cuida em mais que na arte de fazer mal, estender seus laços, e redes para prender, apanhar, e matar. Se por ventura he ameaçada de morte, não foge, nem larga; envolve sua têa, e laços, apanha-a a si, deixa passar o perigo, de novo a estende, e forma melhor, e mais matadora do que antes era.

D. — Eu o tenho observado com pasmo em alguma qualidade, ou especie de aranhas; e na verdade que he mui expressivo symbolo dos máos, que misericordias, favores, e castigos, ou ameaças de Deos, tornão em seu mal, e talvez d'outros. Nem com as ameaças da morte largão seus máos intentos; e ella lhes virá apanhando-os envolvidos em taes têas, e láços de seus peccados.

P. — Se me não engano, este he o maior óbice, ou impedimento, que encontrão as misericordias do *Senhor*; porque se lhes tornão em mal, e veneno mais matador para si, e para outros, pois temos visto o que he hum impio na *Sociedade*. Se Deos lhes dá tempo, delle abusão para seu mal; se os ameaça com a enfermidade, envolvendo a têa de seus vicios, máos propositos, e peiores desejos, não a largão, antes a reconcentrão para de novo a estenderem. Se por outros meios os chama, mais se ensurdecem: e finalmente as misericordias, e os meios, de que Deos costuma servir-se, tudo se lhe torna em mal. Como pois poderáõ valer as orações d'outros? Que poderá Deos aqui fazer?

F. — Abrir os cofres onde tem enthesourada a sua ira.

D. — Temos visto, que apenas hum extraordinario prodigio das

misericordias do *Senhor* poderá converte-los. Mas como o fará no tempo das suas iras? *In die irae? In tempore vindictae?* Temos bem sacudido o pó das esperanças do impio, que espera fazer na morte, o que não fez na vida.

A. — Não he assim, pois resta ainda hum exemplo bem famoso, e que ninguem ignora.

P. — Eu delle me lembro; e vou a deitar por terra esse palladio da impiedade, a que taes peccadores se acolhem, e que acabará de mostrar, e pôr em toda a evidencia, que suas esperanças são pó, empola d'agoa, e fumo. He este a

Conversão do bom ladrão.

Apenas a ignorancia, a cegueira, o embrutecimento, que costuma cercar o entendimento do peccador, he que lhes pode lembrar a conversão do bom ladrão posto na cruz, e morrendo ao lado de J. C., para com elle apoiarem suas esperanças. Quando este não fosse, entenderião, que esse mesmo mais prova contra taes, e tão nescias esperanças, do que a favor dellas.

A. — Não posso entender esse dizer. Quando mais poderá mostrar, que he hum só exemplo; e por ser hum só não serve para todos.

D. — E acha isso pouco? Se bem me lembro, diz hum St.° *Padre*, Deos quiz dar esse exemplo de conversão na morte para que ninguem desesperasse; mas foi hum só para que ninguem confiasse.

P. — He St.° *Agostinho*: *Unus ne nemo despéret; solus ut nemo praesumat.* Na verdade he o unico, que se acha, e que apparentemente possa dar algumas sombras de esperanças; pois tudo o mais, que vemos nos sagrados *Livros* os tira muî de proposito. *Si bene memini*, diz S. Bernardo, *in toto Canone Scripturarum unum latronem invenies sic salvatum*; se bem me lembro, não acharás em todas as sagradas *Paginas* mais que a hum ladrão convertido na morte. *Noli ergo huic tam periculosae expectationi credere temetipisum*; não queiras pois entregar tua alma a huma tão perigosa confiança, que se estriba em hum só exemplo.

A. — Julgo, que nada prova o ser só hum exemplo, porque esse era bastante segundo a economia de Deos, que observamos nos santos *Livros*. No antigo *Testamento* propoz hum só exemplo, que foi *David*, e não ha memoria de mais; este foi bastante para documentar a todos os peccadores,

que se converterem no tempo da boa saude. No *Evangelho* nos propoz outro para os que se converterem na morte. E para que fim mais do que hum?

D. — Parece, que discorre bem, e tem razão.

F. — Tem razão, mas falta-lhe a justiça. Deixassem-me responder-lhe, e lhe daria com a razão pela cara.

D. — Responda; e descança o Sr. *Abbade.*

F. — Vms. são como os meninos, a quem he necessario metter na boca a papinha mastigada. Não entendem, que nosso *Senhor* de tal sorte desenganou, e ameaçou aos que chegão á morte em peccado, que, temendo a desesperação de todos, foi necessario dar hum exemplo para que nenhum desesperasse.

Já que comecei a fallar, darei mais quatro palavras. Bem calado tenho estado, esperando que o meu Ab. dissesse huma cousa, que a experiencia me tem mostrado, e que não deixa de se casar bem cá com o meu bestunto; mas parece que se vai esquecendo. Eu tenho visto boas, e más mortes de peccadores, e me parece, que a causa he a differença, que ha entre elles. Ha huns que peccando sempre, e obstinados na maldade, estão resolvidos a nunca se converterem, se não na morte. Estes desgraçados morrem morte pessima, ou desastrosa, ou como se tem dito. Outros ha, que se resolvem á satisfação de suas sensualidades em quanto moços, differindo sempre sua penitencia lá para o diante, principalmente para o tempo, em que ja tenhão morrido mais de metade da vida, e o corpo mais de meio morto. Estes desgraçados, ou são arrebatados com morte pessima antes desse tempo, ou se a elle chegão, morrem ainda mais pessimamente, porque vai morrendo pouco a pouco pela velhice, e vem acabar em tal estado, que nem mesmo se lembrão do que forão, e do que fizerão. Nem hum jumento no atoleiro morre mais brutalmente: não tem lembranças nem de Deos, nem do Ceo, nem do inferno. Todos estes confiarão nas misericordias, e eis-las ahi tiverão.

Ha porem alguns outros, que eu tenho visto morrer antes de chegarem a esse tempo, que não me tem desagradado. Porem, pelo que eu tenho nelles observado, entendo, que erão huns brutinhos perfeitos, porque não entendião a *Religião*, nem conhecião bem a Deos, nem mesmo confiavão em suas misericordias. Eu o tenho conhecido, porque logo que lhes entro a fallar de Deos, de suas bondades, de sua paixão, e do mais que me tem ensinado o meu

Ab., que me tem mettido neste officio para remediar as suas faltas, elles entrão a chorar, e a gostar de ouvir, e faço delles, o que quero com a graça de nosso *Senhor*. Deste numero he que eu penso que foi o bom *ladrão*; e ninguem me tirará esta da cabeça.

D. — O caso he, que em pouco nos diz tudo! Parece-lhe ser verdade, Sr. *Abbade*?

P. — Posto que os juizos de Deos são incomprehensiveis, parece-me seguirem ordinariamente aquella marcha, e huma attenta experiencia, qual o Fr. tem tido assim o faz entender, e prova quam pessima cousa he confiar para peccar na misericordia de Deos. Devo porem, visto que estamos chegados á conversão do bom *ladrão*, fazer desapparecer inteiramente este refugio da impiedade.

A. — Se isso fizer, fará incorrer a todos na desesperação.

P. — Não são esses os meus fins, mas dessipar a nescia, e impia presumpção. Entendão bem os meus fins. Eu quero, que o exemplo do bom *Ladrão* sirva para os que se achão postos nesses ultimos momentos de sua desgraçada vida; mas não quero, que sirva de sorte alguma para o peccador, que gosa de saude perfeita. A hum, que se achasse nestas extremidades da vida, lembraria eu a conversão do bom *Ladrão*; ao que porem se achasse em melhor tempo, diria; Vais perdido, desgraçado, se confias no exemplo do bom *Ladrão*.

D. — Temos entendido muito bem.

P. — Podemos com razão pensar, que elle foi na verdade do numero, ou cathagoria, que diz o Fr., isto he, que não tinha o devido conhecimento de Deos, porque logo que o conheceo, se converteo. Sendo assim não vale, nem pode servir de exemplo para os peccadores, de que fallamos; e muito menos se dissermos, como he de crer, que não se lhe havião offerecido alguns outros meios, que lhe facilitassem a sua salvação. Por ventura tinha elle os meios, que agora são concedidos a todos os peccadores, que o são no gremio da *Igreja*? Não poderemos dizer, que Deos havia reservado suas graças para aquelle momento; e por consequencia nunca lhes havia resistido? Quem poderá affirmar, que elle havia peccado, e perseverado, tomando por pretexto as misericordias de Deos? Em todo o caso elle não era *Christão*; e somente então o foi, quando conheceo a J. C., e logo immediatamente, que o conheceo, o confessou, o servio, e amou.

D. — Tantas differenças fazem bem differente o caso.

P. — Muitas mais temos, que o fazem bem diverso, do que o suppoem taes peccadores. Temos nelle a considerar não só sua propria qualidade, mas tambem o tempo, e circunstancias, que o revestem. Em quanto á primeira foi na verdade a conversão de hum peccador, e nas últimas horas, ou hora de sua vida, porem primeiramente ignoramos a classificação deste peccador. Sabemos, que era ladrão, e nada mais. Para ser posto á morte por este crime, conforme as Leis *Romanas* vigentes nos Estados, que dominavão, não era necessario, que o furto fosse grande, nem o ladrão cruel, pois que elles os *Romanos* sós o querião ser, e nenhum outro. *Pilatos* era mui facil em dar a morte, como nos diz a historia de suas crueldades.

O maior facinoroso, que então se achava em ferros, era *Barabbaz*, e o crime, que se lhe attribue, he hum homicidio feito em huma sedição. Daqui devemos suppor, que o *Ladrão* convertido não foi homicida. Não podemos attribuir-lhe outros delictos, culpas, e peccados, que a sagrada Historia, ou profana lhe não attribue. Não podemos dizer, que foi cruel, vingativo, malvado, sensual, desprezador da *Religião*, e de Deos, como são os nossos impios, pois nenhumas provas temos. Ainda que no texto se dá o nome de *iniquos* aos dois, que juntamente forão crucificados, de que era este hum, contudo bastava somente o crime de furto para ser reputado por tal: *Cum iniquis reputatus est. Marc.* 15. 28.

Em quanto ao tempo relativo ao mesmo peccador, ignoramos a idade, e sem escrupulo podemos dizer, ou ao menos suppor, que não estava na ultima idade. Com certeza podemos affirmar, que os nossos impios não contão com o tempo, em que este se converteo, pois não contão com huma tal morte. Morreo este no mesmo momento, em que gosava de toda a sua vida, e não quasi ja sem vida pela decrepitude, ou pelos effeitos da enfermidade; o que faz huma grandissima differença. Apezar de estar pendente da cruz, em que não foi cravado, não tinha ainda soffrido o golpe da lança, como era costume, nem padecia grandes dores, por ter na mesma cruz lugar feito de proposito para poder sustentar nos pés o peso de todo o corpo. Este era o costume entre as Nações barbaras, quaes erão os *Romanos* nas mortes de cruz, que se davão a final com lança. J. C. foi cravado, e não ignoramos a qualidade de sua morte. Mas não era este o costume.

O que nisto quero dizer he, que o *Ladrão* se converteo no tempo, em que gosava de perfeita vida, vivo, e são: *Vivens, vivus & sanus confiteberis*; nem ainda sofria tormentos, que lhe pudessem perturbar a cabeça, e diminuir a vida vital da alma, como temos dito. Nenhum dos nossos peccadores conta com huma semelhante morte, nem ainda com tão certo desengano da proximidade da sua ultima hora.

D. — Seus collegas, e committentes, Sr. At., e todos nós abrimos bem pouco os olhos, para vermos assim as cousas, e as ponderarmos daquelle modo.

P. — Muito mais temos a ver; e sem nos apartarmos das qualidades pessoaes deste homem, e seus merecimentos, vejamos a sua Fé, a sua firmeza, zelo da honra de Deos, e religiosa esperança. Hum antiquissimo livro, intitulado *Evangelho da Infancia* de J. C., diz, que, na fuga para o *Egipto*, *Nossa* Senhora com o *Menino*, e S. *José*, cahirão nas mãos de ladrões, de cujo numero erão estes dois, dos quaes o convertido não só impedio as offensas, e ultrages, que intentavão os outros, mas tambem os tratou com a maior benignidade, e pagou por elles o preço da redempção, que podião esperar do seu cativeiro. Porem não temos necessidade de nos servirmos de historias apocryphas, destituidas de toda a fé. Attendamos somente ao pouco, que nos diz a verdadeira, e sagrada, e nada mais he necessario.

No mesmo tempo, em que os *Judeos*, que havião seguido o *Senhor*, e crido nelle, duvidavão, o desamparavão, e talvez approvavão a sua morte, este só, o bom *Ladrão* o confessa do alto da sua cruz, por Deos verdadeiro, e se faz pregador desta verdade. Elle zela a sua honra, rebatendo as blasphemias, com que o companheiro o affrontava, e procura converte-lo. *Neque tu times Deum*, lhe diz; *quod in eadem damnatione es. Luc.* 23. 40. Não tens temor de Deos, nem ainda condemnado á morte, e a ella proximo. Nós somos condemnados justamente, e recebemos, o que merecemos por nossas más obras: *Nós quidem juste, nam digna factis recipimus*; mas este (o *Senhor*) nenhum mal fez; *Hic vero nihil mali gessit.* ℣. 41.

D. — Foi sem duvida huma verdadeira Confissão.

P. — Ou elle havia ouvido ja as doutrinas de J. C., ou havia tido noticia dellas, e dos prodigios, que antes havia obrado, ou se operavão, ou por illustrações da graça, que elle aproveitou, apezar de não ver na adoravel *Pessoa* de J. C.

mais que hum *Homem* sem figura de homem, objecto do desprezo, do ludibrio, e do opprobrio dos homens, elle o confessa por Deos verdadeiro, e lhe pede com toda a Fé, e religiosa esperança, que o receba em seu Reino: *Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum.* ỳ. 42. A'vista disto direi eu, que me dêem o maior peccador, o maior impio com tal Confissão, com tal Fé, com tal zelo da honra de Deos, e da salvação dos outros; e enfim com taes sentimentos, na hora da morte, e eu o darei por seguro da sua salvação. Que mais poderei dizer?

D. — Que lhe parece, Sr. At.? Terão taes sentimentos os impios desprezadores das misericordias de Deos, e suas graças na hora da morte? Se as tem, de certo se salvão.

A. — Mortas, e enterradas sejão taes esperanças, e confianças. O demo as leve. Eu tenho feito o que posso por desempenhar a minha commissão. Venhão meus committentes deffender a sua causa, se a tanto se atrevem; pois eu nada mais quero, nem procurarei, que segurar minha salvação sem perder hum momento. Passem muito bem, e amanhãa, Sr. Ab., o procurarei.

P. — Queira ter mais hum pouco de paciencia, pois ainda nos resta que ponderar nesta conversão do bom *Ladrão.* Devemos attender ao tempo, ou occasião, e circunstancias. Succedeo ella no mesmo momento em que corria o *Sangue* do *Redemptor* a seu lado, e no mesmo que se estava operando o grande Mysterio da *Redempção*, se abrião as portas do *Ceo*, e em que elle hia a felicitar, e encher de gloria aos justos mortos, que esperavão esta *Redempção.* Queira dizer-me á vista disto, se lhe parece conforme a taes divinas operações, que não se mostrasse logo o seu effeito? Parecer-lhe-ha justo, que o divino *Triunfador* da morte, e do inferno descesse ao *Limbo*, que com sua presença hia a fazer celestial Paraiso, sem nem hum só tropheo de sua victoria?

A. — Eu nada tenho a responder, se não que a ceguetra do peccador he pasmosa, e a minha sobre tudo o tem sido.

P. — Com o *Redemptor* morrerão tres; de cujos dois nenhum fructo tirarão da *Redempção*, e o *Sangue* de hum Deos lhes foi inutil. Se porem nós vissemos a todos tres condemnados seriamos tentados a crer, que inutilmente se derramava o *Sangue* divino.

D. — Assim he; devia infallivelmente salvar-se algum.

P. — Mas foi só hum, e com tão singular singularidade, para

que assim diga, qual a mostrão as palavras, que J. C. nesta occasião, e momento lhe dirigio. *Amen dico tibi; Hodie mecum eris in paradiso.* ℣. 43. Ponderemos estas palavras, e verão esta singularidade mui notavel. A palavra *Amen*, significa huma forte e extraordinaria affirmação, que J. C. nunca proferio se não para confirmar verdades, que parecião incriveis. Assim o fez quando affirmou ser necessario para a salvação comer sua *Carne*, e beber seu *Sangue*. Aqui ajuntou, como dizendo: Cousa incrivel parecerá, que tendo tu huma vida má, tenhas huma boa morte. Incrivel parecerá, que, tendo más obras, tenhas o premio devido ás boas. Porem Eu te digo, Eu que sou Deos, Autor da Lei, em que como tal posso dispensar, quero fazer esta excepção; bem entendido, que, como dizem os Juristas, *Exceptio firmat legem in contrarium*; fica sempre vigente a lei, que manda dar o premio segundo o merecimento das obras, e sua qualidade. Sou Eu o que o digo: *Dico*; e ainda que parece incrivel, e duro, contudo Eu o affirmo: *Amen*. Saibão porem todos, que o digo a ti: *Dico tibi*; *a ti* o digo, e não a outros: *Dico tibi*; *a ti*, que no mesmo tempo que todos, e até os meus Discipulos me desamparão todos me desprezão, injurião, e blasphemão, dás testemunho da minha Divindade: *Dico tibi*: Digo *a ti*, que olhas pela minha honra, e a zelas, e ainda procuras a conversão de teu companheiro: *Dico tibi*. A *ti* que confessas tuas culpas, me pedes perdão, e o meu Reino, aproveitando tão boa occasião. A *ti* pois, que desta sorte o tens feito, e não a outros digo: *Dico tibi*.

Que he o que diz? *Hodie mecum eris in paradiso*; Hoje, *hodie*, que estou operando, e na verdade consummo a *Redempção* de todo o mundo: *Hodie*. Hoje, que estou esgotando, e derramando todo o meu sangue: *Hodie*. Hoje, que abro as portas do *Ceo*, triunfo da morte, e do inferno, quero sahir com este trofeo: *Hodie*. Hoje, que toda a natureza me confessa, a terra tremendo, o sol, escurecendo-se, o ar enchendo-se de trevas, as pedras quebrando-se, confesse-me tambem o inferno, roubando-lhe tua alma; *hoje* pois, e não em outro qualquer dia, digo a ti que estarás comigo no Paraiso, ou no meu Reino: *Hodie mecum eris in paradiso*.

D. — Com effeito tantas singularidades o fazem tão singular, que a nenhum outro pode ser applicavel; e ahi temos inteiramente por terra o palladio da impiedade.

P. — Elles se servem do exemplo do bom *ladrão*, que á vista disto prova bem claramente contra elles: mas que me dizem do máo *ladrão*, a que de proposito fechão os olhos?

F. — Parece-me que esta materia está concluida, e eu peço licença para contar huma historia verdadeira, ou caso, que succedeo, e servirá de resposta áquelles, que confião, em que terão na morte hum bom Confessor, ou quaesquer outros, que lhe assistão com hum crucifixo, orações, e tudo o mais que se usa em taes occasiões.

P. — Conte Vm. embora a sua historia.

F. — Oução todos, e verão, o que he hum peccador morrendo, e a cegueira dos que para tal tempo reservão sua conversão. Houve hum peccador, que talvez não fosse tão malvado como são os dos nossos tempos. Chegou á morte em seu juizo perfeito, e se desenganou com toda certeza, de que estava chegada a sua ultima hora. Com tal desengano, bem longe de confessar seus peccados, entrou a blasphemar de Nosso S. J. *Christo.* Este bom *Salvador*, cheio de suas misericordias, lhe appareceo crucificado, e derramando seu mesmo *Sangue*, que corria por todo o *Corpo*, junto deste malvado moribundo, que mesmo assim não cessava de o blasphemar.

Teve em soccorro hum *Santo*, que lhe pregou, mostrando-lhe o mal, que fazia, e lembrando-lhe o estado, em que se achava mui proximo á morte; porem nada fez, sendo que o *Senhor* alli continuava a derramar por elle o seu *Sangue.* Mais appareceo junto delle hum Santo *Apostolo*, que acompanhava a Nossa SENHORA, que com mais tres Santas alli apparecerão, e estiverão junto delle, todas chorosas, e debulhadas em lagrimas, e o desgraçado sempre duro, e impenitente sem algum sinal de compuncção.

D. — Isso não pode ser verdade, nem he crivel.

F. — Pare lá, que ainda não acabei. Neste mesmo tempo o *Senhor* fez espantosos prodigios, pois fez tremer a terra com grande estrondo, e espanto; sendo dia claro, se fez noite: os assistentes se espantarão, fugirão, e ficou ainda ahi o *Senhor* crucificado, com Nossa SENHORA e mais *Santos*, e *Santas* até que o desgraçado espirou impenitente sem se querer converter.

D. — Isso não pode ser, Sr. Fr.; não he crivel.

A. — Para nos persuadirmos da verdade não necessitamos de taes historias, que nenhum credito merecem.

F. — Que lhe parece, meu P., de taes patetas?

P. — Os Srs. não entendem, que aquelle, de quem falla, he o mesmo máo *ladrão*, que morreo impenitente ao lado de J. C. que derramava o seu *Sangue*, tendo por pregador ao bom *ladrão*, e assistentes a Nossa Senhora, S. *João*, e as tres *Marias*, tremendo a terra &c.

D. — Dê-me hum abraço, Sr. Fr. Com razão nos chama patetas, porque na verdade o somos.

A. — Até amanhãa meu P., em que pedirei absolvição dos meus peccados; e não poderei dormir esta noite, temendo que me assalte a morte.

P. — Quando assim succeda, Deos terá de certo compaixão, pois vê as disposições de seu coração. Visto que as tem boas, não devemos accelerar indevidamente negocio de tanta importancia. He necessario, que primeiro tenha o devido conhecimento em materia de tanta transcendencia. Amanhãa fallaremos da *Confissão*, e depois da *Contricção*, que a deve acompanhar. Então, depois de adquirir estes conhecimentos, faremos com a possivel perfeição, o que deseja.

D. — Tem razão, e tenhamos nós paciencia, pedindo a Deos, que nos conceda esse tempo, e suas graças.

P. — Peção-no assim com o possivel fervor; e com o mesmo peçamos todos a sua benção.

PALESTRA SEGUNDA.

Confissão.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*; *Atheo*, *Materialista*; e *Freguez*.

Introducção.

Materialista — Dê-nos a sua benção, Sr. *Abbade*, como Mestre, e Pai. Todos estimamos, que passasse de saude. Eu sou hoje o primeiro a fallar, porque tenho de fallar muito; não para deffender meus antigos collegas como tem feito meu companheiro, o Sr. At., mas sim para melhor receber a instrucção em materia tão importante, porque sou o mais ignorante de todos, e de mais curta capacidade. . .

Freguez — (Que outra cousa poderia ser hum material ?)

M. — Por isso me antecipo a pedir-lhe a costumada paciencia, para sofrer minhas ignorancias.

Parocho — Não he outro o meu fim, mais que a instrucção, e por isso não devo estranhar as ignorancias. Queira ter toda a liberdade de as propôr, e nisso me dará prazer. Desejaria saber do Sr. At. se ficarião satisfeitos seus Collegas com as doutrinas expendidas.

Atheo — Não me importa, que o não ficassem todos, pois fiz de minha parte, o que pude. Alguns afferrados a suas concupiscencias brutaes, ficarão ainda brutos: porem eu renunciei a sua sociedade, e só me resta dar-lhes o bom exemplo, assim como o dei máo. Outros porem, e a maior

parte estão atterrados, conhecendo o perigo, em que incorrem, de sua salvação.

F. — Ja muitos tem vindo procurar o velho, para lhes ensinar o *Padre Nosso*; e estou bem contente com elles. Brevemente lhos enviarei. Ahi estão todos para ouvirem fallar da Confissão. Mas olhe, que *Jansenistas*. ... nem meio. Ainda os não vi mais excommungados. Eu os arrenego, casta da má maleita!

Deista — Tambem cá me tem vindo alguns; e minhas irmãas tem rebanhos de bom gado, que vão doutrinando.

P. — Muito prazer tenho com isso; mas encommendemos a Deos os contumazes na sua voluntaria cegueira. Antes que entremos na materia, devemos prevenir-nos com algumas attenções a certos respeitos, para acabarmos de entender a a divina economia na formação, e direcção da sua *Sociedade*, e de entrarmos finalmente no fundo do conhecimento da *Religião*.

D — Como a *Confissão* deve fazer a reunião com a *Sociedade*, ou corporação de J. C., que tanto nos tem occupado, sem duvida estamos ainda em relações com ella.

P. — E tanto quanto estamos no fecho, ou nó, que a liga, e aperta. Ainda alem desta nos resta outra materia a ella relativa, que serve de a conservar, tendo-nos em huma total dependencia do seu Chefe, como veremos na *Oração*. Huma obra tão divina, e mesmo chefe d'obra da omnipotencia, e sabedoria infinita de hum Deos, devia estar cheia de maravilhas immensas. Com effeito assim he, e hum Philosopho *Christão* com pasmo, e assombro não cessa de as admirar.

He verdade, que nas nossas *Dispulas* fallámos nestas materias por vezes, mas não pudemos profundalas em todos os respeitos, porque devião preceder outras, que nos abrissem o caminho, para entrarmos no cabal conhecimento deste chefe d'obra das mãos do creador. Agora estamos aptos para o adquirir, e formarmos huma bem vantajosa idea da grande *Sociedade* de J. C., que forma a sua *Igreja*, cuja palavra, expressa esta mesma *Sociedade*, Corporação, e Corpo, de que J. C. he a cabeça.

Vimos nós, que sendo ella formada na configuração, e proporção de hum Rebanho, e hum Corpo, era-lhe indispensavel, e absolutamente necessario hum *Pastor*, hum só e unico, para ser hum só Rebanho, huma só Cabeça, huma e não mais para ser hum só Corpo.

D. — Mui bem presentes estamos, e certos de que J. C., sendo este Chefe, e cabeça, como invisivel em huma *Sociedade* ou Corporação, e mesmo Corpo visivel, pôz nelle *Chefe*, *Pastor*, e *Cabeça* visivel, que he o *Summo Pontifice*, *Vigario*, e *Lugar-tenente*, em que depositou os necessarios poderes, e autoridades em toda a sua plenitude.

P. — Muito bem; mas ponderemos ainda outra vez a necessaria plenitude desses poderes, de que com effeito elle só, e ninguem mais, gosa...

F. — (Tambem os gosão as rainhas feitas á ingleza?)

P. — Nós vimos, que se estende ás tres *Sociedades*, que por communicação formão huma só, e são a *Igreja* ou *Sociedade Militante*, que he esta, em que estamos, a *Purgante* ou do *Purgatorio*, e a *Triunfante* ou do *Ceo*. Nós vimos estes poderes conferidos por J. C. a só *Pedro* na entrega das chaves do *Ceo*. Mas que poderes são estes considerados em sua natureza, e essencia? J. C. os expressou no symbolo das chaves do Reino do *Ceo*. Grande poder! Abrir, e fechar as portas do *Ceo*! Ainda o expressou na autoridade de ligar, e soltar, atar, e desatar: *Quodcunque ligaveris super terram erit ligatum & in Coelis; & quodcunque solveris super terram erit solutum & in Coelis. Math.* 16. 19.

D. — Vimos tambem, que esse poder he só proprio do Omnipotente, que, cedendo-o no seu *Vigario*, o fez, e constituio hum outro Deos, seu verdadeiro *Lugar-tenente*.

P. — Bem; mas queira pondera-lo pela face, que respeita á *Sociedade*, de que fallamos, e a verá toda, e em toda a extensão, e intenção pendente deste Centro, deste Chefe, desta *Cabeça*, e ainda mesmo em absoluta dependencia, para formar em todo o rigor do sentido hum só corpo, em huma só unidade. Para que melhor o entendão, demos hum golpe de vista, ao que dissemos desta *Sociedade*, ou *Corpo* de J. C. Este Senhor humanando-se unio a si como em unidade a natureza, ou genero humano; *Sacramentando-se* elevou pela *Communhão* de seu Corpo esta *Sociedade* a hum só seu Corpo, espiritualisado, e divinisado.

D. — Mui bem lembrados estamos; e certos em taes verdades.

P. — Mas eu desejo, que me digão, qual o maior poder, que devia haver neste *Corpo*, e em sua *Cabeça*?

D. — Sem duvida devia ser o de separar delle, e reunir a elle os seus membros.

P. — Nem mais nem menos; eis-ahi a plenitude de seu poder:

por elle solta, e liga; e por elle abre, e fecha as portas do Ceo. Porem devemos considerar este Corpo em dois respeitos. A *Igreja* em geral he huma *Sociedade*, que como unida na sugeição, e obediencia ao mesmo *Chefe*, e *Cabeça* na observancia das suas Leis, unidade de Fé, e Sacramentos, fórma hum Corpo, ou melhor, huma Corporação, que se compõe de membros sãos, e enfermos; mas não he este aquelle Corpo vivo, são, e verdadeiro de J. C. em perfeita união com elle, qual temos visto, formado pelos laços da divina Caridade, ou graça.

M. — Eu ainda entendo até ahi. A' *Igreja* conta por membros seus a muitos, que por máos membros não entrão no Corpo de J. C. em unidade com elle.

P. — Entendão mais, que os poderes deixados, e concedidos por J. C. á sua *Igreja*, unicamente residentes no seu *Vigario*, e *Lugar-tenente* se estendem a huma, e outra *Corporação*. Como Chefe elle tem, e gosa do poder de separar, e reunir a ella em geral a seus membros, cujo poder sempre exerceo, e apenas os impios Calvinistas, e Incredulos dos ultimos seculos lhe podem contestar. Eis pois o Chefe com o poder de separar, e reunir as ovelhas deste universal Rebanho, e os membros desta Corporação, de ligar, e desligar, prender, e soltar.

Este poder, e autoridade he hum poder visivel, exterior para que assim diga, e que pouco se adianta de Corporal, fazendo apenas partecipantes, ou evitando das graças, e favores desta corporação. Mas outro poder tem verdadeiramente espiritual, e divino, que he o de reunir ao verdadeiro *Corpo* de J. C. em unidade com elle, os que pelo peccado se separarão. Eis-aqui o maior poder, e em toda a sua plenitude, e as verdadeiras Chaves do Reino do *Ceo*, isto he, o perdoar peccados. Eis-aqui ainda toda a grande *Sociedade* em absoluta necessidade de dependencia deste Chefe, e deste Centro de unidade.

D. — Entendemos agora, que tem hum duples poder para pôr os membros da *Sociedade* na união devida, que parece dizem respeito ao Corpo, e alma do homem. Em quanto ao primeiro tem poder de separar da *Igreja*, ou Sociedade, privando da communicação a seus membros, que por sua má conducta se tornão indignos de a compor, e de reunir aos separados. Elle tem ainda poder de reunir ao verdadeiro *Corpo* de J. C., que formão os justos, aos membros, que delle se separarão pelo peccado. Eis-aqui o poder de

perdoar peccados. Estes dois poderes erão necessarios para a perfeita união com a Cabeça, que he J. C., em corpo, e alma. Poder este só proprio de Deos, e depcsitado no seu *Lugar-tenente.*

F. — Tambem as rainhas inglezas, e todas as que são feitas á ingleza tem esses poderes, e mais ainda do que os *Sumos Pontifices*, porque ellas fazem *papas marcos*, alem de bispos governantes de Bispados &c. &c. Quem pode o mais, pode o menos.

D. — Com effeito derão passo de gigante na inteira destruição da Igreja, e toda a *Religião* de J. C.; porem nada melhor os desmacarou, e poz patente suas impias intenções, que huma tal, e tão infame arrogação de poderes.

P. — Não se dirigião a outro fim as tortuosas marchas do *Jansenismo.* Porem vamos a entrar na materia. J. C. na expressão, de que se servio entregando este poder de *atar*, e *desatar*, *ligar*, e *soltar*, representou o peccador preso, e cativo no poder, e escravidão do demonio, penhorado, e incurso na pena eterna. Soltar, e desligar destas prisões, e cadêas, e unir ao *Corpo*, e união com J. C., abrindo as portas do *Ceo*, eis aqui o grande poder, que do seu *Vigario* dimana, como de unica fonte por varios canaes para os Ministros do *Sacramento* da penitencia, ou *Confissão.* Julgo, que fica provado; e passemos á

Confissão vocal.

A. — Niguem deve duvidar de taes verdades; e bem descarados andarão nossos inglezados portuguezes, negando tão divino poder ao *Vigario* de J. C., e pondo-o nas mãos, de quem quizerão: porem J. C. ao concede-lo, não declarou, que devião faze-lo por meio de *Confissão.*

P. — Porque não consta? Nós ja vimos, que os Apostolos, de quem a Igreja tem tudo, forão instruidos com toda a especificação por J. C. e o *Santo Espirito.* A Confissão dos peccados não era cousa nova; nós ja vimos, que os *Judeos* a fazião com a maior individuação de peccados. Mas por que outro meio se poderião perdoar peccados, que não fosse a *Confissão*? Queira ler este retalho do *Concilio* de *Trento*, que nos declara com individuação esta doutrina, e ainda dá razões, que nós veremos depois postas na mais bella conformidade com a divina economia na formação, ligação, e manutenção da sua *Sociedade.* Queira ler em vulgar.

D. — A mim pertence: *Universa Ecclesia semper intellexit ins-*

titutam esse a Dominio integrum peccatorum confessionem &c'
A universal *Igreja* sempre entendeo, que pelo *Senhor* foi instituida a inteira confissão de peccados, e que por direito divino, *Jure divino*, he necessaria a todos os lapsos em culpas mortaes depois do Baptismo; porque N. S. J. C., subindo da terra aos *Céos*, deixou os Sacerdotes vigarios, ou Lugares-tenentes de si mesmo, como presidentes, e juizes, a quem fossem differidos todos os crimes, ou peccados mortaes, em que os *Fieis* de *Christo* cahissem; cujos Sacerdotes pelo poder das *Chaves*, (dadas a S. *Pedro*) pronuncião sentença de remissão, ou retenção de peccados. »

« He bem certo, e claro, que os Sacerdotes não podem exercer este juizo, e pronunciar sentença, em causa, que ignorão, *Incognita causa*, nem guardar a devida equidade na imposição das penas, se os penitentes tão-somente se accusassem em geral de seus peccados, e não os declarassem em especie, e singularidade cada hum de per si: *In specie, ac sigillatim sua ipsi peccata declarassent.* »

F. — Sim, sim; hão de faze-lo muito bem em quanto o diabo esfrega hum olho, que he o tempo que se gasta agora nas confissões!

D. — » Daqui se collige ser necessario, que os penitentes refirão na *Confissão* todos os peccados mortaes, de que tiverem lembrança depois de hum deligente exame, e discussão de sua consciencia, ainda que sejão occultissimos, e tão somente contra os dois ultimos preceitos, que prohibem os máos desejos, que algumas vezes ferem mais gravemente a alma, e são mais perigosos, do que os manifestamente commettidos. »

P. — Continua dizendo, que todos os peccados mortaes manifestos, e occultos, de obras, palavras, pensamentos, e desejos, fazem os homens filhos da ira, e inimigos de Deos, e por isso se deve procurar delles o perdão na clara, e humilde *Confissão* expondo-os ao conhecimento do Ministro, que, como medico, não cura as enfermidades, que se lhe occultão. Menciona ainda as circunstancias, que fazem mudar de especie o peccado, taes quaes são necessarias para a sua integridade, e pleno conhecimento do crime, e imposição da pena conveniente, e proporcionada.

A. — Não ignora, que entre os Theologos se ventila a questão da necessidade de declarar as circunstancias *notabiliter* aggravantes *intra eandem speciem*, pois que o *Concilio* só menciona as que mudão de especie.

P. — Eu não ignoro, que nada ha por mais claro, que seja, em que os chamados Theologos do tempo não chicanem...

F. — Porque são *Jansenistas* rabudos. Eu os arrenegarei sempre.

P. — Póde por ventura o santo *Concilio* explicar-se melhor para fazer entender, que se devem declarar os peccados bem como são, mais ou menos graves, de sorte que o Confessor possa bem, e rectamente julgar da integridade dos crimes, e culpas? *Ut de integritate criminum recte censere possint?* Como entendem elles aquellas palavras: *In specie ac sigillatim, & non tantum in genere?*

D. — He vontade de chicanar! Bem se confessaria o ladrão que tendo furtado vinte moedas, somente dissesse: Fiz hum furto. O Confessor pensaria, que foi de vinte reis. Ficava de certo muito bem feita! Deixemos chicanas, Sr. At., e vamos adiante, pois estamos bem certos, que o *Concilio* manda que se confessem os peccados bem como são, e forão commettidos, de sorte que se possa conhecer a sua gravidade pela integridade da Confissão.

P. — Supposto isto, não perdendo de vista a nossa grande *Sociedade*, que forma o *Corpo* de J. C., perguntarei se algum entendimento humano jamais poderia inventar, ou á sua lembrança chegar, hum semelhante meio tão proprio, tão conducente a formar huma *Sociedade* em união de unidade a mais ligada, estreita, e apertada?

Breve descripção da unidade da Igreja.

D. — Eu desejo inteirar-me a fundo em tão importantes materias, e peço ao Sr. Ab., que me diga se he justa a idea, que acabo de formar á vista de tudo, o que tenho ouvido a esta respeito em nossas *Disputas*, e *Palestras*. Jesus C. formando a sua *Igreja*, que não devia ser menos, que huma corporação de individuos em tal união, que formassem o seu mesmo *Corpo*, de que elle fosse a *Cabeça*, o faz em forma de *Rebanho* com hum só, e unico *Pastor*, que o fosse não só do gado, mas tambem dos Pastores subalternos. A este faz o unico *centro* de tudo, o que ha de poderes, autoridades, e jurisdicções: porem he necessario, que saibamos, o que estas são, por não ficarem bem expressas, dizendo, que consistem em tudo, o que he necessario para o bom apascentamento do *Rebanho*, que com a Communhão do Corpo verdadeiro de J. C. deveo ficar seu verdadeiro *corpo*, e elle cabeça, em tal união, que não formasse mais que huma unidade.

Devemos pois saber, que estes poderes, e autoridade, que J. C poz no Chefe deste seu Corpo, representante de si mesmo, servem ainda de laços, de fibras, e nervos para unirem este Corpo á Cabeça invisivel, e visivel. Invisivel he J. C., e visivel he o *Summo Pontifice*, que verdadeiramente a representa. Nella ha o poder legislativo, para unir este *Rebanho* na uniformidade de costumes, reconhecendo-o todo elle como a seu unico Chefe, *Pastor*, e *Cabeça*. Quem o desobedece, quem não reconhece este poder, superioridade, e autoridade, não he ovelha deste *Rebanho*, nem membro desta corporação; he scismatico, e impio, que se separou do *Corpo* de J. C. Elle tem o poder de expellir, e arrojar fóra.

Tem o poder de regular o *Culto divino*, que a Deos se deve, e ainda o que respeita aos Sacramentos na sua administração. Estes formão outros novos laços de união, e nervos na ligação deste *Corpo* com sua cabeça, e o distinguem de quaesquer outras Sociedades.

Estes laços de união em certo modo dizem mais relação aos corpos, do que ás almas; são mais corporaes, que espirituaes. Erão pois necessarios outros poderes, que prendessem, e ligassem as almas em huma união de unidade com a Cabeça. Temos os laços da Fé, que he huma só, e tem hum só Juiz Infallivel; e por isso prende em união, e forma em unidade. Este não he outro, que o Chefe unico de que fallamos. Temos ainda os poderes, e autoridades de perdoar peccados, que de J. C. se derivão para este seu *Vigario*, Centro, chefe, e Cabeça visivel, e delle dimana para os Bispos, segundos Pastores, e destes para os mais Ministros, a quem a commettem. Aqui temos corpos, e almas unidos em hum só corpo, que todo elle pende da Cabeça, que he J. C., que como invisivel, tem a visivel, que he seu *Vigario*. Será exacta esta idea?

P. — Eu não penso de outra sorte.

M. — Eu me lembro de hum relogio, que constando de muitas rodas, partecipão em seu movimento de hum unico centro, como ja vimos, que põe todas em acção.

P. — Podem essa, e outras comparações dar algumas ideas, mas não completas, desta obra da omnisciencia de Deos, obra propriamente sua, e toda divina, principalmente no que diz respeito á união com sigo mesmo pela sagrada Communhão de seu Corpo, de que se separa o desgraçado peccador, cujo poder de reunião a este Chefe pertence, e del-

le dimana, pois que só elle o tem, na entrega das chaves. Porem entendo, que tem formado a devida idea.

Devemos agora notar, que este poder se tornaria illusorio, e inutil na ligação da união deste corpo, se não houvesse a *Confissão* oral, ou vocal.

Necessidade da Confissão para a união.

Supponhamos, que poderia haver algum outro meio de perdoar peccados: qual outro poderia imaginar-se mais conducente á formação, e manutenção desta união do que a *Confissão* vocal? Não o poderão inventar. Ponderem-no bem, e verão huma continuada cadêa de anneis de sugeição, e nervos, que unem todas as differentes partes deste corpo com sua *Cabeça*, não só espiritual, mas ainda corporalmente; laços fortissimos, que ninguem poderá quebrar, sem que deixe de ser membro deste Corpo.

A. — Assim he na verdade, e eu me lisongeio de haver entrado no conhecimento da divina economia. Tudo se põe pela *Confissão* em contacto, união, e sugeição ao unico Chefe, Centro, e Cabeça. Todos os *Fieis* reconhecem esta autoridade e poder nos Sacerdotes, Ministros da penitencia; e os reconhecem, como taes, não só espiritual, mas tambem corporalmente em quanto se prostrão a seus pes, e manifestão sua consciencia. Estes, e mesmo todos reconhecem a seus Pastores os *Bispos*, de quem recebem a ordenação, e este poder, e autoridade. Porem os Bispos, Pastores secundarios, reconhecem ainda a seu *Pastor* primario, fonte d'onde dimana o seu Episcopado, e centro de todo o poder, e autoridade. Aqui temos o *Corpo* ligado com a *Cabeça*, em união de unidade; por consequencia com J. C. verdadeira Cabeça, posto que invisivel.

P. — Devemos accrescentar ainda o reconhecimento de autoridade judicial, porque a Confissão, ou este Sacramento, em que se concede o perdão, se administra por modo de juizo, não humano, mas sim divino; para melhor se reconhecer a Cabeça invisivel, que he J. C., pela visivel, que he seu Vigario. Entenderão melhor o que quero dizer na demonstração desta proposição:

A Confissão he juizo divino.

Conhece-se esta verdade, ouvindo dizer ao Ministro deste Sacramento ao dar a sentença de absolvição: *Ego te absolvo*, eu te absolvo, desligo das prisões, em que estavas, e te perdo-o tuas culpas. Que dizes, homem? *Quis est hic qui loquitur blasphemias*? Quem és tu, que assim blasphemas? *Quis potest dimittere peccata, nisi solus Deus*? *Luc.* 5. 21. Quem pode perdoar peccados, se não só Deos? Porem elle não he homem, elle he Ministro de J. C., cuja autoridade recebeo por seu *Vigario*, que o fez hum outro seu lugar-tenente, para obrar em seu Nome, e Pessoa, assim como em outros Sacramentos, em que elle falla sempre em nome de J. C. Aqui temos a todos os Fieis reconhecendo a autoridade divina de sua Cabeça J. C., depositada em seu primario *Vigario*, de que se diriva para estes Ministros deste, e outros Sacramentos.

D. — Entendemos finalmente todos esses laços, cadêas, fios, e nervos, que unem todas os membros de tal *Corpo* com sua *cabeça*, e temos formado idea cabal de sua composição toda divina. Deos sempre *centro*, Principio, e Fim do homem! Que combinação tão divina!

P. — Digamos agora tudo de huma vez, e em breves palavras. Segundo o *Plano*, que J. C. seguio, convinha, e era de absoluta necessidade, que elle mesmo em propria Pessoa visivel aos olhos de todos apparecesse bem como elle he, em sua Igreja, isto he, neste *Corpo* a fazer as vezes de *Cabeça*, e tudo o que ella costuma fazer, elle a fazer tudo, o que faz o *Summo Pontifice*, o que fazem os *Bispos*, e o que fazem os Ministros dos Sacramentos; elle baptizando, elle consagrando o *Pão*, e *Vinho*, como fez na noite da ultima *Cea*, elle confessando &c. O *Plano* isto exigio, e não podia deixar de o fazer assim.

M. — E porque o não fez? Faltou, e ficou imperfeita...

P. — Que, Sr.! Imperfeita! Outras razões não o puderão permittir; porem o *Plano* se verificou á risca, pois o que não fez, ou faz por sua mesma propria Pessoa, o faz por seus Ministros, que verdadeira, e realmente fazem, o que elle mesmo faria, pondo hum outro elle mesmo no Chefe, e cabeça visivel, que em seu mesmo Nome, e *Pessoa* designa, e constitue a outros para fazerem as suas vezes na devida, e necessaria proporção, e conformidade.

D. — Com isso tem dito tudo o necessario a tal respeito.

P. — Eu o reservei para este lugar, em que melhor o entenderião, e para ultimar o quadro, que tenho traçado, da grande *Sociedade*, e *Corpo* de J. C. Resta-nos pois tão somente a reunião a elle, que se faz pela *Confissão*.

He Tribunal divino.

Como disse, he a *Confissão* hum juizo divino, que se faz em forma de Tribunal semelhante aos da terra, em que apparece pelo menos, Juiz, reo, e accusador, ou parte accusadora; e neste sentido desenvolveremos as ideas, que todo o *Christão* deve ter della.

F. — Ai, P.! Pelo menos deixe-me perguntar se os confessores feitos á *ingleza*, tambem representão, e fazem as vezes de J. C., confessando..?

P. — Nós jamais seremos Christãos á ingleza, impios, e blasphemos. Quem o quizer ser, largue este terreno sagrado, este paiz *Catholico*, e *Fidelissimo.*

F. — Largue, e seja ja com a breca, que o leve, e nunca mais volte *per saecula saeculorum*, *Amen.*

P. — Devendo comparecer neste Tribunal pelo menos tres personagens, que são juiz, reo, e accusador, nós não vemos mais, que os dois primeiros. Temos primeiramente o juiz a dar sentença. He juiz divino, porque he divino este Juizo, e tão divino, quanto he o mesmo, que J. C. lhe fará no seu ultimo dia.

D. — Essa parece grande, e hum paradoxo, *Padre*!

P. — E contudo he huma verdade. *S. Paulo* nos diz, que se nos julgarmos bem, se formos bem julgados neste mundo, não o seremos no outro: *Si nosmetipsos dijudicaremus, non utique judicaremur.* 1. *Cor.* 11. 31. Se tu não queres, diz aqui *Calmet*, ter a Deos por *Juiz* severo, e vingador dos ultrages, que lhe fazes, entra tu mesmo em juizo privado, e impõe-te as penas: *Si Deum tibi severum judicem, ac vindicem esse non vis, ipse te ad privatum judicium revoca, tibique poenas infligito.* Antecipa-te, e previne com a penitencia o juizo de Deos: *Dei judicium poenitentia praeverte.* E que melhor penitencia! Que melhor prevenção? Mas que duvida poderá nisto haver, quando sabemos, que o Ministro deste Sacramento representa, e faz as vezes do Juiz Supremo *J. Christo*?

M. — A'vista disso devo concluir, que confessando eu minhas culpas, não tenho a temer o juizo de Deos!

P. — De certo não, se com effeito se confessar bem, e for bem julgado, pois Deos não julgará duas vezes as mesmas culpas. Que grande cousa he pois a *Confissão*!

M. — Quero saber, P., como me confessarei bem?

P. — Se bem desempenhar os deveres, e obrigações da personagem, que representa aos pés do Ministro de J. C., representante de sua Pessoa.

M. — Eu julgo faze-lo, lançando-me a seus pés, como reo.

P. — Não basta. Deve fazer de reo sim, e ainda de accusador, que he a terceira personagem; que faltaria de outra sorte neste *tribunal*. No *Tribunal*, que se tem perante Deos, onde nós deveremos comparecer, apenas sahidos deste mundo, o demonio, que S. *João* chama por antonomasia o Accusador, *Accusator fratrum nostrorum*, *Apoc.* 12. 10., fará esta personagem, e nada omittirá, de que nos possa accusar perante o Supremo *Juiz*. Se pois á semelhança deste he o *Tribunal* da penitencia, quem deverá aqui fazer este officio? O demonio aqui emmudece. Quem fará, ou deverá fazer as suas vezes?

Aqui tem o Sr. M. huma cousa da maior ponderação, e cujo conhecimento he de absoluta necessidade; pois me parece, que jamais poderá sahir absolvido deste *Tribunal*, quem isto ignorar. Este conhecimento põe bem patente, o que he a *Confissão*, e ainda a condição do nosso Deos, que exige no peccador a devida humildade para o reunir a si. Queirão ter presente, o que desta virtude dissemos, quando fallamos da Soberba.

M. — Mui bem me lembro do *Filho prodigo*, que venceo, e cativou o pai, dizendo que não merecia ser chamado seu filho, e *David*, que confiava nos favores de Deos por isso mesmo que conhecia a malicia de seu peccado, julgando-se merecedor dos eternos castigos.

P. — Coherente com esse procedimento verá, o que neste *Tribunal* deve ter o *filho prodigo*, o peccador, que arrependido quer, e procura tornar aos braços do bom Pai Deos, e ser recebido na sua familia, e de novo encorporado no seu *Corpo*, e unidade. Não percamos de vista nem esta humildade, nem a idéa do *Tribunal* do Supremo *Juiz*, e do que nelle se passa, e vejamos n'um golpe de vista a condição do nosso Deos, e a economia admiravel da sua infinita bondade para com os peccadores.

D. — Provemos, P., se eu abro os olhos a esse golpe de vista, a que nos convida. Eu nelle vejo ao Supremo *Juiz* J.

C. ameaçando-nos com o seu terrivel *Juizo*, tanto o particular immediato á morte, como o universal; em cada hum dos quaes fulminará a sentença irrevocavel, de que não haverá appelação nem aggravo. Mas eu o vejo tambem sempre entre nós convidando-nos a prevenir este terrivel *Juizo* com hum outro *juizo* mui mais favoravel, em que se mostra mais *Pai* do que *Juiz*. He este o *Tribunal* da *Confissão*, em que he elle mesmo o *Juiz*, se não em Pessoa, o he pelo que verdadeiramente a representa. Sendo nelle bem julgados, e recebendo a sentença do livramento, e perdão, ja não teremos, que temer o ultimo seu terrivel *Juizo*.

P. — Muito bem provou que possue claro conhecimento das bondades infinitas do nosso bom Deos. Quem o não amará? E quem se não aproveitará de favor tão excessivo? Com que ancias de coração não devia o peccador naufragante aproveitar esta taboa de salvação? He pensamento de *Tertulliano*, que representa o peccador como hum misero viajante que pelo mar deste mundo viajando ao *Ceo*, fez naufragio. Deos lhe arroja a taboa, ou melhor, este baixel, que he a *Confissão*, em que seguro, se pode salvar de tal naufragio. Mas com que ancias o naufragante se não abraça com a taboa, ou baixel, que o pode salvar? Ah, se estes naufragantes, de que fallamos o imitassem! *Poenitentiam ita invade, ita amplexare quasi naufragus tabulae fidem*, exclama o sobredito Doutor, abraça-te, misero peccador com a penitencia, como o naufragante com a taboa da salvação.

He porem necessario saber abraçar com ella, saber navegar neste baixel, para se salvar do naufragio. He necessario saber entrar, e haver-se bem neste *Tribunal* de juizo, para prevenir o ultimo Juizo. A ignorancia em tal materia he fatal. Tem o peccador de prevenir, e desarmar a ira de Deos na *Confissão*: *Praeoccupemus faciem ejus in confessione. Psal.* 49. 2. Mas deve saber, que fazendo-o mal, bem longe de o prevenir a seu favor, mais provocará contra si a sua ira. Julgo, que nenhum *Christão* ignora, que huma *Confissão* mal feita he hum abominavel peccado de sacrilegio, pelo abuso, e profanação, que faz de hum tão santo Sacramento. Para que o não fação mostrarei na seguinte *Palestra* as disposições do coração, que deve ter o penitente para o ser verdadeiro. Nesta não sahiremos do desempenho dos deveres de *accusador* de si mesmo que devo tomar sobre si.

O peccador accusador de si mesmo.

A *Confissão* he Tribunal de juizo divino, e a modo dos tribunaes de justiça, e juizos civis, em quanto á ordem, mas julga-se ao contrario: *Est novum judicii genus*; he hum novo genero de juizo, porque nelle he condemnado o reo, que se escusa, e absolvido, o que se accusa; *In quo si reus crimen excusaverit, damnabitur; si fateatur absolvetur.* Em todos os tribunaes civis valem as desculpas, as contradictas, e todo o genero de opposições que possão diminuir aos olhos do juiz a gravidade do crime: porem neste he tudo ao contrario. A' razão he, que todo o dever do reo consiste na devida accusação de seus delictos contra si mesmo. Nenhuma outra cousa he a *Confissão*, senão huma accusação. He este o dever do penitente, porque alem de reo, deve fazer a parte de accusador contra si mesmo. Se nos tribunaes civis o corpo de delicto he bem feito, e bem formada a devida accusação, será bem formado o juizo; e não de outra sorte.

D. — Parece-me que ninguem o ignora, pois todos sabem, que o penitente, confessando seus peccados, delles se accusa, e mesmo diz: Eu me accuso de tal peccado, accuso-me de tal &c.

P. — Não ignoro até ahi; mas seu conhecimento he ordinariamente bem superficial, ao menos na pratica. Nesta talvez farão, o que contão de certo penitente, que dizia ao *Confessor*: *Accuse-me, P., e eu me defenderei.* Nada mais raro do que a devida accusação. Qual esta deva ser, eu o vou a fazer com a justa idea, e conhecimento do dever do penitente neste respeito.

No Tribunal Supremo, de que este da *Confissão* he huma prevenção, quem faz as partes de accusador, he, como ja disse, o demonio, mas neste deve ser o mesmo reo, o mesmo penitente; e de tal sorte o deve fazer, que previna as accusações do demonio. Eis aqui outra prevenção de que o penitente jamais deve apartar os olhos. Deve prevenir a Deos com a humilde confissão, como dissemos, e deve prevenir as accusações do demonio, fazendo-se accusador de si mesmo, como o poderia fazer o demonio diante de Deos em seu *Tribunal*. Para que diga tudo, e sem rodeios, de huma vez, deve o penitente posto neste *Tribunal* aos pés do Confessor fazer-se demonio de si mesmo, accusando-se do mesmo modo, que o faria o demonio di-

ante de Deos, e desta sorte somente he, que poderá prevenir as accusações do demonio, accusando-se, e confessando-se devidamente, e como Deos exige para dar o perdão.

D. — Parece duro; mas, bem ponderada a materia, he huma verdade, e bem pouco meditada, por ignorada.

F. — E não entra na cabeça de muitos; por mais que eu lho diga, quando os preparo para a *Confissão.*

P. — He tão verdadeiro, e tão necessario este conhecimento, que bem seguro responderia, a quem me perguntasse, como se confessaria bem: Se te accusares, como te accusará o demonio no Tribunal divino: então te confessarás bem quando fores hum demonio accusador de ti mesmo. Nisto lhe diria tudo; e debaixo desta vista eu direi, o que julgo necessario neste respeito; ainda que nada mais seria necessario, huma vez que se pondere bem este pensamento.

M. — Tenho entendido, que a resposta a mim se dirige; e na verdade me diz muito. Eu andava aprendendo na Cartilha as condições, ou qualidades da *Confissão*; porem essa só me basta, pois ella me diz, o que desejava saber.

P. — Bom he que se instrua bem em tal respeito, porem se procurar desempenhar este dever, como o demonio o faria, terá feito tudo. Nem pensem os Srs., que este pensamento he meu. Oução a St.° *Agostinho*: *Qui se ipsum accusat in peccatis suis, hunc diabolus non habet iterum accusare in die judicii*: aquelle que bem accusa seus peccados não será accusado segunda vez pelo diabo no dia de seu juizo. Porem se por desgraça o não fizer, como o fará? Perdido vai. *Ne expectes arguentem*, clama ao penitente peccador S. *João Chrisostomo*, não esperes o accusador; previne-o fazendo, o que elle contra ti fará: *Ipsum praeveni, & rape sermonis principium*; faze suas vezes contra ti mesmo, accusa-te, como elle te accusará, para que o faças emmudecer no Tribunal divino: *Ut accusatoris linguam mutescere facias.*

M. — Com effeito não accusará o demonio contra mim meus peccados, se eu os accusar bem? Sendo assim não me ganhará.

P. — Como o poderá fazer, se na *Confissão* bem feita ficão perdoados? Mas quando o fizesse, lhe poderia responder Deos, ou o proprio reo: Ja assim mesmo o fiz, desse mesmo modo me accusei, não dizes novidade. Porem elle ficará mudo contra hum tal penitente.

M. — Pois esta lição me he sufficiente. Ponderarei o modo,

como me accusará o demonio, o que dirá contra mim, e o farei emmudecer; e se disser de mais contra mim, melhor será.

P. — Não, de nenhuma sorte. A confissão deve ser verdadeira, ao menos conforme o que dicta a consciencia: nem o demonio dirá a mentira no Tribunal divino.

A. — A duvida, que ahi pode haver he, poder dizer a verdade, pela falta do conhecimento das culpas. Em quanto ao mais...

P. — Engana-se muito o Sr. At., porque não he nisso que consiste o perigo mais temivel; e que torna nullas, e sacrilegas o maior numero das *Confissões.*

M. — Eu julgo como o Sr. At. Se eu soubesse o numero de todos os meus peccados, e suas circunstancias, bem estava eu. Eu os accusaria de tal sorte, que seria hum *Satanaz* contra mim mesmo, nem poria pé diante.

P. — Assim o fará, porque Deos terá obrado hum prodigio em seu coração: porem será reputado, como hum entre mil, ou ao menos centenares, pois nada mais difficil, nada mais raro entre os peccadores, que esta accusação.

D. — Não entendo, P. O que acho mais difficultoso, he o que dizem estes Srs. Bem facil he a *Confissão*, quando...

P. — Não he assim, que o deve entender; antes deve saber, que nada mais raro, nada mais difficil. Para o penitente cumprir este dever, accusando-se como deve, será necessario, que elle ja não seja o peccador, que era; mas sim seja ja hum justo. Assim o diz o *Proverbio* divino: *Justus prior est accusator sui.* 18. 17. O justo he o primeiro a accusar-se. Se isto faz o justo, porque delle he proprio, não o faz o peccador, porque delle não he proprio. O maior peccador, que chega a tomar a lingoagem do demonio aos pés do *Confessor*, accusando-se a si mesmo, como o demonio o faria, ja não he peccador, elle ja está mudado, he ja outro, he hum justo, seguro tem o perdão, e Deos em seu favor.

Não se admirem, meus Srs. Eu desenvolverei melhor estas verdades; e tambem não se desanimem com o conhecimento de suas culpas, porque isso he o menos, e o mais facil he o

D. — Mais facil! Pois eu ando ha tantos tempos a fazer o exame de meus peccados, e acho que me he impossivel..!
P. — Ha tanto tempo! E quanto tempo, e que trabalhos não forão necessarios para abrandar a dureza desse coração, e resolver-se de huma vez?
D. — Tem razão; mas sempre me parece...
P. — Não outra cousa lhe deve parecer, se não que a difficuldade somente existe na mudança, e verdadeira disposição do coração, e em nada mais.
M. — Pois, P., queira persuadir-se que eu, graças ao *Senhor*, me acho nessas disposições; quero confessar os meus enormes e gravissimos peccados, e me atterro com a lembrança, de que he necessario confessa-los, em numero, pezo, e medida. He, ou não justo, que fique atterrado? Como poderei..?
P. — Não he justo que entre em taes aterramentos: pode fazer tudo muito bem, e como Deos o exige; nem elle nos obriga a impossiveis.
A. — Eu conto trinta annos. Supponha, que ha doze, que tomei hum vicio abominavel, em que cahia todos os dias. Como posso eu saber o numero?
P. — Muito bem, e nada mais facil. Queira dizer-me o numero das vezes por dia, segundo o dictame de sua consciencia.
A. — Mais, menos, huns dias por outros, serião tres.
P. — Tres multiplicados por trezentos sessenta e cinco dias, que tem o anno, somão neste mil noventa e cinco. Multiplicados por doze, que são os annos de tal costume, somão treze mil cento e quarenta; e ahi tem a somma. Porem ainda esta he desnecessaria, e bem basta dizer o costume, ou o numero por anno, mez, semana, ou dia.
A. — Mas quanto hirá dahi á verdade, só Deos sabe.
P. — Mas se só Deos o sabe, elle não nos obriga, ao que não podemos. Obriga-nos sim ás deligencias, que se devem pôr, e exige a prudencia em hum negocio de tal importancia. Os peccados de costume são facillissimos de confessar; difficultosissima porem a emenda. Todos os outros, com as suas circunstancias, facilmente lembrarão, se o penitente se dispuzer, como deve; no que vai toda a difficuldade.

Ninguem deve ignorar, que, como já dissemos, he a conversão de hum peccador, a sua reconciliação, perdão,

e reunião com o *Corpo* de J C., obra toda divina; e como tal he necessario, que Deos intervenha em toda ella, pois sem elle nada se faz. Sinal certo, prova clara, e evidente de pessima *Confissão*, tem aquelle penitente, que, carregado, chega aos pés do *Confessor*, satisfeito com hum superficial exame de consciencia, sem que antes disso peça, rogue, inste com lagrimas, se possivel for, com gemidos, e suspiros de coração, a Deos, pedindo-lhe, que o ajude, e socorra, como he necessario. E quem o faz? Apenas o que na verdade se converte, e não outro. Neste caso tudo se fará bem, e não em outro. Ignorancia fatal! Pensão, que o farão muito bem, sem que Deos ahi entre!

Nós vimos, que o peccado embrutece o entendimento do peccador: elle anda em trevas, e nada vê. Em quanto estiver neste estado não he muito que nada conheça, e de pouco se lembre. Tem necessidade de luzes divinas, que com muita humildade, e instancias deve pedir a Deos, que não faltará, se com effeito o coração entrar em boas disposições. Com isto, e com os socorros da direção de hum bom, e experimentado Confessor, tudo lhe será facil. Porem eu não sei, se a soberba perderá ainda melhores disposições. A soberba, digo, porque apenas o penitente verdadeiramente humilde, se accusará como deve, e temos dito.

Humildade do penitente.

A. — O que o pode impedir he a vergonha, e o pejo, com que o demonio o pode tentar a callar peccados.

P. — Não he o pejo, ou vergonha, mas sim a soberba abominavel, que Deos aborrece de coração, como ja vimos, e he este maldito vicio, que tudo perde, não permittindo, que o penitente seja accusador de si mesmo, como o demonio o será. Que outra cousa he a vergonha se não soberba? Ao menos he o effeito desta. Somos filhos de pais soberbos, que por isso forão arrojados do Paraiso, e nós com elles, e por herança temos a sua soberba.

Quizerão ser como Deos; e ainda depois do peccado não quizerão apparecer, nem aos olhos de Deos, como quem erão na realidade. Que cegueira esta! Peccarão elles, e vendo-se nús, isto he, conhecendo sua miseria, dominando ainda nelles a mesma soberba, se esconderão, ouvindo a vós de Deos, que os chamava, não querendo apparecer diante delle, como quem erão. Eis-aqui a mesma soberba,

que domina nos peccadores, que não querendo apparecer, como quem são, aos olhos de Deos, cuja *Pessoa* representa o seu Ministro, calão peccados, escondendo-se, encubrindo o que são na realidade.

D. — Parece-me que essa he a maior desgraça.

P. — Outra maior ha, por ser mais perigosa. Logo a veremos. Esta não deixa de ser grandissima, pois he a que tem a ovelha desgraçada, que cahio na boca do lobo. Este animal sagacissimo lhe lança as prezas á garganta, e em silencio a leva a devorar com segurança, sem que o pastor, e os rafeiros dêem por isso: *Lupus guttur ovis apprehendit*, diz, St.° *Agostinho.*

M. — A cartilha diz, que deve ser vergonhosa a *Confissão.*

P. — Queira entende-lo por humilde, e terá melhor idea. Essa vergonha expressa a confusão, que no peccador deve causar o conhecimento de seus peccados, mas não a que pode induzi-lo a occulta-los; o que só pode fazer a soberba. A confusão do peccador he indispensavel. Elle não he menos do que hum reo de lesa Magestade divina, que se vem pôr aos seus pés, fazendo-o aos do seu Ministro. He hum seu inimigo offensor, hum membro separado de seu Corpo, ramo sêco, só proprio para arder no fogo eterno, a que está condemnado, e elle mesmo se condemnou tantas vezes quantas peccou. Que confusão o não deve cercar, e abater!

F. — Por esse sinal formo eu meus juizos, dos que na quaresma vão á *Confissão.* Quando eu os vejo muito lepidos, e senhores de si, olhando a toda a parte, conversando &c. como fazem todos aquelles, que só vão por satisfazer ao preceito... máo sinal.

D. — Não faça juizos temerarios. Talvez que....

F. — Elles são mui bem verdadeiros. Eu protestarei, que nenhum, dos que vão obrigados do preceito, faz boa *Confissão.* Eu não descubro nelles algum sinal de verdadeira disposição; e pelo contrario vejo os bons *Christãos*, quando vão á *Confissão*, tão confusos, e timoratos, como se fossem os maiores peccadores.

P. — Facilmente apparece fóra, o que ha d'entro no coração. Confusão, pejo, e vergonha devia ter o homem ao commetter a culpa, e pelo contrario confiança ao confessa-la: *Pudorem & verecundiam Deus peccato dedit, confessioni fiduciam*, diz S. *João Chrisostomo*; porem o demonio da soberba inverte esta ordem: *Invertit rem diabolus*;

porque tira ao peccado a vergonha, que reserva para a *Confissão*, e lhe dá a confiança: *Peccato fiduciam praebet, confessioni veró verecundiam.*

A. — Parece-me que he bem indiscreta tal vergonha, pois que o *Confessor* he do mesmo barro, que o penitente.

P. — Por todas as razões ella o he. Nenhum maior prazer, alegria, e satisfação tem hum *Confessor* zeloso da salvação das almas, do que quando ouve os peccados, que parecerião os mais torpes, confessados com boas disposições; assim como nenhuma afflicção, disgosto, e dissabor mais pungente, do que quando em seus penitentes não encontra as devidas disposições. Quem assim o não experimenta, he indigno de occupar este ministerio. Que o homem cahia, seja embora nas maiores torpezas, não admira, porque em fim he de natureza fragil; e se o Confessor não tem cahido nas mesmas miserias não he porque não seja capaz disso, mas sim porque Deos o tem livrado dessas occasiões, ou dado graças, para que não cahia nellas. Porem o levantar-se, he o que mais honra lhe dá.

Eu tenho a vergonha por huma quimera; e de melhor vontade lhe darei o nome de soberba. Póde ser que ou pela fraqueza de cabeça, timidez, ou verdadeira cobardia, mais propria nas primeiras idades, haja na verdade esse pejo, e vergonha; que Deos seja servido fazer vencer com suas graças: porem fallando em geral, não merece outro nome, que não seja o de soberba. Sendo rarissimos os verdadeiros humildes, rarissimos são, os que bem se accusão neste Tribunal da penitencia, não deixando de se manifestar. Tudo he encobrir o que he, deixando fazer apparecer o que não he.

Para que entendão quam grande he esta cegueira, que induz a calar, e a não se accusar, como deve, lancemos outra vez os olhos á condição do nosso Deos, e que na realidade segue o bom *Confessor* seu *Lugar-tenente*. Ella apparece bem pintada, e retratada no bom pai do filho prodigo. Estava ainda longe o filho, quando voltava á sua casa, e apenas o vio, se commoverão suas entranhas de compaixão, e misericordia: *Cùm adhuc longe esset, vidit illum pater ipsius, & misericordia motus est. Luc.* 15. 20. Mas desejo saber, o que vio em seu filho este pai, que lhe commoveo suas entranhas? Seria por ventura a volta delle á sua casa?

M. — Parece que nada mais, pois se não voltasse....

F. — Pois eu digo, que não; e me ponho em campo para o provar. Supponhamos, que elle voltava montado em hum soberbo cavallo, ou bem vestido. Que faria o pai? Punha-se á porta, e lhe perguntaria o que pertendia? e não o deixaria entrar. Melhor andou o filho, que muito bem conhecia a condição do pai: não largou os trapos velhos, rotos, e immundos, que apenas cobrião pequena parte do corpo; mais de meio nú, e descalço: na maior miseria se apresentou ao pai; e isto foi o que lhe commoveo as entranhas de compaixão, e misericordia. O peccador, que quizer ser bom filho prodigo, e ser recebido por este bom Pai commovendo-o á compaixão, hade por-lhe bem patentes suas miserias, quando não, debalde esperará move-lo.

M. — D'onde consta, que elle vinha nú, e descalço?

P. — Do sagrado *Texto*, pois diz, que o pai apenas o ouvio dizer: Pai, pequei contra o *Ceo*, e obrei pessimamente contra vós, ja não sou digno de ser chamado vosso filho, nada mais querendo ouvir, clamou aos seus creados, que mandando, que logo logo, correndo, lhe trouxessem ali os melhores vestidos, e que ali o vestissem, pondo-lhe no dedo o annel, e nos pés o calçado: *Citó proferte stolam primam, & induite illum, & date annulum in manum ejus, & calceamenta in pedes ejus.* ℣. 22. Daqui claramente se entende, que elle vinha em grande desnudêz, descalço, e em estado o mais miseravel; e que destas miserias, e suas desgraças soube elle mui bem tirar partido, vindo apresenta-las aos olhos do pai; e não de outra sorte.

Esta he a verdadeira condição de Deos, e he tambem a condição do seu Ministro, o *Confessor*, e esta deve ser a condição do peccador, se quer commover a compaixão. Muito mal andou *Adão*, e *Eva*, quando se esconderão, por estarem nús, ou em estado miseravel, ouvindo a voz do *Senhor*. Cegos! cegos, porque não vêdes, que aos olhos de Deos nada se esconde; e cegos para vosso mal, porque se errastes comendo do fruto, mais errais agora escondendo, ou pertendendo occultar vossas miserias. Que dirão desta cegueira os proclamadores das innatas luzes, e sciencias de *Adão*!

F. — Diz-me o meu bestunto, que se *Adão*, e *Eva*, logo que se virão nús, e nas miserias, clamassem a Deos, que lhes valesse, confessando seu peccado claramente, não serião lançados fóra do *Paraiso*.

P. — Nem tanto seria necessario, como logo melhor veremos.

Deos omnipotente, Deos terrivel em suas iras, e justiça, tem hum fraco, se me permittem dizer assim, por onde o peccador o pode vencer, e mesmo prender o braço, e obriga-lo ao perdão, ainda mesmo quando, por impossivel, elle não quizesse.

A. — Essa parece-me ardua! Quem póde conhecer o poder da ira de Deos? *Quis novit potestatem irae tuae?* pergunta hum *Propheta.*

P. — He *David* no *Psal.* 89. 11. He mui grande e terrivel, eu o confesso: porem qualquer que seja o peccador, que pela gravidade de seus peccados o tenha posto na maior ira, se, acompanhando com o coração as palavras, lhe disser: *Senhor*, eu sou hum monstro de maldades, e offensas contra vossa infinita bondade: justissimo sois se me arrojardes desde ja no abysmo do inferno: perdoai, e eu prometto a emenda; desarmará toda a sua ira, e infallivelmente obterá o perdão. Esta, e não outra he a condição de Deos, e bem mal a entende o peccador, quando occulta seus peccados; e não se faz accusador de si mesmo, como o fará o demonio. Que accusação formará este no Tribunal divino contra o peccador, quando nelle fôr apresentado? Esta alma, dirá, deve ser condemnada, ó justo *Juiz*; ella o merece, porque commetteo estes, e aquelles peccados. » Pois faça isto mesmo aos pés do Ministro de Deos, faça de demonio accusador de si mesmo: mereço por meus grandes peccados, diga, o inferno; eis-aqui quaes são: diga-os, nada occulte; falle a boca, e o coração, e Deos sem duvida deporá a sua ira, e receberá em seus braços este filho prodigo.

Não de outra sorte o seu Ministro, o *Confessor*, a quem o peccador tentado do demonio da vergonha pensará, ou imaginará admirado de suas torpezas, indignado, ou escandalizado Que cegueira! Elle faz as vezes de hum pai todo amoroso. Quanto mais com franqueza lhe descobrem suas miserias, mais lhe cativão o coração, mais obrigão ao amor, á estimação, e ao affecto. Se algum *Confessor* não tem o coração formado por este molde, que he o mesmo de Deos, não he seu Ministro; he indignissimo de tal ministerio. Pelo contrario nada tanto o afflige, angustía, e atormenta, como as más disposições, que nota, e lhe parece vêr no penitente.

Julgo, que temos dito o bastante sobre este respeito, para passarmos a outro mais perigoso, e mui mais temivel que este.

D. — Ja disse essa palavra, que me tem admirado. Ha por ventura maior mal, do que callar peccados na *Confissão* de certa sciencia, e livre vontade?

P. — Há sim, e muito maior: he este quando parece ao penitente confessar-se bem, confessando-se pessimamente. O que de certa sciencia por vergonha cala peccados, não ignora o perigo, em que está: elle sofre hum continuo tormento, que o não deixa descançar, se com effeito conserva alguns sentimentos de *Religião*. Elle está como com dòres de parto, e não terá socego em quanto não dèr á luz: *Colligata est iniquitas Ephraim, absconditum peccatum ejus; dolores parturientes venient ei.* *Oseas* 13. 13. Acossado deste tormento pode procurar hum bom, e prudente *Confessor*, que, qual perito obstricante, faça vir fóra a tortuosa serpente do peccado occulto: *Obstricante manu ejus eductus est coluber tortuosus.* *Job.* 26. 13. Então poderá cantar com o *Psalmista*: *Secundum multitudinem dolorum meorum, consolationes tuae laetificaverunt animam meam.* *Psal.* 93. 19. Lançando fóra a serpente, que enroscada na alma, como tal a atormentava, sentirá hum prazer, e consolação equivalente ás dòres, que antes sofria; o que concorrerá para a sua perseverança no bem. O contrario porem succede em quem presumindo confessar-se bem, por ignorancia culpavel, vai caminhando seguro á sua eterna desgraça.

F. — A ignorancia he muito grande em toda a condição de gente, principalmente nos Incredulos e seus filhos. Nada sabem, porque nada lhes ensinão, nem mesmo querem saber.

P. — Por isso mesmo são culpaveis, e eu não posso....

M. — Não olhe para mim Sr. Fr., porque eu ja estou sufficientemente instruido pela Cartilha. Sei, que quem se confessa mal, não só commette hum grande sacrilegio, mas tambem as Confissões, que fizer dahi por diante, todas são nullas, e sacrilegas, em quanto não renovar a primeira má *Confissão*, e todas as que tiver feito dahi por diante. O mesmo he quando cala peccado, e em fim quando são nullas por falta de dor, ou qualquer outro motivo. Saiba, que estou adiantado.

F. — Ainda agora o sabe! E me parece, que o não sabe bem. O caso he, que se ha cincoenta annos que calou hum peccado, e ainda o não confessou, he necessario confessar tudo, e todos os peccados, que desde então tem commettido, e dizer quantas vezes se tem confessado, e *Commungado*,

porque taes *Confissões*, e COMMUNHÕES, são os maiores peccados. O mesmo he fazendo huma só *Confissão*, em que não hajão as devidas disposições, que de certo rarissimas vezes tem os peccadores dos nossos tempos principalmente na mocidade. Julgão a *Confissão* como huma brincadeira, não obstante que vão carregados de peccados. Ai, de tal gente, se não fizer huma boa *Confissão* de todos os peccados, que houverem commettido em toda a sua vida.

P. — Melhor conhecerão essa verdade, e quando as *Confissões* se podem julgar bem, ou mal feitas, quando desenvolvermos do melhor modo esta materia. Continuando a faze-lo, digo, que he peior, do que calar peccados de certa sciencia confessa-los mal, não o fazendo como fará o demonio no Tribunal divino, por isso mesmo que não os accusão com as devidas circunstancias, que os revestem, e que poem patente a sua gravidade.

Inteireza da Confissão.

Deve a *Confissão* ser clara, e inteira, nada ommittindo, que deva dar o devido conhecimento da gravidade, e fealdade da culpa; bem como o demonio o fará diante de Deos. *Jeremias* mui bem o expressou, quando disse: *Effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini. Ther.* 2. 19. Derrama como agoa teu coração, ó peccador, diante do *Senhor*; cujas vezes faz seu Ministro. Assim se deve despejar a consciencia, como quem despeja hum vaso d'agoa, em que nada resta. Bem como a consciencia está aggravada, assim se deve pôr patente ao conhecimento do *Confessor*.

Supposta esta verdade, de que ninguem pode duvidar, causa admiração ver, como os peccados se commettem, e como elles se accusão. Elles ao commetter-se são peccados gravissimos, mas ao confessar-se talvez não pareção nem graves, nem ainda peccados; talvez pareção virtudes. Sagacissimos são muitos penitentes para fazerem taes transformações.

D. — A tal respeito o devemos ouvir em silencio, pois tem a pratica do Confissionario, que nós não temos.

P. — Não tenho necessidade de tal pratica, nem della jamais me servirei. Huma *Confissão* bem publica de hum grande peccador temos nos sagrados *Livros*, que porá patente, o que quero dizer. Veremos o seu peccado qual foi ao commetter-se, e qual foi ao confessar-se. Foi este *Aarão*, irmão de

Moyses, que grandemente concorreo para a idolatria daquelle Povo, quando no deserto adorou o bezerro d'ouro. Vejamos o que fez.

Tratárão os *Hebreos* no deserto de formarem hum deos, ou idolo, que por elle os guiasse, visto que *Moyses*, seu Conductor, havia dias não apparecia, demorando-se no monte, em que tratava com o verdadeiro Deos, mais que o costumado. Dirigem-se a *Aarão*, que havia ficado em seu nome, como chefe, e Sacerdote, e lhe dizem: *Fac nobis deos, qui nos praecedant. Exod.* 32. 1. Faze-nos deoses, que nos guiem neste deserto, pois não sabemos, o que he feito de *Moyses*, que nos tirou do cativeiro do *Egypto*. Grande cegueira! Porem que deveria fazer neste caso *Aarão*, e responder a huma requisição tão impia?

D. — Deveria pelo menos pôr á morte os principaes, pois esta pena tinhão imposta os Idolatras. Poderia temer o Povo; porem ao menos lhes devia estranhar com força tal pertenção, quando não tivesse prompta ao menos huma brigada para os passar pelas armas.

P. — Não podemos dizer, que todo aquelle Povo prevaricou; a Tribu de *Levi* não o fez, e *Aarão* teria, quem o defendesse, e se oppozesse com elle. Porem bem longe de o fazer, e de estranhar tal requisição, elle manda tirar das orelhas das mulheres, filhas, e filhos todas as arrecadas, ou pendentes d'ouro, e traze-las á sua presença.

Foi isto hum mandamento expresso: *Fecit populus quae jusserat, deferens inaures ad Aaron.* ℣. 3. Tendo recebido todo o ouro, forma em fundição o bezerro, erige-lhe hum altar, em que o colloca, e faz publicar pela voz de hum pregoeiro a todo o povo: *Cras solemnitas domini est.* ℣. 5. Amanhãa he a solemnidade do *senhor*; blasphemia imperdoavel; tratando de *senhor* ao bezerro! He provavel, que tambem lhe offereceo sacrificios, e adorou, ainda que o *Texto* o não especifica. Este foi o peccado de *Aarão*, que cresceo muito pelo escandalo em razão da qualidade da pessoa. Vejamos sua confissão Ella foi tal que a não saber-se por outra via tal facto, deveria ser posto elle mesmo no altar em lugar do bezerro.

Estava *Moyses* neste tempo no monte; e ao descer, ouve os alaridos, com que aquelle povo de dura cerviz, sempre afferrado á idolatria, festejava o seu deos, e afinal depois de duvidar do motivo, se desengana, quando vio sobre o altar o bezerro. Deixemos o mais, que terá lugar em

outra parte, e vamos ao que faz a nosso proposito. *Moyses*, apezar de mansissimo de condição, assumado d'ira se dirige a *Aarão*, que não duvidava ser o autor directo, ou ao menos indirecto, por isso mesmo que devendo por seu officio impedir tal abominação, o não fez.: *Quid tibi fecit hic populus*, lhe pergunta, *ut induceres super eum peccatum maximum*? ℣. 21. Que mal te fez este povo para o induzires, ou deixares cahir, não obstando como devias, em tão grave peccado? Ouçamos a resposta, que faz a sua *Confissão*, e verão hum tal peccador canonisado por si mesmo em hum grande santo. Notemos suas palavras.

Ne indignetur dominus meus, diz; não se indigne o meu senhor! Que sagacidade hypocrita! Trata de seu *senhor* ao irmão, e lhe roga, que deponha a ira, como se o caso a não pedisse! Passa logo a imputar toda a culpa ao povo, tomando a elle mesmo *Moyses* por testemunha; *Tu enim nosti populum istum, quod pronus sit ad malum.* ℣. 22. Não se ire o meu *Senhor*; porque bem sabe quanto este povo he inclinado para o mal. Elle veio ter comigo, e me disse: Faze-nos deoses, que nos precedão, e guiem neste deserto, pois não sabemos, que he feito, ou o que aconteceo a este *Moyses*, que nos tirou do *Egypto*: *Dixerunt mihi: Fac nobis deos, qui nos praecedant: huic enim Moysi, qui nos eduxit de terra Ægypti, nescimus quid acciderit*, ℣. 23.

D. — Por esse modo hia imputando a culpa tambem a *Moyses*, por sua demora no monte, como origem do mal.

P. — O mais bonito he, o que se segue. Quando ouvi tal requisição, lhes disse: Quem de vós tem ouro? *Quibus ego dixi: Quis vestrum habet aurum*? Elles o tirarão das orelhas, trouxerão-no a mim, eu o arrojei no fogo, e delle sahio este bezerro; e mais não disse: *Tulerunt, & dederunt mihi, & projeci illud in ignem, egressusque est hic vitulus.* ℣. 24.

D. — Que casta de *confissão* foi essa? Elle mentio em tudo, e nada disse do que fez, pois não disse, que mandou arrancar das orelhas o ouro, e que lh'o trouxessem, que elle mesmo fez, ou mandou fazer por infusão o bezerro, o que demandava muito, nem que fez o altar, o collocou nelle, e publicou a festividade, blasphemando, e em fim calou todo o seu peccado, e com tanto descaramento, quanto tinha por testemunha todo esse povo, de que *Moyses* poderia saber a verdade de todo o facto.

P. — E tanto o soube, quanto foi elle mesmo o que o consignou á nossa memoria. Porem isso não he tudo. No que omittio, calou o seu peccado; mas no que disse proclamou-se santo. Quem não diria, que o era ao ouvir tal confissão! Deveria entender, que com bellas intenções recebeo o ouro para o arrojar no fogo, e o reduzir a cinzas, tirando-lhe a occasião de idolatrar. Eu o arrojei ao fogo, disse: *Projeci illud in ignem*, dando a entender, que não intentava outra cousa. Eu o arrojei ao fogo, e sahio este bezerro: *Egressusque est hic vitulus*; como se dissera: Arrojando o ouro no fogo para o reduzir a cinzas, sahio, certamente por arte diabolica, este bezerro, e eu não sou culpado.

D. — Que confissão tão celebre, e tão descarada!

P. — Não sem mysterio *Moyses* assim a escreveo, não obstante, que fallava de seu irmão natural, e Deos quiz, que se passasse ao conhecimento das Nações futuras em memoria eterna. Eu julgo...

A. — Queira, P., perdoar-me a interrupção. Não se admira, de que Deos elegesse depois para Summo Sacerdote a hum tal homem?

P. — Muito na verdade me admiro, e tanto mais quanto foi nessa mesma occasião, em que *Moyses* se demorou no monte, e se fez o bezerro, que Deos para tal ministerio o designou. Devemos presumir, que precedeo a nomeação a este acto; o que prova, que Deos não se serve em suas obras do conhecimento do futuro. Temos ainda a notar, que Deos para grandes empregos não deixa de se servir de grandes peccadores, como vemos em S. *Pedro* elleito ao *Summo Pontificado*, não obstante que o Senhor previa o escandalo de suas negações. Põe-nos esta consideração bem patente a condição de Deos, que summamente se agrada da penitencia, que não se dá sem preceder o peccado.

Devemos presumir, que *Aarão* a fez exemplar e conforme a seu peccado. He verdade, que *Moyses* nos affirma, que o *Senhor* se irou muito contra elle, e o quiz castigar de morte; mas que por seus rogos lhe perdoára: *Adversúm Aaron quoque vehementer iratus voluit conterere eum, & pro illo similìter deprecatus sum. Deut.* 9. 20 Sua penitencia sem duvida o fez digno do ministerio, pois vemos que o *Sabio* lhe dá o nome de homem justo, que resistio á ira de Deos em outra occasião, applacando sua indignação por meio da oração: *Properans homo sine que-*

rela deprecari pro populis &c. *Sap.* 18. 21. Não lhe deve pois servir de desdouro seu peccado, e pessima *Confissão*, pois soube tirar bem de tão grande mal.

M. — Ainda bem, que temos exemplos animadóres.

P. — Tanto que não sei fazer differença entre os Santos penitentes, e os justos, que sempre o forão. Talvez se o pudessemos pôr em justa balança, pezasse mais, e se inclinasse o fiel para aquelles. Eu perguntaria, e não me saberião responder, se o filho prodigo foi menos estimado do pai, do que o seria a não o haver sido? O certo he, que mereceo ter o melhor vestido: *Afferte stolam primam*, o que não vestiria por ser segundo filho. Esta he a condição do nosso bom Pai; e tal o effeito da verdadeira penitencia.

Mas tornando ao ponto d'onde sahimos, que penitencia ha nos peccadores, que na *Confissão* imittão a *Aàrão*? E por ventura serão raras taes *Confissões* nos peccadores dos nossos tempos?

F. — Eu lhe respondo, que são quasi todas, se não verdadeiramente todas, as que fazem taes peccadores.

M. — Não faça juizos temerarios, pois não o pode saber.

F. — Sei com toda a certeza; e Vm. nada entende. Eu lho digo. Quaes são os peccadores dos nossos tempos? São juradores, praguejadores, amaldiçoadores, blasphemos, profanadores dos dias santos, máos pais, peiores filhos, odientos, iracundos, vingativos, ladrões, bebados por moda, e muita honra, e sobre tudo tão luxuriosos, lascivos, torpes, e sensuaes, que nem bestas, brutos os excedem, nem lhes chegão. Ora eu ponho de parte os Incredulos, e toda essa má canalha, que não pode sofrer a santa *Religião*. Ponho ainda de parte os bebados, porque sua condição he muito abaixo dos brutos, por isso mesmo que tanto se querem degradar do juizo, que Deos lhe deo, que o vendem pelo maldito appetite do vinho; e por isso nunca se podem confessar bem...

A. — Podem fazê-lo, passada a borracheira...

F. — Não podem tal, porque se fizerão peiores que brutos, perdendo o juizo que tinhão. Se o não entendem...

D. — Isso he em quanto dura a borracheira.

F. — He sempre, tenho dito, e não me retruquem. O que eu digo he huma sentença, pois bem sei o que digo. Fica sim com juizo, o que alguma rara vez se embriagou, e se emmendou; mas não aquelle que deo em o fazer por vezes, especialmente com frequencia, porque ou esteja com a bor-

racheira ou sem ella, sempre está com o juizo mais embrutecido que o de hum bruto. Eis-aqui porque nunca verão jamais hum bebado de costume convertido. Vê-lo-hão emmendado, não por mais senão porque não lhe pode chegar, mas nunca convertido, porque não tem juizo para isso. Para que diga tudo, digo isto. ¿Ver eu hum bebado de costume, e ver hum condemnado, para mim he o mesmo. Eis-ahi porque eu ja não quero assistir aos moribundos bebados, não obstante, que aos olhos, de quem não tem bestunto, morrem como santinhos; mas eu sei, que morrem como jumentos.

D. — Vm. faz pasmar a todos com tal dizer.

F. — Se pasmão, he porque não entendem. O meu Ab. está calado; mas se elle pudesse fallar, eu lhe perguntaria, quantos bebados se lhe confessão das bebedices, que tomão? Eu protestarei, que nenhum dos acostumados a este maldito vicio, nem ainda na morte. Eu o tenho observado em todos, a quem tenho assistido. Irmão, lhes digo eu, confesse-se daquellas bebedices, que tantas vezes tomava.... Quaes bebedices? respondem elles. He vicio, que nunca tive, só se foi alguma vez na minha mocidade» Não ha quem daqui os tire. Não he isto somente na morte. Digão a hum bebado passada a borracheira, que se embebedou, e verão o que vai. Pobre mulher, que ergue o bebado marido depois da bebedice, porque elle jurará que he falso testemunho. Bem bom bestunto tinha hum velho, e experimentado *Confessor*, a quem eu ouvi dizer em humas Conferencias de Moral, que não se devia perguntar aos penitentes, de quem se desconfia deste vicio, pelas bebedices, mas sendo casado se lhe devia perguntar, se tem ralhos com a mulher, ou esta com elle? Então dizem, que sim; e inquirido o motivo, diz, que por testemunhos, que lhe levanta, de bebedices; mas que são falsissimos.

A. — He verdade aquillo, Sr. *Abbade*?

P. — No Fr. falla a experiencia, que faz o mais forte argumento. A mesma razão o mostra. Nós vimos, que a vida vital, e intellectual da alma pende muito se não totalmente da constituição do corpo. O estrago, que neste fazem as bebedices, e por consequencia no entendimento, he grandissimo. Pode dizer-se sem erro, que por cada bebedice se perde huma boa porção de entendimento, até que chegão ao estado, em que os representa o *Freguez*. Não se lembrão, nem se podem lembrar da borracheira, que toma-

rão no dia antecedente, porque no mesmo ponto em que bebem com alguma demazia, se lhes varre, e embrutece o entendimento de tal sorte, que nada mais sabem de si, ate que, dormindo, nenhuma lembrança mais tem quando despertão.

F. — Ahi tem. Ja estão desenganados? Pois calem-se, e deixem-me fallar, que tenho muito a dizer.

A. — Leve o demo tal vicio! Ainda bem, que não bebo vinho, nem licores, apezar de andarem em moda as borracheiras, que não posso sofrer.

D. — Eu não o bebia, mais que em modica porção na mesa; porem deixarei de o beber.

P. — Para se beber o creou Deos; somente condemna as demasias; e não tem o Sr. Br. motivo para mais se abster, pois que guarda abstinencia, quando somente faz delle uso na mesa.

F. — Em quanto aos mais peccadores, eu os vejo depois da *Confissão*, quaes erão antes: porem este não he todo o ponto, nem o que faz ao nosso caso. Em regras de Moral, posto que não saiba latinorios, ninguem me dá volta. Sei muito bem, que nenhum *Confessor* pode passar sem que dê grandes provas de emenda, e quaes sejão sufficientes para se persuadir, que está resolvido a nunca mais peccar, a hum penitente acostumado ao peccado. Queira dizer-me, P., se isto he huma verdade?

P. — Sem duvida he mesmo huma regra geral, que regula aos *Confessores*, que se querem salvar. Nunca jamais podem passar hum penitente, quando não tem provas sufficientes de se poderem persuadir, que está bem disposto para receber este Sacramento. Deve persuadir-se prudentemente, que está resolvido a nunca mais peccar: e nenhum outro meio tem senão a experiencia, isto he, a emenda effectiva, deferindo por tempos sufficientes a absolvição. De outra sorte...

F. — Ambos, penitente, e *Confessor*, cabem na cova. Eu não ignoro, que por toda a parte tem, por permissão de Deos, o diabo varios *passa-culpas*, que melhor se devem chamar *barcos de passagem para o inferno*, que a tudo passão. Taes são aquelles, que fazem, ou ouvem *Confissões* em quanto o diabo esfrega hum olho. Nem o barqueiro *Acheronte* lhes ganha. Deixemos taes barcas, e barqueiros. Fallemos de outros, que parecem menos máos. Eu os vejo passar praguejadores, amaldiçoadores, juradores, profanado-

res, vingativos, luxuriosos, sensuaes amancebados . . . Que he isto ?

D. — Mas que differença faz Vm. de bons *Confessores* aos que chama *Achcrontes*, ou barqueiros do inferno ?

F. — Faço a differença de que lhes não dizem nem a vigessima parte dos peccados, e por isso os passão.

D. — Assim pode ser, quando são occultos, e podem enganar os *Confessores*; mas eu vejo passar na quaresma a todos, quaesquer que sejão, e são os proprios Parochos, que o fazem, (pondo de parte o nosso) pois o que querem he passa-los, e nada mais lhes importa.

F. — Pois eu protesto, que todos esses são *Acherontes*, barqueiros do inferno. Mas outros procurão *Confessores*, que os não conheção, para só dizerem, o que lhes parece.

P. — Não he necessario para o fazerem, que sejão desconhecidos aos *Confessores*, nem que seus peccados sejão occultos. *Aarão* bem publicamente commetteo o peccado, e o negou do modo que vimos. Rarissimo será aquelle peccador publico, que diga claramente: Eu sou hum praguejador, hum amaldiçoador, hum luxurioso &c. Se assim o fizesse entrado estava no bom caminho, porque entrava na mesma accusação, que o demonio faria. Bem longe disso, apenas quando mais dará huns longes de seus gravissimos, e mesmo publicos peccados. Escapa-me alguma praga, dirá o praguejador eterno, alguma jura, ou maldição, mas eu logo me arrependo. Alguma vez trabalho nos dias de guarda, mas he por grande necessidade &c. Cahio em algumas mizerias, dirá o sensual, e publico amancebado; e talvez confessará as obras torpissimas por pensamentos.

M. — Nesse caso, que poderá fazer o *Confessor* !

P. — Fazer o seu officio, desempenhar suas obrigações, e deveres, se não quizer hir na mesma barca. Se elle sabe por outra via, que não seja outra *Confissão*, que não he verdade, o que diz, o deve julgar indisposto, e manda-lo por isso mesmo levantar de seus pés. Deve em quanto ao mais inquirir, perguntar, indagar quaes os peccados, que diz, por elles procurar descubrir outros, as circunstancias, que os revestem &c., e facilmente virá no conhecimento da indisposição daquelle penitente, e o enviará a dispor-se melhor, não comprometteudo a sua consciencia, e salvação.

M. — Mas se for *Parocho*, que poderá fazer, senão . . ?

P. — Que ? Por ser *Parocho*, hade dar o *Pão* sagrado aos Cães? Antes maior obrigação tem pelas contas, que deve dar a

Deos de seus *Freguezes.* Nunca jamais, qualquer seja o motivo, pode hum Ministro de J. C. administrar qualquer Sacramento a hem, que julga indigno.

M. — Porem ficará excommungado por não cumprir com o preceito da *Igreja*, e como tal declarado pelo...

F. — Bem excommungado anda elle.

P. — E que? Quer que satisfaça com dois horriveis sacrilegios, quaes são huma tal *Confissão*, e Communhão, encarregado em ambos o *Confessor*, que o passa? Fóra da *Igreja* deve ficar, quem a ella, e suas leis, que são as de Deos, se não quer sugeitar, e viver como *Christão*. Oxalá que a Igreja *Lusitana*, e seus Pastores tivessem sido menos remissos. Eu não ignoro a impossibilidade, em que o infernal *Calvinismo*, ou *Jansenismo*, que ha muitos tempos, qual venenoso dragão, serpentava entre nós, os havia posto pelas entraves dos governos civis, e dou desculpa: porem então floresceo sempre a arvore quando lhe cortão os ramos pôdres, ou sêcos. Sahião fóra, sejão separados do *Corpo* de J. C. os membros pôdres, e o sejão publicamente, bem como seu peccado o exige, e não se dê o escandalo de se poder chamar filho, e membro da *Igreja* hum indigno.

Não levemos mais longe a digressão, e tornemos ao nosso proposito. Os que assim se confessão, andando pela rama de seus peccados, para que assim diga, e nunca chegando á raiz, são os mais desgraçados. Se tudo calassem talvez não fosse tão grave seu mal, pois ao menos estarião bem certificados da nullidade de suas confissões, e por isso mais facil seria a sua renovação. Estes porem pela culpavel cegueira vão indo mui descançados, e assim chegão á morte. Quando lhes fallem nas *Confissões* passadas, responderáõ que jamais calarão peccado algum.

Não deixaráõ outros de imitar *Aarão* no modo de pintar, e representar suas culpas, enfeitando-as de tal sorte aos olhos do *Confessor*, e dando-lhes taes côres, que nada parecem do que são na realidade. Por concluir com este respeito, e passarmos a outro, direi, que os peccados commettidos são verdadeiros, e abominaveis peccados, mas confessados não o parecem assim; são muito differentes, e talvez ainda apparecem enfarinhados da virtude. Quam raro pois he o appresentar-se o peccador neste Tribunal como quem he na realidade! *Quis est hic, & laudabimus eum! Fecit mirabilia*; he huma rara maravilha.

M. — Eu lhe protesto, P., que me hei de accusar de tal sorte, que nem o diabo o fará melhor.

A. — Eu quero, P., principiar outra vez a minha *confissão.*

D. — Eu estou nos mesmos sentimentos, e peço o mesmo.

P. — Não posso responder aqui aos Srs. Podem porem socegar-se, porque taes *confissões* são proprias de quem zomba de sua salvação, ou ao menos lhe merece bem pouco, ou nenhum cuidado.

Desculpas nas confissões.

Apezar de chamar desgraçados mais que os primeiros a estes, de que acabamos de fallar, ainda temos buns outros muito mais desgraçados. São estes, os que na realidade dizem os peccados; mas não parando ahi taes cousas accrescentão, taes rodeios procurão, taes pretextos inventão, e taes desculpas dão, que não pertendem, menos que desfazer, o que fizerão, desdizer o que disserão, e em fim mostrar, que não peccarão, ou ao menos, que seus peccados são mui menos graves, do que podem parecer. Pelo menos a culpa nunca hade ser sua propria; hade ser sempre imputada a outro, e não a si mesmo. Não ha maior tentação, nem sinal mais evidente da nullidade da *Confissão.*

Este abominavel vicio de desculpar os peccados he huma verdadeira, e maldita soberba, que, como ja disse, nos vem por herança desde os primeiros pais, e que de tal sorte se introduzio no genero humano, que até o homem, que as divinas *Escrituras* nos representão como o peccador mais humilde, e exemplar da penitencia, *David*, se temeo della. *Pone, Domine, custodiam ori meo*; ponde, *Senhor*, rogava a Deos, huma guarda á minha boca, e a meus labios huma porta, que com prudencia se abra, e feche: *Et ostium circunstantiae labiis meis. Psal.* 140. 4. Para que fim esta guarda, e esta porta? Elle o diz, accrescentando: *Non declinet cor meum in verba malitiae*; não deixeis declinar, e escorregar meu coração em palavras de malicia. Mas que malicia? *Ad excusandas excusationes in peccatis.* ℣. 5. Outra letra lê: *Ad praetextandas praetextationes in peccatis.* Não deixeis, *Senhor*, escorregar minha lingoa para excusar, os pretextar escusas, e desculpas em meus peccados. Para isto pede vigilante guarda á sua boca, e huma porta em seus labios: *Ostium circunstantiae labiis meis.*

Parecerá, que não andou prudente este famoso penitente em pedir porta de circunstancia, isto he, de abrir, e fechar. Não seria melhor pedir porta, que fechasse, e não abrisse? De nenhuma sorte; pois deve abrir-se para Confessar o peccado, mas fechar-se logo para as escusas, para os pretextos, e para as desculpas: *Ad excusandas, seu praetextandas excusationes in peccatis.* Eis o grande vicio geral no genero humano, malicia, que a tudo domina: *Verba malitiae*; palavras são estas desculpas de refinada malicia, que envenenarião, e perderião as melhores *Confissões.* *O' infelicissimum humanum genus!* exclama neste texto S. *Jeronimo*; grande infelicidade do genero humano! Mas qual he? *Qui peccata excusamus*; por isso mesmo, que excusamos os peccados. Este he o summo vicio, que domina o genero humano, diz aqui a *Glosa*: *Pone, Domine, ostium, ut non excusetur: quód summum vitium dominatur hominibus.*

M. — Que demo de escusas são essas?

P. — *Multis modis fiunt excusationes in peccatis*, diz S. *Bernardo*, de muitos modos se excusão, desculpão, e pretextão os peccados, que será impossivel mencionar, e mais ainda singularisar. Grandemente ingenhosa para seu mal tem andado a soberba humana na invenção de excusas, e desculpas Nada mais entenderá a ignorancia; mas na sciencia da invenção de escusas, e desculpas he fecundissima. Hiremos vendo algumas, que darão ideas de outras innumeraveis.

S. *Gregorio Magno* nos descreve por este respeito a condição do genero humano em breves palavras. Eis-aqui, diz, o vicio que domina o homem: *Latendo peccatum committere*; commetter occultamente o peccado, negando, esconde-lo; convencido, defende-lo; defendendo-o, multiplica-lo; pois que nenhuma outra cousa são as desculpas, e escusas, que novos peccados, ou augmento delles: *Convictum, defendendo, multiplicare.*

Quando nossos primeiros pais se virão nús apenas commettido o peccado, correrão a cubrir-se com folhas de figueira, e ouvindo a voz de Deos, se esconderão entre as arvores frondosas do Paraiso: *In medio ligni paradisi.* *Gen.* 3. 8 Que cegueira! Com folhagens se cubrirão, e em folhagens se esconderão. Folhagens são todas as desculpas, que não largão jamais os filhos destes peccadores: com ellas procurão occultar, disfarçar, encubrir, e mascarar seus peccados.

Das folhas de figueira, e folhagem d'outras arvores, obrigados a comparecer nossos pais, passarão a estas outras folhagens. *Adam ubi es?* Onde estás, *Adão?* pergunta o *Senhor*, para lhe dar lugar á Confissão. *Vocem tuam audivi in paradiso*, responde, & *timui eo quód nudus essem*, & *abscondi me.* ℣. 10. Ouvi a tua voz, e temi, porque estava nú, e me escondi. Nescio homem! O peccado te cegou, e transtornou a cabeça! Pensas tu esconder-te entre folhagens aos olhos de Deos! Onde está o teu juizo, a tua sciencia, e a tua Fé?

F. — Ah, que se elle corresse logo, todo nú, como estava, e dissesse: Senhor, pequei, vêde minha desgraça, compadecei-vos della: *Miserere mei*, ficava de certo no *Paraiso.*

P. — Assim o creio, e ainda quando se não cubrisse de outra peior folhagem. Não forão arrojados fora immediatamente depois do peccado, e apezar de ignorarmos o tempo que mediou, indica o *Texto*, que foi não pequeno espaço. Não foi outro o fim, senão o de lhes dar lugar á reflexão, e *confissão.* Parece, que feita esta primeira pergunta esperou Deos a *Confissão*, porem de balde. Apenas disse, que estava nú, temera, e se escondera; e nada mais: emmudece. Falla, homem; confessa teu peccado, dize: Pequei. Porem nada menos; emmudece. O' maldita mudêz, mui mais pessima foi, e abominavel do que o mesmo peccado!

Vê Deos, que de balde foi a primeira pergunta, não obstante, que abria porta franca para a *Confissão.* Em fim não acha Deos outro meio de incitar á *Confissão* se não lembrando-lhe o mesmo peccado, fazendo-o certo, de que de balde procurava occulta-lo, pois que muito bem o sabia. Quem te fez conhecer, diz, que estavas nú, se não porque comeste do fruto, que te havia prohibido? *Quis indicavit tibi, quód nudus esses, nisi quód ex ligno, de quo praeceperam tibi ne comederes, comedisti?* ℣. 11. Que maior, mais pungente incitativo, mais forte estimulo para a *Confissão?* Porem de balde.

M. — De balde! Então confessou, mas tarde talvez.

P. — Tarde ainda não seria; mas não confessou. Inteiramente de balde procurou Deos todos os meios, pois nada pode obter, se não o peior. Ponderem estas deligencias, que não tenho visto ponderadas, para fazerem idéa da condição de Deos, e do quanto lhe agrada a *Confissão.* Primeiramente appareceo Deos, como que passeava no *Paraiso*, tomando

o fresco da tarde; e fez ouvir a sua voz: *Cum audissent vocem Domini Dei deambulantis in paradiso ad auram post meridiem.* ℣. 8. Para que isto?

F. — Para que corressem a elle a confessar o peccado; porem desgraçadamente fugirão na mais bella occasião.

P. — Não nos diz *Moyses*, que vozes forão estas, que o *Senhor* fez ouvir. Eu me quero persuadir, que serião incitativas á *Confissão*, e em seu louvor; e disto me persuado, porque logo que articulou vozes, devião ser proporcionadas ao fim, que intentava, que não era outro. Quando assim não fosse, Deos faria conhecer sua presença por outro qualquer sinal, que não fossem vozes articuladas sem sentido. Eu me represento ouvir vozes, que dirião: *Felix peccatori confessio!* Feliz he a Confissão para o peccador! *Felix peccator, qui confitetur*, feliz o peccador, que confessa, ou quaesquer outras semelhantes. Embora eu me engane, pois com certeza affirmo, que Deos nada menos intentou, que dar-lhes a mais bella occasião da *Confissão*, mesmo porque se lhe apresentou como passeando. Debalde o fez, porque fugio, e correo a esconder-se. Passou a chama-lo, e po-lo em sua presença. Emmudece. Passa a fallar-lhe no peccado, e ainda não confessa.

M. — Que embrutecido estava! Pois não confessou?

P. — Não confessou. Se disse que havia comido, foi quando ja não podia encubrir de sorte alguma; e mesmo assim não confessou mais que o peccado da mulher, e tão descarada, e atrevidamente, que ao mesmo *Senhor* imputou a culpa de haver comido.

D. — Onde vem isso? Quero vêr o *Texto*: *Mulier, quam dedisti mihi sociam, dedit mihi de ligno, & comedi.* ℣. 11. Nada disso diz, ou eu o não entendo.

A. — Elle disse a verdade, porque assim se passou.

F. — Não disse tal; defendeo-se com a mulher, e fez como muitos fazem. O homem confessa os peccados da mulher; e esta não faz mais que confessar os do homem, e não fica pôdre, que lhe não deslinde, fazendo-o em tudo culpado. Apenas eu o não faço, pois não tenho que dizer de minha mulher.

M. — Pois não he verdade, que *Eva* lhe deo o fruto?

P. — E não he verdade, que ella não o obrigou, e que elle comeo, porque muito quiz? Logo, que lugar teve accusar o peccado da mulher, e não o seu?

D. — Agora cáhio na conta. A desculpa com a mulher foi fo-

lhagem, que não podia cubrir sua maldade. Se elle não quizesse, a mulher não o poderia obrigar.

F. — Pois ahi tem como todos fazem, procurando desculparse huns com outros. Não posso aturar a mulher, que tem pessimo genio, e he brava como huma leôa, diz o homem; e a mulher diz: Meu marido...

P. — Julgo que dirão ainda mais alguma cousa, mui mais abominavel, e he que desculpando a si, não só culpão a outro, mas ainda ao mesmo Deos, como fez *Adão*: *Mulier, quam dedisti mihi sociam*; a mulher, que me destes por companheira; como se dissera: Vós Deos, tivestes a culpa, por isso mesmo, que me destes huma tal companheira. Se m'a não desses, eu não comeria.

F. — Não ha duvida; assim mesmo os tenho ouvido: a mulher que Deos me deo, tem sido a causa de meus maiores peccados, porque tem genio diabolico. O marido, que Deos me deo, diz a mulher, he hum leão, não o posso aturar; por isso rogo pragas &c. Mentís, lhes digo eu; vós os tomastes bem contra a vontade de Deos; e se vós sois praguejadores &c. não he senão porque não tendes temor de Deos: nem o teu marido, nem a tua mulher te puxa por essa lingoa infernal.

P. — Quando não tomem esses pretextos, não lhes faltão outros, mesmo ainda mais claras blasphemias. » Assim o quiz Deos, dirão ainda com sacrilega boca; se Deos não quizesse eu não commetteria taes peccados. « Que blasphemia! Isto horrorisaria, e faria fugir ao *Confessor* mais sofredor; pelo menos o obrigaria a tapar-se os ouvidos, e mandar levantar de seus pés a hum sacrilego, que assim blasphemasse de Deos. Este foi todo o mal de *Adão*, e toda a nossa desgraça, e não o proprio peccado, porque tinha todo o remedio na *Confissão*. Nas obras attribuidas a St.° *Agostinho* se lê: *Si Adam humiliter se accusasset & in Auctorem suam culpam non retorcisset, a paradiso non exulasset*; se *Adão* humildemente confessasse o seu peccado, e não retorquisse contra o seu Autor Deos a sua propria culpa, não seria arrojado fóra do *Paraiso*. Do mesmo sentimento he S. *Gregorio Magno*, com quem mui bem me conformo. Logo ponderaremos melhor esta maldade, vendo primeiro a *Confissão* d'*Eva*, de quem tomarão todos, principalmente as mulheres, muito bem tão pessima lição.

Que fizeste mulher? lhe pergunta Deos para se ao menos ella confessava: *Quare hoc fecisti*? Não pode ella tornar a

culpa ao homem? mas não deixou de a imputar com descarada mentira á serpente: *Serpens decepit me, & comedi.* ℣. 13. A serpente me enganou, e por isso comi; como se dissera: Eu não tive a culpa, mas sim a serpente, que me enganou.

M. — Mas ella disse a verdade, pois foi verdadeiro engano.

P. — Foi sim huma innocentinha! Ella fallou tanto verdade em ser enganada, quanto ella havia dito bem claramente á serpente, que Deos lhe havia posto preceito, e ameaçado com a morte, se comesse. Que tal foi o engano!

F. — Assim dizem muitas: Enganarão-me! O'descaradas mentirosas! Não estaveis vós bem desenganadas do peccado, que fazieis? Confissões d'*Eva* são essas, que fazeis com taes enganos! Hum arrocho melhor vos desenganaria.

P. — Finalmente tudo são escusas, e desculpas. Desculpão-se com outros, porque os incitarão; desculpão-se com as tentações, com a carne, com a idade, com a occasião, com os enganos, com as ignorancias; e quando mais não tem, com o diabo se desculpão; e bem está elle com taes culpas. Imputão ainda a culpa a Deos, porque a não imputem a si mesmos: *Excusatur reus, & culpetur Deus*; escusa-se o reo para culpar o *Juiz!* diz St.° *Agostinho.* Que conceito poderemos fazer de taes confissões?

D. — Segundo a regra que nos deo, bem está o demonio com ellas, pois que taes penitentes não se accusão como elle os accusará; antes accusão o mesmo accusador.

P. — Não ha accusações, são tudo excusações, e não *Confissões*; condemnações são, e horriveis sacrilegios. Sobre as palavras do *Psalmo* 58. 6: *Non misereris omnibus, qui operantur iniquitatem*, diz St.° *Agostinho* na sua exposição: *Est quaedam iniquitas, quam qui operatur, non potest fieri, ut misereatur ejus Deus*; ha huma certa iniquidade tão pessima, que não pode ser que Deos se compadeça, de quem a commette.

D. — Parece-me, que os Theologos affirmão, que não ha peccado, que Deos não possa perdoar.

P. — Menos esta iniquidade, que a tudo excede na maldade, e nada ha que com ella se possa comparar. Dos mais monstruosos peccadores se compadecerá, menos destes. Que iniquidade malvada he esta? *Ipsa defensio peccatorum*, responde; he a defensa, a desculpa dos peccados. Quando algum defende os peccados com desculpas, faz huma grande iniquidade, de que não pode ser, que Deos se compadeça:

Quando quis defendit peccata sua, magnam operatur iniquitatem. Elle defende, o que Deos aborrece: *Hoc defendit, quod Deus odit.* Continúa a dizer o modo como os defendem, que são os mesmos que temos dito, principalmente, quando imputão a culpa a Deos, desculpando-se com que elle assim o quiz, porque o não ajudou, porque assim o tinha determinado, e outras semelhantes blasphemias, e conclue: *Prorsus tamen hanc iniquitatem operantium non misereatur Deus*; não pode ser que Deos se compadeça dos que commettem tal iniquidade. São finalmente iniquidades, que não tem perdão, taes desculpas.

M. — Na verdade com razão não se pode Deos compadecer, de quem o culpa em suas culpas. Sacrilega blaspheuia he dizer, que peccou, porque Deos assim o quiz, ou por outro qualquer motivo, que redunde em offensa de Deos; porem o desculpar-se com a tentação, com a idade, principalmente com a mocidade, com as occasiões, com as perseguições....

F. — Que diz? Apezar de tudo isso, não ha innumeraveis outros, que não pecção, e são huns santos? Não o ouvío ja aqui dizer, que ninguem pecca senão porque quer?

P. — De nenhum desses, nem d'uns, nem d'outros, não pode Deos compadecer-se, porque alem de que não pode haver pezar, do que se desculpa, sem o qual não se pode perdoar o peccado, alem de não fazer o que deve, que he accusar-se, como o demonio o accusaria, e de certo accusará, está esse desgraçado penitente augmentando peccados sobre peccados com formaes mentiras na mesma occasião, em que procura o perdão, exasperando a justiça divina.

M. — Pois que mentiras formaes são essas?

F. — Vm. ainda não aprendeo a dizer a *Confissão*, que principia, *Eu peccador me confesso*, e que todos dizem aos pés do *Confessor*?

M. — Julgo, que ja a sei de cór, e muito bem a direi.

F. — Então que diz nella? Não affirma, que peccou muito e muitas vezes por pensamentos, palavras, e obras; e accrescenta: por *minha culpa*, *minha culpa*, *e minha maxima*, *ou mui grande culpa*? Para que pois está tornando a outros a culpa? Não he isto mentir descarada, e velhacamente aos pés de J. *Christo*?

M. — Tem razão, Sr. F.; conheço a contradição.

P. — Sempre são falsas todas as desculpas, porque ninguem pecca, senão porque quer, e he sua vontade. Não ha mais

que huma só desculpa verdadeira, que por isso mesmo, que o he, não desagrada a Deos. Todas as mais são falsissimas, e fazem que as confissões, em que entrão, sejão nullas e sacrilegas.

M. — Desejo sabe-la para della me servir.

P. — A boa desculpa achará o peccador na sua mesma maldade. Quando o *Confessor* perguntasse: *Quare hoc fecisti?* porque assim fizeste? P., ja o disse, deveria responder coherentemente, e com verdade; *mea culpa*, *mea culpa*, *mea maxima*, por minha culpa, minha culpa, e minha mui grande culpa; não tenho mais desculpa, que dar; mas se quer alguma outra, direi, que assim o fiz, porque tenho sido hum malvado, que não tenho tido temor algum de Deos, e á sua misericordia devo não estar ja entre os condemnados, sofrendo as penas eternas devidas a minhas culpas. » Feliz penitente aquelle, que fallando deste modo, acompanha taes palavras com o coração.

Não fez de outro modo o famoso exemplar dos penitentes, *David*: *Peccavi Domino*, disse, e nada mais; mas neste silencio disse tudo isto; mais fallou o seu emmudecimento, do que o poderião fazer as palavras. *Peccavi Domino*, pequei, nenhuma desculpa tenho, por isso nada mais digo. Pequei, mereço o devido castigo. Pequei; e só a mesericordia divina me pode valer.

No mesmo sentido fallou a *Magdalena*, e sem articular palavra fez tão bella Confissão, que mereceo logo o absoluto perdão de muitos, e mui grandes peccados. Ella fallou sem fallar, e se confessou sem palavras. Por entre a grande turma de inumeravel povo ella rompe, e não se atrevendo a pôr-se á frente do *Senhor*, apóz delle se avisinha, arroja-se a seus pés, entre gemidos, soluços, e suspiros não cessa de os regar com suas lagrimas, e enxugar com seus cabellos. Nada diz, porem tudo isto fallava bem claro, e expressamente dizia: Sou mui grande peccadora, que tenho vivido sem algum temor do Ceo, e do inferno, de que me conheço digna. Nada ha que me possa desculpar; e só vossa misericordia me pode valer. » Ditosa peccadora! De teus grandes peccados soubeste tirar o maior bem; tua muda, mas bem expressiva *Confissão* te fez santa em hum instante.

Lancemos ainda por huma vez os olhos ao *filho prodigo*: *Pater*, *peccavi in Coelum*, *& coram te*, diz, pai, pequei, obrei pessimamente, conheço o mal, que fiz, e sei que

he tal a minha maldade, que não mereço ja o nome de filho vosso: *Jam non sum dignus vocari filius tuus.* Moço inconsiderado, que dizes? Andas imprudente. Dize, e allega alguma cousa em teu favor; dize, que não soubeste, o que fizeste, desculpa-te com a tua mocidade, e teus poucos annos, com o demonio, que te tentou &c. Oh não, diria, não allegarei mentiras para aggravar meu peccado; não tenho desculpa alguma, que possa dar; pequei por minha grandissima culpa; por isso, pai, conheço muito bem, que ja não mereço o nome de vosso filho.

Assim fallou, e confessou com palavras, e não menos o fazia por obras, que clamavão com vozes altas pela clemencia, e compaixão, apresentando aos olhos do pai as suas miserias, a sua desnudez, e todos os males, que havia sofrido. Com a boca dizia: Pai, pequei, ja não sou digno de ser chamado filho vosso. Com o corpo nú, cuberto de miserias, clamava mais altamente, e dizia: Pai, misericordia, compaixão de minha desgraça, vêde os males, a que cheguei, e em que estou posto; compadecei-vos &c.

D. — Muito bem, P., o tem dito; e na verdade que o *filho prodigo* põe bem patente a conducta, que deve guardar o peccador, e não menos a condição de Deos. Meus Srs. temos todos entendido, que se quizermos conseguir o perdão de nossas culpas, devemos fazer-nos demonios de nós mesmos, isto he, accusar-nos dellas, como o demonio nos accusará no Tribunal divino.

M. — Essa idea me fica gravada profundamente.

A. — O mesmo digo de mim; e só me resta a perguntar huma cousa, e he que deverá fazer o penitente, quando na realidade ha desculpas verdadeiras?

P. — Nunca ha culpa, que mereça desculpa, pois se a tem não he culpa, nem ha peccado, onde não ha culpa. Pode ser, que haja circunstancias, que diminuão consideravelmente a gravidade do peccado: porem ellas não escaparáõ á prudencia do *Confessor*. Não julgo máo, que se digão; e sabemos que se devem confessar os peccados como na realidade são; o que muito bem se poderá fazer, depondo a soberba, que he toda causa das malvadas escusas, e desculpas.

Para tudo dizer, accrescentarei, que estas desculpas, e pretextos, com que se capêão, e encobrem os peccados na *Confissão*, e procurão diminuir sua malicia, não só fazem nullas as *confissões*, mais ainda põem taes peccadores no

mais desgraçado estado, porque he nelles sem remedio o seu mal, e muito mais do que calando de certa sciencia os peccados, e ainda quando se não dizem, e manifestão com inteireza. A razão he, porque no primeiro caso, pode haver a resolução de confessar, como ja disse, por isso mesmo que se conhece o perigo. Este ainda se pode conhecer no segundo caso, por isso mesmo, que ponderará, que não tem confessado com a devida inteireza. Neste terceiro porem mui satisfeitos os peccadores por haverem declarado tudo, e não fazendo caso algum das desculpas, se julgão mui bem confessados, ainda que com a consciencia erronea, e ignorancia bem culpavel, pois nenhum *Christão* pode ignorar, que a *Confissão* deve ser feita sem desculpas.

D. — Menos o deverão ignorar todos os que aqui nos achamos, e ouvimos taes cousas. Olhe cada hum para si mesmo, e veja o modo como se tem confessado, se tem feito as vezes do demonio contra si, accusando-se a Deos em seu Ministro, como o demonio o faria, e fará diante de Deos, que de certo não o hade desculpar. Então por esta regra conhecerá se com effeito se tem confessado bem, ou mal para ficar seguro, e descançado em sua...

P. — Não diz bem. Poderá por ahi conhecer se com effeito se tem confessado bem, isto he, se tem desempenhado este dever, e officio de accusador de si mesmo, porem nem porque o tenha feito se poderá dar por seguro em sua consciencia, porque mui bem o pode fazer por hypocrisia, ou qualquer outra razão, e não com as devidas disposições.

M. — Pois não he boa, e verdadeira disposição accusar seus peccados, como o demonio o faria?

P. — He sim; porem não he decisiva: pode muito bem fallar a boca, e não ser acompanhada dos sentimentos do coração; o que faz a verdadeira hypocrisia, vicio execravel aos olhos de Deos. Queira entender melhor por este modo. As desculpas nos peccados são sinal, e prova clara, e evidente de que o penitente, que o faz, não tem as devidas disposições; porem não he sempre sinal certo, e prova evidente de verdadeira disposição o confessar-se sem desculpas. Eu o digo ainda melhor.

O *Confessor*, que ouve o seu penitente desculpar seus peccados, o homem imputando a culpa á mulher, esta confessando primeiro, que os seus, os peccados do marido, a moça tornando a culpa ás perseguições do moço, ás ten-

tações &c. &c. deve logo concluir, que em tal penitente não ha disposição verdadeira, porque se a tivesse, não se confessaria de tal modo. Quando porem vir o penitente feito demonio accusador de si mesmo, sem desculpas, nem escusas, accusando sempre sua culpa, e não a d'outro, alegrar se deve, mas não certificar-se sem mais exame de sua boa disposição; tem bom, e muito bom sinal, mas não prova certa, e incontestavel, pois pode fallar a boca, e não o coração, d'onde deve sahir esta humildade, e sentimentos, que indicão taes palavras. Para conclusão pois desta materia resta-nos vêr estas disposições de coração, que formão a verdadeira dôr, que chamamos *Contrição*, dôr de coração, e pezar das culpas; o que faremos na seguinte *Palestra.*

Concluirei agora esta com a bellissima, e divina harmonia, que o Philosopho *Christão* deve admirar na santa *Religião* de J. C. Nós temos visto, que o peccador he membro pôdre, e separado do *Corpo* de J. C., com quem procura reunir-se na *Confissão*; porem esta reunião, ou reincorporação será impossivel, em quanto no peccador dominar a soberba, e dureza do coração, e se não fizer huma branda cera. Para o *filho prodigo* se reunir, e reincorporar com a familia de seu pai, foi de absoluta necessidade, que elle voltasse, dizendo: Pequei; não tenho desculpa a dar; ja não sou digno do nome de filho desta casa, desejo, e peço ser nella admittido como hum mercenario. Quando assim o não fizesse jamais poderia ser nella incorporado na devida união de unidade.

D. — Muito bem entendemos. Com taes disposições procurou o *filho prodigo* ser nesse corpo da familia paternal o mesmo que são os pés no corpo humano, e com isso conseguio ter a parte mais nobre. Deste modo o peccador, que se quizer reunir ao *Corpo* de J. C., de que temos fallado, hade conhecer de tal sorte sua culpa, que se julgue indigno de fazer parte delle; ambicionando apenas o lugar mais infimo.

P. — Sobre tudo deve reduzir o coração a hum tal estado qual veremos finalmente na seguinte *Palestra* pondo nesta ponto com a terminação do dia.

——*——

PALESTRA TERCEIRA.

Contrição.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Atheo*, *Materialista*, e *Freguez.*

Introducção.

Deista — Boas tardes, Sr. *Abbade*; seja bem chegado de saude, e queira lançar-nos sua benção. A *Palestra* d'ontem nos tem posto a todos em bastante afflição, porque todos nos persuadimos, que não temos feito bem as nossas *Confissões*, e desejamos principia-las de novo, porque não nos accusamos nellas, como o demonio nos accusará; e não queremos deixar-lhe alguma cousa, de que nos possa accusar. Queira tirar-nos destas duvidas bem afflictivas, ou dar-nos o prazer de annuir a nossos desejos, ouvindo a repetição.

Parocho — Eu nada sei de suas Confissões, nem do modo, como as fizerão, pois que agora sou hum mero homem, que nada sabe em tal materia, por isso mesmo que ao ouvi-las não era, o que agora sou, mas sim hum representante, posto que indigno, da PESSOA de J. C.; e somente em taes circunstancias os poderei satisfazer. Contudo posso dizer-lhes, que então se confessarão bem, se com effeito tinhão os corações bem dispostos. Sendo assim, apezar de que nossa depravada concupiscencia, e soberba sempre inclina, e puxa para as desculpas, não deixa de vencer, e sahir

triunfante a graça divina, que opéra com força nos corações verdadeiramente convertidos.

Materialista — Ontem nos indicou isso mesmo; e eu mais que todos, porque sou o mais ignorante, desejo saber, como conhecerei, se sim, ou não tenho essas disposições.

P. — Quando as conheça, e somente então, conhecerá se com effeito as tem. Nós vamos a desenvolve-las.

Atheo — Eu tenho ponderado que a palavra *penitente*, qual deve ser o peccador aos pés do Confessor, expressa hum homem carregado de morteficações, e penalídades voluntarias, que se chamão penitencias. Porem eu, que desejo com ancia ver-me ja reunido ao *Corpo* de J. C., e entrado no caminho da salvação, ainda não fiz algumas penitencias, e não tem havido em mim mais que sensualidades, e concupiscencias, as mais...

P. — Deixe essa confissão para outra occasião.

M. — Eu digo o mesmo, e mais deverei dizer, pois sou...

D. — Eu direi outro tanto de mim, e talvez...

P. — Senhores, se me devem obedecer, mando, que emmudeção a tal respeito. Não he aqui que se confessão.

Tòdòs — Emmudecemos, obedècendo, como devemos.

P. — Não são essas cousas para tal lugar. Não exige Deos, que se fação Confissões publicas, do que o não he.

A. — Bem seria que todos conhecessem nossas maldades.

P. — Se tem taes sentimentos, de certo não se desculparião nellas aos pés do Confessor. Ora pois: queirão socegar-se, e consolar-se com os bons sentimentos, que mostrão, e eu vou a por-lhes patente a doutrina conveniente, e a mais interessante. Não entrão no verdadeiro sentidò da palavra *penitente*; porem hão de consegui-lo depois de algumas previas instrucções.

Julgo que não perderáõ de vista, o que na Cònfissão procura o peccador, e o que nella se intenta; e he a reunião ao *Corpo* de J. C., de que se acha desgraçadamente separado; mas isto não he menos que hum grandissimo prodigio das graças do *Senhor*. Còm bastante sentimento noto a ignorancia, que geralmente ha sobre hum ponto, ou verdade da maior transcendencia.

D. — Ainda bem, que ja entramos nesse conhecimento, se me não engano. Trata-se na Confissão de hum grandissimo prodigio, que não he menos que unir, ou reunir ao *Corpo* vivo hum membro separado, cortadó, sêco, e pôdre, ou na comparação de J. C., reunir á videira o ramo sêco, que

somente servia de pasto para o fogo, e faze-lo reverdecer, crescer, florescer, e dar fruto. Que grande cousa he esta, e quam poucos a entendem!

P. — Eentendamos nós pois as consequencias, que dahi se seguem, e que estão bem claras.

F. — Eu quero tirar huma, e he que quanto mais tempo estiver o membro cortado, e separado do corpo, assim como o ramo da vide, mais se séca, endurece, ou apodrece. Por isso as reuniões de taes membros, ou enxertos de taes garfos na videira, tão secos, e podres lá nas ultimas idades, e principalmente na morte, quando estão ja para serem lançados no fogo..! Não sei como possa ser sem o maior milagre.

A. — O que eu ainda concluo, he, que o peccador, que o pertende, deve clamar a Deos de todo o coração, pedindo-lhe com todas as instancias, que obre nelle esse grandissimo prodigio, visto que só elle o pode fazer.

M. — Eu alem disso concluo, que para mover a Deos a esse prodigio, deve o peccador fazer graves, penosas, e rigorosissimas penitencias, castigando em si suas sensualidades, e maldades. Porem eu a tudo estou disposto, e tudo me será suave, se com effeito conseguir a felicidade de me reunir com J. C., a fazer com elle huma, e a mesma cousa. Mande, P.e, o que quizer.

D. — Tudo isso eu concluo, e de mais direi, que para se formar esta reunião deve o peccador abater-se, e humilhar-se, como o *filho prodigo* na presença do pai, depondo toda a soberba, e dureza de coração. Porem ouçamos as conclusões do Sr. *Abbade*.

B. — Todos tem concluido muito bem, ainda que não entrão no espirito da verdadeira penitencia. O recurso a Deos por meio da mais fervorosa oração he de summa necessidade. Eu julgo, que aclararão melhor suas idèas, desenvolvendo as que devem ter do peccado, para as terem do seu perdão. Devemos considerar aquelle não só como fatal podão, que cortou o ramo da vide, ou membro do *Corpo*, e o tem seco, e podre, mas ainda como divida contrahida para com Deos, pela qual o peccador se acha penhorado na alma, preso, e em cadèas, que o ligão, e retem obrigado ao inferno, e tormentos eternos.

Para a devida intelligencia notem, que nas divinas *Escrituras*, como ja vimos, os peccados são chamados *cordas*, cadèas, e prisões: *Funibus peccatorum suorum constringi-*

tur peccator. Prov. 5. 23. Chamão-se laços do diabo, pelos quaes este os tem cativos: *Resipiscant a diaboli laqueis*, diz S. Paulo, *a quo captivi tenentur ad ipsius voluntatem*. 2. *Tim.* 2. 26. Saltem fóra dos laços do diabo, diz, em que estão cativos. Bem o expressa a frase, de que J. C. se servio dando o poder de perdoar peccados, dizendo: *Quodcunque solveritis* &c.; o que vós desligardes, soltardes &c. Figurem hum homem preso em cadêas por huma divida; e aqui tem o peccador. Porem passem adiante, e vejão-no condemnado por essa divida, e por si mesmo a pena ultima, sentença dada, nas mãos dos executores, que esperão o momento da execução da sentença a cada instante; e aqui tem a inteira, e cabal idea de hum peccador.

A. — O quadro parece demasiadamente carregado. A sentença ainda se não pronunciou, pois ainda vive.

P. — Vivendo a pronuncía contra si mesmo o peccador, quando pecca, fazendo-se juiz de si mesmo, e juntamente reo. O grande *Chrisostomo* em breves, mas energicas palavras o diz: *Quoties peccasti, toties condemnasti teipsum*; quantas vezes tu peccas, ó desgraçado, outras tantas tu te condemnas a ti mesmo. Que outra cousa he commetter a culpa, que tem annexa a pena eterna, que dizer o desgraçado: Eu me condemno ao inferno?

D. — Ninguem poderá negar essa verdade.

P. — He pela divida, que contrahe para com Deos, que elle penhora sua desgraçada alma, e ainda o corpo ao inferno, e se põe nas prisões, e mãos do diabo, separando-se da união, e *Corpo* de J. C., e por isto devemos considerar o peccado como divida contrahida para com Deos, e ao peccador como ladrão, que roubou a Deos, o que delle he. Ja vimos, que J. C. trocou o nome de peccados em *dividas*, e não quiz, que lhes dessemos outro nome na grande oração, que nos ensinou, mandando, que lhe pedissemos o perdão das nossas dividas: *Dimitte nobis debita nostra*.

A. — Eu creio porem, que em sentido figurado...

P. — Não crê bem, pois que o são em todo o rigor do sentido.

D. — Não adverte o Sr. At., que o peccador rouba a Deos muitas e grandes cousas, que lhe deve. O respeito, a sugeição, a obediencia, a honra, que por todas as razões lhe são devidas, são roubos, e furtos verdadeiros. Rouba-se ainda o peccador a si mesmo, negando-se a Deos, e separando-se delle, pois que he o seu *Creador*, o seu *Redemptor*, e a *Cabeça* do *corpo*, de que elle era membro.

P. — Mais poderia dizer a este respeito, porem facilmente o poderáõ colligir, ponderando as obrigações, em que estamos para com Deos, e que temos exposto em nossas *Disputas*, e *Palestras*. Para entrarmos pois no nosso proposito, consideremos os peccados como dividas, e semelhantemente o seu perdão.

Os peccados são dividas.

Como taes ellas ou hão de ser pagas, ou perdoadas. No primeiro caso o peccador se acha em huma inteira impossibilidade de satisfazer, porque taes dividas ficão muito superiores a suas possibilidades. He por isto, que o *Senhor* nos manda, que lhe peçamos o perdão, visto que não podemos pagar, e satisfazer. Contudo Deos, cuja economia, como temos visto, sempre marcha em conformidade com a natureza das cousas, não quiz dar este perdão sem alguma satisfação.

M. — Eis-ahi que eu disse bem, porque essa satisfação não pode ser senão a penitencia, a que he necessario applicar-nos com todas as veras.

D. — Sem duvida assim he, porque sem penitencia, não se podem perdoar os peccados. Eu estou prompto para ella.

A. — Estou lembrado, de que ja disse o Sr. Ab., que as penitencias dadas pelos Confessores não são ordinariamente proporcionadas á gravidade de peccados, pois em conformidade com os *canones* antigos são impossiveis, pelo numero de peccados, que tem cada hum annos de penitencias. Muitos destes tenho eu; porem dupplicarei as mais arduas...

P. — Eu ja mandei, que guardassem silencio a tál respeito. Estimo muito suas tão boas disposições; porem suas confissões não são para este lugar.

M. — Nossas penitencias devem ser publicas, pois nossos peccados o tem sido. Eu não me envergonho...

P. — Devem sim ser; e mal hirá áquelle peccador que tendo-o sido publico, e escandaloso, não fizer publica a sua penitencia. Porem os Srs. não entrão no verdadeiro espirito da

Penitencia.

He ella na verdade a satisfação, que Deos exige no perdão de taes dividas. Por isto *Tertulliano* lhe dá o nome de *moeda*, e preço pelo qual Deos o concede; e se dá por

satisfeito. Não he na verdade moeda equivalente, mas Deos por sua infinita bondade com ella se dá por satisfeito, e concede o perdão, com tanto que seja moeda verdadeira, e não falsa, isto he, verdadeira *penitencia.* Assim como no commercio civil se encontrão a cada passo muitas moedas, que parecendo puro ouro, ou fina prata, o não são, assim tambem neste commercio com Deos, em que se pertende negociar a satisfação de taes dividas, ha sem duvida, e muito mais, moedas falsas, cujo valor mui bem conhece Deos, e que por isso nós devemos hoje levar ao contraste, para conhecermos seus quilates.

D. — Eu penso que então será verdadeira moeda a *penitencia*, quando for mais dolorosa, e penosa.

P. — Dolorosissima, e penosissima no corpo poderá ser, e contudo não será verdadeira *penitencia.* Deve sim ser dolorosissima, e penosissima, mas mais na alma do que no corpo, pois que então somente merecerá o nome de *penitencia.* Para isto entendão, o que he a *penitencia*, que aqui faz a verdadeira moeda de absoluta necessidade para o perdão. Attendão a esta mesma palavra, que em si mesma contem a significação. He composta de duas palavras *latinas* que são o substantivo *poena*, e o verbo *tenére*; *poenam tenére*, ter pena, dôr, e pezar. D'ambas se formou o verbo *poenitere*; e a palavra *poenitens*, e no portuguez *penitente*, tem sempre a mesma composição, assim como a *penitencia*, cuja significação he sempre a mesma. He pois a *penitencia* verdadeira, que aqui se exige, a dôr, o pezar, o arrependimento de coração; o que este tem, se chama *penitente*, como que exprime hum homem cheio de dôr, pezar, e arrependimento de seus peccados: *Poenitens*, id est, *poenam tenens*; homem, que tem pena, dôr, e sentimento.

D. — E que tal he a nossa ignorancia! Porem, P., não deve ser acompanhada da penitencia do corpo?

F. — Se tiverem a da alma, tambem terão a do corpo.

P. — Assim he; mas se faltar esta, tudo faltará, e bem pouco, e de certo nada valerá para conseguir o perdão. De balde o peccador retalharia o seu corpo, e por todos os meios, e modos o atormentaria, pois não conseguiria o perdão sem esta penitencia, isto he, sem esta dor, e pezar dos peccados. Queirão pois entender, que a verdadeira *penitencia* he o mesmo, que a designada com o nome de *Contrição*, de que nos serviremos.

Contrição.

A. — Eu tenho, que oppor. Essa *penitencia* he inteiramente interior, e minha *penitencia* deve ser publica.
F. — Está Vm. ardendo pelas *penitencias*! Ambas terá.
P. — Não se afflija, pois com a primeira terá a segunda, e ella o fará apparecer aos olhos de todo o mundo, como verdadeiro *penitente*, com o que tirará os escandalos, e dará a devida satisfação, se comtudo não se envergonhar de servir a Deos.
A. — Levasssem os diabos a vergonha de servir a meu Creador, que não tive de servir ao mesmo diabo!
M. — Eu digo o mesmo, e de todo o coração.
F. — Bom, bom! Isto vai bom. Não chore, Sr. Br., pois me faz tambem chorar. Tudo se fará bem.
D. — Com seis centos faria desapparecer diante de mim, o que tendo conhecimento de Deos, qual aqui temos adquirido, se envergonhasse de o servir.
P. — Taes sentimentos desafião tambem as minhas lagrimas. Queirão porem permittir-me, que continue no desenvolvimento desta tão interessante materia.
D. — Calemos todos, e guardemos perfeito silencio.
P. — Oução primeiro a doutrina, que sobre este respeito nos propõe, para crermos, a santa *Igreja*. Eis-aqui como se explica congregada em *Trento* na *Ss.* 14. *c* 4. *Contritio, quae primum locum inter poenitentis actus habet, animi dolor, ac detestatio est de peccato commisso cum praeposito non peccandi de caetero*; a *Contrição*, que tem o primeiro lugar entre os actos do penitente, he huma dôr d'alma pelos peccados commettidos com proposito de nunca mais peccar. Eis-aqui a devida definição, que põe patente, o que he a *Contrição*, que faz a essencia da verdadeira penitencia. Constituindo o seu objecto nos peccados ja commettidos, attende ao futuro no proposito, e resolução firme de nunca mais os commetter.

Em quanto á necessidade desta *Contrição* para obter o perdão, continúa a dizer: *Fuit autem quovis tempore ad impetrandam veniam peccatorum hic contritionis motus necessarius*; foi sempre em todos os tempos necessario este movimento de *Contrição* para conseguir o perdão dos peccados. Daqui entenderáõ esta verdade bem conhecida, e confessada, que jamais peccador algum conseguio o perdão de

seus peccados sem esta *Contrição*, esta dôr d'alma, e detestação dos commettidos, com proposito de não mais os commetter. Temendo ainda o santo *Concilio* não se haver explicado bem, e desejando remover toda a duvida, quando a pudesse haver em materia de tão grave ponderação, accrescenta, que esta *Contrição* tão necessaria não consiste na só cessação do peccado, nem ainda no proposito de huma nova, e melhor vida, e mesmo na pratica della, mas deve conter o odio dos peccados, pezar, e arrependimento: *Declarat sancta Synodus hanc Contritionem, non solum cessationem a peccato, & vitae novae praepositum, & inchoationem, sed veteris etiam odium continere.*

F. — Perdôe lá Sr. Br., porque tenho aqui, que dizer. Eis-ahi huma birra, que ja tive com hum Confessor em materia de conversa, que dizia dever-se dar por satisfeito, e seguro de fazer boa Confissão o peccador, que depois della se emendava. Eu affirmava, que bem se poderia emendar, e não ter a devida *Contrição*; e então tudo nullo, pois nulla, e sacrilega ficava a Confissão.

D. — Segundo aquella doutrina, que devemos crer, assim he. Porem parece, que o Confessor julgara com prudencia da existencia da *Contrição* no penitente, que se emenda, porque attribue esta áquella.

P. — Essa na verdade he a regra geral, por onde todos nos guiamos, pois não podemos entrar de outra sorte no recondito dos corações. Para ajuizarmos da validade, ou nullidade das Confissões do penitente fazemos algumas perguntas que se limitão no testemunho, que de si dá o penitente, tanto no dictame da consciencia, como na conformidade com os actos exteriores. Dizendo, que sim tinha em suas confissões a verdadeira *Contrição*, e devida emenda, que mais poderá aqui fazer o Confessor? Porem a verdade... Só Deos a conhece.

F. — Pela maior parte, ainda os que parecem os mais devotos *Christãos*, segundo o que eu tenho observado, em nada pensão tanto, como no exame de consciencia; então ficão satisfeitos, quando tendo feito as preparações, e os actos, conforme estão nos seus livrinhos, e nada lhes fica por dizer na Confissão. Eu digo, que não he assim, e no que sobre tudo devem cuidar he em conceber no coração a verdadeira dôr, e arrependimento. Este he o meu *credo* velho.

P. — Assim he; porem não ponhamos em anciedades pessoas devotas, e escrupulosas; porque estas não levão á Confis-

são mais do que culpas, a que chamamos veniaes, que não necessitão deste Sacramento para serem perdoadas. He contudo bem reprehensivel abandono, ou negligencia em procurar, como a cousa mais necessaria, e mesmo absolutamente necessaria, esta dôr ou *Contrição* dos peccados, que sendo mortaes, jamais podem ser perdoados sem ella. Pôr cuidado, em que digão, ou confessem tudo sem que lhes esqueça alguma cousa, bom he, e bastante louvavel; porem de que lhes valerá se não tiverem a necessaria *Contrição*? Mil vezes, que confessassem hum peccado mortal sem ella, bem longe de conseguirem o perdão, mil sacrilegios commetterião, pois que sacrilegas são Confissões sem *Contrição*.

Devem ainda entender, que mais necessaria he a *Contrição* dos peccados, do que a mesma Confissão Sacramental. Esta sem a *Contrição* he hum sacrilegio; mas a *Contrição* por si só pode salvar, como hiremos vendo. Embora não se confesse tudo o que se devia confessar, ou porque não lembra, ou porque não o permittem as circunstancias; se houver a *Contrição*, será boa a *Confissão*. Finalmente a *Contrição* he tão necessaria na Confissão, como o he a agoa no Baptismo, pois que sem ella não pode haver este Sacramento; assim tambem não pode haver Confissão sem *Contrição*.

F. — Ponha, P., isso em pratos limpos, porque cuidão todos, que em dizendo de cór, se he que o sabem, ou pelo livrinho o acto de contrição, encarrilhando-o bem aos pés do Confessor, e dando bons golpes no peito, que fação estrondo, tem feito tudo, e ficão como anjinhos. Mas eu desconfio bem, que taes corações sejão pedras, que se não quebrão com taes golpes.

Tambem devem saber outra cousa, que alguns nem na ultima enfermidade querem entender. Quando calão peccados, ou por falta de *Contrição*, ou qualquer outro motivo, as Confissões são nullas, devem depois confessar essas mesmas Confissões, e *Communhões*. Se por exemplo ha quarenta annos que tem feito más Confissões, e se confessavão cada anno duas vezes, e commungavão outras tantas, devem dizer: Eu me accuso de que por minha culpa, e maxima culpa commetti oitenta *sacrilegios*, e de que outras tantas vezes pequei mais do que *Judas*, e mais do que os *Judeos* crucificadores de J. C., pois o recebi indignamente, e mais pequei, do que se o arrojasse em huma esterqueira, mettendo-o no meu peito danado, onde reinava o

demonio. Puz meu *Senhor* J. C. aos pés do demonio. Isto fiz por minha grande culpa, porque sou o mais malvado que ha no mundo, e pode haver.

M. — Eu me accuso, P., daquelle mesmo modo, mas não sei ainda quntas vezes o fiz na minha infancia.

A. — Eu faço o mesmo; porem desde alguns annos a esta parte, que me não confesso nem commungo.

P. — Ainda bem, que não commetteo taes sacrilegios. O que acaba de dizer o Fr. he huma verdade. O peccado de huma *Communhão* indigna a tudo excede, como em outra occasião dissemos. Em quanto á *Contrição*, eu vou a levar esta moeda ao contraste, ou a mostrar os quilates, que deve ter, para saberem quando será verdadeiro ouro, com que Deos se satisfaça, e dê o perdão. A' vista delle conhecerão todos, o que devem pensar de suas Confissões passadas, e não menos quando se poderão julgar bem dispostos para este *Sacramento*, como verdadeiros *penitentes*.

Qualidades da Contrição.

Para o fazer com o melhor methodo, possivel clareza, e mais facil percepção, lembro-me daquellas quatro dimensões, qualidades, ou propriedades, que S. *Paulo* quer, que todos entendão, fallando da caridade, e amor de Deos, em que entra, e deve assentar, como em sua base, a *Contrição*, ou dôr de peccados, de que tratamos. *In charitate radicati, & fundati*, diz; estai bem radicados, fundamentados na caridade, para que possais comprehender, qual seja a sua latitude, e longitude, a sua sublimidade, e a sua profundeza: *Ut possitis comprehendere, quae sit latitudo, & longitudo, & sublimitas, & profundum. Eph.* 3. 13.

A. — Essas são as quatro dimensões geometricas de qualquer objecto, que são a latitude, comprimento, altura, e fundo; porem estas somente se dão em cousas materiaes, e não em cousas intellectuaes.

P. — Muito embora, pois eu para melhor clareza a representarei quasi ao alcance dos nossos sentidos corporaes. Direi pois que a *contrição* dos peccados deve ser *profunda*, *larga*, *longa*, e *alta*, e mesmo *sublime*. Todos os *Christãos* para o serem, devem comprehender qual seja esta *profundeza*, *latitude*, *longitude*, e *sublimidade*: *Ut possitis comprehendere* &c. Fallemos de cada huma de per si com a possivel brevidade.

Contrição profunda.

Deve a *contrição* ser *profunda*, porque ella deve ser interior, e formada, para que assim diga, no fundo do coração, porque he a este que Deos sobre tudo attende, e a quem não enganão exterioridades, como succede nos homens. Hum pintor, ou escultor de imagens, somente attende ao exterior, e nada se importa com o interior. Nada interessa ao imaginario, que a imagem, em que trabalha, seja por dentro ôca, de máo barro, ou madeira, com tanto que por fóra, e no que apparece á vista, seja bem feita, bem proporcionada, bella, e formosa. Não he porem assim Deos, que neste respeito faz o contrario, attendendo somente ao interior.

A primeira cousa, que Deos forma nos nossos corpos ainda no ventre, he o coração, como principio vital. Seguem-se as mais entranhas, e ultíma esta obra com as exterioridades. Não de outra sorte nas obras da graça, de que tratamos. Pouco importa perante Deos, que o homem, por exemplo, se reconcilie com o seu inimigo nas palavras, e obras, se no coração reconcentra o odio. Poderão estas exterioridades enganar os homens, mas não a Deos, que desprezando-as, attende, esquadrinha, sonda, e entra no fundo dos corações: *Scrutans corda, & renes Deus. Psal.* 7. 11. Que pois importará a Deos, que o peccador procure a *Igreja*, o Confessor se humilhe, confesse tudo, fira o peito, e dê outras demonstrações de dôr, e *contrição*, se o coração não se dóe, nem nelle existem os sentimentos, que se inculcão nestas exterioridades? Deos conhece a mentira, e a hypocresia, que nisto ha.

He o coração a fonte d'onde brotão as maldades, e d'onde sahem os peccados, que nelle lanção as raizes: *De corde exeunt cogitationes malae*, diz J. C., *humicidia, adulteria, fornicationes, furta, falsa testimonia, blasphemiae. Math.* 15. 19. Do coração, onde tem o seu assento, sahem as más lembranças, e desejos, os homicidios, adulterios, luxurias, furtos, e finalmente todos os peccados. Pois se do coração sahem, porque nelle são concebidos, e nelle lanção as raizes, sejão ahi arrancados, sejão ahi destruidos os males, que ahi tem sua origem, e existencia, seque-se a fonte, d'onde dimana tal veneno.

Lançai fóra de vós, manda Deos por *Ezequiel*, todas

vossas prevaricações, e maldades: *Projicite a vobis omnes praevaricationes vestras.* 18. 31. Mas como se hão de lançar fóra? Será somente com se manifestarem aos Confessores? Assim o pensarão alguns, e com muita segurança dirão, que peccado confessado he peccado perdoado; e de nada mais cuidão. Engano, e cegueira fatal! Não he com a sua manifestação, nem com o bater nos peitos, nem ainda com os actos de *Contrição*, apenas pronunciados com a boca. Como se lançarão fóra com isto, se elles estão radicados no coração, em que não tocão nem as palavras, nem as mais exterioridades? O mesmo coração he o proprio, que as deve expellir de si, e arrojar fóra pelo pezár, pelo sentimento, pela dôr, que chamamos *Contrição*, e não de outra sorte.

He o coração, que se apartou de Deos dando-se por amor, e vontade ao peccado. Por aqui pois deve principiar o penitente, retrogradando, voltando-se a Deos, e aborrecendo, o que havia amado, e amando o que havia aborrecido. He no coração, que se origina, e consumma o peccado, antes que sahia á obra; no coração se fórma o desprezo de Deos, e se injuria, se volta a alma, e vontade, e se ama o peccado, aborrecendo a Deos, e sua Lei. Deve o mesmo coração retrogradar nestes passos, e em si mesmo destruir, o que fez: deve voltar-se a Deos, e a ama-lo, aborrecendo de coração toda a maldade, que antes havia amado.

Não olha Deos como peccado, o que de qualquer sorte que seja, não tem origem no coração, isto he, na má vontade; e por isso se costuma dizer, que olha Deos, ao coração, e não á mão. Com esta se pode matar hum homem, sem o coração ter parte, não intentando, nem o querendo, nem prevendo. Eis-aqui hum tão grande mal; e contudo não o imputa Deos a peccado, por isso mesmo que o coração não teve nelle parte.

A. — Temos entendido, que esta mudança, e conversão, se deve fazer no coração. Porem até onde se deve estender esta mudança, e conversão?

P. — A todo o coração: *Convertimini ad me*, diz Deos, *in toto corde vestro. Joel.* 2. 12. Convertei-vos a mim; mas como? Bastará para a conversão a cessação de peccar? A só Confissão? O bater nos peitos? Não; mas sim, *In toto corde vestro*, em todo o vosso coração, e não em parte. Não despreza Deos as exterioridades, com tanto que

sejão procedidos do coração: *Convertimini ad me in toto corde vestro, in jejunio, in fletu & in planctu*; seja primeiro a conversão do coração; e desta procedão os jejuns, as lagrimas, os gemidos, e mais morteficações.

A. — Confesso, que não entro na razão dessa economia divina. Parecia-me, que bem poderia Deos dar o perdão ao peccador, que apezar de não ter essa conversão de coração, fizesse muitas morteficações.

P. — Não o poderia fazer, sem destruir nelle o peccado, que impede a reunião comsigo daquelle peccador.

D. — Esqueceo-se o Sr. At., do que nos disse o nosso *Mestre*, e he que não devemos perder de vista, que se trata aqui da reunião ao *Corpo* de J. C., de hum membro separado, sêco, e pôdre.

A. — Não ha duvida, e para isso he necessario quebrar ainda as cadêas, que o tem prezo, destruindo o peccado &c. Agora me recordo. As morteficações do corpo não poderião destruir, o que ha na alma. Queira continuar.

P. — As morteficações corporaes são boas, se, como digo, são procedidas da boa disposição, e perfeita conversão do coração. Esta conversão em todo o coração, que Deos exige para o perdão, e qual ella deva ser, está bem expressa na palavra, com que a *Igreja* a designa, dando-lhe o nome de *Contrição*. Ella põe bem patente, o que he esta conversão de coração, e os effeitos, que nelle deve causar. *Contrição*, e *attrição* são duas palavras, de que a *Igreja* se tem servido, para distinguir hum do outro dois motivos differentes da dôr, e pezar dos peccados, como vemos no mesmo santo *Concilio de Trento*, e que brevemente explicarei: ellas ambas porem tem o mesmo significado, e bem expressivo.

Ja *David* se havia servido em seus *Psalmos* da palavra *Contrito*, mostrando quam agradavel he a Deos hum coração nesta disposição: *Cor contritum & humiliatum, Deus, non despicies. Ps.* 50. 19. Não desprezareis, Deos, o coração humilhado, abatido, e contrito. He daqui que a *Igreja* a tirou, ou para melhor dizer, seguio a mesma lingoagem, que sempre teve desde a sua infancia; quando não fosse nas mesmas formaes palavras, de certo o tem feito nas mesmas significações, e sentido. Com esta sempre se expressou a conversão do coração pela dôr, e pezar dos peccados, que sempre foi indispensavel para obter o perdão.

He esta palavra derivada do verbo Latino, *Contero*, cujo

partecipio he *contritum*; e significa natural, e propriamente, *moer*, *pizar*, *gastar*, *reduzir a pó.* O mesmo significado tem o verbo *Attero*, que faz o partecipio *Attritum*, d'onde he derivada a palavra *Attrição*, de que a *Igreja* se tem servido para melhor explicar os dois differentes motivos do significado, que ambas tem. Sirvamos-nos por ora da palavra *Contrição.*

D. — Visto isso quer o Sr. Ab., que na Confissão, e verdadeira conversão necessaria para o perdão, seja a dor tal, que môa, pize, gaste, reduza a pó o coração!

P. — Nada menos. Quando não produza taes effeitos não será verdadeira *Contrição*, não será verdadeira moeda, com que se possa satisfazer a Deos. Pelo Propheta *Joel* mandou elle dizer áquelle Povo: *Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra. Joel.* 2. 12. Rasgai vossos corações, e não os vossos vestidos. Era este o costume, que usavão nas occasiões de grandes sentimentos; e o fazião ainda em sinal figurativo, e significativo da dor, e pezar dos peccados, que lhes rasgava os corações. Porem Deos mais quer o figurado, do que o figurativo. Deixai de rasgar os vestidos, não me enganareis com essas exterioridades, lhes dizia, rasgai os corações, e não os vestidos: *Scindite corda vestra, & non vestimenta vestra.*

A. — Figurativo deve de ser tambem esse rasgamento do coração, pois que verdadeiro, e real não pode ser.

M. — He lingoagem ordinaria, e bem expressiva de grande sentimento, quando se diz, que rasga os corações. Não pode ser em outro sentido.

P. — Pois eu direi, que tanto se devem rasgar, e fazer em pedaços, que até se devem reduzir a pó, moendo-os, conterindo-os, e atterindo-os. Quando estes effeitos não produza a dor, ella não será verdadeira *Contrição.*

A. — Não nos queira levar, P., á desperação, exigindo impossiveis tão extraordinarios.

P. — Longe de mim que tal queira! Não exige Deos impossiveis. Se o são ao só homem, a sua graça os torna possiveis, e mesmo facilita. Não se desanimem apezar da minha lingoagem; que não he minha, mas sim divina; e Deos não permitta, que eu falle outra.

Tanto se devem rasgar os corações, fazer em pedaços, conterir, e reduzir a pó, que mesmo se consumão inteiramente, para se formarem huns novos corações. Dois prodigiosos effeitos; consumir hum coração, e formar outro:

quando isto não faça, não será verdadeira a Contrição, e qual Deos exige, pois que manda arrojar fóra de si todas as prevaricações, maldades, e peccados, e fazer-se hum coração novo: *Projicite a vobis omnes praevaricationes vestras, & facite vobis cor novum.* Queirão notar, que manda, e exige para o perdão, lançar fóra as iniquidades, ou peccados, e ainda fazer hum coração novo. Porem o homem não pode ter dois corações: para se crear, ou formar hum coração novo, he necessario, que acabe com o velho; mas para o fazer he necessario, e indispensavel, que o rasgue, faça em pedaços, mòa, gaste, e reduza a pó; e eis-aqui a *Contrição* do coração. He então somente, que se poderá formar hum novo coração: *Facite vobis cor novum.*

M. — Por ventura posso eu metter a mão, ou qualqer outro instrumento d'entro do peito, para ..?

F. — Não he isso; não o entendem; deixem-no fallar, e então entenderáõ. Vms. querem, que se reuna ao *Corpo* de J. C. hum coração malvado, qual he o do peccador? Havia de fazer bella união!

D. — Tem razão, Sr. Fr.; mas como poderá ser?

F. — Se achão difficuldade em acabar com o coração velho, e formar hum coração novo, maior a deveráõ achar em acabar com o espirito, ou alma velha, e fazer espirito novo, ou huma nova alma; e contudo deve isto fazer o peccador, que pertender conseguir na Confissão o perdão dos seus peccados, pois he isto q que exige Deos: *Facite vobis cor novum, & spiritum novum.* Notem agora estas tres, ou quatro cousas, que são de absoluta necessidade, e que Deos exige no penitente para que sua penitencia lhe seja aceita, e conceda o perdão, que eu lhes singulariso...

F. — Valha-me Deos! Vms mudão de côr! Não se desanimem. Olhem que tudo aquillo he muito facil.

M. — Como he facil! He impossivel inteiramente.

F. — Não he tal. Eu sei, que ja o fizerão, porque ja tem coração novo, e alma nova, pois ja não são o que antes erão. He isto verdade?

A. — Parece-me que sim, e com isso me lisongeio.

F. — Pois ahi tem; e estejão socegados.

M. — A ser assim, faz-nos nascer huma alma nova.

F. — Pois ahi tem ja duas almas novas.

A. — Visto isso não nos enganamos, pensando ser tudo figurativo, e não real, e physicamente.

P. — He assim o que diz o Fr., porem não he huma cousa

n 1

que mereça o nome de figurada, mas sim he real, e propriamente verdadeira em si mesma. Então o verão quando tenha desenvolvido esta materia, cuja intelligencia he de summa necessidade; pois sua ignorancia faz hir ao inferno muitos peccadores a olhos fechados, pensando hir ao *Ceo.* Nem tal ignorancia os desculpará, por ser inexcusavel, pela obrigação, que tem de tal instrucção.

D. — Diga, P., com a possivel clareza, o que ha nesta materia, porque eu não quero ser desse numero.

P. — Singularisando os requesitos, que Deos aqui exige, vemos, que deve o penitente lançar fora de si os paccados: *Projicite a vobis omnes praevaricationes vestras*; isto se faz pelo odio, e aversão ao peccado. Deve conterir, consumir o coração, e esta he a verdadeira *contrição*; o que fará pelo pezar, dor, e arrependimento. Daqui hum coração novo, e nova alma, que he sequencia forçosa do acabamento, e anniquilação do antigo coração, e velho espirito: nem será de alguma sorte difficil esta nova formação, ou creação. O mais difficil he acabar com o velho coração invetcrado na culpa. Eis-aqui como se praticará o que S. *Paulo* manda aos peccadores: *Deponite vos secundum pristinam conversationem veterem hominem, qui corrumpitur secundum desideria erroris. Eph.* 4. 22. Deponde, despi-vos do homem velho, qual ereis pela vossa má conducta, corrompidos pelas vossas concupiscencias, e sensualidades. *Renovamini autem spiritu mentis vestrae.* ℣. 23. Renovai-vos no espirito de vossa alma, isto he, em novos e bons desejos, de sorte que façais huma nova alma, que apezar de ser a mesma, se renove nos bons desejos, e sentimentos. Com isto vesti-vos, tornai-vos, transformai-vos em homem novo: *Induite novum hominem*, ℣. 24.

S. *Pedro* ainda quer, que de tal sorte seja esta renovação, que se faça o peccador, como menino recem gerado. Deponde, lançai fora toda a malicia, os dolos, as invejas, as sensualidades, e toda a iniquidade, e fazei-vos meninos gostando o leite da sinceridade, verdade, e pureza: *Sicut modó geniti infantes* &c. 1. *Petr.* 2. 2.

Queirão agora entender, como isto se faz verdadeiramente quando a *contrição* he qual deve ser, e não duvidarão, que he propria, e real transformação de coração velho, e antigo espirito, em coração novo, e nova alma; transformação verdadeira de homem velho, em novo homem. Quando o peccador sinceramente se converte dando lugar em

seu coração a huma sincera dor, pezar, e arrependimento de suas culpas, a que chamamos verdadeira penitencia, conforme a ethymologia da palavra, ou *contrição* de coração, experimenta em si estes effeitos; e por elles conhecerá se na realidade sua penitencia ou *contrição* he verdadeira. O coração, e o espirito de tal sorte se rasgão, despedação, e se desfazem, que parecem anniquilar-se, e de novo renascer. Acabão aquelles corações, e almas inveteradas, e obstinadas nos vicios, na malicia, e habitos depravados, e são substituidos por corações, e espiritos, que ninguem dirá, que são os mesmos, que antes erão, porque se vêem novos desejos, novas inclinações, novos effeitos, novas operações; e em fim qualquer dirá: Este homem ja não he quem antes era: he hum homem novo com hum novo coração, e nova alma, mui bem differente, do que antes era.

A. — Ainda bem, que ja estamos desassombrados de tão grande susto, e satisfeitos.

P. — Entendão agora mais quam bella, e sempre conforme comsigo mesmo he a economia divina, na reunião a seu *Corpo.*

D. — Nisso mesmo estava pensando, e presumo entende-lo perfeitamente. Trata-se no Sacramento da penitencia, ou Confissão não só do perdão dos peccados, soltura das cadèas, e prisões, mas ainda da reunião ao *Corpo* de J. C. de hum membro sèco, e pôdre. Como se poderá fazer esta reunião, senão anniquilando-se, e creando-se de novo hum outro coração, e hum novo espirito? Tudo marcha em perfeita, e divina conformidade.

F. — He necessario metter esse homem velho em huma certa forja, para sahir hum homem novo. Entendeis todos?

P. — Esse pensamento he verdadeiro; e como forja em certo modo podemos considerar a *Contrição*, e verdadeira penitencia. Quando não haja esta renovação, jamais se poderá o desgraçado, que se separou pelo peccado, reunir-se ao *Corpo* de J. C. Para o fazer, e conseguir, deve ser perfeita esta renovação de tal sorte, que em tudo fique renovado sem alguma mistura do que era velho, pois que a todos os peccados, vicios, e maldades se deve estender a *Contrição.* Vejamos pois qual deve ser a sua

Latitude, ou largveza.

Vista a profundeza da *contrição*, ou dôr, que no fundo do coração deve ser formada, e seus effeitos, passemos a vêr a sua *latitude*, que he a segunda dimensão, qualidade, ou requesito. Deve ella ser *larga*, porque se deve estender em toda sua *latitude* a todos os peccados mortaes, de qualquer especie que sejão. Falsa dôr, *contrição*, e penitencia he a daquelle infeliz, que somente tivesse pezar, e dôr de huns peccados, e não d'outros. He axioma theologico bem certo, e evidente, que se não perdoa hum peccado, sem o perdão d'outro: *Impossibile est per poenitentiam remitti unum peccatum sine altero.* Ou hão de ser todos perdoados, ou nenhum o será. Jamais poderá entrar a graça do *Senhor* na alma, em que reina o peccado: jamais se poderia fazer a reunião com o *Corpo* de J. C. de hum membro, que por qualquer peccado está unido, e em escravidão do diabo. Deve pois estender-se a *Contrição* a todos os peccados mortaes sem excepção de algum.

Bem clara, e expressamente o manda o *Senhor* quando diz: *Convertimini ad me in toto corde vestro*; convertei-vos a mim em todo o coração, e não em parte. Seria converter-se em parte, e não em todo, o que não aborrecesse a todos os peccados sem excepção de algum; que tendo dôr, e pezar d'uns, não o tivesse d'outros. A este se poderia applicar aquillo de *Jeremias*, dito no mesmo sentido: *Non es reversa ad me, praevaricatrix, in toto corde tuo, sed in mendacio. Jer.* 3. 10.; não te voltaste a mim, alma infiel, e perjura, em todo o teu coração, mas sim em mentira; és perjura, e falsaria.

Isto he bem claro; porem a cegueira, que o peccado põe no entendimento do peccador he grande. Por isso não será superflua alguma pequena demora. Dirão talvez muitos: Eu sempre me accusei de todos meus peccados, e tinha dôr, e pezar de todos á excepção de hum, em que cahia com facilidade, e nunca pude aborrecer de coração. Que desgraçado! lhe diria eu. Tua penitencia sempre foi falsa, e na escravidão do demonio sempre tens estado, nem algum peccado te tem sido perdoado, nem jamais te reuniste ao *Corpo* de J. C., de que sempre tens estado separado. Bem claramente falla o *Senhor*, nem de outra sorte podia ser: *Convertimini ad me, & agite poenitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris. Ezech.* 8. 30.

Já vimos, o que he, ou deve ser a penitencia, que expressa a verdadeira *Contrição*, e forma a verdadeira conversão. *Convertimini*, diz pois o *Senhor*. Convertei-vos a mim, voltai a reunir-vos comigo. Mas como? Tendo o devido pezar, e dôr de todos vossos peccados: *Agite poenitentiam ab omnibus iniquitatibus vestris.* Lançai fóra de vós todas vossas prevaricações, e maldades: *Projicite a vobis omnes praevaricationes vestras, in quibus praevaricati estis*; e com isto, e não de outro modo, vos deveis fazer hum novo coração, e novo espirito: *Et facite vobis cor novum, & spiritum novum.* ℣. 31. Em vão pois procuraria fazer-se deste modo, o que não aborrecesse, tivesse dôr, e pezar de todos os peccados, e conservasse affecto a qualquer delles.

A. — Temos entendido; e bem clara está a verdade.

P. — Quiz o *Senhor* dar-nos ainda bem expressiva figura, no que obrou na sahida do *Egypto* do Povo *Hebreo*, cuja escravidão sempre foi tida como verdadeira representação da alma em peccado; e sua libertação ainda representa em tudo a da alma, libertando-se da escravidão do demonio. Marchava pois este Povo pelo deserto, sahindo da escravidão, porem todo o exercito de *Pharaó* o seguia, para o reduzir ao cativeiro. Abre-lhe Deos o mar vermelho, que sem duvida representava o seu preciosissimo *Sangue*, que he o preço de nossa Redempção. Pelo mesmo caminho o segue o exercito inimigo; porem naquelle mar he todo affogado, e nem hum só escapou: *Nec unus quidem superfuit ex eis. Exod.* 14. 28.

Como hum mar, em que affogue todos os peccados deve ser a *contrição* do penitente: *Velut mare contritio tua*, disse *Jeremias. Thr.* 2. 13., ainda que em outro sentido. A todos se deve estender a dôr, e o pezar, para que em toda sua extensão o coração se renove. Não só na extensão da *latitude*, mas ainda na da *longitude*, porque a *Contrição* se deve estender não só a todos os peccados, mas ainda a todos os tempos. Tal he a sua *longitude*, ou comprimento, que faz a terceira dimensão, ou requesito, de que vamos a fallar...

Longitude da Contrição.

Quae sit longitudo ejus. Esta dimensão, ou requesito faz hum contraste, se me não engano, que porá bem pa-

tente os quilates do metal desta moeda da *Contrição*, mostrando se he qual deve ser, e qual Deos exige em satisfação dos peccados, e por consequencia o que se deve julgar da maior parte das Confissões dos penitentes dos nossos tempos. Não pertendo eu alarmar consciencias, que gosaráõ da bem fundada paz, como são as que sempre tem vivido no temor de Deos, e cujos peccados não passão de miserias inseparaveis da natureza humana, de que nem ainda os santos forão sempre izentos: mas não deve deixar em falsa paz consciencias depravadas, que lhes será mais perigosa ainda do que os mesmos peccados.

D. — Assim deve ser na realidade. Nada pode ser mais terrivel do que pensar o homem, que está seguro, e em bom caminho, quando na verdade está á borda do precipicio.

F. — Quantos tenho eu encontrado desses mesmo na morte! Teimão, que sempre tem feito boas Confissões; e eu a saber com certeza, que sempre as fizerão pessimas, porque pessimas forão suas vidas. Rarissimos tenho achado daquelles, que julgão mal das suas Confissões.

P. — He bem difficil na verdade! Fatal ignorancia!

M. — Porem se he ignorancia, achará desculpa, pois que seremos julgados pela nossa mesma consciencia.

P. — Mas não quando a ignorancia he inexcusavel, por crassa, e summamente culpavel, que faz a consciencia erronea, e criminosa. O *Christão* deve, e he obrigado a saber a Lei, que professa, e os deveres, que lhe impõe a *Religião*. Esta ignorancia he hum formal peccado, de que não se pode livrar, em quanto não se tirar della. Ella mesma forma o peccado.

F. — Ah, que bem digo eu! E não me custa pouco ensinar alguns pontos mais principaes aos enfermos, e ás vezes ja moribundos. Parecem mesmo huns brutos.

P. — Eu nada lamento tanto como a ignorancia, por isso mesmo que a julgo em toda a extensão do sentido a causa principal da perdição geral. Mas ella passa a excesso no respeito, em que fallamos. Dirão todos os requesitos necessarios para a boa Confissão; e ao mesmo tempo que os estão dizendo, ignorão o que dizem. Caso fatal! Dirão de boca o acto de *Contrição*, se por ventura o sabem, mas ignorão inteiramente o que elle he, e contem; não o sabem fundamentar, nem motivar. O que vou a dizer, e tenho dito, não são novas doutrinas, mas sim são divinas, e eternas, que nenhum *Christão* deveria ignorar, e dor ellas tirasre-

dos erros, em que está relativamente a suas Confissões.

F. — Deixe-se disso, costumão elles dizer; peccado confessado he peccado perdoado; o mais são escrupulos. Então me chega vontade de lhes quebrar as cabeças.

P. — Basta de digressão, ainda que teve lugar. Temos visto qual deve ser a profundeza da dor, ou *Contrição*, e sua largueza. Vejamos sua *Longitude*, ou comprimento; que deve ser tal, que estendendo-se ainda alem dos seculos, não deve conhecer limites, nem alguns fins. A definição, que a *Igreja* dá della, bem claramente o diz: *Contritio est animi dolor, ac detestatio de peccato commisso cum proposito non peccandi de caetero*; he a *Contrição* huma dor d'alma pelos peccados commettidos, com proposito de não mais peccar. He este proposito, o que faz o presente objecto.

D. — Eu o acho mui coherente, e indispensavel, pois que me parece essencial á mesma *Contrição*, dor, e pezar. Se por ventura he certo, que o penitente tem dor, e pezar dos peccados commettidos, indispensavelmente deve ter esse proposito de não mais peccar; nem sem elle poderá haver pezar dos peccados commettidos.

P. — Assim he; e tão annexos andão hum com o outro, que o proposito se reveste das mesmas qualidades da dor; pois qual esta for, tal será aquelle. Estendendo-se a dor a todos os peccados commettidos, o proposito se estende a todos, os que poderia commetter. Mas ponderemos por hum pouco este, *não mais peccar*, que encerra o proposito. Eu não ignoro, que todos aquelles, que não vão dispostos a fazer pessimas Confissões mui de proposito, e sabem articular as palavras, que contem o acto de *contrição*, todos dizem: *Proponho nunca mais peccar.* Porem que? Fallão elles verdade?

F. — Mentem; são huns perjuros sacrilegos, que andão zombando de Deos, e profanando seus santos Sacramentos.

D. — Então que demo os tenta a hirem mentir?

F. — Não sei; mas sei, que são sacrilegos falsarios.

P. — Eu quizera entrar em perguntas com cada hum desses muitos, que pela quaresma principalmente vão á Igreja representar o papel de penitentes, e lhes diria assim: Dize-me, filho, ou filha, na verdade tu estás resolvido a emendar-te de teus peccados, teus máos costumes, tuas sensualidades, e malicias? Estás por ventura resolvido a nunca mais em tempo algum tornares a commetter semelhantes, nem quaesquer outras maldades? Falla conforme com o teu coração,

e dize, o que elle te diz. Quam pouquissimos serião, os que respondessem: Sim, na verdade estou resolvido, ajudado da graça, e soccorros divinos a nunca mais peccar!

D. — Pois então he falsa a sua dor, falsa a *Contrição*.

P. — Não digo que todos respondessem, que não tinhão tal proposito. Grande parte o deverião dizer, quando quizessem dizer a verdade. Perem eu me refiro somente áquelles que se numerão entre os bons *Christãos*, e presumem ter temor de Deos. Que responderião estes pela maior parte? Acaso dirião com verdade: Sim, sim; estou resolvido, custe o que custar, a nunca mais peccar. Muito bem hiria áquelles que com verdade assim respondessem, pois verdadeiramente convertidos estarião: mas quam poucos serião! Pela máior parte, se não todos emmudecerião. Quando fallassem, que dirião?

F. — Eu o digo, e acho que direi a verdade, porque o meu bestunto com a experiencia assim m'o tem ensinado. Eu protesto que alguns (e não poucos) responderião, que não peccarião em quanto durasse a Quaresma, ou por alguns dias ou semanas...

D. — Não pode ser que a tanto chegue a ignorancia.

F. — Eu o digo, porque o sei, e tenho dito. Quando eu pergunto os enfermos sobre a validade de suas Confissões, elles me respondem, que se emendavão por alguns dias. Que quer isto dizer, senão que limitão as suas resoluções a somente alguns dias? Outros nem a tanto as estenderáõ, porque não tem algumas resoluções a tal respeito. Elles responderião: Sim eu quereria emendar-me... Notem bem o que eu digo, e oução-no todos, pequenos e grandes, e mettão as mãos em suas consciencias, para que vejão, se com elles fallo. Elles não dirião: Sim, eu quero; mas dirião: Eu *quereria* emendar-me; cuja palavra não sei se pertence ao tempo futuro, ou preterito. Dirião outros: Eu quizera emendar-me; e estamos na mesma. Dize, máo penitente: Eu quero emendar-me. Não dirão tal. Eu quereria, ou quizera emendar-me, porem as occasiões, as tentações, o meu estado, e varias outras circunstancias não m'o permittem. Diga-me, P., se isto he verdade, e deixe-me com elles.

P. — Vm. tem bom bestunto, e a experiencia. Porem para conhecer que essa he a verdade bastaria attender á conducta de taes peditentes antes, e depois das confissões.

F. — Pois então eu lhes responderia: E's, desgraçado, hum

falso, e sacrilego penitente, que mesmo nessa palavra mentes, porque tu nem queres, nem quererias, nem quizestes, nem jamais quererás. Aparta-te daqui, e não presumas escarnecer, e zombar de Deos, profanando seus Sacramentos; e teria concluido tudo.

M. — Pois tão desabridamente os mandaria apartar-se!

F. — Sim, porque com tal gente nada se pode fazer. Andão no mundo, como o bugalho em cima d'agoa, que vai com todos os ventos sem resistencia alguma. Nem vestigios, ou sinaes alguns tem de temor de Deos, nem jamais terão; e são estes os mais desgraçados, porque nunca tomaráõ verdadeira resolução; salvo hum grande milagre.

P. — Lamentemos a cegueira de tal gente, que por desgraça, he a maior parte, e abramos-lhe os olhos para que conheção claramente o seu erro. Primeiramente este proposito, de não mais peccar, tão longe se deve estender, que parece dever ultrapassar as balizas da mesma morte, e tocar o infinito, pois deve o penitente propôr nunca mais peccar nem no tempo, nem na eternidade: deve ter tal disposição, que com verdade, e sentimentos do coração possa dizer: Eu proponho não jamais peccar, quando por impossivel eu vivesse neste mundo mil annos, e ainda por toda a eternidade. Quando eu morrendo resuscitasse, e tornasse a ser posto neste mundo, ou em estado de poder peccar, proponho não peccar em tal estado, e nunca jamais.

F. — Não mudem de côr; não se desanimem, senhores.

M. — Quem pode ouvir tal doutrina! As tentações, as occasiões não permittem taes propositos.

D. — Que tem as occasiões, e as tentações? Qual diabo me tentará, e fará peccar, se eu não quizer? Ou he que o homem se resolve, ou não. Resolvido, nem todo o inferno poderá abalar minhas resoluções.

P. — Não diz bem, Sr. Br., posto que diz a verdade.

D. — Se digo a verdade, porque não digo bem?

P. — Porque falta mencionar, o que he em tal respeito tão essencial, que sem elle nada pode o homem.

D. — Ja entendo, e ja digo como devo dizer: Se eu não quizer nem trezentos milheiros de diabos me obrigarão a peccar, soccorrido das divinas graças.

P. — Não fico ainda contente. Dirá melhor assim: Se eu, ajudado, e soccorrido das graças do *Senhor*, não quizer peccar, nem todo o inferno prevalecerá contra mim. De-

o I

vem lembrar-se, de que sem o soccorro divino, nem ainda podemos querer o bem.

D. — Estava certo nessa doutrina, mas não me sube expressar, como devia. Temos o prazer de que Deos não nos faltará com seus auxilios, se os quizermos aproveitar.

M. — Apezar disso, quem poderá dar-se por seguro..?

P. — Queira socegar-se o Sr. M.; permitta-me, que exponha a doutrina, e satisfarei depois a suas duvidas de tal sorte, que fique inteiramente satisfeito. Apezar de lhes parecerem muito arduas, e estranhas estas verdades, creião, que serei sempre conforme comigo mesmo nas doutrinas, que exponho, pois que ellas o são. Eu lhes tenho affirmado, que Deos facilitou mesmo excessivamente o caminho do *Ceo* a todos sem excepção.

A. — Pois bem; nisso confiamos, e com isso nos anima.

P. — Talvez lhes pareça encarecer ainda mais as difficuldades; porem não faltarei, ao que prometto. O proposito, de que fallamos, e qual tenho dito, deve revestir-se das mesmas qualidades, e condições, que revestem a dôr, ou *Contrição.* Esta deve gerar este filho de sua mesma natureza, e em tudo semelhante, e parecido com ella; nem pode haver tal mãi, que não appareça immediatamente com este filho: quando não haja este filho, protestarei, que não ha tal mãi.

F. — Valha-me Deos, pois nem todos entendem esses latins! Oução todos. A dôr, e pezar dos peccados deve logo apparecer com o proposito de nunca jamais peccar. Se não apparecer este proposito, não ha *contrição*, não ha dôr, nem ha penitencia, nem *Sacramento.* Este proposito, que o nosso pai chama filho, deve ser bem como a sua mãi, que he a dôr, e pezar dos peccados passados. Deve ser como ella, profundo, e bem radicado no coração, e deve tambem estender-se a todos os peccados, que possa commetter para o futuro. Agora entenderáõ. Queira continuar.

P. — Por este proposito se poderá conhecer, qual seja a *Contrição*, pelo filho a mãi, e pelas obras conheceráõ ambos; como logo veremos. He da condição da *Contrição*, de sua natureza, e essencia, diz S. *Thomaz* de *Aquino*, que se proponha não mais commetter, o que commettido causa dôr: *Est de ratione contritionis, quód quis proponat non committendum id, de quo dolet commisso.* Não poderá dizer o homicida: Peza-me haver tirado a vida a hum ho-

mem; se não disser: Eu proponho não mais matar algum homem. Assim em tudo o mais.

Qual deva ser este proposito, somente poderei dizer com as figuras, que Deos nos propõe nas sagradas paginas, para bem o entendermos. Vejamos algumas bem expressivas. Quando o Povo *Hebreo*, a quem succedia tudo em figuras, foi arguido por *Samuel* de suas pessimas idolatrias, diz o *Texto*, que arrojarão os idolos fóra dos limites, e confins de suas terras; mostrando nisto os propositos de não mais os adorar, removendo totalmente a occasião, que terião, se entre si os conservassem. Não parárão aqui. Ajuntando-se no val de *Masphat*, a confessar seu peccado diante do *Propheta*, e Summo *Sacerdote*, preveuio-se cada hum de seu vaso d' agoa, que ao mesmo tempo, que confessavão, derramavão em terra, clamando: Peccámos contra o *Senhor*: *Hauserunt aquam*, & *effuderunt in conspectu Domini... atque dixerunt ibi*: *Peccavimus Domino.* 1. *Reg.* 7. 6. Com isto o *Senhor* os livrou de seus inimigos, concedendo-lhes huma prodigiosa victoria.

Mas que figura he esta? Que elles confessassem, jejuassem a Deos, muito bem o devião fazer; mas entornar agoa na terra pareceria superstição. Porem não he assim pela significação, e sentimentos, que nessa acção, ou figura mostravão. Nas agoas quizerão mostrar a dôr, e o pezar, significando as que devião lançar pelos olhos procedidas dos contrictos corações, mas na derramação em terra mostrarão os propositos de não mais idolatrar. *Effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini. Jer. Thr.* 2. 19. Derrama, como hum vaso d'agoa, o teu coração na presença do *Senhor*, e seu Ministro. Mas como se fará isto? Que outra cousa he isto senão arrojar do coração os peccados, confessando-os, aborrecendo-os, e doendo-se delles com grande pezar, e arrependimento? Porem deve isto fazer-se, como se derramasse hum vaso d'agoa em terra, e não d'outra sorte.

Singularidades bem differentes temos na derramação em terra de hum vaso d'agoa ou de outra qualquer cousa; o que devemos ponderar. Quem derrama agoa em terra não espera tornar a recebe-la jamais: elle o faz com a resolução de perde-la por huma vez, e não mais bebe-la. Não de outra sorte o peccador, que procura o perdão de seus peccados, que deve derrama-los como agoa em terra, que sem duvida diz nessa acção: Desta agoa não beberei jamais;

não mais tornará a entrar neste vaso tal agoa; perca-se, e destrua-se para sempre.

Mais temos ainda a notar. Hum vaso d'agoa derramada de tal sorte fica limpo, puro, e enxuto, que parece nada haver jamais contido; não tem, ou conserva algum cheiro, gosto, ou sabor. Não succede o mesmo, quando se derrama qualquer outra cousa, que não seja agoa natural, pois quando não fique parte pegada ao vaso, sempre ficará pelo menos o gosto, o sabor, o cheiro ou a côr. Não seja assim a derramação do vaso do coração, derramem-se os peccados como agoa, e fique o vaso, isto he, o coração limpo, e livre sem nem o máo cheiro, gosto, sabor, ou côr: despeje-se este vaso, fique puro de toda a má vontade, de toda a complacencia...

M. — Que, P! Como poderei despejar o meu coração dós peccados, como agoa, se como agoa não são? Ha cousa mais pegajosa do que os vicios? Elles se afferrão ao coração, e á vontade, como ja nos disse em outra parte.

P. — Razão tem; e ninguem poderá ignorar as profundas raizes, que no coração deitão os vicios, e a força dos máos habitos. Sobre tudo prendem, e cativão a vontade, o affecto, a concupiscencia. Difficil será arrojar fóra, como se despeja agoa. Contudo nem por isso deve o penitente deixar de trabalhar pelo conseguir com a graça do *Senhor*. Outra figura nos propõe elle a este respeito na Lei dos Sacrificios, que se lhe offerecião para obter o perdão de peccados de mera fragilidade. Erão cozidas as carnes destas victimas: e mandava a Lei, que se o fossem em panella de barro, fosse quebrada para nunca mais tornar a servir. Quebrados devem ser os vasos dos corações, que sacrificão a Deos a sua dôr, e *contrição* para nunca mais tornar a servir ao peccado, nem se dê lugar, e motivo de novo sacrificio: *Si vas fictile, in quo cocta est, confringetur.*

Se porem a panella, que servia em taes sacrificios, era de bronze, como se não podia quebrar, devia ser bem esfregada, e lavada com agoa pura: *Si vas aeneum fuerit, defricabitur, & lavabitur aqua. Levit.* 6. 28. Aqui tem bem expresso, o que deve fazer o penitente habituado nos vicios; ou quebrar, ou esfregar, para lavar bem seu coração com a agoa de huma viva dôr, para o limpar, e purificar de todos os máos resaibos dos vicios, affectos, inclinações, e concupiscencias.

M. — Ai, Deos! Como o poderei fazer? Impossivel he.

F. — Não se desanime. Tanto o pode fazer, quanto pode ser santo, com a graça do *Senhor.* Tudo se fará bem.

P. — Deos tudo pode, e faz possivel, e facilimo, a quem bem quer. O que mais temos a notar por tal respeito, he a Lei do Sacrificio, que se offerecia pelo peccado de certa sciencia, como são os peccados de todos os penitentes chamados *Christãos.* Offerecia-se a victima em proporção do delicto: *Juxta aestimationem mensuramque delicti.* ℣. 6.; o que não se poderiá fazer sem preceder a Confissão. O *Sacerdote* devia orar pelo perdão. A victima devia ser offerecida em holocausto: mas com que ceremonias? Devia arder no altar toda huma noite até pela manhãa: *Cremabitur in altari tota nocte usque mane.* Então o *Sacerdote*, vestindo-se de tunica de linho, devia tirar as cinzas, e pondo-as junto do altar, em quanto despia estes, e tomava outros vestidos, partia para fóra a queima-las de novo em hum outro lugar mundissimo a reduzi-las a verdadeiro pó: *Usque ad favillam consumi faciet.* ℣. 11.

D. — Com effeito vemos bem expressiva nessa bem energica figura a força, e empenho, com que Deos quer, e procura mostrar, que para dar o perdão he necessaria a remoção de toda a má vontade, e desempenho dos propositos de nunca mais reincidir. Nessa reducção a pó, á força de fogo da victima immolada pelo peccado sem duvida quiz mostrar, que no peccador deve acabar toda a vontade de commetter jamais a maldade, o proposito, a resolução, e firmeza d'animo, removendo, e reduzindo a cinzas, consumindo no coração todos os vestigios dos antigos peccados, e tudo, o que possa induzir de novo a elles. Eu o acho muito justo; e assim devia hum Deos obrar, e tal devia ser a sua condição, não reunindo a seu *Corpo* aquelle que não estivesse bem resolvido a nunca mais delle se separar.

P. — Outra figura temos não menos energica neste mesmo respeito, no que fez *Moyses* com o bezerro d'ouro no deserto, que tinhá servido de objecto das adorações daquelle Povo. Diz o sagrado *Texto*, que assumado de santa indignação á vista daquelle escandalo, arremettera a este idolo, deitou-o abaixo do altar; fez queimar, e dissolver em pó: *Arripiens vitulum; quem fecerant, combussit, & contrivit usque ad pulverem. Exod.* 32. 20.

D. — Bem se vê, que quiz fazer-lhes protestar, ainda que á força, removendo-lhe a occasião, de nunca mais idolatrar, adorando tal bezerro, e as esperanças, que poderião ter.

P. — Porem poderia ser, que nem assim mesmo aquelles cegos idolatras perdessem as esperanças, porque as poderião ter de tornar a fazer novo bezerro desse mesmo pó, porque ainda que nelle dissolvido não deixava de ser ouro. A figura não era completa, nem a occasião inteiramente removida: *Moyses* faz mais.

Elle lança, espalha, e baldêa este pó na agoa, e a faz beber a todos aquelles seus adoradores: *Contrivit usque ad pulverem, quem sparsit in aquam, & dedit ex eo potum filiis Israel.*

D. — Nada mais bem feito, nem mais expressivo para o nosso caso, que por si mesmo diz tudo.

P. — Com estes prepositos, e resoluções firmes deve marchar o penitente nas obras em perfeita conformidade, removendo tudo, o que possa obstar ao devido desempenho de seus propositos.

F. — Ahi he, que vai, P., todo o negocio; ahi he, que eu costumo conhecer os bons, e os máos penitentes, formo meus juizos, e não me engano. Que casta de pezar, ou *Contrição* tem elles, se eu os vejo logo mettidos nas mesmas occasiões, em que andavão antes? Quando por favor do *Ceo* alguem entra em arrependimento sincero de suas culpas, logo o vejo fugir das occasiões.

D. — He bem claro indicio das pessimas disposições.

P. — Os firmes, e verdadeiros propositos fazem remover não só as occasiões perigosas, mas ainda as que o podem ser; e Deos assim o exige do modo, que vemos, no que se passou com a sahida deste Povo do *Egypto*, a quem, como disse, succedião taes cousas em figura, e esta libertação da escravidão de *Pharaó* o era bem expressiva, do que temos entre mãos. Falla-lhe da parte de Deos *Moyses*, dizendo-lhe, que deixasse sahir seu Povo ao deserto, para lhe sacrificar. Previa *Pharaó* a fuga, que elle tomaria da escravidão, em que o tinha; porem obrigado das pragas, com que Deos flagellava o *Egypto*, lhe diz: *Ite & sacrificate Domino*; ide embora sacrificar ao *Senhor* vosso Deos; podeis levar comvosco vossas cousas, e fiquem tão somente vossas ovelhas, e rebanhos: *Oves tantúm vestrae, & armenta remaneant.* d.° 10. 24.

Bem entendeo *Moyses*, onde se dirigia a excepção, que fazia *Pharaó*, e conheceo o laço, que lhe armava. Ou no povoado, ou no deserto, perto ou longe sempre teria seguros nos ferros ou cadêas da escravidão aquelle Povo, em

quanto tivesse em seu poder os numerosos rebanhos, que constituião todas as riquezas daquella Nação. Não poderião deixar de voltar, onde estas lhe ficavão, pois que ahi lhes ficavão presos os corações. Que responderia *Moyses* a tal proposta? *Cuncti greges pergent nobiscum*; todos nossos rebanhos caminharáõ comnosco, e não ficará aqui delles nem huma só unha: *Non remanebit ex eis ungula*. ℣. 26.

D. — Bom desengano lhe deo! Porem foi demasiado, e hyperbolico, pois nada interessava huma unha.

F. — O que diz? Por unhas prende o diabo muitas almas, e as tem seguras. Elle todo he unhas para filar; e bem filada está aquella desgraçada, em quem elle a cravou. Essa historia da unha diz muito, e a não ser Deos, que o inspirava, eu dizia que *Moyses* foi o homem, que tem havido de maior, e melhor bestunto, e me porei em campo para o provar.

D. — Então que quer provar? Que tinha huma unha dos numerosos, e grossos rebanhos para fazer voltar á escravidão aquelle Povo!

F. — Pergunta o *Senhor* muito bem, mas não he necessario, que os *Anjos* lhe respondão, porque eu o faço em me respondendo, e dizendo, que tinhão as cebôlas, e os alhos do *Egypto*, para puxarem por esse Povo, quando estava ja muito longe, outra vez para a escravidão! Qual tem mais força, as unhas, ou as cebôlas?

D. — Vm. he terrivel em seus argumentos, e combates!

F. — Sou, porque tenho bestunto de velho, que criançolas não tem. O que o homem mais deve temer, e principalmente os que sahem do cativeiro de *Pharaó* infernal, são as suas unhas, e ainda mais as que parecem mais pequenas. Por huma unha pequenissima entrou no mundo a morte, e a perdição do genero humano, e vierão taes males ao mundo, que foi necessario para as remediar correr o Sangue de hum Deos. Por bem pequenas unhas....

A. — Queira dizer-nos, qual foi essa unha?

F. — Que miseria! Nem isso sabem! Foi a curiosidade da mulher: foi o tirar-se da companhia, e do lado de seu marido para ir passear pelo Paraiso. Eu lhes mostro as unhas, que vierão vindo antes que chegasse a grande garra, que de todo, e a tudo filou, e agarrou. Foi a primeira, como digo, a curiosidade de hir vêr, o que hia por aquella terra. Parece-me, que ainda precedeo a ociosidade, que foi a causa da curiosidade. A quantas não fila o diabo por

estas pequenas unhas? Sahe *Eva* da companhia do marido, e dá-lhe logo na tonta cabeça o hir passear por onde estava a arvore prohibida. A serpente, que ja lá a esperava, aproveita a occasião de lançar novas unhas. Porque não comes tu deste fruto? lhe pergunta. Que devia aqui fazer a mulher, para se livrar de novas unhas?

D. — Devia fugir logo desse lugar sem duvida.

F. — E porque o não fez, senão por ser leviana de cabeça, curiosa, e falladeira, bem como são todas com pequenas excepções? O que ella devia fazer era sacudir fóra as unhas antecedentes, correndo pelos mesmos passos a pôr-se ao lado do marido, ou responder-lhe: Que te importa saber, porque eu não como? He isso alguma cousa de tua conta? Porem mulher fazer alguma destas cousas..! Não creia. O natural, e invencivel gosto de dar á taramela da lingoa a fez entrar em disputa, que o diabo desejava; e dito vem, e dito torna, ás duas por tres fica nas garras, a que a levarão estas pequenas unhas.

D. — E *Adão* tambem foi filado por unhas?

F. — E porque não? Unha foi o gosto de ouvir a mulher, unha o olhar para a fruta, unha o affecto, e gosto de lhe fazer a vontade, e tudo forão unhas. Se elle puxasse por dois cachações, que lhe esmurrassem os narizes, e desunhassem das unhas a fruta, que nellas lhe levava, nunca melhor o faria.

D. — Está muito bem dito; e nada mais instructivo.

F. — Devem saber, que nada peior, que a ociosidade com a curiosidade principalmente em mulheres. Por isso a minha, que me não cede em bestunto, de vez em quando vai brincar, ou fazer brincar as filhas na horta, e jardim para as entreter innocentemente. Mas eu ainda lhes quero dizer outras unhas, porque o que todo he unhas tem filado, e seguras a muitas almas, que se julgarão bem livres. Não ha muitos dias que vi hum travêsso rapaz, que brincava com huma pequena ave, que deixava voar á sua vontade pre-a por huma unha com huma delgada linha. Andava cantando, ou chilrando a desgraçada pelos ares, julgando-se livre: porem o rapaz, quando queria, enrolando a linha, a trazia ás mãos. Entendem isto? Pois eu entendo muito bem, que he isto o mesmo, que o diabo faz com muitas desgraçadas almas, que se julgão soltas, e até cantão seus louvores a Deos, mas lá estão presas por unhas.

A. — Queira pôr-nos isso mais claro para entendermos.

F. — Devem trazer os olhos fechados para o não verem a cada passo! Não vamos mais longe: Olhem para essas devotas da moda santinhas á sua moda. Vejão como rezão pelo seu enfeitado livrinho, pelo seu Rozario! Que tempo consomem na tribuna! Que cousa mais santa! Mas dahi a pouco as verão ao toucador, espartilhando o corpo, como se o mettessem em huma prensa, arrepellando os cabellos com terriveis dores... E para que? Para apparecerem na assembléa, no jogo, na dança, na opera, no theatro, e outras partes. O caso he, que ainda depois virão á tribuna fazer com muita devoção a sua oração. Tirem daqui outras muitas.

D. — Bem estará o diabo com taes santinhas! Estou bem persuadido, que grande parte dos christãos da moda querem conciliar o serviço de Deos com o do diabo.

F. — Se Vms. assim hão de ser, estou em dizer-lhes, que he melhor serem, o que antes erão, pois ao menos saberão claramente, que vão errados.

D. — Diz bem, e eu estou por isso.

M. — Eu direi o mesmo; mas não sei como possa....

P. — Com a graça do *Senhor* tudo poderá. Eu julgo desnecessario accrescentar alguma cousa ao que se tem dito. Por pequenas accasiões se caminha aos ultimos males; e destas está o mundo cheio, e o homem cercado, pois tudo são unhas, laços, tentações...

A. — Ahi concorda comnosco na impossibilidade desses propositos; e he isso, o que nos desanima. Se tudo está...

P. — Antes deve concluir a necessidade dos bons propositos para resistir, e se livrar de tantos perigos. Elles então o são mui grandes, quando os propositos, e resoluções não são firmes, e quaes devem ser.

Firmeza dos propositos.

A verdadeira penitencia, ou *contrição* tem dois olhos, para que assim me explique: com hum olha ao passado, e com outro ao futuro. Olha ao passado não só com o verdadeiro pezar, mas ainda ao que tem servido de maior incentivo de suas paixões, e occasião de suas quedas para as remover. Olha ao futuro, não só com os propositos de nunca mais cahir, mas tambem de evitar tudo, o que a isso o possa induzir...

M. — Como o evitarei, se vejo tudo laços, unhas, e occasiões? Será inutil tal previsão pela impossibilidade...

P. — Não queira fallar em impossibilidades, onde as não ha, mas sim facilidades, huma vez que suas resoluções sejão, quaes devem ser. Queira ouvir-me. O penitente bem resolvido a não mais peccar, tendo-se formado hum novo homem, porque tomou, e se formou hum novo coração, e novo espirito, facilmente corta pelas unhas, e laços, que até então o prendião. Nós vemos a maior parte dos penitentes, que talvez presumirão fazer optimas confissões, brevemente cahidos nos mesmos laços. E porque? Porque não cortarão, ou arrancarão de raiz as pequenas unhas. Porque não acabarão inteiramente com aquella amizade, com a frequencia, ou entrada naquella casa, com a correspondecia, com a sociedade, e em fim com a occasião da queda. Desgraçados! Ficão presos por estas unhas; brevemente cahem nos laços. E porque o não fizerão? Porque sua penitencia foi falsa, não tomarão novo coração, nem nova alma, e não se fizerão novos homens. Dahi veio, que suas resoluções não forão, quaes devião ser.

Devemos notar, que J. C. não só nos manda arrancar ou cortar as unhas, que nos podem prender, mas ainda cortar a mão, cortar o pé, e arrancar o olho, que nos podem servir de occasião da queda. Não o fazem assim os chamados penitentes, porque lhes dóe esta cortadura; mas muito menos se dóem elles dos peccados. Se esta tivessem, não sentirião aquella dor. Sobre tudo nenhumas resoluções tem de não peccar jamais.

M. — Levará o demo com suas unhas as occasiões, que até o presente me tem servido de ruina, e ha já tempo que lhas encommendei. Mas as futuras...

P. — Quaes futuras? Queira dizer-me, que tempo ha, que renunciou a todas essas unhas, e occasiões?

M. — Ha muito mais de hum mez, que o diabo levou a todas; e foi desde que conheci, que ha hum Deos...

P. — Bem; e porque o fez assim?

M. — Porque me resolvi verdadeiramente á renuncia.

D. — Então que mais quer? Vm. está no meio dia, e não vê a luz. He isso mesmo, o que diz o Sr. *Abbade*.

P. — Cortou Vm. por essas unhas, e occasiões, porque quiz, e Deos o ajudou. He isso mesmo o que succede, a quem bem quer, a quem bem se resolve. Corta pelas antigas, corta pelas presentes, e corta pelas futuras, o que na verdade quer, e está resolvido a cortar. Esta mesma resolução he huma fouce levantada, sempre prompta a descarregar o golpe.

M. — Pois eu lhe digo, que tanto protesto não mais peccar, que antes morrerei; do que faze-lo.

A. — Não pode dizer isso, nem fazer tal protesto, pois se deve lembrar dos perigos, e probabilidades de os não desempenhar, e então será perjuro.

P. — Queira o Sr. M. accrescentar a confiança na divina graça; e perguntarei ao Sr. At. porque será perjuro?

A. — Porque deve prever, que não cumprirá o protesto.

F. — Se elle o cumprio ja por mais de hum mez, porque o não cumprirá por toda a vida?

A. — Porque hum mez não he toda a vida.

P. — E quem lhe deo a certeza de viver mais hum outro só mez? Assim como fez hum mez, o pode fazer outro, e outro até á morte.

A. — Muito embora; elle não pode protestar aquillo, que prevê não poderá cumprir, sob pena de perjuro.

P. — Confunde o Sr. At. a vontade, que gera o proposito, com o entendimento, que prevê os perigos: porem eu lhe faço conhecer a differença, que vai de huma a outro com toda a clareza. Supponha Vm. que se vê obrigado a fazer huma viagem daqui ao *Brasil* em hum não grande, e mal esquipado barco. Que faria nesse caso? Propor-se-hia a sahir bem desta empreza, e protestaria consegui-lo?

A. — Que outra cousa deveria fazer?

M. — E que outra cousa devemos nós fazer no mar tempestuoso deste mundo, em que navegamos á eternidade?

P. — Permittão-me expor os sentimentos, que em tal caso teria o Sr. At. Sentiria sem duvida hum forte combate entre o entendimento, e a vontade. Aquelle lhe representaria os perigos do naufragio, como muito eminentes; os ventos contrarios, as borrascas, as tempestades, a má esquipação do baixel, a ignorancia, e inaptidão nesta arte nautica, tudo se apresentaria de tropel ao seu entendimento, e o farião conhecer os riscos, em que hia a incorrer. Por outra parte porem se opporia a vontade, e lhe proporia os melhores desejos de lançar mão de todos os soccorros. Dizendo o entendimento: Eu vejo os perigos, diria a vontade: Eu proponho evita-los, e sahir bem da empreza.

A. — Agora entendo, que huma cousa he propor-se a vontade, e outra he conhecer os perigos, que se propõe evitar.

P. — Veja mais, que resolvida a vontade, vem o entendimento, ou conhecimento dos perigos em seu soccorro. No supposto caso, resolveo a vontade pôr em execução os melho-

res meios, o entendimento lhos descubriria; consultaria, prevenir-se-hia de huma boa, e exacta Carta: da melhor agulha, formaria o calculo da derrota, vigiaria, levantaria o quadrante, observaria os tempos, e tudo faria por chegar ao porto sem naufragio.

D. — Está bem claro tudo, o que podé haver a tal respeito. Os propositos são filhos da vontade. Resolva-se esta; e tudo se conseguirá.

P. — E tanto mais quanto mais firme, e forte for a resolução. Diz o Sr. M., que protesta quanto está de parte de sua vontade, morrer antes que peccar. Assim deve ser, como logo veremos. A vontade assim resolvida sem pena, e trabalho evita os perigos. A mesma natureza tem armas naturaes, para defender a vida. Insensivelmente, e sem advertencia evita o homem, e foge dos perigos de a perder: a só presença daquillo, que lha pode tirar, o faz estremecer, e fugir. Assim succede naquelle, que deseja morrer antes, que commetter o peccado: os perigos, as occasiões o fazem tremer, e fugir.

A. — Mas nem todas se poderáõ prever.

P. — Pois previna-se, e corte pelas que previr, e confie, que Deos o socorrerá nas que imprevistamente o ataçarem. O Sr. At. parece esquecer-se de huma cousa muito interessante, a que deve attender. Parece não attender mais do que ás suas forças naturaes, e nada aos soccorros divinos, esquecendo-se do que se procura na penitencia, que he reunião com o *Corpo* de J. C.; para o que elle não exige mais que a verdadeira *Contrição*, de que temos fallado, a que anda annexa a resolução de não mais peccar. He esta *Contrição*, e disposição indispensavel para a conseguir; mas ella conseguida, são tantas as graças, e soccorros, que apenas se poderáõ entender pelo que temos ja exposto.

De nenhuma outra sorte eu lhes poderia dar a conhecer, o que são as graças do *Senhor*. O peccador tem graças, a que chamamos moventas, por isso mesmo que o movem á penitencia por tão varios modos, que somente sabe o mesmo *Senhor*; porem ellas ainda não são *sanctificantes*, se não depois que o penitente solto, e livre das suas prisões, immediatamente se reune, e encorpora ao *Corpo* de J. C., e entra no seu centro de união. Esta união, e encorporação se aprefeiçoa, e ultíma na comida do mesmo verdadeiro *Corpo* de J. C. resuscitado, immortal, e divino; cujos effeitos ja nós vimos. Queirão concluir daqui, o que serão

e farão as graças do *Senhor* em hum membro, que apezar de estar morto, e pôdre, reviveo, e se reunio ao mesmo *Corpo* de J. C. real, e verdadeiramente, ficando em tal união, que com elle se encorpora, espiritualisa, e divinisa, não sendo mais em certo modo, como ja vimos, do que huma, e a mesma cousa. Ponderem a differença que vai do ramo da vide cortado, e sêco, ao que está unido com a videira crescendo, e florescendo, e a que vai de hum membro do corpo cortado, morto, e pôdre, ao que unido com elle vive, e terão conhecido a differença, que vai de hum a outro estado, de peccado, e da graça, e conheceráõ o que podem as graças *sanctificantes*, e o que ellas são, e farão.

D. — Quando, P., terei eu esse prazer? Quando me verei unido, encorporado, e divinisado com o meu Deos? Eu protesto, com as suas graças nunca mais me separar delle.

P. — Brevemente terão todos esse prazer, pois os julgo bem dispostos por seus sentimentos. Eis-aqui porque nós vemos cousas tão admiraveis nos bons servos de Deos, que aos olhos do mundo parecem incriveis, e não mais, que fingimentos, e hypocrisias. Antes que S. *Agostinho* se convertesse, como elle o diz nas suas Confissões, que fez publicas, porque ignorava os admiraveis effeitos da divina graça, se espantava de admiração ao ver, e confrontar os moços, e moças *Christãas* com as gentias. Via nestas a devassidão retratada nos rostos, nos olhos, acções, e obras. Nos *Christãos* porem via em tudo retratatada a mosdestia, a sesudesa, o pejo, e a honra. Que gente he esta? se perguntava a si mesmo. São hypocritas, que apparecendo assim em publico, em particular se dão a devassidões pois não ha, quem as não tenha.

Assim discorria, e assim discorrem os devassos, os sensuaes de hum, e outro sexo dos nossos tempos, por isso mesmo que ignorão os effeitos da graça, e julgando a todos por si mesmos, não pensão haver mais que hypocrisia. Então se confundia *Agostinho*, quando se lembrava da enorme multidão de *Martyres*, que corrião a dar a vida com prazer pela Fé, e não podia deixar de se persuadir, que havia alguma cousa mais, que elle ignorava. Então o conheceo, quando se vio entrado, e unido no *Corpo* de J. C. pelo Baptismo, sentindo-se mesmo physicamente trocado em outro homem por huma divina metamorphose, que apenas póde comprehender, quem a experimenta.

D. — Em quam poucos porem se experimenta tal mudança! Eu creio que são rarissimas.

F. — Porque são rarissimas as boas Confissões, e os sinceros, e verdadeiros penitentes.

P. — Do que fica dito poderão colligir, qual poderá ser a mudança de vida, de costumes, e conducta, que se deverá notar no peccador penitente, que faz huma boa Confissão. Não poderá deixar de se sentir não só moral, mas tambem espiritual, e physicamente trocado em outro homem. Verdadeiramente elle poderá affirmar de si, que se acha hum novo homem, por isso mesmo, que se conhece com hum novo coração, novo espirito, e nova alma, e todo elle mui differente do que era antes. Quem estes effeitos não sentir... Nada quero affirmar, só sim affirmarei, que tem muito a desconfiar de si, e suas confissões, principalmente quando nem em sua conducta ha mudança.

Quando nos primeiros seculos da *Igreja* se administrava o Baptismo aos *Gentios* de hum, e outro sexo todos adultos, e muitos na flôr de sua idade, era pasmosa a mudança de sua conducta, e costumes de sorte que em nada parecião o que havia pouco erão. Todos affirmavão sentir-se trocados em novos homens. Brutos sensuaes erão tod s, mas tocados, com as santas agoas, se vião transformados em Anjos terrestres. Queirão lembrar-e do que vimos succeder entre os *Americanos* na memoravel epoca do segundo *Apostolado*, que formou a santa *Companhia de Jesus.* Monstros que apenas de homens tinhão a figura, a quem não excedião na fereza alcatéas de lobos, nem nos vicios sensuaes outros monstros; trocados repentinamente em sociedades não ja d'homens, mas de Anjos humanos.

Porem como se podião operar tão divinas, e admiraveis metamorphoses? Ellas parecerião incriveis, mas somente a quem não tem os devidos conhecimentos da santa *Religião* de J. C. Eu de mim affirmarei, que se não visse taes effeitos do Baptismo, se a historia da *Igreja* nestes respeitos não mostrásse, e certificasse do mesmo que ella me mostra, e bem como os mostra, e certifica, eu me sentiria tentado para entrar em dúvida. Não sei se me entenderão.

A. — Tenha paciencia, Sr. D., e permitta-me o gosto de mostrar, que tenho feito meus progressos. Quer dizer o Sr. Ab., que se a historia lhe não mostrasse, o que na realidade mostra, isto he, os Gentios salvagens homens sensuaes, e monstruosos em seus vicios, trocados em verdadeiros ho-

mens, puros, santos, e celestes, mais divinos, que humanos, logo que erão lavados na fonte sagrada do Baptismo, se sentiria tentado da incredulidade para duvidar da Divindade da *Religião.* A razão he, porque estes mesmos effeitos se devião esperar, e infallivelmente devião operar-se. Se assim não fosse, se daria lugar, e abriria porta á incredulidade, ou duvida. Eu o digo melhor pondo o caso em meu intimo senso, e direi assim.

Quando nem o Sr. Ab. houvesse mencionado os prodigios obrados em virtude do Baptismo, nem eu jamais houvesse lido, nem conhecimento tivesse de taes metamorphoses, ou prodigiosas mudanças, e admiraveis effeitos, logo que entendi, entre outras cousas, que pelo Baptismo entra o homem na *corporação* de J. C. a fazer-se membro de seu *corpo*, principalmente pela sagrada *Communhão* de seu real, e physico CORPO, *Sangue*, *Alma*, e *Divindade*, a fazer-se com elle huma, e a mesma cousa, com elle encorporado, espiritualisado, e divinisado, concluiria dizendo: ou isto não he verdade, ou o homem, seja embora hum monstro, logo que entra nesta união com Deos, hade sentir em si tal mudança, que se transforme em homem mais divino, que humano. Applicando agora o caso...

M. — Peço a palavra, Sr. At., e não a cederei de sorte alguma, pois devo mostrar os progressos, que tenho feito em tantas lições. A penitencia, ou Confissão he hum segundo Baptismo, que supre as vezes do primeiro, perdoando os peccados actuaes commettidos depois delle. Seus effeitos são a reunião ao *Corpo* de J. C. Havendo-se o peccador separado delle, e feito pelo peccado membro morto, e podre, ramo sêco da vide, neste Sacramento se reune, e ainda verdadeira, e physicamente pela sagrada *Communhão*, em que recebe seu real, e physico *Corpo*, *Sangue*, *Alma*, e *Divindade*, se incorpora, espiritualisa, e divinisa em união de unidade. Ou o penitente assim transformado ha de sentir-se trocado em hum outro homem, novo coração, novo espirito, nova alma, e por consequencia nova vida, e novos costumes, ou elle não fez boa Confissão, e sacrilegamente recebeo estes Sacramentos, ou não he verdade o que a tal respeito nos tem dito, e provado com tanta força de razões o nossso Mestre...

F. — Peço tambem a palavra para lhes pedir perdão do máo conceito, que fazia, julgando, que os meninos não tinhão aproveitado tanto, que dessem tão boa conta da materia...

M. — Deixe-me levar ao fim a concluzão. A ultima he falsa, porque temos visto, ponderado, e tocado com as mãos, a força das razões, que nos tem patenteado, e tornado incontestavel a verdade.

F. — Pois a primeira he verdadeira, porque eu sou boa testemunha de que tenho visto varios homens, e mulheres de má conducta, mesmo moços, e moças, fazerem suas Confissões geraes, e entrarem em tal modo de vida, que me parecem mais *Anjos*, que homens, e mulheres, e protestaria, que ficarão logo novos homens, novos corações, e novas almas. Quero agora ver o que Vms. serão. Mas quero primeiro dar huma formidavel catanada, que levará couro, e cabello áquelles sobre quem ella cahir. Com licença; deixem-me voltar a esta gente.

Vinde cá homens, e mulheres, ouvi, escutai-me, e respondei-me, se tendes boca para isso. Que Confissões tem sido as vossas? Como tendes vós sahido dellas? Eu vos conheço muito bem depois dellas, porque vos vejo quaes ereis antes, com os mesmos depravados corações, e malvadas almas. Vós ereis antes máos homens, más mulheres, pessimos maridos, semelhantes consortes, e depois sois os mesmos: juradores, amaldiçoadores, praguejadores, profanadores dos dias do *Senhor*, vingativos, odientos, luxuriosos, torpes, immundos, que nem animaes, e tudo o mais, e assim mesmo sois, senão peiores, depois das confissões. Que Confissões forão as vossas? O diabo trazieis nos malvados corações, com o diabo fostes á Confissão, fizesteis de *Judas*, e de *Judeos*, crucificaste meu S. J. C. mettendo-o nesses estomagos danados. Oxalá o arrojasseis antes a huma esterqueira, do que pô-lo aos pés do diabo, que reina em taes corações. Desgraçados de vós!

Vinde cá moços homens, moças mulheres, que Confissões tendes feito? Que mudança houve em vós? Quem ereis antes? Humas cabeças de vento, huns lascivos, libertinos, sensuaes, sem sinal algum de *Christãos*, e menos de temor de Deos. Quem sois depois? Eu vos conheço pelos mesmos. Vós ficastes mais presos do diabo, do que estaveis antes pelos dois Sacrilegios, que commettestes. Vós...

D. — Tenha compaixão de suas lagrimas.

F. — Cale-se, e não me interrompa. Vós tendes sido huns zombadores de Deos; porem, desgraçados! de Deos não se zomba. Vós todos não sois penitentes; vossa penitencia, quando mais, he *theatral*. Nos theatros tem essa maldita

corja de vis comediantes ludibriado nossos augustos Mysterios, como fazião os gentios; pois que peiores, que gentios nos querem elles fazer. Vós sois estes mesmos abominaveis comediantes, que fazeis dos santos Templos theatros, onde vindes representar o fingido papel de penitentes, ajoelhando aos pés do Ministro de hum Deos vivo, quando só dobrais o joelho em honra dos idolos de vossas paixões, bateis no peito onde está de assento o demonio.....

P. — Basta, basta; ja fez o seu sermão.

F. — Ainda não estou no meio. Mas diga ao menos se he esta a verdade? E que *confissões* são estas?

P. — Verdade he o que diz. St.° *Agostinho* assim trata de irrisores, e zombadores de Deos a taes penitentes: *Irrisores sunt, non poenitentes.* Penitentes, se contudo o sois, diz em outra parte, e não zombadores de Deos: *Poenitentes, si tamen estis poenitentes, & non irridentes.* Vós fazeis penitencia, dobrais os joelhos, ferís os peitos, e contudo zombais, e escarneceis da paciencia de Deos: *Poenitentiam agis, genua flectis, & rides, & subsannas patientiam Dei.* Tu fallas, mas tu mentes: dizes, que te peza das offensas feitas a Deos; mas este *Senhor* vê em teu coração o demonio, que o possue, tuas mentiras, e fingimentos. O grande *Chrisostomo* dá o nome de *theatral* a tal penitencia: *Poenitentia theatralis*, por isso mesmo que representão o papel de penitentes, como nos theatros se representão varios papeis de varias personagens, não sendo mais, que huns vis cómicos.

Tal he a cegueira de taes penitentes, que procurão pretextar sua nenhuma emenda com suas fragilidades, e miserias; mas nada mais futil, como vou a dizer, fallando da ultima dimensão, ou requesito, que deve ter a *contrição*, para concluirmos esta materia, que se vai estendendo demasiadamente

Sublimidade da Contrição.

Quae sit sublimitas ejus. Alta deve ser, sublime, e mesmo summa a *Contrição* dos peccados tanto em sua origem, e natureza, como em seus motivos, pois que altos, sobrenaturaes, e summos são estes. Em quanto á sua origem, e natureza, deve a *contrição*, e dôr dos peccados ser alta, porque he sobrenatural. Nós temos visto por differentes vezes, que tal he o homem, que nada de bom pode fazer por suas proprias forças, sem que seja ajudado da

graça do *Senhor*. Muito mais he isto verdade, quando se trata da justificação do peccador. De Deos somente lhe pode vir esta disposição, delle esta contrição, e a elle deve o peccador pedi-la com a maior humildade, e instancias. Nem contudo elle terá desculpa, quando a não tenha ou Deos lha não dê, porque o *Senhor* ja mais a negará a quem faz, o que está de sua parte aproveitando as graças, que continuamente lhe liberaliza.

D. — Estamos certos nesssas doutrinas, e lembrados do axioma theologico: *Facienti quod in se est, Deus non denegat gratiam*; não nega Deos suas graças a quem faz de sua parte.

P. — Brevemente veremos hum meio, que Deos nos facilitou, de conseguirmos de sua infinita bondade esta *contrição*, e mais disposições necessarias para conceder o perdão, que he a *oração*. Não só he alta, e sublime a *Contrição* por sobrenatural, mas tambem porque deve ser *summa*, isto he, deve ser sobre todas quaesquer outras dôres, pezares, ou sentimentos, por isso mesmo que são *summos* sobre tudo quanto se pode imaginar, seus motivos.

M. — Isso agora parece, que me deverá atterrar. Eu não ignoro, que assim o exigem os motivos, porque são *summos*, e *summa* deve de ser a dôr. He *summo* o mal, que se faz com o peccado, em que se incorre, e *summo* o bem, que se perde. Nada mais conforme com a boa razão. Quem faz hum mal *summo*, summo pezar deve ter. O que porem me atterra he dizer que deve exceder todas outras quaesquer dôres, sentimentos, ou pezares, pois me parece, què qualquer outra cousa me faria maior sensação, ou pezar. Estou bem desconsolado, porque não sei, que diabo tenho no coração, que ainda está duro como huma pedra, pois não se desfaz em lagrimas.

D. — Eu digo tambem o mesmo; e o Sr. At. mostra que está nos mesmos sentimentos.

F. — Isso não he assim: o chorar he para mulheres, que tem as lagrimas de tarraxa. Isso nada quer dizer. Hum homem mesmo com hum sentimento mortal, capaz de lhe tirar a vida, não verterá huma só lagrima, e se debulhará nellas ao vêr que correm dos olhos do seu amigo. Deixem-se disso, porque eu bem sei, o que ja são, e tomara eu assim a todos. A dôr he da alma, e não do corpo, e basta que seja *summa appreciativamente*; o que o meu Ab. melhor lhe sabe dizer.

P. — As lagrimas nem sempre são sinal certo da verdadeira *Contrição*, nem ainda quando brotão da verdadeira fonte. Muitas lagrimas se verão nas *Confissões*, que terão bem differente origem, e nascimento. Virá a mulher chorar, para desabafar com o Confessor, as injurias, que lhe faz o marido, a desgraça, ou o fracasso, que lhe succedeo; no entanto que as injurias feitas a Deos, e a desgraçada condemnação eterna, em que incorreo, nenhuma impressão lhe fazem. Bem está o diabo com taes lagrimas.

A *Contrição* he dòr d'alma, *dolor animi*, e não do corpo, sentimento todo interior, espiritual, e não sensitivo, verdadeiramente filho da alma, e não da concupiscencia carnal, ou sensitiva; e por isso chocá somente a alma, e não o corpo. Por esta razão não admira, que nem ainda na maior intensidade esta dòr provoque a lagrimas, nem rompa em outras demonstrações. Em que ella porem mui bem se conhece he em seus effeitos, isto he, nas obras, e conducta, que mostrarão se com effeito o coração, e o espirito estão mudados, e renovados.

D. — Parece-me que ainda esses sinaes são equivocos, pois muito bem pode nelles haver simulação, e hypocresia. Quizera outros sinaes, se os há, para me desenganar, e não errar em materia de summa importancia, qual he esta.

P. — Em seu intimo senso o conhecerá pelo que vou a dizer, acabando de expor, o que resta neste respeito. Deve ser *summa* a dòr dos peccados, porque summos são os motivos, causas, e principios, que a devem produzir, e que nós distinguimos com os nomes de *Contrição*, e *Attrição*; cuja explicação tem agora lugar.

Differença entre Contrição, e Attrição.

Nem toda a dôr, que os peccados podem causar, he sufficiente para o perdão. Chororá com grande dôr a mulher solteira seu peccado; mas porque razão? Pela desgraça de vir a publico sua maldade. O ladrão fará o mesmo, porque foi apanhado com o furto, e cahio nas mãos da justiça. Taes dôres, e outras semelhantes não valem neste Sacramento; são motivos terrenos, que não podem servir para a reunião, que se requer, e procura com o *Corpo* de J. C. Devem ser os motivos sobrenaturaes, e que a Fé nos faz conhecer, quaes são a *summa bondade de Deos offendida*, que he a verdadeira *Contrição*.

A *Igreja* em *Trento* affirma desta, que alguma vez póde ser tão perfeita na caridade, ou amor de Deos, que chegue a justificar o peccador antes mesmo da *Confissão*; declara porem, que para isto he necessaria a Confissão em voto, isto he, o desejo da *Confissão*, que a supre: *Docet praeterea, et si contritionem hanc aliquando charitate perfectam esse contingat, hominemque Deo reconciliare, priusquam hoc Sacramentum actu suscipiatur, ipsam nihilominùs reconciliationem ipsi contritioni sine Sacramenti voto, quod in illa concluditur, non esse ad scribendam. Ss. 14. cap. 4.* Com razão assim devia ser, pela nobreza, e sublimidade desta dôr, e sua origem, pois he fundada no amor de Deos.

F. — He essa a que forma o acto de *Contrição*, que sendo tão admiravel em seus effeitos, pois he sufficiente para salvar aos maiores peccadores, contudo se torna em condemnação da grande maior parte. Não admirem o que digo, porque digo a verdade, e dou a razão. São tão ignorantes presentemente os chamados *Christãos* portuguezes, que huma boa parte não sabe dizer, nem ainda como o papagaio, o acto de *Contrição*, outra parte diz sem saber o que diz, e outra maior parte mente, e mente com todo o coração. Que me não custa ensinar aos muribundos o Acto de contrição!

P. — Na verdade, que he pasmosa ignorancia na sciencia da salvação. Bem poucos saberáõ fundamentar a sua *Contrição*, e o commum falta á verdade, quando diz, que lhe pèza de todo o coração, sendo que não tem tal pezar.

M. — Rogo-lhe me queira instruir no acto de *Contrição*.

P. — O que nelle deve fazer tudo he vivo pezar de offender a Deos *infinitamente bom*, sendo a obrar aqui não o temor, mas sim o amor. O penitente diz: Peza-me, *Senhor*, de vos haver offendido por serdes *infinitamente bom*. A bondade infinita offendida he o motivo da dôr.

A. — Temos entendido, o que devemos fazer para que nossa *Contrição* seja verdadeira. Devemos revocar á memoria, o que temos aqui ouvido das infinitas bondades de Deos para com nosco, e sobre tudo os amores, e excessos de amores de J. C., que nos mostra em todas suas obras, vindo cego de amor a remir o mundo, a derramar todo o seu *Sangue* até mais não ter, e lançar agoa! Que direi do incomprehensivel amor, sacramentando-se, unindo-nos comsigo...?

D. — Que pertende, Sr. At! He melhor nada especificar,

porque os amores de Deos, para com o homem são taes, q̃ não admittem especificação. Contudo huma só palavra bastará, e he a que eu trago gravada no meu coração desde que aqui a ouvi. Deos ama tanto ao homem, como se o homem fosse seu Deos! *Quasi homo Dei esset deus.* Se ha por desgraça algum coração tão levado de *Satanaz*, e possuido dos diabos, que não deseje ao menos fazer-se em pedaços com o pezar de haver offendido hum tão amantissimo *Senhor*, eu o julgo digno de mil infernos. Eu não quero cuidar em nada mais do que amar este *Senhor*. Quem quizer, acompanhe-me. Tudo o que isto não for, para mim acabou.

P. — Socegue-se, *Senhor*, e permitta-me concluir. Eis ahi pois o que he *Contrição* verdadeira; he o pezar dos peccados fundado no *amor* de Deos; que sobre tudo deve procurar o penitente, considerando, meditando muito de espaço, quem he Deos, e quaes suas bondades infinitas, para dahi poder conceber esta dôr inflamando o coração no *amor* divino. Como se lembrão actualmente do que deixamos dito do amor, conhecerãõ, que este he o caminho plano, recto, e mais direito para o penitente correr á reunião com o *Corpo* de J. C. em perfeita união de unidade, porque se mette nos laços, que a ligão, que são os do amor.

A. — Ainda mais essa belleza da *Religião*!

P. — Queirão fazer a devida idéa do que he *amor* de Deos. Com este laço de *amor* o justo se une estreitissimamente com Deos, como ja vimos. Que porem fará no peccador? Supponhamos por impossivel, que Deos não queria perdoar a hum grande peccador, em cujo coração entrasse o seu *amor*; poderia elle não o reunir comsigo, perdoando-lhe? Não certamente. E porque? Por isso mesmo que se metteo no laço, que forma a união, que he o *amor*, que quanto mais forte fosse mais o apertaria com elle; nem este *Senhor* poderia, quando, por impossivel, quizesse quebrar esta corda, ou laço de *amor*. Eis-aqui porque eu direi, que embora seja o homem hum verdadeiro demonio, se der em amar a Deos com hum verdadeiro *amor* infallivel, e forçosamente será perdoado, e com elle reunido, por isso que elle mesmo se metteo no laço.

D. — Poz, P., o remate aos encomios do *amor*.

P. — Julgo, que á vista de taes motivos não podem deixar de persuadir-se, que este *amor*, e por consequencia o pezar, e *contrição* deve ser sobre tudo, ao menos *appreciativamente*,

isto he, que na sua estimação, nos seus desejos, e vontade, queira efficazmente, e com firme resolução, haver antes morrido do que peccado, e morrer antes do que peccar jamais. Quem ouvir em seu coração, ou sua vontade esta voz, que esteja dizendo: Oh, quem me dera antes haver morrido, do que offender 'a hum Deos tão digno de ser amado por sua bondade infinita! Eu com toda a minha vontade, ajudado com sua graça, proponho, apezar da mesma morte, nunca mais offende-lo; este fará bellissima confissão, e forçosamente será reunido ao *Corpo* de J. *Christo.*

F. — Com licença, P. Ouvis isto, ó vós, que vos quereis salvar? Mettei a mão em vossos corações, perguntai-lhes, o que elles desejão? E se responderem, que tanto lhes peza de haverem peccado, que antes quizerão haver morrido, e estão resolvidos a morrer antes, do que tornar a offender a hum Deos tão bom, e digno de todo o amor, ide á Confissão, e tende confiança; quando assim não respondão, fugi, porque de certo ides fazer sacrilegios. Ora pois. Mas que será desses impios, que se embravecem contra Deos..?

P. — Temos finalmente outro motivo da dôr, a que chamamos, e o *Concilio* chama *contrição imperfeita* com o nome de *Attrição* para a destinguir da *Contrição*, que he a de que acabamos de fallar. He com razão, que se chama dôr, ou *Contrição imperfeita*, porque está mui longe de produzir os mesmos effeitos, por isso mesmo que não he fundada no *amor*, mas sim no temor das penas, em que incorreo pelo peccado. O santo *Concilio* affirma, que esta dôr, e pezar dos peccados suscitada no coração pela consideração dos tormentos do inferno com os firmes propositos de não mais peccar, he dom do *Espirito Santo*, e que dispõe para receber no Sacramento a graça do perdão. Grandes questões se tem suscitado a este respeito sobre a necessidade do *amor* de Deos. Eu as julgo inuteis, ociosas, e mais quimericas do que reaes. Parecem esquecer-se de que hum tal penitente deve estar resolvido a cumprir dahi por diante com os mandamentos de Deos, e deveres da *Religião*, que como temos dito, he toda fundada no amor de Deos.

D. — Essa dôr pelo temor he mais propria de almas baixas.

P. — He propria das baixas, e das altas. Queirão lembrar-se do que dissemos do inferno, que he mui capaz de incutir temor, e tremor ás almas mais fortes. Deve o penitente sobre tudo procurar fundamentar sua dôr, e pezar na infinita bondade de Deos offendido; trabalhar deve por muito

tempo na consideração dos excessos de *amor* de tão bom Deos. Valha-se tambem da consideração da Gloria, a que o *Senhor* nos destina, e que tem perdido pelo peccado. Não se esqueça de revocar á sua meditação os terriveis, e espantosos tormentos do inferno, servindo-se de tudo, o que possa concorrer para radicar no coração a mais viva dôr, e firmes propositos. A *oração*, de que finalmente nos resta fallar, lhe será de summa necessidade, pedindo, rogando, instando, e mesmo teimando com Deos para que o soccorra, e lhe conceda o perdão..?

D. — Pois, P., nós estamos todos resolvidos a servirmos a Deos, e julgamos sentir em nossos corações as disposições, de que tem fallado. Não acha, que he tempo...

P. — Sim, acho que he tempo. Suspendamos nossas *Palestras* até Domingo seguinte, preparando-se nesta semana, concluindo suas *Confissões*, para nesse dia se reunirem perfeitamente com J. C., recebendo seu Corpo Sacramentado. Sem mais nada ponhamos ponto a tão extensa *Palestra* pedindo a benção a nosso bom Deos; e a sua, e nossa Mãi.

PALESTRA QUARTA.

Dependencia de Deos.

Palestrantes.

Parocho, *Deista*, *Atheo*, *Materialista*, e *Freguez.*

Introducção.

Deista — Queira abençoar, pai, a seus filhos, que muito estimão, que pudesse descançar alguma cousa depois de tão rude trabalho, que teve esta manhãa.

Parocho — Deos os encha de suas graças. Não tem que sentir os meus trabalhos, pois que elles me recreião; e não cança quem corre por gosto. Eu os vejo alegres, segundo mostrão, e com isso me encho de prazer, e satisfação, estimando muito, que gosem, e possuão a alegria, que só pode gosar-se na paz, e socego da consciencia.

D. — Julgo, que todos nós estamos tão cheios de prazer, e alegria interior, que não poderiamos expressar com palavras. Real, e physicamente nos sentimos outros homens, e experimentando, o que a tal respeito nos havia dito.

Freguez — Elles desejavão estar todo o dia com nosso *Senhor*; e nem de jantar se lembravão: porem eu não o consenti, e lhes terei por ora a redea têsa, para que não tenhão partida de cavallo, e parada de sendeiro.

P. — Queirão desculpar a indecencia das expressões...

D. — Está desculpada, e não se moleste com isso. Nós lhe

somos muito obrigados: he tambem nosso mestre, e no verdadeiro portuguez, que nos falla nos dá grandes documentos, abrasando-se nos desejos de nossa verdadeira felicidade.

F. — Hão de andar, como eu quizer, e dançar como eu tocar; quando não, hade hir arrochada. O que eu quero, P., he que lhes falle com vagar da *oração*, e lhes diga, e a todos os que aqui estão, aquellas cousas, que lhe tenho ouvido, e o mais que lhe parecer, porque os quero metter cá na minha irmandade, que até agora chamavão dos fanaticos.

Atheo — Não nos confundiremos de termos o nome, que tão liberalmente devemos a outros; porque o teremos por honroso.

Materialista — Diga-nos o nosso Mestre se deverá ser esse o nosso exercicio, pois estamos promptos para elle.

P. — Do que a tal respeito disser conhecerão, quam vantajoso lhes será para desempenharem perfeitamente os deveres de *Christãos*: porem antes que entremos em tal materia, deveremos tomar hum rodeio algum tanto longo, pois que d'outra sorte não lhes poderei dar o devido conhecimento em tal respeito. Temos necessidade de philosophar ainda sobre a natureza do homem, de sua creação, e condição, para entrarmos no conhecimento do *Plano*, que o Creador quiz seguir para ultimar com a *oração* a grande *Sociedade* do genero humano em perfeita união com sigo; do que tanto temos dito. Este será o objecto desta nossa *Palestra*.

D. — Visto isso temos ainda novos laços, que ligão a *Sociedade*.

P. — Mais do que laços; porque a oração, segundo o divino *Plano*, he sufficiente, e tem as devidas proporções em si mesma para formar a *Sociedade*, qual temos visto, independente de quaesquer outros laços de união. Basta porem que digamos, que ella a remata, a ultima, corôa, e põe em sua ultima perfeição.

Para entrarmos nestas razões devemos voltar á natureza, e condição do homem, e relações, em que seu Creador o collocou em muitos respeitos; e parecerei esta tarde divirgir dos deveres de hum *Defensor* da *Religião* para fazer do *Naturalista*. Ja em outras occasiões o fiz; e na presente materia o deverei fazer em outros respeitos, que não deixarão de lha fazer agradavel.

A. — Porem parece, que não combinão *Theologo*, e *Naturalista*, visto que este facilmente passa a *Materialista*, segundo mostra a experiencia, ainda que ignoro a razão.

P. — Não he regra geral; nem devemos fazer tal injuria a hu-

ma sciencia tão propria para nos elevar ao conhecimento de Deos, Autor da natureza. Tem feito della sim hum abuso intoleravel alguns nossos *Naturalistas*, que o são com pessima intenção, por isso mesmo que ja pervertidos pela incredulidade presumem achar na indagação da natureza cousas, que possão oppôr a seu Creador. Cegueira incrivel do homem!

D. — Assim mesmo parece ser. Quem não admira que o mais famoso dos *Naturalistas* dos nossos tempos sahisse com o ridiculo systema do acabamento do mundo com a quéda obliqua de hum grande Cometa sobre o sol, e abrasamento da terra, depois de haver discorrido tão bem em outros respeitos? Parece o fez mui de proposito para combater nossos grandes Dogmas.

Falsa Philosophia.

P. — Ainda temos outras razões, que com esta fazem merecer o nome de falsas philosophias, as que occupão os nossos modernos sabios, que se arrogão o nome de Philosophos Naturalistas. Seu saber mais he ignorancia, que sciencia, mais pedantismo, que verdadeira intelligencia. Elles a fazem consistir em huma gerigonça de palavras, cujo sentido nem elles mesmos entendem, não obstante que tem sido seus inventores, e então presumem haver dito tudo quando menos se fazem entender.

A. — Não pode o Sr. Ab. ignorar, que a Philosophia *Peripatetica* se elevou a muito alto conhecimento depois que passou a experimental.

P. — Confesso, que o ignoro; ao menos fico indeciso sobre qual merece a prefferencia, se a *Peripatética* com suas qualidades occultas, se a moderna com todas suas descubertas experimentaes. Parece-me que aquella dizia mais, quando attribuia as leis operantes da natureza, cuja causa ignorava, a qualidades, ou forças occultas impostas pelo Autor da natureza. Por este modo se continha nos justos limites do conhecimento humano, e adquiria o do Creador. Mui bem andaria a moderna se tendo entrado pela experiencia no conhecimento da ordem, que seguem estas leis, descubrindo pelos effeitos as causas secundarias, conhecesse a primaria nas qualidades occultas, que ignora, nada mais adiantando alem dos *Peripateticos*. Não sei se me explicarei sufficientemente.

A. — Eu o entendo muito bem. O Philosopho antigo pegava, por exemplo, de huma planta produzida de huma pequena semente, notava o seu desenvolvimento, e crescimento; ignorando as causas, mas conhecendo a insufficiencia, e impossibilidade da materia inerte para produzir taes effeitos, appellava para qualidades, ou causas occultas, como que tem por seu Autor, ao que o he da natureza. Veio porem a philosophia moderna entrar com suas experiencias instrumentaes na composição, e decomposição da planta, descobre nella os tubos, as valvulas, os differentes vasos, os seus elementares, os saes, os nitros &c. e presume haver entendido tudo, quando por tudo o que adianta nestes conhecimentos, melhor devia conhecer o Autor da natureza, que ahi opéra, e confessar sua ignorancia.

M. — Para que o não fação elles dão huma força á materia, que ella não tem por sua natureza, como ja fica dito.

P. — Eis-ahi o erro, e o tropeço fatal, em que commumente cahem todos. Elles dizem: Estas differentes particulas terraqueas, aquaticas, ferreas, salinosas, salitrosas, nitrosas &c. combinadas humas com outras se poem, ou constituem em acção de desenvolver, e produzir &c. Mas eu lhes perguntaria: E quem he o movente, ou qual a causa sufficiente para as por em acção, ou movimento para produzirem, e desenvolverem a planta? Oh, que nós, dirão, achamos estas particulas, que dizemos, na decomposição desta planta, e a experiencia nos mostra, que ellas combinadas entrão em semelhante acção. Sim, meus senhores, e grandes homens, lhes diria, não ignoro eu ainda mais, pois tambem o accaso tem mostrado a meus olhos, que a só agoa do mar detida nos pequenos ôcos das rochas forma com os seus saes mui bem dilineadas plantas, ou ao menos mui bem formadas, e delicadissimas folhas vegetaes. Porem não me direis o movente, o director, e o compositor, que aqui opera? Ignorais, que a materia não tendo por natureza mais que o descanço, nem em sua composição, ou combinação pode ter o movimento, ou acção, nem o entendimento indispensavel para se pôr em tal ordem? Ha, ou não ha aqui qualidade, ou virtude occulta, que tem por *Autor* ao Creador da natureza? Vós direis, que opera a força attractiva &c.; porem vós sabeis, o que he essa força? Podereis attribui-la á morta materia, qualquer que ella seja? Dignai-vos responder.

Cegos, que são taes Philosophos! Bella seria sua phi-

losophia se descubrindo estas causas secundarias, que são as leis impostas á natureza em suas differentes partes, comprazendo-se na indagação de suas operações, viesse no conhecimento do *Autor* de tantas e tão grandes maravilhas totalmente incomprehensiveis, que a natureza continuamente, e a cada passo nos está mostrando.

Ainda em outra cousa pecca ordinariamente, se não sempre, a philosophia do tempo. Ella não só abstrahe do *Autor* da natureza, e dos fins, que nella se propoz, mas ainda por huma forçosa consequencia, considera suas differentes partes de per si, abstractas, e deslocadas sem algumas relações. Eu chamo a isto consequencia forçosa, por isso mesmo que abstrahindo de seu *Autor*, não pode entrar nos fins, e relações, que com elles tem todas as differentes partes da natureza. O que ignorando o mecanismo de hum relogio, ou qualquer outro, nem conhecendo os fins, que nelle se propoz o seu autor, pegasse de huma peça, e a considerasse em si mesma abstrahindo do jogo, que com outra faz, que poderia julgar della? Sem duvida lhe pareceria informe, inutil, e bem mal feita.

D. — Talvez entendesse, que ou não teve autor, ou que a fez ao acaso, ou esteve brincando sem mais algum destino. E eis aqui como succede aos nossos Philosophos, e a mim tem succedido. Assim creio, que tal philosophia, mais he necedade, e pedantismo impio, do que sciencia.

A. — Dahi devemos concluir, que todas as sciencias humanas sem a da *Religião* não o são verdadeiras.

P. — Pelo menos na da *Religião* se devem basear; porem restrigindo-nos á de que fallamos, a proposição he verdadeira em rodo o rigor do sentido. Quem quizer philosophar sobre a natureza do homem jamais poderá dizer cousa verdadeira se não possuir o verdadeiro conhecimento da grande sciencia da *Religião*. Accrescentarei a isto, que o *Naturalista* andará sempre ás apalpadellas sem atinar com a verdadeira philosophia, se não philosophar guiado das luzes, que ella lhe subministra sobre os fins, que se propoz o Creador, e Autor da mesma natureza. He o que temos a fazer; e brevemente conhecerão as razões, porque o faço.

Todos estamos concordes em que nada ha mais indigno do homem racional, do que a ignorancia do Autor da natureza, não conhecendo seu Creador em o só golpe de vista. Nós temos visto, que o *Naturalista*, ou qualquer outro somente por vontade teimosa pode ser *Atheista*, ou *Materialista*.

A. — De boa vontade convimos, e confessamos, que nossas sciencias não passavão de necedades, pedantismos, e cegueira de entendimento embrutecido pelas paixões, e concupiscencias carnaes.

P. — Ponhamos isso de parte, e lançando os olhos aos Philosophos *Naturalistas* bem intencionados, os veremos implicados em muitas questões, a que não achão solução, e em outras ás apalpadellas sem jamais atinarem com o fio, que os devia guiar em taes indagações. Assim lhes succede, porque não attendem, ou não entendem verdadeiramente a *Religião*, pois he ella a unica, que lhes poderia pôr nas mãos este fio para sahirem, do que lhes parece hum labyrintho, com claro conhecimento das bellezas divinas, que o adornão, isto he, o que chamamos natureza, ou grande obra da creação.

D. — Confesso, que ignoro o fim, a que se dirige. Ja nos fez vêr, que tudo o creado tem fins altos, maximos, e eternos. Elles são o conhecimento de Deos, sua grandesa, e omnipotencia. Para este conhecimento não he necessaria profunda sciencia da *Religião*.

P. — Alguns ha, que alem desse tem outros fins directos, que he necessario conhecer, mas somente pelas luzes da *Religião*. Ao conhecimento de huma perfeita, e absoluta *dependencia* de Deos, em que este *Senhor* collocou o homem he, que me dirijo, dando-lhes esta idéa, e luz, que nunca deveria perder de vista, o que quizer entender, e philosophar sobre a natureza do homem, e mesmo de tudo o creado, que com elle está em relações. Do conhecimento desta *dependencia* tiraremos a necessidade da *Oração*, pois que he este o fim desta *dependencia*, em cujo desenvolvimento vamos ja a entrar; e pelo que disser melhor entenderáõ, o que fica dito.

Dependencia, que o homem tem de Deos.

Ninguem haverá, que não affirme, que tudo o creado pende de seu Creador; porem eu não sei se por ventura todos terão o devido conhecimento desta *dependencia*. Ella he absoluta, e entra na mesma essencia do creado: porem em quanto ao homem mui de proposito Deos, seu Creador, lhe augmentou estas *dependencias*, cujas razões, e fins devemos investigar, para entrarmos em grandes conhecimentos.

A. — Não sei o que entende por essencia do creado. Para existir este foi necessario o poder do Creador; porem logo que foi creado, ficou constituido em sua essencia.

D. — Que diz, Sr. At.? Quer dizer, que o creado ficou independente do creador! Considere-o melhor. Eu creio o contrario, e me parece, que huma pedra para existir depois de ser pedra pende de tal sorte de Deos, que deixaria de ser pedra no mesmo instante em que Deos deixasse de empregar em sua conservação aquelle mesmo poder, que empregou em sua creação. Será isto verdade?

A. — Parece-me isso hum paradoxo, e não me lembro de que haja Philosopho, que tal tenha dito.

D. — Por isso mesmo he, que o nosso *Mestre* se queixa da philosophia, porque não vê huma cousa tão clara.

M. — Não he tão clara, como lhe parece; e me admiro da opinião do nosso *Mestre.* A materia he inanniquillavel, e até divisivel *usque in infinitum.* O espirito como indisivel, he indissoluvel, e interminavel....

F. — (Ai, minha cabeça, que ainda estamos de volta com os aveis, e iveis, iveis, e aveis!)

M. — Eu sigo a doutrina catholica; e he por isso que creio a immortalidade das almas.

D. — Pois eu creio que a sua Fé não he bem fundada. Seria verdadeira a inanniquillação da materia no abominavel *Materialismo*, que a crê eterna; e por taes razões he a philosophia moderna mais *Materialismo*, que verdadeira sciencia. Eu....

P. — Queira permittir-me, que atalhe as delongas, que nos causaráõ huma questão tão insignificante, e que prova bem, o que deixo dito do Philosophismo moderno. Queirão dizerme os Srs. se com effeito crêem a creação?

A. — Com essa crença nos lisongeamos.

P. — Perguntarei, em que virtude existe tudo o creado?

A. — Na virtude, e poder do Creador... Agora abro os olhos á verdade, com só essa pergunta..

F. — Vms. estão na rua, e não vêem as casas! He boa cegueira! Ha cousa mais clara? Se Deos he, o que creou, elle he a causa da existencia de tudo o creado. Logo para existir he necessario, que Deos conserve tudo com o mesmo poder, com que o creou. Se elle deixasse, e abrisse mão deste poder, tudo, os mesmos montes, todo o mundo desapparecia mais depressa, do que o fumo. Eu não sei que casta de Philosophias são as suas...

D. — O seu bestunto vale mui mais do que ellas.

P. — Fica tudo bem claro, quando se diz, que nada ha existente, que não tenha de Deos sua existencia. Logo a dependencia de Deos lhe he tão essencial, que sem ella tudo tornaria ao seu nada. He sim inanniquillavel a materia ás forças do homem, e dos tempos, que não podem reduzir ao nada, o que Deos creou, conserva, e quer conservar.

M. — Mas porque razão dizemos, que as almas são immortaes, e eternas?

P. — Porque seu Creador assim mesmo as creou, conserva, e quer conservar com o mesmo poder, com que as creou; e não de outra sorte. Se ellas tem de Deos a sua existencia, de Deos tem a immortalidade. Para que entendão tudo de huma vez, supponhamos hum impossivel; supponhamos que o Creador deixava de existir: que seria neste caso de tudo o creado, tanto material, como espiritual, se não o que diz o *Freguez*?

M. — He bem certo que tornaria tudo ao seu nada. Temos na verdade andado bem cegos em nossas philosophias!

P. — Supposta esta *dependencia*, philosophemos a nosso modo nesta divina sciencia da *Religião*, que he a verdadeira *Philosophia*, e passemos a vêr, que nosso Creador mui de proposito augmentou as nossas *dependencias* de si mesmo; e assim o devia fazer, nem podia obrar de outra sorte, para desempenhar o *Plano*, que havia traçado; e cujo desenvolvimento nos tem sempre occupado.

D. — Posto que ignoro quaes sejão essas *dependencias*, presumo, que terão por fim a união da *Sociedade*.

P. — Tem por fim o desempenho do grande *Plano* na sua mais bella perfeição, e taes, e tão excelsas analogias, que bem provão a sua Divindade. Nós temos visto, que Deos, nosso Creador, he o nosso *Centro*, *Principio*, e *Fim*; he *Cabeça* do Corpo de que somos membros, he *Pai*, de quem devemos ser bons filhos. Debaixo destas vistas temos discorrido, e nellas concluiremos. Ellas nos fazem vêr, que grandes devião de ser nossas *dependencias*. Nós deviamos depender de Deos, e sermos collocados em huma absoluta *dependencia* por isso mesmo que elle he o nosso *Principio*, e *Fim*, e ainda o nosso *Centro*. Deviamos pender delle, como (e muito mais) os membros pendem da cabeça no corpo humano, por isso que elle a he. Deviamos finalmente pender delle infinitamente mais, do que os filhos pendem do pai, por isso que elle he nosso Pai, in-

finitamente mais digno deste nome, do que os pais terrenos. Quando não houvessem estas *dependencias*, ociosa, e superfluamente seria Deos nosso *Centro*, *Principio*, *Cabeça*, e *Pai*.

D. — Vamos com effeito descubrindo essas divinas analogias.

P. — Pondo de parte as duas primeiras, e apenas fazendo de passagem alguma menção, liguemo-nos somente á consideração, que nos apresenta a palavra, *Deos Pai*, pois que temos dito o bastante relativamente ás outras. Para Deos desempenhar os deveres de *Pai*, e de tal *Pai*, foi necessario, que sustentasse a seus filhos, precisando-os a estas necessidades, e *dependencias*. Era necessario soccorre-los nos perigos, e por isto alem de outras razões necessario, que os houvessem. Era necessario pôr em suas mãos tudo o que pode fazer a felicidade de seus filhos, como que delle devião ter tudo, para lh'o distribuir. Este o *Plano* pelo que pertence a Deos, e que vamos a vêr desempenhando.

Porem devemos vêr mais. Deos *Pai*, como invisivel, que he a seus filhos, para bem desempenhar os officios de *Pai*, segundo o seu *Plano*, devia fazer bem sensivel a estes bem claro, e conhecido, que elle he o seu *Pai*, que delle recebem o sustento em seus perigos, e remedio em suas necessidades. Para isto conseguir quiz servir-se de dois meios, que tornarão indispensaveis. Foi o primeiro fazendo-se prodigioso, e admiravel no modo de conservar, e alimentar a seus filhos, para que estes conhecessem bem visivelmente, que tem por *Pai* a este Deos invisivel. O segundo, reservando seus favores especiaes, quaes costuma conceder o affectuoso pai, para aquelles filhos, que como tal o reconhecessem; recorrendo a elle, como devem. Aqui tem a idea do *Plano*, que Deos traçou, e perfeitamente desempenha, e que vamos a desenvolver, para abrirmos os olhos aos cegos, que taes cousas ignorão.

A. — Nós somos esses mesmos, pois taes doutrinas nos são perfeitamente desconhecidas.

F. — Porque sempre tem desconhecido, e ignorado a *Religião*, como que he fanatismo, e pedantismo.

P. — Não esperem, que eu siga methodo na singularisação das diversas cousas, que menciono, mais do que a ordem, que vamos seguindo. Vejamos primeiro a Deos *Pai*, pondo a seus filhos na total, e absoluta *dependencia*, em quanto á sua existencia, e conservação, fazendo-se juntamente visivel, posto que invisivel, em quanto visivelmente mostra o seu poder.

Dependencia em quanto á existencia.

Queirão ter agora presente, o que ha pouco disse das nossas modernas philosophias, no que me antecipei, para não térmos occasião de cortar o fio do discurso, entrados nelle. Eu chamarei a respondêr-me sobre varias, e não menos curiosas questões, aos Srs., que campeão de *Philosophos*, e verão como suas philosophias merecem menos esse nome que o de necedades por isso mesmo, que não querem a verdadeira *Philosophia*, que he a dá *Religião*.

Embirrarão nossos Philosophrastos com a natureza do homem, e não ha hum só, que não embique, e torne entre dentes a *natureza do homem*. Pois bem, meus grandes homens, que presumis saber tudo, quando tudo ignorais, lhes diria eu em amigavel disputa. Tambem eu embirrei com a *natureza do homem*, que desejo conhecer pois que o sou, e tende a bondade de me documentardes a tal respeito. Eu presumo, que vós crêdes, que o homem teve, e tem hum Creador omnipotente, e de infinito saber. Se o não crêdes, eu nada quero aprender de vós, porque vos não creio superiores no entendimento ás bestas irracionaes. Pórem se o crêdes, principiando pelo que apparece no homem aos olhos de todos, tende a bondade de dizer-me, porque razão seu intelligentissimo Creador o formou de huma tão infima, e fragil materia, qual he o lodo, ou limo da terra, formando delle huma maquina, huma organisação a mais admiravel? Não seria mais conveniente forma-lo de pedra, de ferro, páo, ou qualquer outra materia menos fragil? Parecer-vos-ha proprio de hum tal Deos annexar a huma tal materia huma tal substancia, qual julgais a alma?

Eu vos rogo, me digais, que fins se propoz seu Creador, quando o precisou á comida, e bebida? Não vos parece, que andou aqui mal aconselhado? E quando elle o fizesse comvosco, não lhe direis vós, que era hum borrão na materia da creação sugeitar huma tal creatura á precisão do alimento, pondo-a na qualidade, e condição de huma arvore, ou planta, que para vegetar, e crescer, necessita de ser estercada, e regada, sem o que acaba, e perece?

F. — Bravo, meu Ab.! Eis-ahi o que me tem feito admirar.

D. — Queirão responder os dois Srs. *Philosophos*.

A. — Deixe-nos por quem he. Nossas philosophias nunca versarão em taes respeitos, sendo que o faziamos sobre a *natureza do homem*.

D. — Mas por ventura não entra a questão nessa mesma *natureza do homem?* Queira responder.

A. — Porque assim o quer, direi que Deos o fez em castigo do peccado, sugeitando o homem ao trabalho.

P. — Nego, que seja essa a causa, porque antes do peccado ja estava sugeito a esta necessidade do alimento.

M. — Necessidade não teria, e seria izento de tal miseria.

P. — Se por ventura assim o era, ociosamente obrou Deos em crear hervas, e sementes para ter, de que se alimentar. Superfluamente disse: *Dedi vobis omnem herbam afferentem sementem &c. Gen.* I. 29.

D. — Pois eu direi, que o fez, para que o homem não estivesse ocioso, occupando-se nesse arranjo.

P. — Esse teve depois do peccado, negando-lhe a terra, o que antes delle lhe prodigalisava, e por isso não teve lugar antes. Porem tanto antes como depois direi, que não foi esse o fim primario, pois que nesse caso deveria Deos deixa-lo amassar a terra para comer, e não ser elle o proprio que lh'a amassasse, e assim lh'a entregasse. Eu me explico melhor.

Se no sustento Deos não tencionou mais que o trabalho, e occupação do homem, deveria entregar-lhe a terra, de que se devia sustentar, como terra que he, para elle mesmo a preparar, amassando-a a seu modo, para a comer. Porem nós vemos o contrario, e de tal sorte, que he Deos a trabalhar mais, do que o homem, no seu sustento. Ainda mesmo quando este trabalho, nada faz em comparação de Deos. Antes do peccado disse ao homem: Ahi tens hervas, e frutos para teu alimento, e foi o mesmo que dizer-lhe: Ahi tens ja preparada a terra, de que te deves alimentar, mui bem amassada por minhas proprias mãos em hervas, e frutos. Depois do peccado lhe disse, que comeria desta terra no suor de seu rosto sim, mas nem por isso deixou Deos de amassa-la, e prepara-la em diversissimos gostos, como vemos nas hervas, e frutos. Logo não foi, o que dizem, a causa primaria, e o fim directo. Algum outro houve.

D. — Assim me persuado; porem eu o ignoro.

F. — He bom ignorar! Elle se está a metter pelos olhos.

P. — Eu desejarei ainda que me digão, qual a razão porque na preparação da terra, que deve servir de alimento ao homem, põe Deos em acção a sua omnisciencia, a sua omnipotencia, e no mesmo grão, que foi necessaria para a crea-

ção ! Qual lhes parece mais ; a organisação da materia qual se observa nos vegetaes, no desenvolvimento de huma bem pequena porção de materia em huma arvore, a composição de hum qualquer pomo, ou fruto, seu dilicadissimo, e diversissimo gosto, ou creação do nada ? Se não disserem, e affirmarem, que nenhuma differença ha, pelo menos ficaráõ indecisos.

D. — Eu estou pela primeira ; e affirmo ser tão maravilhosa a composição, e organisação da materia nas hervas, nos frutos, nas carnes, e em tudo o que serve de alimento ao homem, que sem duvida exige o mesmo podêr da creação da mesma materia. Porem ja me occorre a razão de semelhante conducta em Deos, e he para que o homem conheça a *depedencia*, em que está das mãos de Deos.

F. — Custou-lhe ! E contudo não disse bem. He para que o homem se certifique, tanto como se o estivesse vendo, que Deos he seu *Pai*, de quem tem a vida, a conservação, e o sustento. Porem os Incredulos ; como brutos...

P. — Assim he ; mas desenvolvamos melhor estas razões. Sabes, homem, diria eu a qualquer, porque és formado da materia mais fragil, qual he o limo da terra, e não o foste de outra melhor terra, de pedra, bronze, ou outro metal ? Olha para teu corpo, vè as maravilhas obradas pela mão de Deos nesse mesmo lôdo de teu corpo, observa essa prodigiosa organisação do mesmo limo da terra em ossos, carne, sangue, fibras, vêas, vasos, valvulas, e tantas mais cousas, que nunca se poderáõ admirar sufficientemente. Porque tudo isto ? Aprende daqui, cego homem, e vê a teu *Pai*, o mesmo Creador do mundo, que te deo o ser, que te creou, e conserva por modo tão maravilhoso, que não és tu, o que a ti mesmo te deste o ser, que te fizeste, nem alguma outra creatura o podia fazer. Abre os olhos, e vête nas mãos de teu *Pai*, de que estás absolutamente pendente.

F. — Agora, P., dê-me licença, e não me mande calar, porque o não farei. Ahi necessita-se de metter o arado a fundo. Andai cá, ó Incredulos de todas as cores, inimigos de vosso mesmo *Pai*, como tão máos filhos, que sois ; andai cá, ó levianas, cabeças ôcas, e vaidosas, que pensais vós, que sois ? Lodo, limo da terra, esterco o mais immundo, e nogento. Esterco são os vossos corpos ; e de esterco necessitaes para conservar esse esterco. Olhai-vos nesses espêlho das caveiras de vossas cabeças...

D. — Isso mesmo ! Portuguez, e mais Portuguez.

F. — Cale-se lá, e não me estorve. Terra sois, e terra comeis, que he o mesmo que dizer esterco sois, e esterco comeis. Mas porque vos formou Deos de tal materia? Para conhecerdes, vaidosos, que sois esterco. Mas para que fim vos precisou Deos a taes necessidades? Para que vos prepara elle tão bem preparada, e por modos tão maravilhosos a terra, com que vos regalais, sendo esterco, que em esterco se resolve nos vossos estomagos, ó regalões? Abri os olhos, ó cegos; vede este bom *Pai* empregando seu poder, seu saber para vos alimentar, e mesmo regalar. Quem outro poderia preparar-vos assim o alimento? Conhecei, e confessais, ou não a este bom *Pai*, que alimenta seus filhos?

Porem vós, ó má gente, não credes, que tendes tal *Pai*; vós presumis dever a vossos trabalhos o sustento; e com isso negais a Deos, vosso Pai. Vós, ó profanadores dos dias de guarda, ou não credes em Deos, ou presumis arrancar-lhe de suas mãos o pão a bofetões. Vós todos, que vos servis do peccado para comerdes, vós ó ladrões de todas as qualidades, vós não credes em vosso *Pai* Deos; vós mais quereis comer pela mão do diabo, a quem mais quereis por pai! Porem desgraçados...

P. — Agora basta; ja disse bastante.

F. — Fica por dizer o melhor, pois quero dizer a esses grandes inimigos de Deos, e sua *Religião*, que vão errados; e prophetizar-lhes que hão de ser castigados, mesmo neste mundo, e acabar miseravelmente sem terem onde cahião mortos, para conhecerem deste modo, que só Deos he o verdadeiro *Pai*, e não o diabo. Vm. não me pode negar, que o nosso bom *Pai* segue esta marcha. Elle sustenta, e tem cuidado de alimentar a seus filhos, que o reconhecem por *Pai*. Porem aquelles, que fechão os olhos ás suas maravilhas, que o desconhecem, que até lhe roubão os bens de sua *Igreja*, e lhos tem usurpados, e ainda possuem, tendo a excommunhão ás costas, e em fim todos esses, que mais querem comer pelas mãos do diabo, que olhão como pai, com tão horrivel desprezo de verdadeiro *Pai*, eu protesto, que todos elles hão de ter a paga neste mundo, para ainda nelle lhes fazer Deos conhecer, que he elle o verdadeiro *Pai*, e não o diabo; e tenho dito: o meu bestunto não me engana.

D. — Que enthusiasmo tomou! Que fogo!

F. — Não me contradiga em huma verdade tão clara. Olhe o que he feito de grandes casas. Seus proprietarios perdidos

huns, outros em vesperas de o serem. Veja o que se vai passando por tal respeito, e pondere, o que se passará. Todos hão de ter o pago; e hão de conhecer, ainda que não queirão, ou por hum ou outro modo, que Deos he o verdadeiro *Pai*, e não o diabo, a quem esses desgraçados tem servido, e por cujas mãos tem querido comer. Se isto não he verdade...

P. — He sim; porem ja fica dito em outras occasiões.

F. — Mas eu quiz dar-lhes nesta hum repellão, que levasse couro e cabello a esta má canalha, casta de má maleita, que a bréca levasse lá par'alem dos quintos.

P. — Pois basta. Falta-nos o tempo para philosopharmos sobre as maravilhas, que o creador obra por este respeito, para se fazer conhecer bem visivelmente como *Pai* alimentando seus filhos. O bruto homem não o quer ver, e o *Materialista* he hum monstro da natureza. Como poderia elle explicar esta virtude, que tem a só terra para desenvolver a semente, que nella se lança, sendo a materia de todas a mais bruta? Que cousa mais maravilhosa, que aquelle, *Producat terra*, pronunciado pela boca do Creador ha sessenta seculos, aind'agora em seu vigor? Aquelle, *Producant aquae*..!

A. — Não me parece tão admiravel a agoa, como a terra.

D. — Pois a mim parece mais admiravel a agoa, não só porque ella entra em todas as producções da terra, mas tambem porque me parece mais productiva, ainda que não nego, que em suas producções entra tambem a terra. Quando ella não produzisse por si mesma varios viventes, como ja vimos, bastaria a só faculdade do desenvolvimento das sementes oviperas dos peixes, o que he bem admiravel nas agoas do mar sempre em movimento.

M. — E porque razão procurão muitos peixes os rios, e o mediterraneo para desovarem? Bem sei, que tal questão he alheia do nosso assumpto, mas poderá servir de occasião de admirarmos as divinas maravilhas.

P. — Tudo nos deve servir de tal occasião. Procurão os peixes as agoas dôces, ou mais brandas para o melhor desenvolvimento de sua producção, que não se desenvolve senão entre as escamas dos peixes, que a tem onde he lançada por huns em outros. Nos que a não tem supre a galha pegajosa; e por isso se tem observado em taes occasiões huns, e outros peixes cubertos de immensas producções da mesma especie.

F. — He para que saibão, que de tudo entende o meu *Abbade*!

P. — Na agoa mais, que em qualquer outro elemento, tem o *Philosopho*, que admirar as maiores maravilhas do nosso *Pai* Deos em favor de seus filhos. Elle verá nella viver esta materia morta, pois a observará em continua agitação, movimento incrivel, immensas formas, e transformações pasmosas. Verá esta materia inerte; menos que o limo da terra, pesada, e morta, circulando pelas entranhas da terra humas vezes, quando outras parece mudar de natureza para voar sem azas ao alto dos ares, e dahi descer a fecundar a terra, e entrar na composição maravilhosa de seus frutos. Serpentando sobre a face da terra, procurando por natureza os valles, não deixa queixosos os montes, pois sobre elles se precipita desde as nuvens, e ainda nelles toma seu nascimento, formarios, e fontes.

F. — Ainda ha outra cousa bem pasmosa neste respeito, e he como achão sempre passagem por entre altos montes? Que cousa tão pasmosa, como o *Douro*, o *Mondego* correndo por entre tão altas serras..?

A. — Mais admiravel he o nascimento do *Mondego*, e alguns outros no mais alto das grandes serras, e as immensas fontes, que nelles apparecem.

D. — Pois eu acho mais admiravel a sua congellação, pois sendo hum elemento tão fluido, que se evapora, pode elevar-se á dureza de huma pedra.

M. — Então direi eu, que he sobre tudo admiravel a sua elevação por canaes interiores, e subterraneos ao mais alto dos montes, para dar o nascimento aos rios, e fontes, como vemos na serra da *Estrella* ondem sahem de hum grande lago, que tem communicação com o mar, os tres rios, *Mondego*, *Zezere*, e o *Alva*.

F. — Pois eu sei admirar mais cousas, que o nosso bom *Pai* faz com a agoa para regalar a seus filhos. Vejão-na em todos os frutos, na laranja, no melão, na melancia, em todos quantos ha, pois tudo, ou quasi tudo he agoa: mas como está composta, guisada, e temperada com tão diversos gostos, que se não confundem huns com os outros pela grandissima differença de sabor, de cheiro, e de côr.

D. — Tudo he pasmoso; tudo he admiravel! Mas não nos dirá, P., as razões phisicas de alguns destes admiraveis phenomenos?

P. — As razões phisicas não são mais que as leis impostas á natureza por seu Creador que só delle tem a virtude e for-

ça para produzirem taes effeitos. O homem, quando mais apenas pode descubrir pelos effeitos a ordem que seguem, e não a causa efficiente, e primaria na natureza da materia, qualquer que seja a sua combinação, porque só a tem em Deos. Tanto he assim quanto ja vimos, que tudo o creado, toda a natureza se refundiria no mero nada, de que foi tirada, a não a conservar a mesma omnipotencia creadora. O *Philosopho* illustrado, comprazer-se-ha, observando estas leis impostas á inerte, e morta materia, mas somente tem a tirar com pasmo, admiração, e assombro, o conhecimento do Creador.

He isto, o que fez o *Psalmista*, cantando por tal respeito os louvores de Deos com emphase, e energia: *Super montes stabunt aquae*; sobre os montes se elevão as agoas. Deos com ellas cobre os altos do ceo, ou do ar: *Qui tegis aquis superiora ejus.* 10. 3. 3. Elle na ordem physica do mundo fez elevar os montes, e abaixar os valles nos lugares, que sua omnisciencia lhes destinou: *Ascendunt montes, & descendunt campi in locum, quem fundasti eis.* ỷ. 8. De outra sorte não poderião haver fontes, e a não ser esta ordem dos montes, a mais pasmosa, como diz o Fr., e que não tenho visto admirar sufficientemente, não poderião correr os rios: *Qui emittis fontes in convallibus: inter medium montium pertransibunt aquae.* ỷ. 10.

F. — Que mais poderia desejar o Incredulo, esse animal bruto da natureza para vir no conhecimento de hum Deos, que viajar pelo *Mondego* ou pelo *Douro*, e vêr a cada passo estes rios cortados por altas serranias de rocha viva, ao mesmo tempo, que conhece o seu engano vendo, que os montes estão postos de tal sorte, que se tivesse juizo diriamos, que tiverão muito tento em deixarem sempre livre a passagem? Abri, cegos Incredulos, a isto os olhos, e envergonhai-vos de vosso embrutecimento.

A. — Eu sou hum, que apenas agora abro os olhos para vêr huma tal maravilha, que na verdade he pasmosa. Que lhe parece, Sr. Ab. das fontes nos montes?

P. — Com certeza, pois que sou testemunha ocular, direi, que não passa de verdadeira frioleira, o que se diz da lagôa, ou lago do alto da serra da *Estrella*, e que acredita o Sr. At, pelo haver lido em alguns de nossos Escritores, que o fizerão sem alguma critica.

M. — Pois não he certo, que ha esse lago no alto...?

P. — He sim, mas não tal qual dizem. Ha hum pequeno la-

go, e mui insignificante, que apenas na sua maior altura terá duas, ou tres varas sobre duzentas, ou trezentas de circunferencia formado pela agoa, que rebenta de hum grosso, e enorme penedo, a que chamão *cantaro gordo*, que dá origem ao *Zezere*, que na verdade nasce soberbo. He porem admiravel tanto este nascimento, quasi no mais alto da serra, como a mesma serra. Tem este enorme monte na planice, que forma o seu alto, quatro legoas de comprido sobre duas de largo. Não me atrevo a dizer a sua elevação sobre o nivel de sua raiz occidental, porem sem duvida he o mais alto de todos os montes do Reino. Na sua bem notavel planice não se descobre algum reptil, nem volatil, á excepção de alguma ave de rapina que por ella passa. Não tem mais arvores, que o pequeno arbusto, que produz o verdadeiro zimbro, se me não engano, e agenciana, principalmente sobre o *cantaro gordo*.

Este enorme rochedo, que parece desfazer-se em agoa, que forma o *Zezere*, e se despenha com grande estrondo deste monte, está collocado a hum lado, e hum pouco mais abaixo do nivel da planice, que forma a parte mais alta. Não he esta a mesma origem dos dois outros rios. Em distancia de cousa de huma legoa a tem o *Alva*, e bem pobre, e humilde. Nem he de outra sorte, e talvez mais pobre a do *Mondego*, que em distancia de legoa, e meia ao norte hum pouco mais abaixo da alta planice vai nascendo por entre pedras e engrossando á medida da sua carreira com varios riachos, que o vão procurar.

A. — Porem nesse lago foi affogada St.ª *Antonina*, natural da Villa de *Cea*, segundo dizem os nossos *Martyrologios*.

P. — Não temos necessidade de naturalizarmos huma Santa, que foi *Grega* de nação, e natural de *Nicea*, como devião lêr os nossos *Martyrologios*, dizendo: *In urbe Nyceae*, como lê o antigo *Romano*, e não: *In urbe Ceae*. O pequeno lago, de que fallamos, fica a mais de tres legoas da Villa de *Cea*, e caminho intransitavel.

D. — Muita critica he necessaria em taes cousas! Mas não dirá se devemos attribuir a origem desses rios, e fontes aos aqueductos subterraneos?

P. — Quem jamais os encontrou, ou descubrio? Alguns ha, mas não que elevem as agoas ao alto, se me não engano.

D. — Mas como póde explicar tal origem? Os Naturalistas...

P. — Taes materias não são muito a proposito, e nos demorão; porem como tudo concorre para o nosso intento, di-

rei a minha opinião, em que a experiencia, que devião ter os Naturalistas para não dizerem frioleiras, me assegura. Para explicarem essa elevação das agoas valem-se elles dos giros vertiginosos da terra com a sua esphoroide &c. Porem elles não vêem a contradicção, em que cahem, pois os mesmos movimentos, que com isso dão ás agoas nos aqueductos subterraneos, devião ter, as que correm, ou descanção nos lagos, sobre a superficie da terra. As enchentes, e vasantes dos mares de nenhuma sorte podem dar origem ás fontes, que dizemos. Poderião ellas elevar as agoas aos altos, por exemplo, da serra de *Cintra*, que fica sobre o mar? Frioleiras, e falta de observações!

Nós temos em nossas serras grandes canaes, que dão origem a grossas nascentes, e rios. A cordilheira ou serra d'*Albardos* que principiando no cabo da *Roca*, se estende até a da *Estrella*, desde *Rio Maior* até *Condeixa*, deita suas agoas em rios, ou grossas fontes, como são, o que dá nome á sobredita Villa, o *Alviela*, o *Almonda*, o *Nabão*, e outros, ao inverso das mais serras, que ordinariamente as dão, chorando. Mas por ventura tem elles sua origem do mar? Eu estou persuadido que não tem outra differente origem.

Esta serra, de que fallamos, ou não tem terra, ou mui pouca entre suas rochas, não sei se por ser assim creada, se por lhe haver fugido com a chuva pela continuação dos seculos. Ficarão estas rochas alcantiladas humas sobre outras, formando cavidades, e horriveis boqueirões, a que os naturaes chamão *algares*, em que muitos precipitados por desacautelados, achão em vida a sepultura. Como assim devião formar aqueductos por entre estas rochas, por onde se conduzem as agoas das chuvas recebidas nestas grandes, e continuas cavidades, e arroja-las fóra, onde pudessem romper. Aqui temos o *Alviela* sahindo por huma espantosa cavidade pela qual entra, quem quer, por hum comprido espaço; e o *Almonda* rebentando por entre fendas de huma rocha com grande força.

D. — Porem elles correm tambem no Verão, posto que mui mais pobres d'agoas: nem se pode dizer, que estes e outros rios, e fontes nos montes não tem outra origem, que não seja das chuvas.

P. — Mas temos outra origem. As multiplicadas experiencias me tem mostrado a mui forte attracção, que tem as varias qualidades de pedras, principalmente grandes rochas, e

mesmo terra, para attrahirem a si os vapores, ou exhalações aquaticas, que vagão em maior, ou menor abundancia pela atmosphera. Quando esta dellas está mais carregada, as verão condensando estes vapores sobre si, que os fazem correr em fio. Quem poderá duvidar, que hum monte de taes pedras formará huma corrente maior, ou menor á proporção da maior, ou menor carregação da atmosphera? Se pegarem de huma pequena destas pedras, e a embrulharem em algodão, ou lãa, d'entro de pouco tempo a acharáõ orvalhada. Eis aqui a que attribuo a origem das nascentes nos montes, e que eu poderia comprovar com muitas experiencias, e não aos imaginados aqueductos, que ja mais encontraráõ, por mais que cortem estes montes, que de sua cabeça vertem agoa por toda a parte.

Nós temos, que admirar neste respeito as maravilhas da omnipotencia do nosso bom *Pai* Deos, que faz evaporar este pesado elemento para se elevar aos ares, e sobre a atmosphera, não só para nella se condensar, e cahir em chuvas a fertilizar os montes, os campos, e os valles; mas ainda para entrar na composição dos fructos, arvores, vegetaes, e outros corpos. Temos ainda para admirar esta virtude attractiva, que tem as pedras, os rochedos, e montes para, attrahindo a si estes vapores aquaticos, formamarem as nascentes, e rios para soccorro de seus filhos, ainda quando faltão as chuvas.

D. — Acha o Sr. Ab., e descobre grandes maravilhas tanto na sciencia da *Religião*, como na da natureza, ou physica, que parecia ser tão differente.

P. — Eu não presumo possuir alguma outra Sciencia, que não seja a da minha santa *Religião*. Porem esta somente, e nenhuma outra, merece o nome de sciencia, nem alguma ha se não se fundar nesta, e a tiver por guia, e mestra. O principio de toda a sciencia he o *temor* de Deos: *Initium sapientiae, timor Domini. Eccl.* 1. 16. Mas não só he o principio, senão tambem a sua plenitude: *Plenitudo sapientiae est timere Deum.* ℣. 20. Nós ja vimos, que a palavra *temor* de Deos exprime o respeito devido a Deos, os sentimentos religiosos, ou o verdadeiro espirito de *Religião*, em que deve entrar o seu conhecimento. Fóra disto não ha sciencia.

Continuando com a materia, não acabaria se houvesse de mencionar os prodigios, as maravilhas, que o nosso *Pai* Celestial põe continuamente em acção para sustentar seus

filhos, fazendo-lhes bem patente, que he elle a sustenta-los, e não as suas proprias deligencias, cuidados, e trabalhos. Foi este o conhecimento, que elle sempre exigio, como vemos nas Sagradas *Paginas* a cada passo, como que clama continuamente ao homem com todas as vozes da natureza: Vê, que sou Eu a sustentar-te, e que a não ser Eu, nada valerião tuas deligencias, e trabalhos; de mim pendes continuamente &c.

F. — E quem pode duvidar, que são perfeitos Incredulos, que negão que ha Deos, todos os profanadores dos dias Santos, e todos os mais que querem comer pelas mãos do diabo?! Porem estejão elles certos, de que hão de conhecer, que vão errados, e que o diabo lhes hade dar o pago.

P. — Quem não diria, que a terra promettida ao seu Pòvo conduzido a ella com tantos prodigios, e que, na sua mesma frase, manava leite, e mel, não seria fecundissima, tendo em si mesma toda a sufficiencia de huma riquissima producção?! Contudo enganar-se-hia, o que assim pensasse, pois apezar de ser solo na verdade rico, pouco pode produzir por si mesma quando lhe faltem as agoas do ceo: *Montuosa est, & campestris, de coelo expectans pluvias. Deut.* 11. 11. E porque quiz Deos assim? Para que conhecesse aquelle Povo, bastante embrutecido, que não devia attribuir á só terra o seu sustento, mas sim ás influencias do *Ceo*, e em todo o sentido se desenganasse, que pendia das mãos de seu Deos. Eis aqui pois o fim destas; e outras infinitas maravilhas, que me he impossivel mencionar. O mesmo he do vestido, que recebemos das mãos do nosso *Pai* por meio de semelhantes prodigios, como bem podem ponderar; e finalmente tudo o que nos he necessario.

Dependencia em quanto á alma.

Se taes são as dependencias das mãos de Deos, em que estamos em quanto ao corpo, não são menos relativamente á alma, antes mais, posto que menos conhecidas por invisiveis, e menos sensiveis. Eu julgo porem que terei dito o bastante a este respeito nas muitas vezes que nos tem sido necessario fallar da alma humana, e sua natureza.

D. — Têm-nos dito que o homem nada bom pode fazer, dizer, ou pensar em ordem á sua salvação sem o soccorro, e cooperação das graças do *Senhor*. Isto diz tudo; e bem o exprime a comparação do ramo da vide qual a tem exposto.

P. — Por todos os respeitos, e em toda a sua extensão, não ha no homem mais que absolutas dependencias, de nosso *Pai*, e Creador. Pende a alma de Deos em quanto pende do corpo; cuja dependencia acabamos de ver. He bem admiravel, como ja disse, que Deos sugeitasse no homem a huma tão vil, e abjecta materia, qual he o corpo, huma substancia tão nobre, qual he a alma. Mais admira ainda que fosse tal esta sugeição, que chegasse a ficar em huma quasi absoluta dependencia mesmo em suas mais nobres operações, quaes são as do entendimento, e vontade. Nós observamos, que nossas almas pouco adiantão do que adquirem pelos sentidos corporaes, principalmente os dois primeiros. Eu pasmo porem de admiração, quando vejo esta tão nobre substancia pender tanto da vil materia, a que está ligada, que com ella he infantil, quando o corpo o he, com este se faz moça, entra com elle na verilidade, defeca, e envelhece com a sua decrepitude, seguindo ordinariamente a passo estas differentes épocas, e os mesmos temperamentos, e affecções corporaes.

M. — Eis-ahi, P., que essas considerações concorrerão para o meu Materialismo, e tem induzido a muitos a não verem no homem mais do que nos brutos irracionaes, como ja disse em outra occasião.

F. — Mas he necessario serem mais brutos do que elles, e mais cegos para não verem mais.

M. — Eu estou por isso, nem quero mais razões, que as ja dadas, que me fizerão abrir os olhos.

P. — Talvez desejem entrar nas razões, causas, e fins desta divina economia. Com gosto eu o faria para verem a Deos sempre conforme comsigo em todas suas obras. Em outra occasião alguma cousa direi.

D. — Tem dito o bastante por onde possamos conhecer, que assim foi conveniente, e necessario, visto ser creado o homem em estado de merecimento, e taes proporções, que aspirasse continuamente a conseguir seu ultimo destino. Por isso me parece, que não haveria grande, e consideravel differença, quando o genero humano se conservasse no estado primittivo. Que lhe parece a este respeito?

P. — Eu sou da mesma, e identica opinião. Não creio, que entrassem na decrepitude, porque me persuado, que os corpos a não terião em tal estado, sendo antes della trasladados ao *Ceo*: mas sem duvida passarião pela época infantil. Creio bem, que os filhos de *Noé* na sua infancia não ti-

nhão os conhecimentos, capacidade, e verilidade d'alma, que tinha seu bisavô *Matusala*, com quem conversarão. De outra sorte a instrução se tornaria inutil.

D. — Isso de certo. Em quanto ao mais relativamente á dependencia, que a alma tem de Deos, basta-nos o sabermos, que, como seu sôpro, o tem por principio, e centro. Julgo, que poderemos considerar nóssas almas, como *sopro* sempre pendente da boca de Deos. Será justo este conceito?

P. — Elle assim me parece, e muito bem expressivo. Posto que nossas almas são verdadeiras substancias, he tão grande a relação, que tem com Deos, quanto elle he o seu centro, principio, meio, e fim, sua verdadeira, e original semelhança, e imagem. Somente com isto, e deste modo se pode expressar esta totâl dependencia, e nada mais accrescento ao que a tal respeito temos dito. Porem devemos saber, que assim como nosso Creador augmentou as necessidades, e dependencias corporaes, como temos visto, do mesmo modo, e talvez mais augmentou as espirituaes, e sem duvida pelo mesmo fim, isto he, para conhecermos, que elle he o nosso verdadeiro *Pai*, de cujas mãos estamos pendentes. Eis-aqui as tentações, que por toda a parte nos cercão.

Tentações.

Antes que passe a dar-lhes a tal respeito as devidas instrucções, devo expôr os fins, que nellas se propoz nosso Creador, e *Pai*, para que se conformem com elles, entrando juntamente no conhecimento da divina economia, bellezas, e formosuras da sua *Religião*.

A. — Podemos lisongear-nos ja com esse conhecimento, tendo visto, que as *tentações* são necessarias para o merecimento da gloria, que esperamos. Assim ellas não fossem tão fortes.

F. — Mais forte he o homem, com a graça do *Senhor*.

P. — Eu satisfarei melhor a essa segunda parte; e digo relativamente á primeira, que nas obras de Deos commumente se notão muitos fins; no que mui bem apparece a sua Divindade. Para o louvarmos nos deo a boca, e para outros tantos fins, quaes se podem ponderar. Outro fim mui principal tem ainda as *tentações*, que por ora explicarei com a dependencia, e grandissima, e mesmo absoluta necessidade dos divinos soccorros, que das mãos de Deos so-

mente devemos esperar. A não serem as *tentações* facilmente o homem presumiria viver em independencia do seu Creador.

F. — Mesmo assim o presumem os Incredulos.

P. — Não desempenharia hum pai os deveres da paternidade em toda sua extensão, quando não houvessem perigos a temer, de que defendesse seus filhos, e nelles os soccoresse. Nosso *Pai* Deos não teria a exercer os deveres de sua *Paternidade*, quando não permittisse perigos, que lhe dessem occasião de os defender, e soccorrer em taes necessidades.

F. — Nem os filhos se lembrarião de tal *Pai*, antes o desprezarião ainda mais, do que o desprezão, se não houvessem estes perigos das *tentações*. Então clamão pelo pai, e a elle correm os pequenos filhos quando se vêem assaltados do temor. Então lembra St.ª *Barbara*, quando ha trovões.

P. — Vamos por ora ponderando as dependencias. Nas *tentações* as quiz Deos pôr bem patentes; e não pende mais de seu pastor para se resguardar do lobo a ovelha, nem o ramo pende da vide para não perecer, nem o corpo, ou seus membros pendem da cabeça, do que o homem pende de Deos para vencer as tentações. Direi o mais depois de dar o sufficiente conhecimento, que relativamente a *tentações* deve ter hum *Catholico*.

Tentações do Demonio.

Já nós vimos, que sendo com razão impostos preceitos ao homem, foi necessaria a *tentação* para os tornar meritorios, e por meio de sua observancia conseguir o premio da ultima felicidade.

A. — Assim o disse quando nos fallou do peccado dos nossos primeiros pais. Porem eu desejaria saber, se no caso, que elles vencessem a tentação, sua descendencia ainda ficaria sugeita a tentações?

P. — Eu tambem desejaria satisfazer a seus desejos; mas não posso, por isso que nada consta das divinas *Escrituras*, nem eu tenho visto cousa alguma a esse respeito. Se comtudo quizer contentar-se com a minha opinião; que me parece ser conforme ao que temos dito em semelhantes respeitos, direi, que sim haverião tentações, que tornassem meritoria a observancia dos preceitos, mas taes, que não pudessem vencer o homem, e cahir em tal culpa, que desmerecesse a felicidade eterna; por isso mesmo que o primeiro, ou primeiros pais deixavão em herança a seus fi-

lhos o *Ceo* aberto, bem assim como por isso mesmo que cahirão na tentação, lh'o deixarão fechado.

D. — He razão de congruencia, que parece ter força.

P. — Pondo porem de parte semelhantes curiosidades, diremos que por isso mesmo que o demonio vencco em seus pais, e no seu tronco, o genero humano, tomou sobre elle mui grande ascendencia. Nós vemos quam grande a tinha sobre a descendencia de *Abrahão*, e toda a Nação Judaica até J *Christo*, não obstante ser o Povo escolhido para formar a *Igreja* na sua mocidade; e o *Evangelho* nos diz muito mais a este respeito do que poderiamos pensar. A cada passo nos representa energumenos, homens de toda a condição, e idade atormentados, cruelissimamente atormentados pelos máos espiritos. A não o ver assim confesso, que se me faria duro para acreditar; o que a este respeito nos referem as relações historicas das Nações *Infieis*. As *Cartas edificantes* do segundo *Apostolado*, sendo conformes todos os Missionarios, nos testificão este imperio, ou ascendencia tyranica, e infernal, que estes infensissimos inimigos do genero humano ainda presentemente exercem por permissão divina sobre esta desgraçada sua parte, advertindo, que por *J. Christo* ficou vencido.

A. — Se ficou vencido como pode ainda fazer guerra!

P. — Eu satisfarei brevemente. De tal soste estava o genero humano opprimido por este cruel vencedor até J. C., que o primeiro poder, que este *Senhor* deo a seus Discipulos foi o de expellir demonios, que com tanto dominio possuião os desgraçados, que por vezes resistirão, e ainda o intentarão fazer ao imperio do seu Creador...

F. — (Se elles carreguassem somente os Incredulos..!)

P. — Assim o pedia a razão, visto que ficou vencedor.

A. — Deveremos persuadir-nos, que Deos abandonou sem recurso o genero humano até o *Redemptor* ao poder infernal? Porem não vemos que influisse nos grandes *Patriarchas* á excepção de *Job*, mas por permissão particular.

P. — Eu não creio, nem digo, que o abandonasse a tal poder, mas sim que o tomou grande o vencedor infernal. Creio ainda, que Deos lhe deo grande recurso na Fé, do *Redemptor* que o havia de livrar desta escravidão, e a esta attribuo o nenhum poder talvez, que tinha sobre os *Patriarchas*, e outros constantes, e firmes nesta esperança. Por esta, alem de mais razões, que ja vimos, lhes foi annunciado logo o *Redemptor*, com a certeza de machocar a ca-

beça da seductora serpente.

A. — Quem a devia machocar, segundo esse oraculo, devia ser a *Mulher*, isto he, *Nossa Senhora*, e não J. *Christo*.

F. — Não diga heresias. O poder de *Nossa Senhora* para o fazer assim lhe vem de seu *Filho* J. *Christo*.

P. — O *Texto* da nossa *Vulgata* o faz entender com effeito de *Nossa Senhora*, por isso mesmo que seria a MÃI do *Redemptor*, e poder, que para isso se lhe daria, alludindo a *Eva* vencida: *Inimicitias ponam inter te & mulierem, inter semen tuum & semen illius: ipsa conteret caput tuum. Gen.* 3. 15. O *Texto Hebraico* lê: *Ipse conteret caput tuum*, referindo este relativo á semente, ou geração da *Mulher*, que na lingoa *Hebraica* he do genero neutro, e assim o lerão muitos, como se pode ver em *Calmet*, e outros *Expositores*. Contudo a nossa *Versão* explica muito bem a devida crença, em que ficou *Adão*, e sua descendencia, e como ja vimos. Esta Fé lhes deveo servir de preservativo, e forte escudo contra os insultos infernaes em todo o tempo.

Com effeito o *Redemptor* desta escravidão venceo o *forte armado*, cujo nome o mesmo *Senhor* lhe deo no *Evangelho*, com sua morte. Tal era o seu poder, que ainda lhe deo o nome de *Principe*, quando affirmou que o hia a vencer arrojando-o de seu principado, e despojando-o de seu poder: *Nunc princeps hujus mundi ejicietur foras. Joan.* 12. 31. Agora vai a ser expellido de seu imperio o principe deste mundo. S. *Paulo* nos affirma, que J. C. por sua morte destruio, o que tinha o imperio da morte, livrando de sua escravidão os que por toda sua vida lhe estavão sugeitos: *Ut per mortem destrueret eum, qui habebat mortis imperium*, id est, *diabolum*; & *liberaret eos, qui timore mortis per totam vitam obnoxii erant servituti. Hebr.* 2. 14. 15.

A. — Porem eu acho em contradicção comsigo mesmo o St.° *Apostolo*. Escrevendo para *Epheso*, manda, que nos armemos para podermos resistir aos insultos dos demonios, com quem temos guerra; e ainda os trata de *principes*, *potestades*, e *regedores*, ou governadores do mundo. Logo não forão vencidos, como affirma nessa *Carta*; ou elle se contradiz.

P. — Não lê bem o Sr. At. Não falla o *Apostolo* em insultos, mas sim em insidias, traições, e enganos: *Ut possitis stare adversus insidias diaboli.* 6. 11. Dá-lhes o nome de principes, potestades, e governadores deste *mundo*, mas ac-

crescenta logo, que o são do *mundo* das trevas, isto he, dos mundanos, que andão em trevas. Não temos nós guerra, diz, contra homens, como as mais guerras, que se levão a braço, mas sim contra os principados, e potestades do *mundo*, que anda em trevas: *Adversus principes, & potestates, adversus mundi rectores tenebrarum harum.* ỳ. 12. Brevemente passamos a fallar do *mundo*, que he outro mais terrivel tentador, e então terão claro conhecimento deste texto. Somente accrescento, que com razão dominão estes inimigos sobre aquelles, que de vontade se lhe sugeitão; e com muita razão. Nem o *Redemptor* deveria de os pôr a salvo de seu poder, ainda que mesmo assim não lh'o permitte absoluto.

Ficou vencido este inimigo, e despojado do poder, que antes tinha, por isso mesmo, que foi destruido o peccado, pelo qual dominava. Ficou destruida, vencida, e morta a mesma morte, em que o diabo tinha o imperio, *Qui habebat mortis imperium*, pois que com o peccado a introduzio no mundo, e foi morta com a morte de J. C., por isso mesmo que com ella nos deo a vida, e resuscitado, e com a COMMUNHÃO de seu resuscitado, e glorioso CORPO, SANGUE, ALMA, e Divindade, nos deo verdadeiro penhor de nossa salvação, e resurreição, que he a verdadeira vida.

D. — Lembrados estamos dessas verdades.

P. — Livrou-nos finalmente de sua escravidão, dominio, e imperio, em quanto pelo *Baptismo*, e mais Sacramentos nos une em sua Corporação, faz ovelhas de seu Rebanho, e membros do *Corpo* de que he Cabeça, do modo que deixamos dito. Que poder pois pode ter sobre nós o diabo, quando a elle nos não quizermos sugeitar?

A. — Porem elle pode tentar-nos; e a guerra não cessa.

P. — Nem deve cessar, por isso mesmo que he necessaria para o merecimento; mas de tal sorte, que não ha violencia, nem mais que a propria vontade, pois nem n'um só cabello da cabeça nos pode tocar; e se por ventura vexa, ou opprime algum não o faz senão por permissão particular de Deos, que tem por fim ou castigo de peccados, ou preservação delles, ou augmento do merecimento.

Cortemos aqui o fio ao mais que a este respeito poderiamos dizer, pois melhor o entenderáõ depois de fallarmos de outros dois inimigos, que dão a este grande força, e que podemos chamar seus dois grandes, e mui fortes braços, com que ainda apezar da *Redempção* avassalla o mun-

do. São estes o mesmo *mundo*, e a *concupiscencia* da carne. Fallemos primeiro desta.

Concupiscencia da Carne.

Aqui temos hum outro inimigo mui mais temivel, e terrivel: tanto mais quanto he continuo, domestico, e inseparavel de nós mesmos, que por toda a parte nos acompanha; com nosco se assenta á mesa, e não nos deixa na cama, nem ainda dormindo, e que procurando dar-nos a morte, nós estamos obrigados a conservar-lhe a vida, podendo, e devendo apenas sopear-lhe suas forças. Tal he a nossa carne com suas concupiscencias, que o demonio fomenta, e incita; e por isso se faz mais temivel, pois que lhe serve de braço forte nesta guerra, que traz comnosco.

D. — Na verdade, que a *concupiscencia* da carne me parece o mais terrivel inimigo; e a não ser ella...

P. — Outro veremos ainda mais terrivel. Contudo este nos faz, ou he sufficiente para nos fazer continua guerra. *Unde bella, & lites in vobis!* nos pergunta o Apostolo S. *Thiago*; d'onde vem as guerras, que vós soffreis, e que pondes a vós mesmos? *Nonne hinc, ex concupiscentiis vestris, quae militant in membris vestris? Jacob.* 4. 1. Na *concupiscencia* carnal, que milita em vossos corpos, tem origem, e dahi procedem. He a este inimigo, a quem se devem attribuir todos os males, que vemos alagar o mundo. Que he, o que nelle vemos, que não seja a *concupiscencia* da carne, a *concupiscencia* dos olhos, e a soberba da vida? He assim que se exprime S. *João*: *Omne, quod est in mundo, concupiscentia carnis est, & concupiscentia oculorum, & superbia vitae.* 1. *Joan.* 2 16. Chama *concupiscencia* da carne aos appetites sensuaes, e voluptuosos, e *concupiscencias* dos olhos a tudo o que deleita a vista, e deseja o coração.

F. — E não he isso pouco, pois tudo ahi vai dar.

P. — A soberba da vida não tem lugar inferior entre os que dão origem a estes males, que no mundo vemos. Porem temos dito o bastante a tal respeito, assim como de outros vicios, que todos tem origem neste inimigo da nossa carne.

D. — Não nos deo a *Redempção* por J. C. algum remedio contra tão grande mal, e soccorro..?

P. — Mui grande. Elle sanctificou nossa carne com a sua mesma, tomando nossa natureza. Elle o fez ainda pelos *Sa-*

cramentos, principalmente pelo da COMMUNHÃO de seu CORPO, fazendo-nos carne de sua *Carne*, ossos de seus *Ossos*, sangue de seu *Sangue*, membros de si mesmo, incorporando-nos comsigo, como deixamos dito.

A. — Contudo isso não vemos, que este inimigo perdesse as suas forças, nem deixasse de fazer a guerra.

F. — Se me dessem licença, eu lhe daria a resposta.

P. — Não vê bem o Sr. At. Se vê alguns dominados pelos appetites sensuaes, ou concupiscencia, não poderá deixar de vêr a outros tão Senhores delles, que mais lhe pareceráõ espiritos totalmente desapegados da carne, do que homens em corpo humano.

D. — He essa huma verdade, que não pode algum negar; a cujo respeito ja se disse o bastante.

P. — A santa *Religião* tem proporções para nos fazer Santos, e J. C. lavando-nos com seu *Sangue*, e unindo-nos comsigo, como temos visto, sem algum merecimento nosso nos collocou em hum estado verdadeiramente santo. Quiz sim, porque assim foi necessario, como vâmos vendo, permittir mais ou menos tentações; porem porporcionou-nos meios abundantissimos, e efficacissimos para conseguirmos o triunfo. Sirva de prova, não só a que nos apresenta a historia de todos os tempos, em que vemos innumeraveis milhões de homens, e mulheres de todos os estados, e condições, que se sanctificarão, vivendo como *Anjos* em carne mortal; apezar das mais horriveis tentações, mas ainda o que de presente estamos vendo apezar da corrupção, em que o nosso mundo se acha.

Supposta a natureza, e condição do homem, que ja temos desenvolvido; este inimigo não nos seria temivel, se não fosse outro terceiro, de que passamos a fallar. Tem o homem por natureza a virtude; e a não ter a instrucção do mal, ou o seu conhecimento, qualquer que seja o meio, de nenhum effeito seria a *concupiscencia* carnal, nem teria nelle algum dominio. A experiencia, com que o provámos nas nossas *Disputas*, bem claramente o mostra. Porem outro inimigo o perverte, dá fogo a suas paixões, e envenena sua natureza. He este o...

Mundo.

Tão terrivel inimigo, que torna forte o diabo, constitue ainda seu principe, e que podemos chamar seu braço direi-

to, onde faz residir sua maior força. A não ser este inimigo, em dôce paz caminharia ao *Ceo* o justo, o bom *Catholico*, sem temor de inimigos, que o assaltassem, e extraviassem do bom caminho. Para bem o vermos devemos saber primeiro o que he o *mundo*, o que entendemos por *mundo*, e o que o compõe, pois he elle de quem sobre tudo mais se deve acautelar, o que deseja sua salvação. Eu não passarei alem do que julgar sufficiente para a nescessaria instrucção.

M. — Se o mundo he tão máo, como vai dizendo, como nos pode Deos pôr entre os braços de hum tal inimigo?

P. — Não he Deos, mas nós mesmos a pôr-nos entre seus braços. Não queiras amar o *mundo*, nos diz S. *João*, nem o que nelle ha: *Nolite diligere mundum, neque ea, quae in mundo sunt.* 1. *Joan.* 2. 15. Se alguem ama o *mundo*, continua, não ha nelle o amor de Deos: *Si quis diligit mundum, non est charitas Patris in eo.* Mas porque? Por isso mesmo que no *mundo* não ha mais que a concupiscencia da carne, a concupiscencia dos olhos, e a soberba da vida: *Omne, quod est in mundo* &c. Tudo isto he incompativel com o amor de Deos: *Quae non est ex Patre, sed ex mundo est.* ℣. 16.

Aqui temos, o que he o *mundo*, e o sentido, em que os sagrados *Escritores* o tomão. Não entendemos aqui por *mundo* este, que vemos, mas sim aquelles em quem reinão as concupiscencias da carne, os appetites sensuaes, e as soberbas com os mais vicios, que as acompanhão. Estes são os mundanos, e os que compoem o que chamamos, seguindo a divina frase, *mundo*, e sobre quem domina o principe das trevas, em que estes andão. Este he o *mundo*, que não conheceo, nem conhecerá jamais a J. *Christo*, apezar de ser o Creador do mundo, vir ao mundo, e no mundo conversar com os homens: *In mundo erat, & mundus per ipsum factus est, & mundus eum non cognovit.* *Joan.* 1 10.

F. — Que cego he o *mundo*! Mas se querem saber o que he o mundo, e se o querem ver bem escarrado, e pintado, olhem para o desgraçado *Portugal.* Não vêem essas turbas de gentes, que nem gentios, homens, e mulheres, grandes, e pequenos, ricos, e pobres? Ora attendão ao que nelles vai, em que cuidão, em que trabalhão. Em arrecadar o seu, e o alheio, se podem, em negocios, em avarezas, em dolos, e trapaças, brilhando quem mais sabe enganar, nos odios, nas vinganças, na satisfação de seus appetites,

perca quem perder, nos regalos brutaes, e mais que brutaes, de que mesmo fazem gala, como se vê nas borracheiras. Pois que direi das sensualidades? Farei melhor calar, pois em tal respeito mais direi calando do que fallando. Vejão-la se descobrem algum, que ande cuidando em servir a seu Creador, e a seu *Pai*. Não creão, que o descubrirão em tal cambada, porque della fugirá mais que de tinhosos. Eis-ahi tem o *mundo* bem pintado, e escarrado.

E como poderia tal *mundo* conhecer a J. *Christo*? Eu lhes protesto, e sou capaz de me pôr em campo para o provar, que se J. C. viesse a *Portugal*, assim como veio á *Judéa*, no tempo presente, não o deixarião chegar á idade de trinta e tres annos, mas onde quer que apparecesse, nem trinta mil *Judeos* lhes ganharião, clamando: Morra, morra; assim como fazião, e fazem a seus Ministros.

D. — Não faça tão máo conceito dos *Portuguezes*.

F. — Não me retruque. Ignora o que fazia, e não sei se ainda faz, a vil canalha de *Lisboa*, e por todas outras partes, logo que lhes cheirava a ser algum Ministro de J. *Christo*? Se a seus Ministros o fazião, como o não farião a elle mesmo? Nem era só a vil canalha, ainda que todos elles o são, mas tambem os canzarrões...

P. — Bem, bem; témos entendido.

F. — Pois ao menos direi, que *Portugal* vai sendo não só *mundo*, mas tambem inferno, por isso que os mundanos são mais demonios, ou furias infernaes do que homens. Nem quantos tinhosos ha no inferno são capazes de fazer metade, do que elles tem feito. Tomara ver-me fora delle, e livre desta casta brava peior que mil maleitas, mettido em huma gruta onde ninguem soubesse de mim.

P. — Socegue, visto que ja disse o que queria...

F. — Sabe Deos o que cá fica ainda por dizer.

P. — E ouça o mais. Deste *mundo* de que fallamos, diz o *Discipulo* amado: *Totus mundus in maligno positus est. d.*° 5. 19. Todo o mundo está posto no maligno, e não ha nelle mais que malignidade. Para bem entendermos que malignidade he esta, direi que esta palavra me parece ser composta de duas latinas, que são, *malus ignis*, vindo dellas esta abreviatura, *maligno*, ou *máo fogo*, na nossa lingoa. Sendo assim direi com o St.° *Apostolo*, que todo este *mundo*, que compoem os mundanos arde em hum máo fogo: *Totus mundus in malo igne positus est.* Porem que máo fogo he este?

F. — He fogo do inferno, ou a elle semelhante, em que primeiro cá ardem antes de arder no outro.

P. — *Mundus est fornax vitiorum*; o mundo he huma fornalha de vicios, que os mundanos accendem com hum fogo septemplice, isto he, fogo de sete qualidades, diz *Dionizio Carthusiano*: *Mundus est fornax vitiorum, quam mundani septemplici igne succendunt.* Em tal fornalha, que elles incendião, elles mesmos ardem, se queimão, e abrasão: *Et in ea comburunt seipsos.* Mas que fogo septemplicado, ou de sete qualidaddes he este! He hum fogo, que se compõe de sete fogos diversos, que incendião esta fornalha, qual a de *Babylonia*; e ditoso aquelle que, como os tres Moços *Judeos*, andão nella por entre suas lavaredas sem se queimarem. Eis aqui os sete vicios capitaes, que qual fogo devorante, ardem no *mundo*, e abrasão os mundanos.

D. — Está muito bem dito! A etymologia da palavra, e a descripção de tão máo fogo, me agrada, pois me parece bem propria. Na verdade fogo devorante he a soberba, o amor desordenado de si mesmo, a infernal avareza, sobre tudo he fogo a luxuria, a ira, a inveja, e os mais vicios. E tambem he verdade, que em taes fogos ardem, e se abrasão a maior parte dos homens de todas as condições. Quam poucos são os que se não abrasão em algum destes fogos!

F. — Alguns ha; mas somente os que passão de largo de tal fornalha, e que fogem á legoa dos que andão ardendo. Olhe, P., que eu já lhe ouvi comparar o *mundo* com o mar...

P. — He hum famoso Expositor no citado texto, que o faz: *Mundus est oceanus scelerum, & diluvium vitiorum*; he o *mundo* hum oceano de maldades, e diluvio de vicios. Combina com o Profeta *Oseas*: *Maledictum, mendacium, & homicidium, & furtum, & adulterium inundaverunt*; as maldições, as falsidades, os dolos, as vinganças, os homicidios, furtos, e luxurias inundarão, isto he, formão hum diluvio, e o sangue toca, e se junta com outro sangue: *Et sanguis sanguinem tetigit.* 4. 2. As maldades, as perversidades prendem, e se succedem humas a outras, formando huma grossa torrente.

F. — As maldades são hum mar, que anda sempre em ondas, e fervendo. Assim andão neste mar os mundanos principalmente os Incredulos. No mar andão peixes de todo o tamanho, e de toda a qualidade; mas desgraçados pequenos peixes, que servem de pasto aos grandes, sendo por elles

devorados. Ah, pobres homens, que cahistes nas garras dos grandes, que vos enguliráõ vivos, como se fosseis camarões!

P. — La vió *Daniel* n'uma visão quatro ventos, que de noite peleijavão no mar com muita força, e o punhão em terrivel alteração: *Videbam in visione mea nocte, & ecce quatuor venti coeli pugnabant in mari magno.* 7. 2. Quatro grandes paixões, diz St.º *Antonino*, representão estes quatro ventos, que no tempestuoso mar do mundo tudo alarmão, e fazem huma terrivel, e sanguinolenta guerra. Eis-aqui o amor proprio, o odio do proximo, a infernal avareza, e a louca esperança de sempre viver: *Amor nimius sui, odium proximi, timor deficiendi, vana spes semper vivendi.*

D. — Bem ponderado o que se passa no mundo são esses quatro ventos os que o trazem sempre alterado, pois que nelle assoprão continuamente com grande força.

P. — Na mesma visão vio o *Propheta* quatro bestas ferozes, que sahião deste tenebroso, e tempestuoso mar, que tudo devastavão, perdião, e devoravão: *Quatuor bestiae grandes ascendebant de mari diversae inter se.* ℣. 3. Erão diversas humas das outras estas monstruosas feras, mas unidas a nada perdoavão.

A. — Esse quadro, ou descripção do mundo vai mettendo horror! Que demonios são essas bestas?

F. — Diz-me o meu bestunto, que essas feras são as que matão as almas, e por isso a primeira he o monstro, ou o dragão do escandalo, de que ja aqui se fallou. A segunda he a que mata os corpos, e he o leão, o tygre, ou serpente do odio, raiva, e vingança, que tanto sangue tem feito correr. A terceira mata, mordendo com lingoa de bazilisco o credito, e a honra com a boa fama. A quarta sem duvida he o furto dos bens alheios, a infernal avareza.

D. — Se acerta merece ser graduado, e posto entre os Expositores!

P. — Não o expõe de outra sorte o mesmo St.º *Doutor*, cujas palavras julgo superfluo dizer, visto que o tem entendido. São estes os quatro bens, que o homem pode possuir e appreciar neste mundo, e são a sua alma, que o dragão do escandalo, que anda no *mundo*, procura perder, mordendo com os máos exemplos, más doutrinas, e perfidas persuasões. Seu corpo, a que não perdoa o odio, e a vingança; e menos teria talvez o homem, que temer por sua

vida, quando a passasse entre as feras, que habitão os montes, do que entre os homens. Ninguem pode contar com sua vida por parte dos homens, que deve temer mais do que as mais ferozes feras.

Menos pode contar com sua innocencia, sua honra, e boa reputação, pois nella mesma encontrará o seu crime, pela má vontade, que inspira aos malvados, e malevolos. A inveja levará a huma hedionda masmorra, e talvez dahi ao degredo, e á morte, o mais honrado cidadão. Menos ainda pode contar com o fruto de seus trabalhos, com o que herdou de seus maiores, e por todos os titulos podia chamar seu. Elle o verá passar ás mãos de malvados, cujo merecimento consistia no crime, na perversidade, e na execração.

F. — Ai, P! Arrebenta-me o coração por ahi fallar!

M. — Co'diabo se vão o *mundo*, e mundanos! Tal pintura mette horror; e por desgraça he verdadeira. Que conselho nos dá, P., para não sermos envolvidos..?

P. — Que fujão delle, não tomando jamais parte nelle. Devem porem saber, que he o *mundo* mesmo, que faz ao diabo seu principe, apezar de haver sido expellido de seu principado; he o mesmo mundo, que se entrega a seu imperio, que lhe dá forças, e o arma para fazer a mais terrivel, e encarniçada guerra ao *Corpo*, ou *Corporação* de J. C., e de que mais se deve temer, o que sinceramente deseja, e procura a sua salvação. Este, o *mundo*, he o braço direito do demonio, em que tem toda a força, e que elle maneja a seu bel prazer. Os mundanos o servem, e fazem o que elle não pode fazer, como já deixámos dito, a que não tenho que accrescentar, senão que estes tres inimigos, ou o só demónio, servindo-se dos mundanos, a quem domina, e da concupiscencia carnal, que ja por si mesmo, ja pelos mundanos, excita, nos pôe em continua guerra, e a mais terrivel.

D. — Temos perfeitamente entendido, assim como a muita razão, com que os homens em todos os tempos fugirão, e ainda fogem do *mundo* para os desertos, e para os claustros. A razão porque nosso Creador nos collocou entre taes perigos, e sugeitou a taes tentações não nos he desconhecida, pois forão necessarias para o merecimento.

P. — Posto que o homem por si mesmo augmenta os perigos, e talvez as tentações, ellas forão necessarias, segundo o *Plano* divino, para nosso bom *Pai* exercer os officios da

Paternidade, e nós os de bons filhos. Porem antes de o desenvolver, vejamos a

Utilidade das Tentações.

Na permissão dás *tentações* se propoz Deos grandes fins, que o homem deve desempenhar, e tanto mais, quanto redundão em seu bem, e nenhum outro tem. O estado de merecimento, em que fomos creados, assim o exigio, e não de outra sorte o poderiamos ter, nem conseguir nossos ultimos destinos.

D. — Não poderia Deos pôr-nos em hum outro estado?

P. — Em que outro estado poderia ser? Poderia crear-nos, e sem nada mais dar o premio da gloria? Porem neste caso não seria premio. Questão inutil he esta, e mui bem nos basta saber, que Déos pôz em estado de merecimento todas suas creaturas, que dotou de entendimento, e vontade, como ja vimos dos *Anjos.* Poderia crear-nos em estado de infallivel sanctificação, como cremos que fez com *Nossa* Senhora, preservando-a de toda a macula de peccado, mesmo do original, mas sempre no estado de merecimento. Esta sempre tem sido sua divina economia.

A. — Muito bem me parece; mas para o merecimento mui sufficiente seria a observancia dos mandamentos, que para esse fim nos forão impostos.

P. — Os mandamentos não tem esse só fim, pois que tambem olhão ao bem da Sociedade. Mas pondo isso de parte não seria meritoria sua observancia a não haverem *tentações.* Não attende o Sr. At. a que a tentação he hum impedimento, hum obstaculo, que se põe á observancia, e desempenho dos nossos deveres, e que por consequencia a torna meritoria; o que não seria a não haverem estes impedimentos, ou estorvos, por que o homem deve saltar. Que merecimento poderia ter *Adão* em não comer da fruta prohibida a não ter a *tentação* da soberba, ou ao menos do appetite?

A. — Eu me recordo das doutrinas, que ja nos déo a tal respeito; porem poderá justificar a conducta de Deos por nos collocar entre tão espantosos inimigos tentadores?

P. — Bellamente o farei desenvolvendo os fins, que nellas se propõe o nosso bom *Pai* Déos. Apezar de ser verdadeiro o quadro, que dos inimigos de nossa salvação tracei, não são elles tão temiveis, como poderia parecer.

A. — Ou he, ou não verdadeiro. Se por desgraça o he, o homem deve temer, e tremer de taes inimigos.

P. — Assim o deve fazer, porque elle he verdadeiro, e porque o perigo versa sobre cousa de tão grave importancia, qual he nossa salvação, ou perdição eterna. Nada mais justo que taes temores, e tremores. He por elles que nosso *Pai* nos abre o caminho da salvação, como hiremos vendo, desempenhando o seu *Plano.*

D. — Que grandes segredos, meus Srs. encerra a *Religião*!

P. — Não o devião ser, pois que o bom *Catholico* não os deve ignorar. Supposta a necessidade das *tentações*, advertindo, que ha mais e menos neste respeito, e mesmo muito mais, e muito menos, conforme as disposições divinas, em que nem sempre nos he permittido entrar, direi com o Apostolo S. *Thiago*, que he feliz, he bemaventurado o homem, que sofre a tentação: *Beatus vir, qui suffert tentationem.* E porque assim o he? Por isso mesmo que sendo provado por este meio receberá a corôa da eterna vida, que Deos tem promettido em premio áquelles, que verdadeira, e effectivamente o amão: *Quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitae, quam repromisit Deus diligentibus se. Jac.* 1. 12.

A. — A desgraça porem será o ser tentado, e não vencer.

P. — A si mesmo o deverá imputar por isso mesmo, que Deos lhe faculta, e mesmo facilita os meios de as vencer. Grande he o premio, e muito superior a todo o merecimento, quaesquer que fossem as penas, e os trabalhos, que pelo conseguir se soffressem.

D. — Nem quanto se pode imaginar de mais penoso he merecedor de premio tão excessivamente grande, e com razão não se coroará com elle, como diz o *Apostolo*, senão o que entrar em guerras, peleijar fortemente, e vencer. Somente a estes se dá o premio, e a nenhuns outros: *Qui certat in agone, non coronatur, nisi legitime certaverit.* 2. *Tim.* 2. 5.

P. — Deos he tão benigno que se contenta com pouco, e dá o premio com a posse, e goso do seu Reino por bem pequenos merecimentos. Contudo he regra geral desta sua providencia, que todos aquelles que o quizerem conseguir, hão de soffrer tentações. He isto o que bem positivamente nos affirma S. *Paulo*: *Omnes, qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur.* 2. *Tim.* 3. 12.

F. — Como não hão de soffrer perseguições, e *tentações* os bons

Christãos, se elles tem postos em campo, armados para os combater, esses exercitos de mundanos, que guiados pelos Incredulos, e o diabo á sua frente...

P. — Tudo talvez os tentará, e ainda tentados serão, quando pensarem, que o não são, e então mais perigosamente. He impossivel, diz S. *Jeronimo*, que a alma humana não seja tentada: *Impossibile est animam humanam non tentari.* Erras, escreve elle a *Heliodoro*, erras, irmão, se pensas podêr viver sem tentações; então fortissimamente és combatido, quando assim o não pensas: *Tunc maxime oppugnaris, si te impugnari nescis.*

F. — Por quem he, P., responda-me a hum grande argumento, que eu lhe quero propôr da parte de certa gente. Eu meu P., vou, e posso hir sem algum escrupulo ás danças, aos jogos, aos brinquedos, e até aos theatros, porque eu, apezar de ser hum moço, ou moça, não sinto algumas *tentações*, e he o mesmo que se estivesse em alguma outra qualquer parte. Que me responde? oução todos a resposta, pois para isso fiz a pergunta.

P. — Eu responderei, que assim podê ser, que não sinta a *tentação*; e então he sem duvida a maior *tentação*, pois mui bem estendê o diabo os seus laços, quando os esconde, e encobre aos olhos de taes passarinhos, que tem seguros. Vm. mettido em taes occasiões sempre pecca gravissimamente, por isso mesmo que se mette voluntariamente no perigo, que Deos lhe manda evitar. Pecca ainda pelo escandalo, que ahi vai dar; cujo peccado se reveste de varias circunstancias. Tanto importa peccar d'uma, como d'outra sorte, hir ao inferno por este, ou por aquelle caminho.

F. — Os Confessores, a quem tenho ido, ainda que me parecem de mão furada, me tem dito, que posso hir, visto que não sinto tentações em semelhantes occasiões.

P. — Ahi conhecerá bem claramente o laço do diabo. Não ignora elle, que grandê parte de Confessores são de semelhante cathagoria, ignorantes dos caminhos da salvação, hospedes na verdadeira *Theologia*, guias cegos de outros cegos. Convem-lhe não tentar em taes occasiões por esse mesmo fim. E porque razão hade tentar o diabo a quem tem seguro em seus laços, e lhe faz serviços? Porem elles ardem no fogo sem o sentirem, por isso mesmo que a elle se tem acostumado.

F. — Ahi vai, ahi vai o *busillis*, e he com que eu os aperto. O ferreiro pega nas brazas, e nas tenazes tão quentes, que

se qualquer outro lhe puzesse as mãos, teria que assoprar todo hum dia. E porque, se não porque anda ja calejado do fogo? Não he assim qualquer outro, que logo sente qualquer faisca. Ah, cega gente! Vós sois huns grandes santos, santos a milagres, mais santos, que os tres moços na fornalha de *Babylonia*, pois andais mettidos em mais ardentes fornalhas, porque he fogo do inferno, o que nellas arde, e não vos queimais! Vós sois mui maiores santos, do que S. *Jeronimo*, pois este ja na sua velhice, com a pelle sobre os descarnados ossos, sentia de tal sorte esse fogo infernal, por que o diabo lhe representava as moças *Romanas*, dançando nas ruas, (que sem duvida erão gentias) que havia visto na sua mocidade, que corria pelos desertos, se despia, revolvia o corpo nos espinhos, e com hum penedo feria com força o descarnado peito nú, para apagar tal fogo, e vós o não sentís! Grandes santos sois na verdade, e ja fazeis milagres; mas bem está o diabo com tal santidade.

P. — Deixemos esses nescios, de que he infinito o numero, e vejamos a utilidade, e mesmo necessidade das *tentações*, que por isso mesmo são inseparaveis dos verdadeiros servos de Deos. A' *Tobias* pai disse o *Archanjo* S. *Raphael*; *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te Tob.* 12. 13.; porque eras agradavel aos olhos de Deos, foi necessario, que fosses provado pela *tentação*. Fallava da cegueira dos olhos carnaes, que por tempos soffreo com toda a paciencia, e resignação. Eis-aqui os justos tentados por isso mesmo, que o são.

A. — Mas se elles o são de que servem nelles as tentações?

P. — Pelo menos serviráõ de os fazerem mais justos, e sem duvida para lhes augmentarem o merecimento de maior gloria. Esta razão he sufficiente; mas direi mais alguma cousa para satisfazer a certos reparos, que poderião vir a ter, e dar-lhes hum maior conhecimento da divina economia a tal respeito.

Vemos nas divinas *Escrituras*, que algumas vezes se dá Deos por autor das *tentações*: *Tentat vos Dominus Deus vester*, disse *Moyses* áquelle Povo. *Deut.* 13. 5.; porem o Apostolo S. *Thiago* nos manda, que não attribuamos a Deos nossas *tentações*: *Nemo cùm tentatur, dicat, quoniam a Deo tentatur*; porque Deos não intenta os males do peccado, e a ninguem tenta para elles, mas por meio dos ma-

les intenta os bens, e não he causa do peccado de algum: *Deus enim intentator malorum est; ipse autem neminem tentat. Jac. 1. 15.* Elle permitte, que sejamos tentados, e ainda põe á prova os seus grandes servos, como fez com o Patriarcha *Abrahão*. Vejamos as razões, que dá desta sua conducta, pois parecerá extraordinaria.

Tentat vos Dominus Deus vester; permitte, que sejais tentados, o Senhor vosso Deos, diz *Moyses*, para que appareça claramente, se por ventura o amais em todo o vosso coração, e alma: *Ut palám fiat utrum diligatis eum, an non, in toto corde vestro, & in tota anima vestra.*

A. — Mas a quem intenta, que se manifeste?

P. — Responderei, que a elle mesmo. No livro dos *Juizes* lêmos, que estando Deos irado contra aquelle Povo, disse: *Non delebo gentes, quas dimisit Josue*; eu não acabarei com estas gentes, a quem perdoou *Josue*, porque quero fazer experiencia se vós andais, ou não, no caminho dos meus mandamentos: *Ut in ipsis experiar Israel* &c. *Jud. 2. 22.* Que lhes parece desta razão?

D. — Não me admira, porque estou lembrado da regra geral, que he fechar Deos os olhos ordinariamente á sua previdencia, e conhecimento do futuro. De muito nos vale, e serve esta regra! Por ella entendemos, que Deos nos permitte *tentações* para observar se com effeito somos fieis servos seus.

P. — Muito bem. Passemos a outra razão, e voltaremos ao mesmo texto. O Autor do mesmo *Livro* nos affirma no seguinte *capitulo*, que o fez ainda para ensinar na arte da guerra aos filhos de *Israel*, e a todos os que ignoravão o modo de peleijar destes seus inimigos: *Ut erudiret in eis Israel* &c. d.° 3. 1.

D. — Tambem entendo essa razão. Deixou-nos o *Senhor* os inimigos tentadores para nos exercitarmos nesta guerra, dando-nos juntamente occasião de nos coroarmos com o merecimento da victoria. Nem ignoro, que a paz entorpece os melhores, e mais fortes, e valerosos soldados. Quando no Senado *Romano* se propoz a questão, se por ventura se devia arrazar *Carthago*, se levantou o famoso *Catão*, e disse: *Carthaginem non delendam*; que não se devia acabar com *Carthago*; e deo a razão: *Ne Romani otio, ac torpore languerent*; para que a mocidade *Romana* se não entorpecesse, e effeminasse com o ocio da paz. Ai, de *Roma*, accrescentou, se *Carthago* não existir: *Vae Romae*,

si Carthago non steterit. Outro tanto digo em o nosso caso. Que faria o *Christão* sem *tentações*?

P. — Nada talvez, que merecesse o premio promettido. Eu apenas accrescento, que as *tentações* ainda tornão o homem vigilante, cuidadoso, attento, e sobre tudo humilde: cuja virtude he o fundamento de todas as outras. Brevemente passarei a pôr patente hum outro grande fim, que não perco de vista: porem antes disso voltemos ao primeiro texto.

Tentat vos Dominus &c.; permitte o *Senhor* as tentações, para fazer patente se por ventura o amamos. A quem mais o quer fazer patente? A toda a *Sociedade Christãa*, a quem pode chegar o conhecimento, propondo a seus olhos exemplos, que devem imittar. He esta huma razão, que não deve ignorar, o que se lisongear de conhecedor do *Plano* divino. A obediencia com a Fé de *Abrahão*, a paciencia de *Job*, a conformidade de *Tobias*, o valor dos *Machabeos*, a castidade de *José*, e não menos a de *Susanna*, não só se acrisolarão no fogo das *tentações*, mas ficarão em memoria exemplar por todos os seculos, reclamando imitadores em todos os tempos; e não em vão, pois não ignoramos o grande numero, dos que os tem seguido.

He isto o mesmo, que ainda de presente, e em todos os tempos Deos sempre tem intentado, e he sugeitar os seus Servos a grandes tentações para que a outros sirvão de exemplo, abrão o caminho, e animem na virtude, fazendo-lhes patente o amor, que estes lhe consagrão: *Ut palám fiat utrum diligatis* &c.

A. — Muito bem me pareceria essa providencia, se não fossem taes as *tentações*, e tão fortes os inimigos.

F. — Mais forte he Deos, que todos os dèmos do inferno. Não se desanimem, e tudo se fará bem.

D. — Que me importa, que sejão fortes os inimigos, se elles me não podem chegar, e na minha mão está o querer, ou não querer peccar!

P. — Tenha grande sentimento, Sr. Br., de fallar assim...

D. — Protesto, que errei, pois sem os soccorros da divina graça nada posso; porem com elles posso tudo; e confio que me não faltarão, pois estou resolvido a fazer de minha parte, sempre ajudado das divinas graças.

P. — Agora sim fallou como verdadeiro *Catholico*. Não tema o Sr. At., pois nem andando no meio das sombras da morte terá motivo de temer, se a Deos tiver de sua parte: *Si*

ambulavero in medio umbrae mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es. Psal. 22. 4. Como as tentações vem dispensadas pelas mãos de Deos a seus servos, que procurão evita-las, temendo os perigos, elle não soffrerá, que sejão tentados mais do que permittem suas forças soccorridas com suas graças: *Fidelis Deus est, qui non patietur vos tentari supra id quod potestis.* Não intenta elle outra cousa se não que se tire o fruto, e aproveitamento com o merecimento: *Sed faciet cum tentatione proventum.* 1. *Cor.* 10. 13.

A. — Mas que? Não excedem muitas vezes as *tentações* dos homens malvados ás forças? Não fazem violencias?

P. — Poderáõ faze-las ao corpo, mas não á alma, e suas potencias; e he nestas, que se consuma o peccado. Algumas vezes permitte o *Senhor* por seus altos juizos taes horrores; porem a maldade carregará toda sobre o malvado autor, e não sobre o innocente, que a soffre.

Fins propostos nas tentações.

He ja tempo, meus Srs., de nos lembrarmos do fim, a que nos propozemos nesta *Palestra*, e de fecharmos o circulo depois de hum tão longo rodeio, em que temos divagado esquecidos, ao parecer, da *dependencia*, em que estamos, como filhos, do nosso bom *Pai* Deos.

D. — Eu o tenho advertido, bem certo, de que ahi se dirigia o *Plano* divino na permissão das *tentações*, pois que necessitamos do soccorro de Deos para a resistencia.

P. — Assim he; mas devo finalmente pôr este *Plano* divino de tal sorte, que se possa vêr, e conhecer em hum só golpe de vista; e presumo faze-lo em breves palavras, traçando hum quadro, ainda que com grosseiras tintas, em que vejão debuxada a grande *Sociedade* em união com seu *centro* na qualidade de huma familia unida com o seu *Chefe*, de filhos com seu *Pai*. Ja vimos, como membros de hum perfeito Corpo com sua cabeça. Mui bem sufficiente seria este quadro para o perfeito conhecimento da Santa *Religião*, e das relações, e deveres, que temos para com Deos. Porem as obras deste *Senhor* são fecundissimas em recursos, em meios conducentes a seus fins, em relações, em conbinações, e finalmente nas mais encantadoras, e harmoniosas bellezas, que não se devem occultar ao verdadeiro *Philosopho Christão*. Com tal conhecimento qualquer

simples *Catholico* fará emmudecer essa turba de Incredulos, que, quaes pequenos gôsos, não cessão de ladrar, porque mais não sabem...

F. — (Tambem os ha, que presumem de canzarrões.)

P. — Nós temos visto que Deos he o nosso *Principio*, e *Fim*, o nosso *Centro* em toda a extensão do sentido desta palavra. Como assim grande deve de ser a nossa dependencia deste nosso *Centro*; bem como, e ainda mais do que os membros do corpo pendem da cabeça, os ramos da arvore de seu tronco, como vimos no ramo da vide. Porem temos mais; e he que Deos he ainda *Pai*; e por consequencia se tornavão indispensaveis as relações entre elle, e filhos. Como o homem he composto do corpo, e espirito a ambos se devião estender estas relações, e de hum modo que se fizessem bem sensiveis ao homem, muito mais sendo este de mui curto entendimento.

D. — Bem sensivel lhe fez elle o conhecimento de ser o só unico a sutentar-lhe o corpo, como ja vimos; e mesmo assim não o quer entend r.

F. — Entendamo-lo nós, e deixemos esses brutos.

P. — Como *Pai* de todo o homem, isto he, em quanto ao corpo, e em quanto, e ainda mais, á alma, devia fazer bem sensivel a *dependencia*, em que está, de seu *Pai*. Advirtão, que temos mostrado, que nossas almas pendem de Deos mesmo por sua natureza, e essencia, porem esta *pendencia* não he devidamente conhecida pelo homem. Era pois necessario a este bom *Pai* fazer bem conhecida a seus filhos esta dependencia, pelos fins que diremos. Tendo ainda em vista a utilidade das *tentações*, como acabamos de ver, por isso mesmo que as obras de Deos são fecundissimas em seus fins, perguntarei eu, se o homem poderia imaginar algum outro meio mais conducente a este fim, do que as *tentações*?

D. — Eu affirmo que somente Deos he, que pode ser o inventor, e o executor de tal meio de fazer conhecer ao homem a *dependencia*, em que está, em quanto á alma. Vendo-se cercado de inimigos, que o acomettem por toda a parte com temiveis, e terriveis tentações, conhecendo, que só Deos lhe pode valer, tem igualmente conhecida a necessidade, que tem de seu *Pai* Deos, para as vencer.

P. — Conhecida essa necesidade, e *dependencia* fez-se ainda indispensavel, segundo o divino *Plano*, que se fizesse bem sensivel, bem claro, e evidente, que de Deos seu *Pai* re-

cébe o homem o remedio em taes necessidades. Queirão hir ponderando este encadeamento de verdades, e bellezas divinas na mais perfeita, e harmoniosa combinação. Como se devia fazer bem sensivel ao homem esta *dependencia*, e o conhecimento de só em séu *Pai* achar o remedio de taes necessidades, foi necessario hum meio de o conseguir, e tal, que fosse o mais sensivel, que pudesse ser, e o mais apto para certificar ao homem desta verdade, visto que tudo se devia passar invisivelmente, e ainda o mais facil, e prompto.

Isto supposto, bem certos da divina harmonia dò *Plano* divino em todas suas partes, no seu todo, e nos seus fins, este meio devia ser conforme, e ainda concorrer para a união em unidade (perdôem ainda o pleonasmo) do homem com Deos, sua *Cabeça*, seu *Centro*, *Principio*, e *Fim*, qual temos visto. Devia ainda ser hum meio, que não só nos fizesse sensivel a Paternidade deste nosso Pai, mas ainda as relações indispensaveis entre *Pai*, e *filhos*, e juntamente fizesse, ou fosse sufficiente para fazer praticar, e desempenhar os deveres destes para com aquelle, quero dizer, os deveres de filhos para com tal *Pai*. Qual pois deveria ser este meio, que pudesse ser sufficiente para conseguir tão altos fins? A *Oração*, a *Oração* he este divino meio; a *Oração* foi esta divina invenção; a *Oração*, e nenhuma outra cousa he o grande, o maximo, alto, e excelso meio, que o *Senhor*, o nosso grande *Pai*, pôz a nosso alcance, em nossas mãos para tanto conseguirmos, e com elle desempenharmos o divino *Plano* em sua perfeição. Nas duas seguintes *Palestras* temos a desenvolver, e pôr patentes estas verdades, que então melhor conheceráõ.

D. — Todos estamos absortos, P., com taes cousas.

P. — He pois a *Oração*, que vai a servir de remate, e corôa, ao que temos dito da grande *Sociedade*, e que nos hade dar as maiores, as mais avançadas, profundas, e exactas ideas da *Religião* de J. C., e com que hum seu *Defensor* se pode lisongear de fazer emmudecer não só a seus murmuradores, mas ainda de abrir os olhos, se o quizerem vèr, a todos os Incredulos, hospedes, e vis pedantes nesta alta, e divina sciencia.

Passemos agora a traçar o quadro, que disse, e que em hum só golpe de vista nos ponha patente, o que he este bom *Pai* nosso Deos para com seus filhos, e o que estes devem ser para com seu *Pai*. Então neste só golpe de vista veremos

mos, o que he a *Religião*, e conheceremos se por ventura nella entramos, ou por desgraça estamos de fóra. Sinto porem não achar as vivas côres, com que o devo debuxar.

F. — Se me dá licença, P. eu o farei ás mil maravilhas.

P. — Faça-o embora, em quanto descanço, mas não diga das suas costumadas em acto tão serio.

F. — Prometto que não direi; mas não deixarei de dar nelle lugar aos Incredulos, pois o merecem ter com a distincta honra, que lhes he devida.

D. — Faça-o bem feito, pois ja dei d'olho a hum pintor, que nos ouve, para m'o debuxar, e ter na minha camara, e o vêr todos os instantes, e momentos.

F. — Eu quero assistir-lhe para o ensinar. Olhem, que he verdadeiro; e não me quero gabar de ser filho do meu bestunto, porque o meu Ab. por muitas vezes me tem dado estas ideas, para me animar na *Oração*. Ahi vai; e attenda o mestre.

Breve quadro da Religião.

Deve ser sufficiente o pano para nelle debuxar em bom ponto tudo, o que vou a dizer. A idea geral he hum *Pai* cercado de innumeraveis seus pequenos filhos, que por toda a parte levantão a elle os braços, e clamão: *Pai*, *Pai*. Este *Pai* deve representar a Deos, que tem a seu alcance todos os bens, e remedios de nossas necessidades, para os repartir aos filhos, que o cercão á proporção da força, e fervor, com que lhos pedem. Primeiramente elle dá a todos o pão para o sustento do corpo, e suas necessidades, e não deixa de imitar a qualquer outro pai, que assentado á mesa, arremessa pedaços delle aos cães, que estão ladrando de fóra, porque a bons, e a máos sustenta. Porem de mui differente modo elle trata a seus filhos. Notem agora bem.

Tem elle varios mimos para regalar seus filhos. Tem primeiramente a fazer-lhes mais do que a mais affectuosa mãi, pois se esta põe ao peito seus filhos para lhes dar o leite, este nosso *Pai* dá seu mesmo *Sangue*, e *Carne* em comida, e bebida. Por isto se devem pintar os filhos bebendo o *Sangue*, que com a carne, mana de seu *corpo*, como divino *Maná*. Mais se devem representar huns certos effluvios, que como do sol os raios, sahem deste divino Sol para seus filhos, que são as suas divinas graças, e lhes servem de remedio, e conforto para resistir ás *tenta-*

ções da carne. Mais cousas deveria pintar, mas não caberão no quadro. Não esqueção contudo os açoutes, ou azorragues para os sacudir sobre os demonios do inferno, e os que por cá andão em figura de homens, que maltratarem a seus filhos.

A que porem sobre tudo deve attender-he, a debuxar bem os filhos, e sua postura, ou acção em que devem estar. Pela maior parte devem estar pedindo, e clamando, mas por differentes modos, com as mãos levantadas, os braços estendidos, e os olhos fixos neste *Pai*, huns de joelhos, outros postrados, outros de pé, alguns cantando os louvores de seu *Pai*, outros absortos em sua contemplação, e todos procurando avisinhar-se a este *Pai*, que está estendendo os braços a todos para a todos unir consigo em huma só união, de sorte que *Pai*, e filhos formem huma só cousa, ainda alem de huma só familia.

Não se deve esquecer de pintar alguns saltando aos braços do *Pai*, bem como os filhinhos saltão aos braços da mãi, que logo são por ella abraçados, affagados, bafejados, e postos ao peito. Estes são os que mais pedem, mais clamão, mais gemem e chorão pelos braços de seu *Pai*, e que nos vôos de hum ardente amor saltão a elles, o abração, e com elle se apertão, e por elle são abraçados, bafejados, e unidos a seu divino peito, fazendo ja com elle huma, e a mesma cousa.

D. — Bravo! Que pintura! Vou ja....

F. — Espere lá, porque ainda não acabei. Isto tudo se deve pintar do melhor modo no meio, e no principal do quadro; mas nos dois angulos do baixo deve ter lugar a pintura de huma danada cauzoada....

P. — Fiquemos por ahi; nem mais he necessario.

F. — Santo Nome de Deos! Onde he que se pintão taes quadros sem que nelle appareção cães, que rosnem de fóra? Deixe acabar porque a cauzoada dos Incredulos....

D. — Eu tenho entendido, Sr. Fr., e será satisfeito.

P. — Com effeito he aquelle o quadro, que mais se avisinha á verdade, e que melhor põe patente, o que se passa entre Deos, e seus verdadeiros filhos, e dá conhecimento, do que he *oração*; que aqui forma esta união de familia em huma unidade; e tal he o fim, a que se dirigem as *dependencias* de si mesmo, em que nosso *Pai* nos pôz. Nem outra cousa nos reprezenta a palavra *Pai*, cujo tratamento elle nos exige; nem nos indicão outra cousa varios si-

miles, figuras, e comparações de que o mesmo *Senhor* se serve nas divinas *Escrituras*, e que eu julgo superfluo referir.

Este quadro pois de hum *Pai*, a quem cercão os filhos por meio da *Oração*, nos apresenta do modo possivel, qual podemos imaginar, e mais accommodado a nosso conhecimento, o que he a *Religião*, e de tal sorte que com razão se pode dizer: *Este he o quadro da Religião* de J. *Christo*; accrescentando, o que se deve suppor, que he a confraternidade, ou amor fraternal, que deve dominar, como em hum corpo unido com sua cabeça, e familia com seu Chefe. Aqui ficão claros, e bem patentes os nossos deveres para com Deos, e finalmente tudo, o que ha na *Religião*. Resta-nos porem vermos a força, que era indispensavel na *Oração*, e Deos lhe devia dar para melhor desempenho deste seu *Plano*: o que servirá de materia ás seguintes *Palestras*, como disse, e em que verão cousas as mais admiraveis, e as mais excelsas bellezas, de que só Deos podia ser o Autor.

D. — Ficamos todos pasmados á vista de tão grandes cousas, que nos tem descuberto na *Religião*, e que nós perfeitamente ignoravamos. Ficamos suspensos por vermos o cabal desenvolvimento.

P. — Queirão ter paciencia até amanhã. Oremos a nosso *Pai* pela sua benção, como filhos, que somos.

PALESTRA QUINTA.

Oração.

PALESTRANTES.

Parocho, *Deista*, *Atheo*, *Materialista*, e *Freguez*.

Introducção.

Deista — Queira abençoar-nos, nosso pai, e Mestre. Estimamos muito, que passase sem má novidade em sua saude, que nos he importantissima. Aqui estamos todos, como meninos filhos, pendendo do nosso grande *Pai* celestial, e ainda do nosso *Mestre* que faz as vezes de *pai*, a quem abaixo daquelle devemos, o que de presente somos.

Freguez — E não custou pouco! Mas em fim aproveitou.

Parocho — O nosso grande, e verdadeiro *Pai* os abençoe, e felicite com suas graças. Estimo muito, alem da boa disposição, que noto em todos, que se agradassem do quadro, que ontem nos debuxou o *Freguez*, pois vejo, que o tem na lembrança.

Materialista — Não he elle tão pouco singular para se esquecer. Se com effeito he exacto, como creio, nada procurarei tanto, como retrata-lo em mim mesmo.

P. — Pelo que tenho a dizer da *Oração*, conhecerão, que não só he exacto, mas ainda muito mais, pois que tão longe está a pintura do verdadeiro original, quanto o estão as

cousas divinas da imaginação dos homens. Contudo temos nella huma idéa sufficiente da *Religião*, que nos abre caminho para fallarmos da *Oração*, e com ella vermos ultimado o divino *Plano*, em que os julgo presentes.

Atheo — Assim o presumimos, e me parece poder dar huma clara idéa do plano que o Sr. Ab. tem seguido, e muito bem desenvolvido desde as *Disputas*, e seu principio até á ultima *Palestra*. Seria longo o mostra-lo, mas julgo poder faze-lo.

M. — Quando fosse necessario, a mim pertencia, pois que sendo de todos o mais ignorante, devia mostrar ao nosso *Mestre* os meus progressos para sua consolação.

D. — Não temos necessidade alguma. Os maiores ideótas, que nos tem ouvido, tem entendido muito bem, que o grande *Plano* da *Religião* he a união do genero humano com o seu Creador, que he juntamente o seu *Centro*, seu *Principio*, seu *Fim*, *Cabeça* do Corpo, de que somos membros. Tudo o que nos tem dito o nosso *Mestre*, ja nas *Disputas*, em que principiando com a demonstração da nullidade das luzes humanas, pôz patente a necessidade da instrução divina, d'onde nos veio a *Religião*, que mostrou em seus Dogmas desde sua infancia até á virilidade, passando a deliniar-nos o Edificio da *Igreja*, combatendo o *Jansenismo*, que procura destrui-lo, e pondo em harmonia a natureza do homem com a *Religião*, tem sido em ordem a dar-nos huma perfeita idéa desta união de unidade com Deos, sempre debaixo do fundamento de ser elle o nosso Creador, *Centro* &c.

Bem claramente entrou mais particularmente nesta demonstração, quando nos mostrou a Deos *Centro* de todas as Autoridades, combinação dos Governos Civis, e Religiosos, pondo patente que tendo hum só principio huns, e outros são huma, e a mesma cousa, sobre o que foi necessario disputar. O nosso *Liberal* não pode contestar as razões, com que provou serem as leis civis o mesmo que as Religiosas, e em fim a *Realeza* hum certo *Sacerdocio*, que apezar de differente ordem, he filho do verdadeiro Sacerdocio, tem a mesma origem, e com elle deve estar unido sob pena de ficar deslocado, e perdido. Todos estamos presentes nestas demonstrações. Ontem vimos, que o nosso Mestre, depois de nos haver mostrado nas *Palestras* a grande *Sociedade*, que forma a *Religião*, em perfeita união com Deos, ligada com innumeraveis laços, quer conclui-la com a idéa, e *Plano* de Deos *Pai* unido com seus filhos

por meio da *oração*. Dizer mais he superfluo, e não percamos tempo.

P. — Muito bem me parece; e para entrarmos na materia advertirei somente, que não devem esperar hum *Tratado*, ou *Dissertação* da *oração*, pois não direi della mais que o necessario para o desenvolvimento, e conhecimento do grande *Plano*, que sempre nos tem occupado, em conformidade com o methodo, que temos seguido.

Tomando agora o fio, que ontem cortamos, tendo visto as gravissimas dependencias de Deos, em que este nosso bom *Pai* nos pôz, e sendo que nos deo a *oração* para as remediarmos, segue-se que a *oração* devia não só ter grande, e principal lugar na *Religião*, mas ainda ser fortissima, e ainda admiravel em seus fins, e effeitos. Não ignorão os primeiros, pois que temos dito, que hum dos principaes fins, que nosso *Pai* se propoz, foi a união comsigo de seus filhos, com o mais que dissemos. Passemos a vêr pois quam grande cousa he a *oração*, sabendo primeiro, o que por ella devemos entender.

Definição da oração.

A palavra *oração* manifesta bem claramente, o que por ella devemos entender; nem em outro sentido a devemos tomar, que não seja o proprio, e natural. Orar não he outra cousa senão pedir, e *oração* he petição, he rogo, he supplica, que fazemos a Deos, nosso *Pai* para delle conseguirmos o que necessitamos. Esta se faz com palavras, com o entendimento, e desejos do coração, e de qualquer modo que seja; e por isso nenhum outro mais facil meio nos poderia Deos facultar para obtermos o que necessitamos. Elle está ao alcance de todos, pequenos, e grandes, sabios, e idiotas, facilimo, e promptissimo.

A. — Porem eu sei, que se tem escrito muito a esse respeito, e por isso não o posso julgar tão facil, que não necessite de mestre. Deveremos ter livros, que nos ensinem?

F. — Quem he, que para pedir toma mestre, ou necessita de lições? Ouça os mendigos, que andão pelas portas, que apezar de pouco mais saberem, que o *Padre Nosso*, para o rezarem, fazem taes memoriaes, e petições, que nem os mais chapados Doutores, ainda que esfregassem a testa sete vezes. Façamos nós o mesmo, pois somos pobres mendigos, que pedimos á porta do nosso *Pai*, e aprenda-

mos da nossa necessidade, que he a melhor mestra.

P. — Aquillo he; e em quanto ao muito que se tem escrito da *oração* não tem lugar nas nossas *Palestras*, pois não entra, como disse, no nosso plano. Fallão da *oração* de contemplação, e favores particularissimos, que nella Deos communica áquelles filhos, que, como disse o Fr., com as azas do amor vôão a seus braços; o que não deve occupar-nos. Nada pois mais facil do que a *oração*, e Deos não podia certamente facilitar-nos de outro melhor modo a concessão de seus beneficios, e remedio de nossas necessidades. Não devemos passar adiante sem admirarmos aqui a divina economia, e providente conducta do nosso amabilissimo *Pai*. Segundo o seu *Plano*, a *oração* se fez de absoluta necessidade, como veremos. Para isto multiplicou nossas necessidades sempre em conformidade com a nossa natureza; porem ao mesmo tempo facilita de tal sorte o remedio, que mais parece estar nas nossas mãos, do que nas de Deos.

D. — Eu concordarei, que se com o só pedir se consegue, mais he Deos hum nosso ecónomo, mordomo, ou dispenseiro, que temos ás nossas ordens, e vontade, do que *Senhor* nosso. Pode isto ser verdade?

P. — Eu provarei, que he exacta essa idéa; e somente lhe rogo queira trocar os nomes de mordomo, e ecónomo no de *Pai*, *Pai* amantissimo sempre prompto a dispensar beneficios a seus filhos, e remediar suas necessidades, com tanto que lh'o peção.

M. — Se isso he verdade, eu direi, e affirmarei, que o homem não he pobre, não he necessitado, não he miseravel, antes sim riquissimo, abundantissimo, e cheio de tudo quanto deseje, visto que com o só pedir tem quanto quer, e quanto desejar possa. Isto não pode ser, e queira perdoar-me.

F. — Deixe-me com elle. O' homem falto de Fé! Vm. deve ainda crer, que o meu grande Deos, e *Pai*, he a grande *alma do mundo*, que se não importa com as pequenas almas, que pario, fazendo tanto caso dellas, como de seus filhos fazem os animaes! Vm. ainda ignora quem he Deos, e o amor, com que elle trata a seus filhos? Não tem ouvido, o que aqui se tem dito?

M. — Agora me recordo do seu excessivo amor, que he tal, que parece fazer do homem seu deos. Eu me calo.

P. — Ou he verdade, o que affirmo, ou debalde chamamos a Deos *Pai*, porque os mesmos pais terrenos assim tratão

a seus filhos. Não lhes levará infinitas ventajens este *Pai*? O que he nosso *Centro*, *Principio*, e Cabeça.

A. — Nós assim o cremos; mas parece-nos admiravel, que com a só *Oração*, com o só pedir o homem alcance o que deseja.

P. — Queira dizer, *o que necessita*, pois não dá o pai a seus filhos o que desejão, e pedem desordenadamente, e que conhece não lhes ser conveniente. Queirão advertir, que quando não fosse verdade o que disse, o divino *Plano* seria defeituoso, e o homem com razão se poderia queixar de seu Creador, por isso que collocando-o em gravissimas necessidades, lhe negava o remedio. Vejo, que não entrão ainda no fundo do *Plano*. Nós vimos as razões da necessaria *dependencia*, que de Deos deviamos ter. Queirão ainda accrescentar, que Deos não deveo pôr em nossas mãos, e arbitrio os seus dons, o remedio de todas nossas necessidade, e menos tudo o que podiamos desejar, porque o abuso para nosso mal seria certo. Nem devia, como bom Pai, dispensa-los á medida dos nossos desejos, mas sim á de nossas necessidades. Deveo porem, segundo este *Plano*, não os poder negar huma vez que nos sirvamos do meio, que nos deparou para os conseguirmos, quando são necessarios, e ainda uteis.

D. — Essa razão he fortissima. Por ella devemos estar.

P. — Eu a confirmarei de modo tal, qual poderião desejar. Isto supposto fiquemos certos, que este meio de alcançar, qual he a *Oração*, he facilimo, nem algum outro se poderia imaginar mais facil. Bem barata he a esmola, que não custa mais que pedi-la. Ao nosso bom *Pai* se pede ja com palavra, ja com o só coração, com os desejos, que elle mui bem conhece, e muito mais com os gemidos, e lagrimas. A *Magdalena*, sem proferir palavra, postrada aos pés do divino *Pai*, que lhe rogou com suas lagrimas, conseguio immediatamente absoluto, e plenario perdão de seus muitos, e graves peccados. A mulher enferma sarou do fluxo, em que laborava, com o só toque da fimbria de seus vestidos. Recebião a saude corporal os que diante d'elle se apresentavão. Com isto conhecemos, que de mui differentes modos se pede, e ora a Deos, e então mais eficazes quando mais fervorosos.

Antes que entre nas provas, que prometti, desejo, que notem huma admiravel analogia, que aqui descubro, e que não tenho visto jamais ponderada. Ella ainda lhes fará ver novas, e excelsas bellezas, bem capazes de enlevar o co-

ração do Philosopho *Christão* na admiração das maravilhas, que encerra a *Religião*. Para isto accrescentarei á definição da *Oração*, a idéa de *Palavra* para mostrar a sua força, e ficarem mais patentes seus admiraveis effeitos.

A oração he Palavra.

Lembrados estarão do que dissemos da *Palavra* de Deos, mostrando, que ella he hum poderosissimo, e mesmo omnipotente instrumento, que J. C., com o seu sôpro entregou, e pôz nas mãos dos seus *Apostolos*, para com esse sôpro articulado obrarem os prodigios, que só Deos pode obrar, tendo em suas bocas a mesma força, que tem na divina, e que nós não ignoramos.

A. — Estamos presentes; bem como na duração, e existencia presente desse poderosissimo instrumento até o fim dos seculos, a que se estenderá a *Igreja*, que o possue.

R. — Agora accrescentarei, que o homem tambem devia ter huma *Palavra* poderosissima, e tanto que se pudesse equiparar com a mesma *Palavra* de Deos, por isso mesmo que apezar de ser propria do homem, e que a tem por natureza, em certo modo he *Palavra* de Deos. Os exemplos provarão a verdade do que digo.

D. — Suspensos de admiração estamos todos!

R. — Mais devem admirar as excelsas bellezas da santa *Religião*, que por todas as faces, que a consideram apresenta a sua *Divindade*. Nada ha tão admiravel nella como as analogias, e combinações em todas as partes, que compõe este divino Edificio, se assim me he licito dize-lo. Devia o homem por força de sua natureza, e essencia, ter huma *Palavra* propriamente sua, poderosissima semelhante á divina, por isso que ha nestas *Palavras* huma perfeita analogia.

Para o mostrar, elevemos os vôos, e acompanhemos a *Aguia do Evangelho* ao mais alto dos *Ceos*, ao mesmo seio do Padre *Eterno*, e ouçamos dizer: *In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Deus erat Verbum. Joan.* 1. 1. Desde todo o principio existio a *Palavra*: isto quer dizer, *Verbo*. A *Palavra* existia perante Deos, e o mesmo Deos era a *Palavra*, he, e sempre será. Por esta *Palavra*, ou *Verbo*, tudo foi feito, e creado, e sem ella nada se fez: *Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est nihil.* ℣. 3. Finalmente o *Verbo*, ou *Palavra*,

se fez *Homem*: *Verbum caro factum est.* ℣. 14.; e aqui temos Jesus *Christo*. Este *Senhor* se chamou *Verbo*, ou *Palavra* do Eterno Pai, e isto cremos, posto que mui transcendente a todo o humano entendimento. Não temos pois que admirar o poder da *Palavra* de Deos, pois que ella mesmo, o *Verbo*, he Deos.

Permittão-me agora, e não se espantem de me ouvirem dizer, que o homem em certo modo tambem he *Palavra* de Deos, e eu lhes permittirei, que ponderem aqui do modo possivel, como o homem he imagem, e semelhança de Deos por sua creação, existencia, natureza, e essencia, mui semelhante, e conforme com a divina *Natureza*. Apezar de nos ser incomprehensivel, e superior ao entendimento humano, formem a possivel idea desta analogia entre Deos, e o homem, entre o homem, e Deos. Deos *Filho* he o *Verbo*, ou *Palavra* do *Eterno Pai*; e o homem tambem em certo modo he *Palavra* do *Eterno*, pois que he o seu *sopro*.

D. — Conhecemos, e admiramos taes analogias, ainda que ignoramos, que *Palavra* seja essa propria do homem.

P. — Eu o digo. Sendo o homem o *sopro* de Deos, he em certo modo sua *Palavra*, posto que não articulada, pois que com elle se forma a *Palavra*. Com o *sopro* foi transmittido, como vimos, aos *Apostolos* o poder, e instrumento da *Palavra*. Sendo pois o homem creado com este *sopro*, que por isso o tem por essencia, e natureza, segue-se, que tambem devia ter como sua propria huma *Palavra* de mui grande poder, e mui semelhante á de Deos...

A. — A consequencia parece justa, porem...

P. — Parecer-lhes-ha muito; porem eu farei palpavel, o que affirmo, e acabaremos de formar a possivel idea da natureza do homem, que tanto nos tem occupado. Seja o que for este *Sopro* de Deos, que dá origem, e existencia a nossas almas, e com que se forma a *Palavra*, elle he huma imagem, e semelhança de Deos, elle he mesmo chamado seu espirito: *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est. Gen.* 6. 3.; não permanecerá o meu espirito em semelhantes homens, visto que são tão carnaes, disse Deos a *Noé* antes do diluvio. Que espirito de Deos he este? Ninguem dirá, que não he aquelle espirito, que na dissolucção dos corpos voltará a Deos, que o deo, e delle sahio, como seu centro, e como temos dito: *Revertatur pulvis in terram suam unde erat, & spiritus redeat ad Deum, qui*

dedit illum. Eccl. 12. 7. O homem he o *Sopro* de Deos, o homem sem ser Deos he espirito de Deos, não sendo Deos he imagem, e semelhança sua; porque he seu *Sopro*, e seu espirito, que delle sahio, e a elle deve tornar. Eu sigo a frase divina; e de qualquer modo que se entenda, ao mesmo tempo que affirmo, que o homem não he Deos, affirmo tambem que com elle tem hum grande parentesco, e mui estreita ligação, qualquer que ella seja.

D. — Grandes cousas são essas; porem ficão ja provadas.

P. — Direi agora, que o homem devia, á semelhança de Deos, ter tambem huma *Palavra*, cuja força se assemelhasse com a de Deos. Vamos a ve-lo; e para melhor o entenderem darei este nome de *Palavra á Oração*, em que verão este divino, e admiravel poder, e direi, que ella, de qualquer modo que se faça, ou seja por palavra exterior, ou interior, isto he, com palavra articulada, ou formada somente no interior da mesma alma, he este poderosissimo instrumento sufficientissimo para obrar os maiores prodigios, e equivalente á mesma *Palavra* de Deos.

A. — Porem nesse caso he Deos a operar esses prodigios.

P. — Tambem na outra *Palavra* he o mesmo Deos a operar. Porem eu os tiro de toda a suspenção, ainda que antecipe esta demonstração, que devia ter lugar mais adiante. Eu lhes mostro a *Palavra* propria do homem com o poder da mesma *Palavra* de Deos.

Palavra do homem.

F. — Quem me dera aqui todos esses, que querem, e presumem ser cães, e jumentos, para verem o que he o verdadeiro homem. Eu creio, P., que falla dos verdadeiros homens, que são os amigos de Deos, pois que os zurros dos asnos não chegão ao *Ceo.*

P. — Tambem os peccadores tem huma *Palavra* mui forte, por isso mesmo, que tem por natureza o *sopro* de Deos; de que fallaremos a seu tempo. Não tem porem esta, de que agora fallo. Queirão ouvi-la da boca de hum *Josue.* Peleijava elle contra os *Chananêos*, e desejava, que se estendesse o dia, que se hia acabando, para conseguir completa victoria de seus inimigos. Elle levanta a voz, pronuncía a sua *Palavra* de imperio, que dirige aos astros: *Sol contra Gabaon ne movearis*, diz; não te movas sol para a parte de *Gabaon*, isto he, para o occidente, nem tu

ó lua, caminhes adiante; parai no lugar, em que vos achais: *Sol contra Gabaon ne movearis*, & *luna contra vallem Ajalon. Jos.* 10. 12. Apenas profere esta *Palavra* os astros obedecem a seu imperio, sentindo a sua força, param, e ficão pendentes desta *Palavra*, esperando pela suspensão de sua força. Por espaço de hum dia não se moverão, até que este homem pronunciasse outra palavra em sentido contrario: *Stetit sol in medio coeli*, & *non festinavit occumbere spatio unius diei.* ℣. 19.

D. — Eu tenho lido esse caso, mas o attribuia á *Oração*, que fez a Deos, pedindo-lhe, que fizesse parar os astros.

P. — Quando assim fosse, não faria grande differença. Porem o *Texto* não diz isso, antes nos representa a *Josué* mandando; e ainda chama a esta *Palavra*, *Palavra* do homem, e de tanta força, que fez obedecer-lhe o mesmo Deos. He assim mesmo que se exprime: *Non fuit antea*, *nec postea tam longa dies*, *obediente Domino voci hominis.* ℣. 14. Nem antes, nem depois houve tão grande dia, obedecendo o *Senhor* á vóz, ou *Palavra* do homem.

A. — O caso he bem claro; porem elle não pode fazer regra, porque, alem de unico, bem pode succeder, que Deos assim lh'o insinuasse, e mesmo mandasse, que o fizesse.

P. — Se fosse essa ultima poderiamos accusar o sagrado *Historiador* de pouca sinceridade, porque positivamente affirma, que Deos obedeceo á sua voz: *Obediente Domino voci hominis.* Eu não pertendo fazer regra, mas sim mostrar, que ha no homem, e elle tem por natureza esta poderosissima *Palavra*. Porem nem o caso he unico, nem ainda tem força esta *Palavra* do homem por insinuação de Deos: outro caso, ou mais casos lhe mencionarei, com que prove a sua força apezar do mesmo Deos, segundo a frase do sagrado *Texto*, que nos representa este *Senhor* sugeito á voz, ou *Palavra* do homem.

Elias, este famoso Propheta, nos tirará toda a duvida, e provará, o que digo. Indignado este santo homem contra os *Judeos* idolatras, pelo zelo da honra de Deos, que lhe consumia o coração, assentou comsigo, que este *Senhor* não os castigava com o devido rigor, e por suas misericordias facilmente por quaesquer demonstrações de penitencia se commovia á compaixão. Não ignorando a força da *Palavra*, de que fallamos, a empenha, arrogando com ella a si o poder do mesmo Deos. Elle se dirige ao máo Rei, *Achab*, causa de todo o mal, emitte a sua *Palavra* de imperio, e

diz: *Vivit Dominus Deus Israel, in cujus conspectu sto, si erit annis his ros, & pluvia, nisi juxta oris mei verba.* 3. *Reg.* 17. 1. Eu te affirmo, pela vida de Deos, que nestes seguintes annos não hade cahir sobre a terra nem chuva, nem orvalho, se não quando eu quizer, ou disser: *Nisi juxta verba oris mei*; a minha *Palavra* hade suspender, e fazer cahir a agoa do Ceo.

D. — He com effeito esse o sentido do *Texto*?

P. — Não he outro; e foi o mesmo que dissesse: Não penses, ó máo Rei, que has de zombar de Deos, a que facilmente, com apparencias de penitencia, moves á compaixão; daqui por diante as haverás comigo, e não com Deos, pois sabe, que não hade chover, se não quando eu disser, e não quando Deos quizer. Farei ceo de bronze, e a terra oscillará, negando a todos o sustento, em castigo de vossas idolatrias.

F. — Santo Nome de Deos! E com effeito assim foi!

A. — Eu me recordo desse caso; mas parece-me temeridade.

P. — Não queira dar a hum tal homem, e tão grande Santo o nome de temerario. Não só obedeceo o ceo, negando as chuvas por tres annos, obedecendo Deos a esta voz, mas ainda fez o *Senhor* muito, porem debalde, para o resolver a suspender sua *Palavra*, ou seu effeito, e dar licença para chover. Não foi possivel, em quanto não tomou maior vingança, dando a morte a quatro centos e cincoenta falsos prophetas, e sacerdotes do idolo *Baal.*

F. — Eu desejo muito saber como isso succedeo.

D. — Que elle deo a morte a esses idolatras, sei eu. Porem não sei, que se lêa na sagrada *Historia* o mais que diz.

P. — Entende-se sufficientemente. Nada mais singular, nem que mais nos ponha patente a condição do nosso bom *Pai* Deos. S. *João Chrisostomo* com sua nobre eloquencia paraphrasea admiravelmente este retalho da *Historia* sagrada neste mesmo sentido, porem apenas por brevidade poderei compendiar, o que elle largamente expõe. Logo que *Elias* proferio a sua *Palavra* o ceo, e a terra, e o mesmo Deos obecerão. Ficou elle mesmo sugeito á fome, e não menos ás iras de *Jezabel*, mulher de *Achab*, que, mais do que este, era a promotora, e patrocinadora da idolatria, e dos falsos prophetas, e não menos huma furia. Fóge daqui, lhe diz o *Senhor*, e esconde-te junto da corrente *carith*, de que beberás, e onde os corvos te sustentarão. Com effeito duas vezes no dia lhe levavão pão, e carne estas aves, não obs-

tante serem carnivoras. Nisto como lhedizia Deos, segundo o mencionado santo Doutor: não vês como de ti se compadecem as aves, e tu não te queres compadecer do meu povo! Porem debalde, porque elle se ensurdece.

Entre tanto se sêca a corrente, e Deos o manda hir para *Saraphta*, a ser sustentado por huma viuva, que não tinha mais que huma bem modica porção de farinha, e oleo, que queria com hum filho ultimamente comer, e morrer. Que caso tão proprio para commover a compaixão? Porem debalde; porque elle manda que lhe prepare parte daquella farinha, e torna a proferir a *Palavra*, affirmando, que não haveria falta nem na farinha, nem no azeite. ℣. 17. Assim se fez, e não se commoveo. Toma o *Senhor* outro partido, e faz morrer o filho da viuva, a fim de que commovido de compaixão pelas lagrimas da mãi, tomasse occasião para o commover com as lagrimas do seu povo. Que he isto? diz elle. Ao filho desta minha bemfeitora dais, *Senhor*, a morte! Não hade ser assim: torne, volte ao corpo deste menino a alma, que delle sahio. ℣. 21. Obedece Deos, e com effeito faz reviver o corpo morto: *Exaudivit Dominus vocem Eliae, & reversa est anima pueri intra eum, & revixit.* ℣. 22. Obedeceo Deos &c.

Estava-se ja no terceiro anno, e não apparecia na terra cousa verde: tudo morria de fome, e Deos parecia haver esgotado suas invenções para commover o coração daquelle homem ardente pelo zelo da sua honra. Finalmente o manda fallar a *Achab*, para deixar chover; o que foi o mesmo, que dizer: Visto que não te resolves a suspender o effeito da tua *Palavra*, vai fazer, o que intentas, para Eu poder fazer chover sobre a terra: *Vade, & ostende te Achab, ut dem pluviam super faciem terrae*, d.° 18. Com effeito foi, tomou a vingança premeditada, e veio a chuva....

F. — Conte-me, P., por quem he, esse caso por miudo.

P. — Somente o poderei fazer, dizendo em summa o principal. Fazendo o *Propheta* saber ao Rei, que a elle vinha, e sahindo-lhe este ao encontro: E's tu, lhe diz, o que perturbas a *Israel*, e és causa de tão grandes males? ℣. 17. Não sou, lhe responde, mas sim tu, tua mulher, e tua casa, que deixastes ao *Senhor*, e servís a *Baal*. Contudo manda ajuntar todo o *Israel* no monte *Carmelo*, e a esses teus falsos prophetas, e sacerdotes de *Baal*. ℣. 19. O que feito, diz *Elias* na presença do Rei, e de todo o povo: Eisme aqui só *Propheta* do Deos verdadeiro, e quatro centos,

e cincoenta prophetas de *Baal*. Venhão dois bois, e elles escolhão hum, fação-no em pedaços, ponhão-no sobre lenha no seu altar, mas não lhe ponhão fogo. Eu farei o mesmo ao outro. Aquelle sobre que descer fogo do ceo para o consumir, esse será tido pelo Deos verdadeiro. ℣. 24. Optima proposição, responde o povo; faça-se assim,

Os prophetas de *Baal* o fizerão primeiro, e desde de manhã até o meio dia clamavão: *Baal exaudi nos.* ℣. 26.; porem nada fazia, nem respondia *Baal*. Clamai, e chamai com voz mais forte, lhes dizia *Elias*, insultando-os; pode ser, que vosso deos esteja dormindo, ou divertido á mesa, conversando, ou vá de jornada, e que vos não ouça. ℣. 27. Com effeito clamavão em procissão, ferindo-se os corpos; porem *Baal* se fazia surdo. Passou o devido tempo, e nada de novo. Então *Elias* preparou o seu altar, pôz lenha, e sobre ella o boi; fez lançar grande abundancia d'agoa sobre a victima, a lenha, e o altar, e então levanta a sua poderosissima *Palavra*, que dirige a Deos dizendo: Ouve-me *Senhor*, ouve-me, e mostra a todo este povo, que tu és o verdadeiro Deos. Apenas diz, desce dos Céos fogo em tanta abundancia, que em breves momentos consumio a victima, a lenha, o altar, as mesmas pedras, a agoa, e a terra. ℣. 38. O povo cahe por terra, clamando, que o *Senhor* he o Deos verdadeiro; mas o seu *Propheta* manda, que prendão todos os de *Baal*, e lhes faz dar a morte. Isto feito diz ao Rei; Come, bebe, e parte, porque ja ouço o estrondo da muita chuva. ℣. 41.

D. — Com effeito não se pode dizer mais a tal respeito, nem mais admiravel, nem mais concludente! Tambem o he o poder com que o mesmo *Propheta* fez por duas vezes descer o fogo do Céo, que consumio os quinquagenarios, ou cincoenta soldados, que da parte do Rei *Ochozias*, o hião prender; como vemos no *Cap.* 1. do quarto *livro* dos *Reis*.

A. — Não nos deve admirar, porque não ignoramos, que *Elias* foi hum homem extraordinario; e por isso estamos no mesmo caso, que disse de *Josue*.

P. — Deverá dizer o mesmo de todos os outros *Prophetas*, e grandes homens do antigo *Testamento*, pois que todos pela maior parte vemos o poder desta *Palavra*. O mesmo dos *Apostolos*, que com ella obravão os maiores prodigios, e a seu imperio farião sugeitar toda a natureza.

E. — E em que outro imperio se tem feito todos, ou a maior parte dos immensos milagres, de que reza a historia? Ve-

jão aquelle Santinho leigo da ordem de S. *Francisco de Assis*, que, estando prohibido por seus *Superiores* de fazer milagres, porque tudo alvorotava com os muitos, que fazia, vendo cahir hum homem do alto de hum andame, o mandou parar em quanto não obtinha licença; e ficou o homem suspenso no ar, até que voltou com a licença para o fazer descer sem molestia? Que poder de *Palavra* era este? Se dissesse, que este poder tem, e esta *Palavra* os verdadeiros homens, e não os que são mais bestas do que homens, razão teria, e por esta estou eu.

A. — Estou persuadido, que ha essa *Palavra*, mas parece-me que tem o poder da virtude do que a profere, em cujo premio Deos lhe confere esse poder, e não por propria força de natureza.

P. — Seja embora, pois que assim mesmo não deixa de fazer muito ao nosso proposito; porem não he á virtude que presume, que J. C. attribue o poder desta *Palavra*, mas sim á confiança, e força, com que se profere. Vejamos, o que elle diz a tal respeito, e terão entendido o bastante para o nosso intento, e acabado de conhecer o homem em sua natureza.

Passava J. C. de caminho, de *Bethania* para *Jerusalem*, quando sentindo fome, vio huma figueira, a que se dirigio para colher seus frutos, mas debalde, porque não sendo ainda chegado o tempo devido, nada mais achou que folhas. *Nunquam ex te fructus nascatur in sempiternum*, lhe disse, lançando-lhe a maldição, nunca jamais produzas fruto algum. Immediatamente a figueira se secou.

A. — Mas se não era ainda tempo de o produzir, que culpa podia ter a figueira para tal maldição?

P. — A figueira não teve culpa, mas sim a tem o homem, que em todo o tempo de sua vida, ainda que seja na primavera de sua idade, não produz fruto de boas obras, e por isso bem merece a maldição de Deos. Foi isto o que o *Senhor* nos quiz mostrar neste caso. Os Discipulos se admirarão, e dizião: *Quomodo continuó aruit*? Que cousa tão rara! De repente se secou! Não vos admireis, lhes diz o divino *Mestre*, de tão repentino, e prodigioso effeito de minha *Palavra*, porque na verdade Eu vos digo, que se vós tiverdes fé, isto he, confiança de sorte que não hesiteis, não só fareis o mesmo, que Eu fiz da figueira, mas ainda direis a este monte, levanta-te daqui, e lança-te no mar; e elle assim o fará: *Amen dico vobis, si habueri-*

tis fidem, & *non haesitaveritis*, *non solùm de ficulnea facietis*, *sed & si huic monti dixeritis*: *Tolle*, & *jacta te in mare*, *fiet. Math.* 21. 21.

D. — Nem pareça aos Srs., que nunca se operou hum tal prodigio, pois que o lêmos na vida do *Thaumaturgo.*

A. — Somente desse se refere no decurso de tantos seculos.

P. — Nem desse o necessitavamos, para acreditarmos a *Palavra* de hum Deos. Não se fazem taes prodigios sem razão sufficiente, pois Deos não obra ociosamente. Tal prodigio apenas poderia ter por fim a ostentação, que não pode ser justa. Demos todo o credito a J. C., que ainda repetio o mesmo em outras occasiões, e não tem differença a mudança dos montes das curas prodigiosas, e outros infinitos prodigios, que continuamente se operão pela *Palavra* do homem.

F. — Qual será mais, a mudança de hum monte, ou a ressurreição de hum morto? Respondão....

P. — Não tem que responder, porque essa he muito mais. Ainda o repetio J. C. quasi pelas formaes palavras attribuindo-o sempre á *Palavra* do homem proferida com força, ou confiança. Porque não expellimos nós o demonio daquelle corpo? lhe perguntarão os *Discipulos*, depois de haverem exorcisado em vão hum energumeno. Por causa da vossa incredulidade, lhes responde: *Propter incredulitatem vestram*, isto he, pela falta da vossa confiança; porque na verdade Eu vos digo, que se tiverdes fé, ou confiança, ainda que seja tão pequena, como o grão de mostarda, direis a este monte; Passa-te daqui para ali, elle passará, e nada vos será impossivel: *Amen quippe dico vobis, si habueritis fidem, sicut granum sinápis, dicetis huic monti*: *Transi hinc illuc*, & *transibit*, & *nihil impossibile erit vobis* d.° 17. 19.

A. — Porem ainda estou porque essas promessas forão feitas aos sós *Apostolos*, porque assim era necessario.

D. — Com o dêmo vão taes teimas! Vm. está hoje bem duro!

F. — Vm. não ouvio ja que nem só os *Apostolos* o fizerão?

P. — Deixem, que inste, porque assim melhor se descobre a verdade. Eu não sei se nestas occasiões J. C. fallava com os sós *Apostolos*. O *Texto* diz, que erão os *Discipulos*, que, inclusos os *Apostolos*, erão muitos. Para que o Sr. At. deponha toda duvida, queira lêr este *Verso* do *Evangelho* de S. *Marcos*, mencionando o caso da figueira.

A. — *Amen dico vobis quia quicunque dixerit huic monti*: *Tollere*, & *mittere in mare*, & *non haesitaverit in corde suo*

sed crediderit, quia quodcunque dixerit, fiat, fiet ei. Marc. 11. 23. Na verdade Eu vos digo, que todo aquelle, qualquer seja, *Quicunque*, disser a este monte, levanta-te daqui, e arroja-te no mar, e não hesitar no seu coração, mas crer firmemememente, que se fará o que disser, assim com effeito se fará. Estou satisfeito, e agora creio; que na verdade ha essa *Palavra* prodigiosa propria do homem, que sem duvida deve ter por natureza da sua creação, e existencia, qual nos tem dito. Quam grande he pois o homem!

F. — Bem lhe custou! Mas em fim calhou.

P. — Nós tornaremos a esta confiança, que he necessaria, quando fallarmos da segunda *Palavra*, que he a *oração*; o que brevemente vamos a fazer. Eu quiz que ponderassem esta *Palavra* com alguma demora, para entrarmos finalmente no fundo do conhecimento da natureza do homem, e sua nobreza, pois por desgraça nada ha mais ignorado. Não o digo somente dessa Cathagoria incredula, que parece ter por elemento o pedantismo, e que se julga na mesma classe dos brutos irracionaes, mas ainda o digo dos que com boas intenções tem procurado conhecer o homem em sua natureza, e debalde.

D. — Eu confesso que jamais tenho lido cousas semelhantes á que nos tem dito em varios respeitos, nem creio, que alguem as tenha dito.

P. — Eu não desejo ser singular, mas sempre desejei profundar as cousas, conhecer a minha *Religião*, guardando intacta a minha Fé, conhecer-me a mim mesmo, e o meu Creador, do modo possivel. Eu não sei appreciar qualquer outra sciencia, que me parece não merecer tal nome. Esta he a verdadeira, e nada mais nobre, nem mais digno de occupar o homem, que presume de o ser. Ponhamos porem isto de parte, e tomemos o nosso objecto em consideração.

Eu ja disse, que entre todas as bellezas da *Religião* temos que admirar suas analogias, combinações, e conformidades em tanta perfeição, que são sufficientes para tornarem incontestavel a sua *Divindade*. Tendo nós visto a creação do homem, sua origem, sua natureza, e tudo o mais que a tal respeito temos dito, não lhes parece, que esta *Palavra*, de que acabamos de fallar, he huma legitima, e forçosa consequencia?

D. — A mim tanto o parece, que avançaria a dizer, que, ou he falso, o que tem dito a taes respeitos, ou o homem de-

via ter essa *Palavra*. Julgo que estes *Srs.* dirão o mesmo.

P. — Sem duvida estamos concordes; e na verdade he huma consequencia da natureza do homem, visto que he sôpro de Deos, imagem, e semelhança sua, e mesmo seu espirito.

M. — Bem era, que a sua *Palavra* tivesse alguma cousa de divina, e semelhante á de Deos. Estamos conformes.

P. — Aqui direi, o que não pude dizer, por não ser ainda tempo, quando fallei das benção, das maldições, e de sua força para operarem o bem, e o mal. He ao poder desta *Palavra*, que ao menos em parte se deve attribuir.

F. — Olhe, que tambem ha certas cousas, ou certas palavras, que me tem feito admirar pelo seu effeito, principalmente entre gente rustica. Os *Indios* n' *America* tem certas palavras, ou esconjuros, com que curão os males, ou enfermidades dos gados...

P. — Ha muita superstição mesmo entre nós a tal respeito, e bem criminosa: porem não se pode negar, que o homem tem esta *Palavra* mui poderosa em qualquer respeito, e de que se pode usar sem crime, ou culpa, principalmente quando se dirige contra os espiritos malignos, e tentações, quaesquer que sejão, e muito mais invocando aquelle de quem temos esta *Palavra*, que com a sua nos deo o ser.

He tempo de passar a outra *Palavra*, que dirigimos a Deos, a que chamamos *oração*, e que faz o nosso principal assumpto; cuja admiravel efficacia lhes será mais acreditavel com o que desta fica dito. Porem supposto o desenvolvimento, que temos seguido, do *Plano* divino, á vista do quadro, que ontem deixamos traçado, e em sua conformidade, devemos ver primeiro não só a necessidade, que della temos, mas a grande parte que tem na *Religião*, e por isso a sua necessidade gravissima. Supposto; que Deos quer conceder-nos por este meio o remedio de nossas gravissimas necessidades, e não temos outro, gravissima he a necessidade da *oração*. He isto o que ja vimos ontem; porem hoje accrescentaremos, que he gravissima a necessidade da *oração*, porque ella forma em certo modo, se não real e verdadeiramente, a base, e o fundamento da *Religião*, e passa ainda a ser a mesma *Religião*; ao menos faz o seu exercicio: Verdades estas, com que concluiremos nossas *Palestras*, lisonjeando-me de haver dado hum sufficiente conhecimento desta santa *Religião* de J. C., que por fatal desgraça vemos desprezada por isso mesmo, que he ignorada.

A Oração faz todo o exercicio da Religião.

Ontem vimos nós, que o quadro, que nos representa o *Pai* cercado de seus filhos, que a elle orão, he o mesmo quadro da *Religião.* O que nos resta a dizer, porá patente esta verdade, e por consequencia, que a *oração* faz em certo modo o fundamento da *Religião*; ao menos faz o seu exercicio.

Eu confesso que ignoro a razão porque os *Gentios* ultimamente convertidos desde o tempo de nosso segundo *Apostolado*, em toda a extensão do mundo infiel, davão á *Religião* o nome de *oração*. A que fim vens tu a nós? perguntava ao Missionario o *Indio*, o *Chinez*, o *Japonez*, o *Salvagem* d'*America*, e qualquer outro. « Eu venho ensinar-te a verdadeira *oração*; respondia aquelle, porque a *oração* que tu tens não he verdadeira *oração*. » Não lhe devia fallar em outro estilo, sob pena de não ser entendido. « Eu quero abraçar a tua *oração*, e orar como tu oras, porque a tua oração me agrada, dizião quando se convertião, e era o mesmo que dizer: Eu quero abraçar a tua *Religião*, e praticar, o que ella ensina; fazendo o mesmo, que tu fazes, porque em fim a tua *Religião* me agrada. »

D. — Ja nós vimos que o Salvagem Orador *Americano* respondia ao dogmatizante *Inglez*: Debalde te cansas em nos prégar a tua *oração*; nós não queremos orar como tu oras, pois he má a tua *oração*; e a *oração*; que nós temos, que nos ensinarão os *Roupas negras*; *Jesuitas*, he a verdadeira *oração*; isto he, a *Religião*. Porem a razão..?

P. — Confesso; que a não posso affirmar com certeza: direi contudo a minha opinião. Parecerá que foi unicamente invenção dos *Missionarios*; porem não o podendo ser pela universalidade dos sentimentos de todas as Nações, elles se accomodavão, quanto podia ser, a elles, e a seus costumes. O que entendemos pela palavra *Religião*, não he nella devidamente exprimido, quando se toure no seu sentido natural, cuja etymologia não me he certa. Não era este o nome, que antes se lhe dava, mas sim o de *Alliança*, *Pacto* com Deos, ou *Testamento*, que tudo significa o mesmo; e qualquer que seja o termo de que se possa servir, he certo, que não se deve tomar se não neste sentido, que nos representa huma *Sociedade* pactuada em união entre Deos Creador, e os homens, tal qual nós temos visto; e por is-

so fazendo menos uso da palavra *Religião*, nos servimos da de *Sociedade*, pois que isto he, o que devemos entender por esta palavra, e assim o fez Deos entender a *Noé*, *Abrahão*, e mais *Patriarchas*, *Moyses*, e Prophetas, servindo-se sempre das palavras, *Foedus*, *Pactum*, e *Testatum meum*, minha *Alliança*, meu *Pacto*, e meu *Testamento*, expressando assim o que entendemos pela palavra *Religião*. Como assim a palavra *oração*, se me não engano, representa ao vivo esta *Alliança*, *Pacto*, e *Sociedade* dos homens com Deos.

D. — O quadro sobre tudo o representa no *Pai* cercado dos filhos com as mais vivas côres, pois ahi vemos, não só a *Sociedade* em união com seu *Centro*, mas tambem a *Alliança*, e o *Pacto*, ou ajuste de dar o necessario por meio da *Oração*. Entendo bem, que, segundo estas razões os *Infieis* ficaráõ sabendo, que o mais expressivo nome, que se deve dar ao que entendemos pela palavra *Religião*, he o de *Oração* a Deos. Eu concordo.

P. — Esse he justamente o meu sentimento, que justifica a minha proposição. Embora porem eu me engane; não me faltaráõ razões para a tornar incontestavel. Vejamos primeiramente o que a tal respeito nos disse, e fez o divino *Fundador* desta nossa *Sociedade*, ou *Religião*, Jesus *Christo*.

Antes de palavras elle principiou a documentar-nos com as obras, e exemplos. Antes que sahisse com aquellas, antes que principiasse a prégar, elle se retirou a orar, por não menos de quarenta dias, e outras tantas noites. Não ignoro, que o *Texto* não o declara, porem he commum sentir da *Igreja*, que todo este tempo occupou na *oração*; e mui bem o prova o costume, que depois vimos, que teve. Os sagrados *Evangelistas* o representão mesmo nas suas prégações tão continuo na *oração*, que a cada passo se retirava aos montes para este fim: *Exiit in montem orare*. Com tanta perseverança, que dos dias mettia pelas noites, que neste exercicio consumia: *Erat pernoctans in oratione. Luc.* 6. 12. Em huma occasião obrigou seus *Discipulos* a embarcar-se, porque o não querião deixar, e partio para hum monte a orar: *Coegit discipulos suos ascendere navim... & cum dimisisset eos, abiit in montem orare. Marc.* 6. 46.

A. — Dá-me occasião, P., a duvidar, que tivesse por fim o documentar-nos, pois que deveria neste caso orar com os discipulos, e não retirar-se delles para os montes.

P. — Creia, que brevemente o satisfarei. Muito de madrugada se levantava, e sahia a lugares desertos para ahi orar: *Diluculo valdé surgens, egressus abiit in desertum locum, ibique orabat.* d.° 1. 35. Tanto se demorava, que os Discipulos o hião procurar: *Prosecutus est eum Simon, & qui cum illo erant.* ℣. 36.

D. — Pois eu creio, Sr. At., que J. C. com taes exemplos documentou os *Religiosos* que em tão grande numero os tem seguido.

P. — Na ultima noite orou algum tanto retirado de seus Discipulos, ou *Apostolos*; por tres vezes o fez nesta mesma occasião, e na terceira com muita extensão: *Prolixius orabat.* De tal sorte o fez, que se postrou de joelhos: *Positis genibus orabat. Luc.* 22. 41. Não satisfeito com isso não se dedignou de arrojar por terra aquella divina *Face*, cuja visão faz Bemaventurados: *Procidit in faciem suam, orans. Math.* 26. 39. Elle o fez com tal fervor, e anciedades de coração, que seu corpo se banhou em suores de Sangue, que regarão a terra: *Factus in agonia prolixiùs orabat: et factus est sudor ejus sicut guttae sanguinis decurrentis in terram. Luc.* 22. 44. Com semelhante *oração* se preparou para a sua Paixão, e levantando-se della, se foi a pôr nas mãos dos *Judeos.*

Nella, segundo affirma S. *Jeronimo*, e outros, sempre orou, e ainda dizem, que por tradição constava, que posto na Cruz recitara dez *Psalmos* de *David*, que todos são precatorios, e eucharisticos, começando no vigesimo primeiro, que principia, *Deus Deus meus respice in me*, e espirara no trigesimo ao pronunciar o ℣. 6. *In manus tuas commendo spiritum meum*, não lhe convindo o ℣. 7.

D. — Não lhe parece, P., que essa conducta não he propria de hum Deos, e que dá lugar ao Incredulo de pôr em duvida, e combater a sua Divindade?

P. — Assim seria quando a não tivessemos por mil razões incontestavel. Não me parece improprio de hum Deos Homem, que em tudo nos quiz documentar; e sendo que elle se sugeitou ás tentações do demonio, e dos homens para nellas mesmas se fazer nosso exemplar, fez-se indispensavel, que tambem nos documentasse com o seu exemplo na *oração*, que he o seu remedio. Porem como o não deveria fazer, se a *oração* forma o fundamento da *Religião*, que nos veio ensinar, se não he ella mesma? Que assim o he, mui bem o prova este continuado exercicio da *oração*

a a 1

em J. C. seu *Fundador*. Eu aclaro melhor o meu sentimento, e força do argumento.

Não duvidão os *Srs.*, que J. C., como *Fundador* da *Religião*, e juntamente nosso Mestre, e Exemplar, devêo praticar seus actos, e exercer a mesma *Religião*, em que nos documentava. Queirão pois dizer-me quaes outros exercicios religiosos teve J. C. a não ser a quasi continua *oração*.

A. — Pois não entrão na *Religião* os mandamentos, e Sacramentos? Julgo que assim o tem dito.

P. — E ainda digo, que entrão; porem á excepção do *Augusto Sacrificio* do *Altar*, se entrão na *Religião*, mais formão os laços desta *Sociedade*, do que o seu mesmo exercicio essencial. O Santo *Sacrificio* verdadadeiramente o he; mas que outra cousa he elle, e nos representa, que não seja o quadro, que debuxou o Fr., nosso bom *Pai* sustentando os filhos, que o cercão em *oração*, com o seu proprio *Corpo*? Eis-aqui a verdadeira essencia do que chamamos *Religião*, a que pelo menos he essencial a *oração*, como ainda hiremos vendo, e que J. C. continuamente exerceo, e ultimou com o Sacrificio do Altar, e da Cruz.

D. — Eu confesso que he fortissimo esse argumenro; e o Sr. At. deve fazer a mesma confissão.

A. — Eu assim o faria, a não ser a objecção que ja propuz.

P. — Eu o satisfaço. Tenho mostrado a J. C. orando em solidão com o fim de fazer emmudecer os pedantes murmuradores das *Ordens Religiosas*, e de todos os que procurão as solidões dos desertos, e dos Claustros, para longe do mundo exercerem, e praticarem por meio da *oração* a *Religião* em sua essencia. Ainda o fiz, para mostrar, que tanto entra na essencia, do que chamamos *Religião*, que não he outra cousa, que a *Sociedade* com Deos, que o mesmo Deos feito *Homem* por si só a praticou. Julgo, que se bem o ponderarem, acharáõ esta razão fortissima.

D. — Eu assim a acho; mas não a saberei explicar. Parece-me que J. C. não poderia de outro melhor modo instruir aos Discipulos, e a todos nós na necessidade, e valor da *oração*, do que orando elle só em solidão. Se elle somente orasse com os Discipulos, dirião elles: Boa he a *oração*, e he bom que o pratiquemos. Porem vendo que este divino *Mestre* se retirava para orar em solidão, tinhão elles, e nós tambem a dizer: Grandissima cousa he a *oração*, pois que hum Deos *Homem* só por si a praticou; grandissima

necessidade della temos; sem duvida ella faz a essencia da *Sociedade*, que chamamos *Religião*. Cada vez mais me agrada o quadro.

F. — Mas deve ser bem debuxado, como eu o pintei.

P. — Coincide o Sr. D. perfeitamente com o meu sentimento. Embora porem elles não fossem exactos, queira o Sr. *At.* persuadir-se, que J. C. não somente orava em solidão, mas orava elle só na presença dos Discipulos, e orava juntamente com elles; e tal era o seu continuo costume.

A. — Eu duvido, que ambas essas proposições possa provar pelos *Evangelhos*, em que nada tenho lido a tal respeito.

F. — Elle os lê com os olhos abertos.

P. — Eu o farei, como possa desejar. Em quanto á primeira, aqui tem o *Evangelho* de S. *Lucas*, cap. 11. ℣. 2. Queira ler.

A. — *Et factum est, cum esset in quodam loco orans, ut cessavit, dixit unus ex discipulis ejus ad eum: Domine, doce nos orare, sicut docuit & Joannes discipulos suos*; succedeo que estando o *Senhor* a orar em hum certo lugar, logo que cessou da *oração*, hum dos Discipulos lhe disse: Ensina-nos a orar, assim como *João Baptista* ensinou seus discipulos. Tenho dessipada esta duvida, pois que bem claramente representa o *Texto* a J. C. orando só á vista dos Discipulos, que sem duvida não o acompanhavão, pois ainda não sabião orar.

P. — Deverá tambem ter dessipada a outra, quando vir nos mesmos *Evangelhos*, que tão continuo era o costume, em que pôz a seus Discipulos, de orar com elle, que o tinha talvez impreterivel de sahir com elles fóra de noite depois de cêa, se a tinhão, aos lugares desertos para nelles orarem.

D. — Essa he mais! Que sahio depois da ultima *Cea* ao monte das oliveiras a orar, e ahi foi preso, sabemos todos; mas que esse era o costume, ignorava eu.

F. — Elle não foi preso no alto do monte, mas sim á raiz delle, tendo passado o pequeno rio *Cedrão*, n'um citio que se chama a *Gethsemani*, que quer dizer, *valle das oliveiras*.

P. — Ahi tinha o costume de hir orar depois de Cêa, quando a tinha em *Jerusalem*, entrando em hum lugar, que S. *João* chama *horto*, predio ou lugar cercado. Quando não ceava, parece ter por costume sahir, e subir ao alto do monte, onde era de certo o costume passar as noites, sem duvida grande parte em *oração* juntamente com os Discipulos. Muito cedo partia para o Templo a prégar, madrugando muito o povo para o ouvir.

D. — Onde he que isso vem? Eu não me lembro de o lêr.

P. — Aqui o tem no *Evangelho* de S. *Lucas*: *Erat diebus docens in templo; noctibus vero exiens morabatur in monte, qui vocatur oliveti. Luc.* 21. 37. Passava os dias ensinando no Templo; porem sahindo nas noites as passava no monte chamado *oliveti*.

D. — E como sabe, que vinha muito cedo ao Templo?

P. — Porque o povo o fazia para o ouvir: *Et omnis populus manicabat ad eum in templo audire eum.* ℣. 38. Todo o povo madrugava a vir ouvi-lo no Templo.

D. — Bem diz o Sr. Fr., que lêmos com os olhos fechados! Mas como prova, que depois de Cêa sahia ao *horto*, ou valle..?

P. — Porque o *Texto* o diz; nem *Judas* poderia saber, que elle ahi hiria, se não fosse este o costume, pois que elle sahio antes de se acabar a Cêa a convidar os *Judeos*. Bem claramente diz S. *Lucas*, que este era o costume: *Egressus ibat secundum consuetudinem in montem olivarum.* 22. 39. S. *João* faz a *Judas* mui conhecedor do lugar, onde era costume hir com os Discipulos; e por isso não pode duvidar, do que ahi hiria concluida a Cêa: *Sciebat autem & Judas, qui tradebat eum, locum, quia frequenter Jesus convenerat illuc cum discipulis suis. Joan.* 18. 2. Se este era o costume, quando se demoravão em *Jerusalem*, não podemos duvidar, que o mesmo fazia, quando morava em *Bethsaida*, em *Capharnaúm*, e outras terras, ou Cidades. Julgo, que com isto fica bem provado o costume que tinha de orar com os Discipulos.

F. — Então elle passava as noites ao rigor do tempo? Faria o mesmo tambem no rigor do inverno?

P. — A temperatura do inverno em taes climas he muito mais suave do que nos nossos. Estará satisfeito o Sr. At. ou deseja outras razões?

A. — Eu o ficarei plenamente com o que a tal respeito fizerão os *Apostolos*, que sobre elle deverão ser bem documentados. Seu exemplo, e doutrinas dirão tudo.

P. — Razão tem, e eu sou contente. Em quanto a estas, elles seguirão o mesmo estilo, e methodo de J. C., seu *Mestre*, que nada recommendou tanto por palavras, alem do exemplo, que a *oração*. Lêa-se o *Evangelho* e a cada passo se verá esta recommendação, se não mandamento, repetida por varios modos; como logo de passagem mencionarei para mostrar a sua efficacia. Por brevidade somente

apontarei alguns textos das *Cartas* de *S. Paulo.* Escrevendo ao *Collocenses*, lhes diz: *Orationi instante, vigilantes in ea cum gratiarum actione.* 4. 2. Instai sede continuos, quanto possa ser, na *Oração*, vigiando nella, e dando louvores a Deos. Orai sem intermissão, sem interpollação de tempo, recommenda aos *Thessalonicences*: *Sine intermissione orate.* 5. 17. Orai em todo o tempo com fervor, escreve para *Epheso*, com espirito fervoroso vigiai, e orai com teimosas instancias: *Orate omni tempore in spiritu, in ipso vigilentes in omnia instantia, & obsecratione.* 6. 8.

D. — Essas recommendações são sufficientes para fazer persuadir, que no exercicio da oração está o exercicio da *Religião*, quando nada mais houvesse.

P. — Porem temos ainda o exemplo, que tomarão á risca do divino *Mestre*, que bem prova a particular instrução, e o perfeito conhecimento dessa verdade, que nos transmittirão. Lêa-se o *Livro* dos seus *Actos*, que apezar de conter bem diminuta parte da sua historia, não omitte a particular menção deste seu continuo exercicio. Depois da *Ascenção* de J. C. aos *Ceos*, voltados ao Cenaculo, ou Casa onde tiverão a ultima *Cea*, encerrados, nada mais fizerão, que orar em continua perseverança com *Nossa* SENHORA, e mais santas mulheres, que lhe fazião companhia; *Hi omnes erant perseverantes unanimiter in oratione cum mulieribus, & Maria Matre Jesu, & fratribus ejus. Act. Ap.* 1. 14. Assim os achou o *Espirito Santo*, quando, passados dez dias, desceo sobra elles. Eis-los aqui praticando o exercicio da *Religião*; e não vemos, que neste tempo fizessem outra cousa.

Quando com effeito desceo sobre elles o *Espirito Santo*, então entrão no exercicio do seu Ministerio; *Pedro* solta a *Palavra* de Deos, maneja com força este poderosissimo instrumento, tres mil *Judeos* se convertem, entrão no exercicio da *Religião*, mas que fazem? A *oração*: *Erant perseverantes in doctrina... & orationibus.* d.° 2. 42. Tão continuos erão finalmente na *oração*, que se dispensarão do cuidado das viuvas, e mais necessitados, para em nada mais cuidarem, que em orar, e prégar: *Nos veró orationi, & ministerio verbi instantes erimus.* d.° 6. 4.

Este mesmo era o exercicio religioso de todos os *Fieis*; e por isso depunhão, e dimittião de si o cuidado dos bens temporaes, vencendo-os, e entregando seu producto aos *Apostolos*, para em nada mais cuidarem, que na *oração*.

Quando tinhão a sofrer alguma grave necessidade, se redobrava o fervor, e não cessavão. Por todo o tempo, que o *Chefe*, S. *Pedro*, esteve no carcere preso por *Herodes*, toda a *Igreja* todos os *Fieis* não cessavão de orar nem de dia nem de noite: *Petrus servabatur in carcere, oratio autem fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo.* d.° 12. 5. Taes *orações* não podião deixar de produzir o seu effeito; o *Anjo* do *Senhor* faz cahir as cadêas das mãos de *Pedro*, abre as portas do carcere, sahe com elle por entre os guardas, não lhes reteve os passos a porta ferrea; fora de todo o perigo vai a casa da mãi de *João Marcos*, onde estavão muitos Fieis, que não obstante ser passada grande parte da noite, como se pode suppor, estavão todos juntos, orando: *Venit in domum Mariae... ubi erant multi congregati, & orantes.* ẏ. 12.

Não podia deixar de passar este mesmo costume aos tempos immediatos, e estender-se até o fim dos seculos, que contará a *Igreja*, por isso mesmo que faz o exercicio da *Religião*. Nos tempos immediatos aos *Apostolos*, ja nós vimos, que os *Christãos*, pela maior parte erão *Ascetas*, cujo principal exercicio era o da *oração*. Brevemente os desertos se povoarão de inumeraveis multidões de *Monges*, e *Cenobitas* de hum, e outro sexo; e elles não se occupavão em outra cousa, que não fosse a *Oração*. Se por ventura davão algum tempo ao trabalho manual para terem o bocado de pão, trabalhando oravão, como era o seu costume.

M. — Mas onde está presentemente esse exercicio?

P. — E que? Ja se acabarão em todo o orbe *Catholico* os verdadeiros Fieis? As *Casas Religiosas*, cujo principal exercicio he a *Oração*, e mesmo Casas particulares, quando não fossem os *Templos*? Neste mesmo desgraçado Reino, que parece envolver em suas ruinas, e nellas enterrar a moribunda *Religião*, que herdou de seus pais, não faltão ainda familias, que procurão desempenhar este exercicio essencial de sua profissão *Catholica*.

F. — Ah, P., que hoje me regala! Oução todos isto.

M. — Eu vejo, que todos vão emmudecendo; mas como o mais ignorante, perguntarei, se na infancia, e mocidade da *Religião* houve sempre o mesmo exercicio.

P. — E como o não haveria, se havia *Religião*? Esta seria mais huma quimera, do que realidade, a não ter a *oração*, pois que, como vamos vendo, entra na sua essencia.

M. — Porem eu julgo, que *Moyses* pouco, ou nada disse a

tal respeito, na *Religião Natural* em sua infancia.

P. — Disse o bastante para conhecermos, que este era o exercicio dos *Patriarhcas*, que quasi não davão passo sem primeiro o consultarem com Deos na *oração*. Nós vemos, que este mesmo foi o costume dos *Judeos*, e a cada passo principalmente nos livros *Propheticos*, e *Sapienciaes* os grandes elogios da *oração*; e elles nos põem bem claro, que este era o frequentissimo exercicio. Ainda no tempo dos *Apostolos*, não obstante o abandono, em que os *Judeos* tinhão os exercicios religiosos, frequentavão este do mesmo modo, que sempre o costumarão fazer.

A. — Como se pode provar, que assim o fazião?

P. — Eu o digo. *David* diz de si, que orava de manhã ao meio dia, e de tarde: *Vesperè, & manè, & meridie narrabo, & annunciabo*, (id est, *orabo*) *& exaudiet vocem meam. Psal.* 54. 18. Em *Esdras* vemos, que quatro vezes se ajuntavão os *Judeos* no Templo a ouvir a lei, e quatro vezes confessavão seus peccados, e adoravão o *Senhor*: *Legerunt in volumine legis Domini Dei sui, quater in die, & quater confitebantur, & adorabant Dominum Deum suum.* 2. *Esdr.* 9. 3. Parece ser isto por lei determinada pelo mesmo *Esdras*, e nos dias vulgares, pois que desde que houve o Tabernaculo, e depois o Templo com as Festas legisladas por *Moyses*, em taes dias, e nos *Sabbados*. estavão estes santos lugares sempre cheios. Contudo nada nos diz *Moyses* a tal respeito, e com razão devia ficar este exercicio voluntario em grande parte, pois poderião huns fazer mais do que outros, e mais nestes do que naquelles tempos. Vemos porem que havião horas no dia determinadas para a *oração* no Templo, que ainda estavão em vigor no tempo de J. C., e que parecem ser as costumadas antigas pela manhã, meio dia, e de tarde.

De manhã muito cedo se abria o Templo, como ja vimos, madrugando o povo para nelle ouvir a J. C., e de certo não se abria a taes horas, se não para a *oração*, pois que não havião sacrificios a taes horas. Nada acho relativo á oração do meio dia; porem vejo que a da tarde estava em pratica, e se chamava a *nona hora* de *oração*, que equivalia ás tres da tarde. Foi nesta occasião, que S. *Pedro* operou o famoso milagre, fazendo andar o coxo: *Petrus & Joannes ascendebant in templum ad horam orationis nonam. Act. Ap.* 3. 1. Ignoramos, que dia fosse este, porem a multidão de *Judeos*, que a tal hora se ajuntou no

Templo para este exercicio, foi grande. Julga-se, que se estendia esta hora de *oração* até a noite principiando pelas tres da tarde.

Queirão aqui advertir, que nada legislando *Moyses* a tal respeito, devemos entender, pelas regras, que tenho dado, que toda esta instrucção sobre a *oração* foi dada por Deos a nossos primeiros pais, que aos *Judeos* passou por tradição. Por consequencia na infancia da *Religião* se praticava o mesmo, que em todos os tempos; nem podia deixar de ser, pois havendo sempre *Religião* deveo haver este exercicio. Prova-se ainda pelo que vemos fazião os antigos *Patriarchas*, e ainda pelos costumes de todas as Nações *Infieis*, que nada tem tanto em uso como o exercicio da *oração* a seus idolos.

D. — He essa regra geral, que prova ser da primitiva.

A. — Eu me dou por convencido, e creio, que a *oração*, e seu exarcrcio tem grande parte na *Religião*, mas que entra na sua essencia...

P. — He tempo de lh'o mostrar por novas razões intrinsecas á mesma *oração*; e acabará de conhecer, o que vou provando, que tão arduo se lhe faz, e as razões porque esta tem sido sempre o exercicio religioso. Não foi com effeito sem altos designios, que nosso bom *Pai* Deos nos precisou á *oração*, e que J. C. tanto nos recommendou com palavras, e exemplos, pois que ella he huma divida, que lhe devemos, e com que satisfaremos nossos deveres para com elle, e não de outra sorte; e he por isto que a *oração* entra na essencia da *Religião*, e faz o seu fundamento. Eu vou a mostra-lo.

A oração he divida para com Deos.

Que deve o homem a Deos? perguntarei eu, e responderei: O que somente lhe pode pagar com a *oração*, e não de outra sorte.

D. — Essa he inteiramente singular! Pode ser, que o homem pedindo pague? He caso celebre, e incrivel!

P. — Não são as cousas divinas como as terrenas, antes sobre estas admiraveis infinitamente. Tenha por certo, que na *oração* a Deos o homem pedindo paga, e ao mesmo tempo que fica, com o que pede, satisfaz a seu crédor. Aqui temos o *Psalmo* 49., que nos dirá o bastante a tal respeito. Faz *David* dizer a Deos: *Non accipiam de domo tua &c.*

Eu não receberei da tua casa, ou da tua mão os bezerros, e cabritos, que me sacrificas, e com que pensas pagar-me o que deves, pois tudo isso he meu, e tudo o mais que me podes offerecer: nem Eu cômo as carnes, nem bebo o sangue das Victimas, e rezes, que me sacrificas. ℣. 14. Outra cousa tens, que he propriamente tua, com que deves pagar, o que me deves. Mas que he isto que o homem tem em sua propriedade, e que Deos delle exige? O mesmo *Senhor* o diz: *Immola Deo sacrificium laudis, & redde Altissimo vota tua.* ℣. 15. Em lugar de rezes sacrifica ao teu Deos os sacrificios de louvor, e paga ao Altissimo os teus votos: *Redde Altissimo vota tua.*

Devemos a Deos o sacrificio de louvores, de graças, adoração, o reconhecimento aos beneficios, que continuamente nos faz. Como faremos este sacrificio? Pagando ao Altissimo os nossos votos: *Redde Altissimo vota tua.* Mas que votos são estes? *S. Agostinho*, seguindo a *Versão* dos *Setenta* em lugar de *Vota tua*, lê, *Preces tuas*: *Redde Altissimo preces tuas*; dá a Deos Altissimo os teus rogos, as tuas *orações*, pois he esta a tua divida.

A. — Confesso, que não o entendo sufficientemente.

P. — Eu lh'o faço entender; mas queira dizer-me com a possivel brevidade de palavras, o que o homem deve a Deos?

A. — A *honra*; em cuja palavra me parece incluirem-se todos os deveres do homem para com Deos.

P. — Diz muito bem: e eu lhe respondo, que com a *oração* se presta, e dá a Deos essa mesma *honra*; e por consequencia lhe paga, e satisfaz essa divida. Queira ler o *Verso*, que se segue immediatamente, em que falla o mesmo *Senhor*.

A. — *Invoca me in die tribulationis, eruam te, & honorificabis me.* ℣. 16. Invoca-me no tempo das tuas tribulações, tentações, ou necessidades; Eu dellas te livrarei, e tu me *honrarás*. Mas de que modo pode isto ser?

F. — *Santo breve da marca!* Que falta de bestunto! Pois não honra ao pai o filho, que a elle recorre, e com elle se abraça?

P. — Eu melhor o direi; mas note nesse *Verso* o Sr. At. huma *Alliança*, hum *Pacto*, (que isto he a *Religião*) que o benignissimo Deos faz com o homem. Todo o pacto, contrato, ou alliança deve resultar em bem, e interesse de ambas as partes contratantes. Eis aqui este *Pacto* religioso resultando em bem das duas partes, Deos e o homem;

em bem deste, porque orando será livre das tribulações, ou tentações, em bem de Deos, porque tirará da *oração* do homem a *honra*, que lhe deve: *Invoca me . . . eruam te, & honorificabis me.* Antes que passe a expor o modo, com que isto se faz, e qual seja esta *honra*, permittão-me duas palavras em Nome do mesmo *Senhor*, que me suggere este *texto*, para melhor entenderem o divino *Plano*, que vamos desenvolvendo.

Invoca me in die tribulationis &c. Como se dissera: Eu quiz, ó homens, sugeitar-vos a varias necessidades, tanto corporaes, como espirituaes, cujo remedio puz em minhas mãos, collocando-vos em huma absoluta dependencia: dei-vos a *oração* por seguro meio de conseguirdes de mim o que necessitardes. Assim o fiz para poderdes desempenhar vossos deveres para comigo, pagando-me, o que me deveis, que he a *honra*, de que sou Credor, por isso que sou vosso Creador, vosso Principio, e unico Fim, vosso Deos, e vosso *Pai*. Nos profundos abismos da minha Sabedoria não achei hum outro meio mais facil, mais suave, nem mais interessante para ambos Nós, do que este, pois que por elle com a maior facilidade, sem mais trabalho do que pedirdes, conseguireis, e pagareis o que me deveis: *Eruam te, & honorificabis me.*

D. — Nada mais divino do que tal *Plano*, se com effeito cabalmente se desempenha! Elle ficará bem desenvolvido.

P. — Que com effeito se desempenha em ambas as partes, eu vou a mostrar. Vejamos primeiro a devida paga.

A oração presta a Deos a devida honra.

A *honra* de Deos constitue nossos deveres; e estes mesmos fazem o fundo, do que chamamos *Religião*, e he com a *oração*, que se desempenhão, por isso mesmo que he o acto, e o exercicio mais perfeito da *Religião*, que abrange o melhor, mais alto, e sublime, que ella tem, em relação para com Deos, e sua *honra*. He assim que se expressa o famoso *Agostinho Calmet*, expondo o mencionado *verso*: *Honorari se putat Deus, cùm illi supplicamus*; Deos se dá por honrado, e por consequencia pago do que lhe devemos, quando lhe dirigimos nossas *orações*, pedindo-lhe o remedio de nossas necessidades. E porque razão? Porque a *oração* he acto perfeitissimo da *Religião*, que abraça o melhor, e o tudo, que pode prestar *honra* a Deos, abra-

çando as principaes virtudes, que são adoração, Fé, Esparança, e Caridade, ou amor: *Perfectissimus Religionis actus est oratio, adorationem, Fidem, spem, charitatemque complectens.*

D. — Eu presumo hir entrando no conhecimento dessa *honra.*

F. — Aind'agora o faz? Ainda não vi gente mais obtusa! São como crianças, que necessitão da papinha mastigada! Ja perderão de vista o quadro, que lhes pintei?

D. — Compadeça-se de nossa ignorancia. Mas que....

F. — Mas que? Pois não vêem, que os filhos cercando o *Pai,* com as mãos a elle levantadas pela *oração*, lhe estão dando toda honra, que se pode imaginar! Aquellas cousas, que acaba de dizer o meu Ab., que ja está cançado de tanto fallar, são as principaes, que ha na *Religião*, e com que se dá a devida *honra* a Deos. Deixe-me, P., com elles, e descance, porque eu porei tudo em pratos limpos.

Nós devemos por grande obrigação, que temos, adorar a Deos, que he nosso *Pai.* Ora diga-me cá: Que mais pode fazer hum filho para venerar, reverenciar, e respeitar seu pai, que prostrar-se diante delle, orar, pedir, levantar a elle as mãos a roga-lo? Adorar he venerar, reverenciar, respeitar, e reconhecer por seu Deos. Assim ja se disse nas *Disputas*, e se fazia com o beijar a propria mão. Mas quanto mais faz o que ora? Vms. ainda não virão, o que eu com os meus fanaticos fazemos na *Oração Mental!*

A. — Conte com todos nós entre seus fanaticos.

F. — Se faltarem, eu lh'o direi: mas vamos adiante. Temos alem da adoração, as tres virtudes *Theologaes*, que assim se chamão, porque são pertencentes a Deos, e são a *Fé*, a *Esperança*, e a *Caridade*, que he o verdadeiro amor de Deos, de que ja ouvirão fallar. Ora attendão, se querem ver estas tres virtudes em pessoa viva na *oração.* Vejão a Fé no filho, que apezar de não ver o *Pai* Deos, estende a elle os braços, falla, roga, pede, como se ali o vira presente com os olhos corporaes. Querem Fé mais viva, do que esta? Que direi do que faz *oração* no Templo diante do Santissimo Sacramento, ou em sua casa voltado para onde elle está? Elle está praticando nella os actos mais heroicos da mais viva Fé, porque está crendo com o entendimento, e obrando com o corpo, isto he, crendo com a alma, e acompanhando com o corpo. Elle crê, que aquillo que á vista parece pão, he o seu Deos em *Pessoa*, e alli falla a boca, falla o coração, confessando esta Fé, e tam-

bem falla o corpo neste sentido, ajoelhando, prostrando-se &c. Todo o homem exercita, e pratica a Fé mais viva dos nossos mais augustos Mysterios. Ainda mesmo que não falle na *oração* tudo falla, e todo o homem está confessando a santa *Religião*.

Que direi da virtude da *Esperança*? Onde he que ella apparece mais em sua propria, e viva pessoa, do que na *oração*! Não he necessario bestunto para o entender. Quem não espera, não pede; mas quem pede, espera. Pois da *Caridade*, do amor de Deos, que direi? Como pode o filho deixar de amar ao pai, com quem trata, a quem pede, de quem recebe, e a quem abraça? Ah, que a *oração*, principalmente a *mental*, que eu faço com os meus fanaticos, he huma fornalha do fogo do amor, em que se abrasão os corações. Concluo com dizer, que na *oração* trabalhão em propria pessoa, e a bom trabalhar em corpo, e alma as quatro maiores cousas, que temos na *Religião*, que são a *Adoração* a Deos, a Fé, a *Esperança*, e o *Amor* a Deos. Quem isto não entende, não he homem.

D. — Nós somos homens, porque o entendemos, nem podemos deixar de o entender. Vm. o expõe como o poderia fazer o melhor *Theologo*.

F. — He para que saibão, que o não sou de mão furada.

M. — Pode lisongear-se, de que eu o entendo muito bem, e fico crendo, que na *oração* se pratica a *Religião*, e que mesmo faz o seu fundo.

A. — Eu sou obrigado a fazer a mesma confissão admirado, de que Deos tanto nos facilitasse o exercicio da *Religião*. Com effeito vejo, que na *oração* se cumprem os deveres, que temos para com Deos.

D. — Não he menos admiravel, que pedindo se pague.

P. — Visto que o tem entendido, pouco tenho que accrescentar. As tres grandes virtudes da *Fé*, *Esperança*, e *Caridade*, não só encerrão os deveres para com Deos, mas tambem os que temos para com os nossos irmãos de *Sociedade*, membros do mesmo corpo, e filhos do mesmo *Pai*. Seria longo fazer esta demonstração, porem ella he obvia, a quem fizer nestas cousas alguma reflexão.

D. — Eu julgo, que posso mostrar com evidencia, pelo que tenho ouvido, que ellas fazem o fundamento de toda a vida moral, e *Christãa*, e por consequencia de todos os deveres.

P. — Não o julgo necessario. Mas ahi tem na *oração* o fundamento da vida *Christãa*. Tenho porem a fazer algumas breves reflexões sobre as duas virtudes da *Fé*, e da *Esperança*, e suas admiraveis analogias com o divino *Plano*, que nunca devemos perder de vista. Ja mais elle se poderia desempenhar sem estas duas virtudes; (omittindo a necessidade da *Caridade*, ou *amor* de Deos, de que ja fallamos largamente) mas he só na *oração*, que ellas plenamente se exercem, e praticão, e ainda adquirem.

Ninguem pode ignorar, que a *Fé* he a primeira pedra, em que se basea a *Religião*, pois sem esta virtude nada pode haver a tal respeito, e o homem não passa da condição dos brutos animaes. Faz esta virtude o fundamento do divino *Plano*; mas he na *oração*, que ella se exerce, alimenta, e vigora em toda a sua extensão, como acabão de vêr; e de tal sorte, que sem a *oração* ella morre, e acaba. Queirão fazer nisto a devida reflexão, para entrarem no claro conhecimento das analogias, e combinações desta obra divina. Quando da *oração* nada mais tirasse o homem, do que o alimento da sua *Fé*, ella mereceria todos nossos cuidados, e deligencias; porem he a mesma *Fé*, que dá occasião á *oração*, a vigora, e alimenta; de sorte que huma e outra se abração, se animão, e vigorão. De tal sorte he isto huma verdade, que avançarei a dizer, que assim como sem *Fé* não ha, nem pode haver *oração*, assim tambem sem *oração* não ha *Fé*, e não he o homem menos de *Atheo*, ou bruto animal.

D. — A primeira he clara; porem a segunda..!

P. — Huma e outra o são. Eu lhe ponho bem claro, que morreo inteiramente a *Fè*, se algum tempo a teve, naquelle que não ora, ou recorre a Deos: La cantou hum Poeta Gentio: *Qui fingit Sacros... Non facit ille deos*: *Qui rogat, ille facit*; não faz deoses aquelle que fabrica d'ouro, ou prata suas imagens, porque ellas não são mais do que imagens mortas; mas sim as faz deoses aquelle, que lhes dirige suas orações. Para aquelles, que orão a Deos, he Deos vivo, e verdadeiro Deos, e como tal o reconhecem. Pelo contrario diremos, que não o reconhece como tal, e mesmo o nega aquelle, que a elle não ora, nem implora seu auxilio.

Eu o direi melhor com formaes palavras de *Calmet*, expondo ainda o mencionado *Texto*, que fallando neste mesmo sentido, conclue: *Idem fermé dicito, Deum esse nega-*

re, *ac Divinitati injuriam inferre*, *qui calamitate affectus*, *ad Deum non confugit.* Com razão se pode dizer, que nega a Deos aquelle, que nas calamidades, e nas suas necessidades, não recorre a Deos. Então porem o confessa, e o honra aquelle, que a elle ora, e lhe supplica o soccorro: *Contra veró honorare*, *&* *agnoscere*, *ubi oraverit*, *ejusque opem imploraverit.*

F. — Eis-ahi a verdade, P., com que eu tenho matinado a cabeça a estas gentes, e não querem crer. Os *portuguezes* pela maior parte são huns *Atheos*, ou renegados, ainda mesmo aquelles, que presumem ser *Christãos.* Não crêem, que ha Deos, porque nem em suas necessidades, nem nas tentações, nem fora dellas orão a Deos. Se elles crêssem nelle, como poderião deixar de tratar com elle continuamente? Como deixarião de invoca-lo nas suas precisões? Antes recorrem ao diabo. Ai, meu bom *Pai*, que injurias vos fazem vossos máos filhos!

P. — Brevemente veremos, quam grande força dá a *Fé* viva, e robusta, á oração para conseguir o seu effeito. Em quanto á *Esperança* digo o mesmo, que acabo de dizer da *Fé*, de que he huma forçosa consequencia, pois logo que haja a devida *Fé*, logo que se crê a Deos, tal como o temos representado, e na verdade he, segue-se o esperar, e confiar nelle. Se a *Esperança* vacilla, e não he firme, não he se não porque vacilla, enfraquece, e talvez morre a *Fé*. Como pode deixar de esperar em Deos, o filho, que o crê seu *Pai*?

Esta *Esperança* he de grandissimo merecimento aos olhos de Deos, e por isso vemos nos sagrados *Livros* a cada passo seus elogios, e premios a ella concedidos, por isso que ella he de absoluta necessidade no divino *Plano*, e mesmo entra em sua essencia. Jamais poderia Deos formar a *Sociedade*, esta *Alliança*, ou *Pacto*, ou o que chamamos *Religião*, sem a *Esperança*, porque he esta, o que alimenta a mesma *Corporação*, ou *Corpo* de que J. C. he cabeça.

D. — Por essa razão se tem esforçado a impia Seita por acabar com essa virtude. No resumo do cathecismo de *Wolney* que fizerão para metter nas mãos da infancia, se pergunta se a *Esperança* he virtude? Negativamente responde, que nada mais he, que invenção de hypocritas em proveito de velhacos.

F. — Velhacos são elles, e quem os pario, casta da má maleita.

P. — Ainda he de absoluta necessidade para a *oração*, de tal sorte que sem *Esperança* não ha *oração*; supposta a *Fé*, sem *oração* não ha *Esperança*: porem ambas se abração, nutrem, e se vigorão, formando em sua perfeição o quadro, que vimos, e representa o que entendemos pela palavra *Religião*. Ja disse, que omittia aqui o *amor* de Deos por ja havermos dito o bastante; mas não deixem de advertir o que disse o Fr., dando á *oração* o nome de fornalha, em que se abrasão neste fogo os corações; o que eleva o quadro á ultima perfeição.

D. — Eu pasmo á vista de tantas maravilhas, tantas analogias, tantas, e tão harmoniosas combinações, tantas, e tão divinas, altas, e excelsas bellezas, que encerra a *Religião*! Nada sabe quem a ignora! Eu não quero outra sciencia. Que responde a isto, Sr. *Atheo*?

A. — Eu faço a mesma confissão, e com os mesmos sentimentos. Resta porem sabermos, que a *oração* he seguro, e efficaz meio de conseguirmos, o que necessitamos.

P. — Não deveria deixar de o ser; nem podia ficar defeituoso; e mesmo perdido em sua essencia hum tal *Plano*, que nesse caso deixaria de ser divino. Longe de nós hum tal pensamento! Vamos pois a vèr esta segunda *Palavra*, que o homem dirige a Deos na *oração*, poderosissima, e efficacissima para conseguir de Deos, nosso *Pai*, o que necessitamos.

Efficacia da Oração.

He a *oração* huma outra *Palavra* do homem dirigida a Deos, tanto mais forte, poderosa, e efficaz, quanto entra na essencia do divino *Plano*, e o ultíma, torno a dizer; e esta verdade he huma consequencia, do que a este respeito temos dito.

D. — Sem duvida assim deve ser. Se Deos pôz em suas mãos o remedio de nossas necessidades, dando a *oração* por seguro meio de o conseguir, necessariamente ella deve ser efficacissima para isso mesmo.

P. — Tanto he assim, quanto J. C. o mostra em duas palavras, que põem patente este seu divino *Plano*, que igualmente nos asseguirão de seu perfeito desempenho, e cujo sentido devem entender em toda a sua extensão. *Petite, & dabitur vobis. Luc.* 11. 9. Pedi, e dar-se-vos-ha, o que pedirdes.

M. — Permitta-me, P., que eu prove, se entro no sentido dessas palavras, para fazer alarde de meus progressos. *Pedii*, e dar-se-vos-ha; foi o mesmo que dizer: Vós tendes mui graves, e multiplicadas necessidades, cujo remedio eu puz unicamente em minhas mãos, porque assim foi necessario, para que entendais, que eu sou o vosso Creador, *Pai* &c. e não menos para vos promptificar o meio de cumprirdes os deveres, que tendes para comigo, e exercerdes a *Religião* que vos dou por meio da *oração*. Pedi pois, e recebereis o que pedirdes, no que empenho a minha palavra. Ficai porem certos, que este he o unico meio de alcançar, e não qualquer outro. Se pedirdes, recebereis, mas se não pedirdes, não recebereis. Será isto?

A. — Entendo muito bem, que he isso mesmo, que o Sr. Ab. quer concluir, com razão, dos principios estabelecidos; porem eu tenho. que dizer contra.

M. — Não menos eu; por isso me adiantei...

F. — O' sôs blasphemos! Vocês atrevem-se..?

P. — Cale-se: deixe propôr suas duvidas.

A. — Nós não intentamos contradizer a J. C., e menos argui-lo de falsidade Bem pode ser, que não seja o sentido dessas, e mais palavras, que pertendem, pois temos razões fortissimas, que oppôr.

P. — Eu o estimo, porque he esse o melhor meio de pôr patente a verdade. Queira porem, que antes disso exponha a doutrina para depois a pôr a salvo de todos os ataques. Temos mostrado, que o divino *Plano* exigia, que a *oração* fosse efficacissimo meio de alcançar, e que esta palavra, *Petite*, & *dabitur vobis*, devia ser assim mesmo como sôa, e não em outro sentido, desempenhada. J. C. parece, que, prevendo isso mesmo, mui de proposito quiz tirar toda a duvida, certeficando-nos bem desta verdade, pois não perdoou a repetições, a comparações, a semelhanças, a promessas, affirmações, e ainda a juramentos, ou empenho de sua palavra. Tanto isto fez, que a não ser o conhecimento da dureza do entendimento humano, e a gravissima necessidade da *oração* para se desempenhar o *Plano* que temos dito, nos sentiriamos tentados de notar superfluidades em suas doutrinas. Omittindo muitas, direi algumas, e pouco mais do que diz o cap. 11. de S. *Lucas*, ja mencionado.

Domine, *doce nos orare*; *Senhor*. ensina-nos a orar, disse hum dos Discipulos, ao tempo que o divino *Mestre*

se levantava da *oração*. Assim orareis, lhes diz: *Pater* &c. Ensinou-lhes a que chamamos *oração* dominical, por isso mesmo que o *Senhor* he o seu Autor, ou *Padre Nosso*. Ella em poucas, e brevissimas palavras contem em compendio tudo, o que devemos pedir na *oração*. Elle não ensinou a pedir, ou orar, porque he cousa que não necessita de *Mestre*, nem lições, mas sim disse, o que devemos pedir; que faz o objecto da *oração*. Não entro na explicação das sete petiçoes que contem, ou cousas, que devemos pedir; porque não cabe no nosso plano. Em conformidade com o divino notaremos somente que quiz o *Senhor* ser chamado na *oração*: *Pater Noster*, nosso *Pai*, como vemos em S. *Math*. 6. 9.

D. — Essa só palavra representa o quadro, que vimos dos filhos cercando o *Pai*, e não menos a união de unidade, que deve haver entre os filhos. Tudo he conformidade neste divino *Plano*!

P. — Na mesma conformidade quer, que se lhe peça o perdão dos peccados, qual nós damos a nossos irmãos, e membros do mesmo *Corpo*, das injurias, e offensas, que nos tenhão feito, como ja advertimos, quando a tal respeito fallamos.

F. — Advirta tambem ao pintor, que não ponha entre os filhos a malevolos, malvados, malfazejos, inimigos de seus proximos, sensuaes, e toda a má canalha; mas todos estes...

P. — Concluido o pequeno formulario desta *oração*, passa logo o divino Mestre a confirmar-nos na sua efficacia com exemplos, e na conformidade, e razões de *Pai*, de amizade, de importunidade, e da beniguidade, vontade, e amor. Notemos todas estas cousas juntamente com o penhor, ou empenho de sua palavra. Logo que quiz ser invocado com o nome de *Pai*, exigio a confiança de filhos. Eu não peço, poderá dizer o homem, a Deos, diante de quem tudo treme pelo respeito, que inspira sua Magestade, mas peço sim a meu *Pai*, a meu *Pai* estendo os meus braços, e mostro minhas miserias, e necessidades, como que sou filho, objecto de seu amor.

D. — Essa consideração deve ser bem consoladora.

P. — E de summa necessidade, porque somente assim se póde desempenhar o *Plano*; e por isso he a esta confiança de filho em seu *Pai*, que he concedido o seguro effeito, como logo veremos. Passa logo ás razões de amigo, e logo ás de importunidade, que vence a vontade. Elle o faz com hum

exemplo: *Quis vestrum habebit amicum &c.* Qualquer de vós terá hum amigo, que lhe chega a casa á meia noite, e não terá pão para lhe dar. Que fará neste caso? Procurará a seu amigo, e visinho, e batendo á porta dirá: *Amice, commoda mihi tres panes.* ỳ. 5: amigo, empresta-me tres pães, porque agora me chegou hum meu amigo, que vem de jornada, e não tenho, que lhe pôr na mesa. Não o fará promptamente este amigo, pela mesma amisade, e visinhança?

Supponhamos porem, que não o faz assim, e responde: Não me sejas molesto; tenho fechada a porta, e minha familia está descançando; não posso levantar-me a dar-te, o que me pedes: *Non possum surgere, & dare tibi.* ỳ. 7. Em vão dás essa escusa, lhe responderá de fóra; porque eu não cessarei de te ser importuno, perseverando em bater á porta. Ou tú has de dar-me os tres pães, que peço, ou eu não te deixarei descançar. Que fará neste caso? Eu vos digo, que quando não désse os pães por amisade, elle lhos dará pela importunidade molesta, de que se desejaria ver livre: *Propter improbitatem autem ejus surget, & dabit illi quotquot habet necessarios.* ỳ. 8: He então que accrescenta, empenhando sua palavra: *Et ego dico vobis: Petite, & dabitur vobis; quaerite, & invenietis; pulsate, & aperietur vobis.* ỳ. 9: Eu pois vos digo: Pedí, e se vos dará; procurai, e achareis; batei, e se vos abrirá.

D. — Parece, que ahi repetio o mesmo tres vezes, pois o mesmo he procurar, e achar, que pedir, e receber, e o mesmo quer dizer, bater ás portas da misericordia de Deos, e abrirem-se.

P. — Não duvide, que assim he, e ainda accrescenta logo outra trina repetição: *Omnis enim, qui petit accipit; & qui quaerit, invenit; & pulsanti aperietur.* ỳ. 10. Estai certos, que todo aquelle qualquer que seja, que pedir, receberá; achará, o que procurar; e se abrirá ao que bater.

A. — Esse texto augmenta as minhas duvidas.

P. — Eu brevemente as satisfarei. Até aqui temos as razões de *Pai*, de amigo, e da importunidade, mostrando, e affirmando, que dará ainda quando não quizesse dar, por causa da importunidade. Passa ainda a certeficar-nos pela razão de bom *Pai*, cuja condição he não só dar aos filhos cousas boas, quando lhas pedem, mas ainda mais, e melhores, do que se lhe pedem: *Quis autem ex vobis patrem petit panem, nunquid lapidem dabit illi?* Qual he d'entre vós o

pai, que dá huma pedra ao filho, que lhe pede pão? pergunta elle, e accrescenta: *Aut piscem, nunquid pro pisce serpentem dabit illi?* Dará a seu filho huma serpente, quando lhe peça hum peixe, ou hum escorpião, se lhe pedir hum ôvo? *Aut si petierit ovum, nunquid porriget illi scorpionem?* ℣. 11. 12. Daqui conclue: Se pois vós, não obstante que sois máos pais, não dais a vossos filhos cousas más quando vo-las pedem boas, quanto mais vosso *Pai* celestial dará bom espirito, bons dons, e graças a seus filhos, que pela *Oração* a elle se dirigem? *Quanto magis Pater vester de Coelo dabit spiritum bonum petentibus se?* ℣. 13.

D. — Bellas paridades são essas! E na verdade parecem superfluidades, a não attender ás razões, que deo, pois bastaria a sua só palavra dita huma vez.

P. — Não se satisfez ainda com isto. Elle argue a seus Discipulos de não haverem pedido alguma cousa: *Usque modo non petistis quidquam in Nomine meo*: pedi, e ficareis certos de que vos digo a verdade, pois recebereis, o que pedirdes: *Petite, & accipietis. Joan.* 16. 24. Na verdade, na verdade Eu vos digo, que meu *Pai* vos dará o que em meu Nome lhe pedirdes: *Amen, amen dico vobis: Si quid petieritis Patrem in Nomine meo, dabit vobis.* ℣. 23.

D. — Temos na palavra *Amen* duas vezes repetida duas grandes affirmações, que equivalem a juramento; e se só a sua palavra he mais firme, que os Ceos, e terra, quanto mais o será seu juramento! Não pode duvidar o Sr. At. da clareza, com que J. C. falla.

P. — Quer J. C. que se dirija a seu *Pai* a *oração* em seu Nome; e he assim que a *Igreja* faz, como que he por elle instruida; pois que todas as *orações* que dirige ao Eterno *Pai* conclue: *Per Dominum nostrum Jesum Christum*, ou *Per Christum Dominum nostrum*, pois que elle he o nosso Chefe, e Cabeça. Porem nisto temos verdadeira confiança de sermos ouvidos, e despachadas nossas orações, não só por elle, quando a elle nos dirigimos, mas tambem pelo Eterno *Pai*, orando a elle, por isso que seu Filho, e nosso Chefe, e Cabeça se faz penhor, e mediador.

Sem que seja necessario repeti-lo entendem ja os Srs., que he necessaria a *Fé*, e a *Esperança*, ou confiança para conseguir, o que se pede, por isso mesmo que estas virtudes são de absoluta necessidade no divino *Plano*. He por isto, que elle ainda disse em outra parte: *Omnia quaecunque petieritis in oratione credentes, accipietis. Joan.* 21. 22

Accrescenta ainda: *Omnia quaecunque petitis, credite quia accipietis, & evenient vobis.* ℣. 24. Crêde firmemente, que recebereis, o que pedirdes, e desse modo recebereis sem falta.

D. — Faria na verdade injuria ao pai aquelle filho, que não esperasse, e confiasse receber delle, o que pede.

P. — Não he só pela injuria, que se lhe faz com as desconfianças, mas tambem porque taes desconfianças transtornão inteiramente o *Plano* divino. Não pode entrar nelle, e ser vivo membro deste corpo, senão o que possuir huma viva *Fé.* Tendo esta segue-se, que com ella hade ter a confiança, por isso que crendo em Deos seu *Pai*, por força nelle deve confiar. Se por desgraça vacilla na confiança, prova certa tem de que vacilla na *Fé*, e por isso todo o *Plano* perdido a seu respeito. A confiança pois diz o que há de sua *Fé.* He por isto que J. C. promette, aos que tiverem esta confiança, que se basêa na *Fé*, não só a certeza de alcançarem o que pedirem, mas ainda o poder de transplantar, com a só sua palavra, os montes, como ja vimos. Ahi tem pois estas duas *Palavras* efficacissimas, sendo acompanhadas da devida Fé, e confiança, conforme a palavra, e promessas de J. *Christo.* Resta-nos confirmar esta segunda com exemplos, e satisfazer plenamente o Sr. *Atheo.*

A. — Ainda bem se o fizer como eu desejo.

P. — Assim mesmo o farei. Não se passou muito tempo, que os *Apostolos* não vissem de muitos modos, e occasiões, desempenhadas as promessas do divino *Mestre.* Por occasião do primeiro prodigio, que operou S. *Pedro* fazendo andar o coxo, ou paralytico, foi elle, com seu Collega S. *João* apresentados á *Synagoga*, a quem fallou com todo o desembaraço, e valor; e confusa não teve que responder, nem outro expediente a tomar mais que mandar-lhes, que não ensinassem, nem prégassem a Jesus. Debalde o mandarão; porem o caso he, que voltados a seus Collegas referirão o caso do milagre, e o que passarão com os principes da *Synagoga*, que havião deixado confundidos.

Apezar das doutrinas, e promessas de J. C. parece, que ainda ignoravão a extensão do poder da *Palavra*, que lhes havia dado. Logo que ouvirão as boas consequencias, que se tirarão do prodigio, e as ameaças da *Synagoga*, unanimemente todos, os que se achavão presentes levantão a sua voz, que dirigem ao *Eterno Padre.* Elles pedem animo, força, e valor para vencerem as ameaças dos principes

e poderes do mundo, com o dom de obrarem prodigios, e milagres. Apenas emittem esta *Palavra*, a terra treme, e se abala em seus fundamentos, o *Ceo* se abre, o *Espirito Santo* desce sobre todos visivelmente, são trocados em outros homens, dissipa-se o temor, fallão com liberdade, e homens fracos, e pusillanimes são revestidos do mesmo poder do omnipotente: *Cùm orassent, motus est locus, in quo erant congregati, & repleti sunt omnes Spiritu Sancto, & loquebantur verbum Dei cum fiducia. Act. Ap.* 4. 31.

A. — Queira perdoar-me, P.; o que occorreo aos *Apostolos* não vale para exemplo, pelas razões, que sabemos.

P. — Nem todos estes, que nesta occasião se achavão juntos, e que derão esta *Palavra*, erão *Apostolos*. Postoque o *Texto* o não diz, devemos suppôr, que erão todos os que se achavão encerrados nas Casas do *Cenaculo*, e mais de cem homens. Não forão *Apostolos* os innumeraveis milhares de *Fieis*, que em todos os seculos, desde este tempo até nôs, tem pela *oração* operado infinitos prodigios.

D. — Não deve igorar isso mesmo o Sr. At.; a historia nos he testemunha. Ja eu disse do Patriarcha S. *Francisco* de *Assis*, que hum *Anjo* lhe dissera: *Tu commoves omnem coelestem Curiam*; tu, *Francisco*, apezar de seres hum pobre, e desprezivel homem, quando oras, pões em movimento tada a Corte do *Ceo*. Nem me admira que o homem com sua *oração* possa tanto com Deos, supposto o que se tem dito da união que com elle tem.

A. — Minhas duvidas tem outros fundamentos. Todas ellas versão sobre a força, que pode ter a *oração* de hum peccador, tal como eu; e se na *oração* terei hum seguro meio de salvação, porque neste caso eu não cuidarei em outra cousa.

M. — Aquelles mesmos são os meus sentimentos.

D. — Tem razão; e eu entro na mesma conta.

F. — Pois eu lhes protesto que não tem outro meio mais seguro; e que este he segurissimo.

P. — Eu presumo satisfazer brevemente aos Srs., pois por ora desejo ultimar o desenvolvimento do quadro da *Religião*, e satisfazer primeiro aos desejos, que ja mostrarão, e duvidas, que possão occorrer. Com razão me proporão esta questão. Se a *oração* forma o quadro da *Religião* do modo, que tenho dito, ella devia ter a mesma força, a mesma efficacia em todos os tempos, mesmo antes de J. *Christo*, pois que a *Religião* he tão antiga como o homem. Nós

ja vimos, que sempre, na mesma sua infancia se praticou, porem não vimos se por ventura tinha a mesma força, que tem na ultima idade de sua perfeição. Nada faria, o *Plano*, que tenho desenvolvido, cahiria, se não pudesse mostrar, que esta *Palavra da oração* sempre foi poderosissima.

D. — Assim devia ser, visto que faz o seu fundamento. O caso occorrido no casamento de *Isaac* com o servo de seu pai *Abrahão* junto do poço de *Mesopothamia*, que ja vimos, succedendo-lhe tudo bem como pedio bem claramente prova essa força.

P. — Outros muitos temos, que melhor nos põem patente a prodigiosa força da *oração* para com Deos, de que apenas poderei mencionar alguns. Com estes mostrarei, que ella he huma arma poderosissima para debellar, e vencer os inimigos, quaesquer que sejão; fortissima ainda para rebater os golpes da ira de Deos armada contra os homens, e ainda para lhe ligar o braço omnipotente.

D. — Isso he muito! Menos será sufficiente, e não temos necessidade de hyperboles, que tem resaibos de blasph...

P. — Não tem, o que digo mais resaibos, do que os da verdade. Eu lhes apresento hum caso, que no sentido proprio, e historico, e não menos no moral, e figurativo nos diz, e prova a primeira proposição. He *Moyses* orando no monte, em cujo valle peleijava *Josué* contra os *Amalecitas*. Bravo era este General, porem a prodigiosa victoria, que obteve, mais se deveo ás *orações* de *Moyses*, que ás suas armas.

D. — Não ha duvida *Moyses* em cima do monte levantava os braços em *oração*, e então vencia sua gente; quando porem afracavão de cançados e se abatião, vencia o inimigo. Celebre espectaculo! Dois homens se puzerão aos lados de *Moyses* sustendo-lhe os braços, e então foi completa a victoria. He isto o que nos diz a *Historia* sagrada no *cap.* 17. do *Exodo*.

P. — No mesmo sentido, e para prova de que a *oração* he arma fortissima contra inimigos carnaes, temos outros innumeraveis. Orou *Isaias* contra o formidavel exercito de *Sennacherib*, que citiava *Jerusalem*, e hum *Anjo* desce dos *Ceos*, e dá a morte a cento oitenta, e cinco mil inimigos, cujos cadaveres apparecem de repente cubrindo o campo. 4. *Reg.* 19. 35. Ora *Judith*, e manda, que todos orem, e sem armas nem mais companhia, que a de huma creada entra pelo exercito inimigo, que tinha em grande

aperto a sua cidade, chega á tenda de *Holofernes*, com as suas mesmas armas corta a cabeça a este soberbo General, que entrega á creada, e volta com ella triunfante em *Bethulia*, que livra de sua destruição. Ora *Esther*, e o soberbo *Aman*, fatal inimigo de seu povo, he enforcado. Ora *Susanna*, e Deos acode por sua innocencia, suscitando o menino *Daniel*, para confundir, e fazer apredejar seus calumniadores. Ora... Porem, seria longo, e mesmo impossivel mencionar os prodigios operados pela *oração* neste respeito na mocidade da *Religião*. Todos os grandes casos occorridos ao Povo *Judaico*, e suas victorias prodigiosas sem duvida tiverão a *oração* por causa efficiente, nem Deos sem ella o faria.

Sendo tão forte arma contra taes inimigos, muito mais o he contra os espirituaes, que se oppõem á nossa salvação. *Moyses* orando no monte he a propria figura, segundo todos os *Expositores*, de hum homem orando pelo soccorro divino contra as tentações. Nós vimos quaes são as nossas necessidades, trabalhos, e perigos por este respeito, quam fortes inimigos nos cercão, e a guerra que nos fazem. Vimos o fim porque Deos nos permittio as tentações, e qual seja o seu remedio, que Deos tem em suas mãos, que só quer conceder pela *oração*. Por taes razões ella devia ser poderosissimo, e seguro meio de conseguir o seu triunfo. Com effeito assim o he, e de tal sorte, que ella he chamada o tormento, e flagello dos demonios: *Tormentum & flagellum dæmonum*.

Não só contra estes inimigos, mas tambem contra quaesquer outras tentações, com que a carne, e o mundo nos possão combater. He por isto que o grande *Chrisostomo*, bem versado nesta sciencia affirma, que he impossivel cahir em algum peccado o homem que se serve desta arma contra taes inimigos: *Impossibile est hominem, qua decet alacritate orantem, unquam in peccatum incidere*.

D. — Ou isso he huma verdade, ou o *Plano* he falso. Como poderá peccar o que, não querendo, implora o soccorro pelo seguro meio?

A. — Com o que tem provado fica isso bem claro. Porem como pode a *oração* resistir á ira de Deos..?

P. — Eu o digo com a possivel brevidade de palavras. He esta tão forte, que prende, e liga o braço omnipotente, rebate os seus golpes, e resiste a Deos. Grandes cousas são estas, mas são verdadeiras, e os exemplos nos servirão de

prova. Demorava-se *Moyses* com Deos no alto do monte *Sinai*, quando aquelle incredulo Povo fez, e adorou o bezerro. Peccou o teu Povo, lhe diz Deos, mui depressa se apartou dos meus caminhos; he de dura cervis; deixa-me dar desafogo á minha ira de tal sorte, que o consuma, e tire da face da terra: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos* &c. *Exod.* 32. 10. Aqui tem o Omnipotente pedindo a hum fraco homem, que o deixe: *Dimitte me.* Prova clara de que o segurava, prendia, ou ligava o braço para não poder fazer, o que dizia. E como o fazia! Pela *oração*: *Moyses orabat Dominum Deum suum, dicens... Quiescat ira tua, & esto placabilis super nequitia populi tui.* ℣. 12. Com effeito se aplacou Deos, porque *Moyses* o não deixou: *Placatusque est Dominus &c.* ℣. 14. Representa pois o sagrado *Texto* a *Moyses* peleijando contra Deos com as armas da *oração*, e vencendo-o.

F. — Porem diz-me o meu bestunto, que o *Senhor* queria isso mesmo. Quando eu quero castigar algumas travessuras de meus filhos, estimo bem, que venha algum compadre, e amigo tirar-me da mão as cordas. Eu então direi: Deixe-me, deixe-me castigar este filho rebelde; e labutarei com elle; mas olhem la não fique eu mal com elle! E como o ficarei se estou estimando, que tenhão mais força do que eu para me sacar as cordas?

P. — Na verdade que isso he; e ahi apparece bem clara a condição do nosso bom *Pai*. Por isso o *Texto Caldaico* em lugar da palavra *Dimitte me*; lê *Intermitte depercationem, quae mihi ligat manus*; não porque assim mesmo Deos se expressasse, mas porque assim o quiz insinuar a *Moyses*; o que este muito bem entendeo. Por *Ezequiel* se queixa o *Senhor* de procurar, e não achar, hum homem, que levantasse huma barreira, ou muro entre elle, e seu Povo, e se oppuzesse a elle, como em defensa deste, a fim de o livrar de sua ira: *Quaesivi de eis virum, qui interponeret sepem, & starêt oppositus contra me pro terra, ne dissiparem eam, & non inveni. Ezech.* 22. 30.

D. — Esse texto he na verdade dos mais singulares! Elle põe em toda a evidencia a condição de *Pai*, pois, como diz o Fr., deseja que venha o amigo tirar-lhe o açoute das mãos.

F. — Ai do mundo senão fossem estes amigos, e bons servos de Deos, que continuamente de dia, e de noite estão orando por elle, apezar do bom pago que lhes dá. Porem elles só o querem do *Ceo*, e não do mundo.

P. — Em todo o caso prova a força da *oração* para obstar á ira de Deos, e desarmar-lhe seu braço omnipotente. Não sei se ainda o prova melhor, o que se passou com *Jeremias*. Foi no tempo que vivia este *Propheta*, que Deos castigou com o famoso cativeiro de *Babylonia* a quella endurecida Nação, a quem não moverão avisos, nem ameaças. Quiz este bom *Pai* dar-lhe hum exemplar castigo, porque assim o merecia, e pareceo temer as orações deste *Propheta*.

D. — Esse he muito mais! Onde vem isso? Desejo vê-lo.

P. — Aqui vem no *Cap.* 7. do mesmo seu *Livro*. Assim lhe falla Deos: Eu tenho fallado, avisado, e desenganado este cego, e endurecido Povo, e sempre debalde; estou resolvido a destrũir este Templo, em que confia, e a dispersa-lo entre barbaras Nações, expelindo-o desta terra, que prometti a seus pais. Sabe, que esta resolução está tomada nos meus altos Conselhos; tu, não me resistas; não queiras orar por este Povo; não tomes por elle partido; não me resistas, porque sabe, que não te ouvirei. Aqui tem, para que veja se verto bem o Latim.

D. — *Tu ergo noli orare pro populo hoc, nec assumas pro eis laudem & orationem, & non obsistas mihi, quia non exaudiam te.* ℣. 16. Não ha duvida. Que cousa tão admiravel! Esta diz tudo quanto se pode dizer a tal respeito.

P. — Porem he huma consequencia do que fica dito. Se Deos com effeito não queria ouvir *orações*, porque lhe não prendessem o braço, devia avisar antes. Com effeito *Jeremias* emmudeceo chorando as desgraças daquella Nação; e o mesmo fizerão os mais *Prophetas*, que então vivião, e Deos descarregou o terrivel flagello da sua ira, sem algum impedimento.

Daqui concluirão, que a *oração* não he menos, que hum escudo, com que se reparão, e mesmo rebatem os golpes da justiça de Deos, resistindo á sua ira. Não se admirem das palavras, de que me sirvo, pois são as formaes do sagrado *Texto*. Por occasião do espantoso castigo, que Deos havia dado aos cabeças principaes da sedição contra *Moyses* e seu irmão *Aarão*, cujas authoridades pertendião usurpar, abrindo-se a terra para os sepultar vivos em suas entranhas, segunda vez se amotinou aquella cega gente contra *Moyses*, e seu irmão, imputando-lhes a culpa de tal castigo. Foi tal a revolução, que fugirão para d'entro do Tabernaculo, dizendo-lhes Deos: *Recedite de medio hujus multitudinis; etiam nunc delebo eos. Num.* 16. 45. Apar-

tai-vos dentre esta perversa gente; agora sim acabarei de huma vez com esta rebelde Nação. Apenas disse, vem sobre ella a sua ira, e a milhares cahem os mortos. Ja passavão de quatorze mil os cadaveres, quando *Moyses*, que jazia prostrado no Tabernaculo, manda a *Aarão*, que pondo incenso no thuribulo, corra ao povo, e se opponha á ira de Deos, orando: *Tolle thuribulum... pergens cito ad populum ut roges pro eis.* ℣. 46.

Não era permittido sahir com os thuribulos, e offerecer incenso fóra do Tabernaculo. Nesta occasião o julgou necessario. *Aarão* corre com pressa ao meio do povo, e pára entre os mortos, e os vivos sobre quem se hia a descarregar o flagello da ira de Deos, offerece o incenso, ora pelo povo, e cessa a ira de Deos sustando o flagello, ou espada da sua vingança: *Stans inter mortuos, ac viventes, pro populo deprecatus est, & plaga cessavit.* ℣. 48. Mencionando este caso o Autor do Livro da *Sabedoria* divina, eis como se expressa. Houve no deserto huma grande commoção daquelle povo contra o seu Chefe, e guia; mas não durou por muito tempo a ira de Deos contra os sediciosos. *Non diu permansit ira tua. Sap.* 18. 20. Apressando-se hum homem justo a rogar pelo povo criminoso, pondo diante o escudo do seu ministerio, interpondo a oração, e incenso, resistio á ira de Deos, e pôz fim áquelle flagello: *Properans homo sine querela deprecari pro populis, proferens suae servitutis scutum, orationem & per incensum deprecationem allegans, restitit irae Dei, & finem imposuit necessitati.* ℣. 21.

D. — Nada mais claro; e temos verificados os paradoxos.

A. — O incenso, que offereceo, tem por ventura alguma força particular, e propria?

P. — Tem sim, mas somente porque elle representa as orações dos justos; como vemos no *Apocalypse* de *S. João* 8. 3. 4. Daqui concluio *S. João Climaco*, que a *oração* he huma *piedosa tyranna* de Deos pela violencia que lhe faz, suspendendo seu braço, e rebatendo os golpes de sua ira.

Ultima perfeição do Plano divino.

Permitta-me o Sr. At., antes que o satisfaça, huma breve recapitulação das consequencias, que devemos tirar de tudo o que acabo de dizer. São duas as cousas que mais devemos notar, e ambas bem admiraveis. He a primeira,

a necessidade da *oração* pelas varias razões, que temos visto, principalmente porque ella faz a *Religião*, e seu exercicio. Neste respeito deve o *Philosopho Christão* indagar, ponderar, e admirar a conducta divina, este *Plano* altissimo do *Eterno*, que lançou os fundamentos da *Religião*, que deo ao homem, na união de huma familia com seu *Pai*, qual nós vimos no quadro. Poderia por ventura o homem imaginar huma cousa mais conforme com sua naturéza? Poderia ainda imagina-la mais facil, mais suave, mais consoladora, bella, e aprazivel? Eis-aqui porque frequentes vezes me tem ouvido affirmar, que a santa *Religião* he mui conforme com a natureza do homem, facil, e suave em seu exercicio, e semelhantemente a sua salvação.

Jesus *Christo* veio ainda suavisar muito mais estes meios, e coonaturalizar com o homem a mesma *Religião*, elevando este *Plano* a mais alta perfeição. Queirão por hum pouco admirar estas excelsas analogias, na extensão, que elle deo a este *Plano*. Desde o seu principio consistio nesta reunião de familia, de filhos com o *Pai*. Na *infancia* o *Pai* Deos se fazia sensivel a seus filhos com o som de sua voz, e varios prodigios. Na *mocidade* deste *Plano* se poz o *Pai* no *Tabernaculo*, e depois no Templo, fazendo sensivel sua presença de varios modos, e por varios meios. Vem J. C. na *virilidade* deste *Plano*, e a tal grao de perfeição o eleva, que em propria, verdadeira, e real *Pessoa*, se põe entre os filhos, que põe á sua *Mesa*, e banquetêa com o seu mesmo *Corpo*, *Sangue*, *Alma*, e *Divindade* unindo-os comsigo em huma só unidade. He o que temos visto, assim como os mais laços, que lançou.....

D. — Eu affirmo, P., que ninguem, que conheça a fundo a *Religião*, poderá jamais aborrece-la. Que tão excelsas são as maravilhas, e bellezas, que encerra tão divino *Plano*! Eu não quero ter mais sciencia do que a da minha cara *Religião*. Ah! Se todos assim a conhecessem.

P. — Queirão notar a segunda. Para o desempenho de hum tal *Plano* deo Deos primeiramente duas *Palavras* ao homem. A primeira a tem, como temos visto, e por propria natureza em quanto he *sôpro* de Deos sua imagem, e semelhança. Esta lhe faz conhecer sua alta genealogia, e origem; e se fez de absoluta necessidade em hum tal *Plano*, pois que devia formar a sua base. Não se admirem do que digo. Ponderem, que seria mais quimerica, do que real, huma reunião de familia de filhos com hum *Pai*, de

quem não tivessem huma geração mui semelhante á sua Natureza; nem mesmo em todo o rigor do sentido se poderião chamar filhos quando com o *Pai* não tivessem algumas semelhanças por natureza. Não foi desconhecida esta verdade aos mesmos *Pagãos*. *Genus deorum sumus*, disse *Cicero*; nós somos geração dos *deoses*. Não ignoramos nós a infinita distancia, que vai entre o Creador, e a creatura, porem Deos nos immensos thesouros de sua *Sabedoria* achou meios de approximar a si, e á sua mesma Natureza esta sua creatura, qual he o homem, dando-lhe a origem com o seu sôpro, e fazendo-a sua imagem, e semelhança. Eis aqui então mui bem fundada esta união de familia entre filhos, e *Pai*. Jesus *Christo* elevou ao cume da perfeição esta divina geração, semelhança, e imagem, unindo-se, e unindo a si a natureza humana, encorporando, espiritualisando, e divinisando comsigo todo o homem.

Este *Senhor* deo huma outra *Palavra* a seus *Apostolos* com o seu *sôpro*, que devião communicar a outros, que se fazia de summa necessidade nesta *Sociedade*, que contem os poderes, e autoridades divinas, nella necessarias; e de que fallámos com a possivel extensão.

Temos finalmente esta terceira *Palavra*, que dirigimos a Deos na *Oração*, invocando a este *Pai*. Ella devia ser efficacissima para o devido desempenho deste *Plano*, que sem isso seria informe por mui defeituoso, como tem conhecido. Queira o Sr. At. propôr o que tem a oppôr, pois temos tocado o fim do tão extenso desenvolvimento do divino *Plano*.

D. — Que pode oppôr a taes verdades? Temos concluido.

A. — Eu não quero oppôr-me, mas sim dissipar minhas duvidas; e praze aos *Ceos*, que o consiga. Quem deixará de admirar, com o Sr. D., tão excelsas maravilhas, quaes temos visto? Apenas os que as ignorão. Porem o S. Ab. disse algumas cousas, que me parecem, não falsas, por divinas, mas que deveráõ ter outro sentido, ou não seráõ verdadeiras em toda a sua extensão. He por ventura certo, que o homem qualquer que seja, pedindo, alcança? A experiencia não o mostra.

Resposta ás objecções.

R. — Respondo, que sim he certo, e que a experiencia assim o mostra, pois he com ella que tenho mostrado confirma-

dos os oraculos divinos. Eu julgo satisfazer em breves palavras todas suas duvidas. Primeiramente deve saber, que as obras divinas, como acabamos de vér, marchão sempre em perfeita conformidade. Pediráõ muitos a Deos, *Pai*, e não alcançaráõ. E porque? J. C. disse, empenhando sua Palavra, que todo aquelle, que pedisse, alcançaria. Porem está esse, que pede, na justa conformidade de alcançar! Diga esse, que pede, e não alcança, se com effeito he bom filho deste *Pai*, a quem estas promessas se dirigem?

F. — Eis-ahi onde vai o caso. Como hade alcançar do bom *Pai* Déos, o que antes quer ser filho do diabo?

P. — Pede por ventura justamente, se com effeito he filho, isto he, pede o que deve pedir? Que cousas não pedem os filhos, que os pais não lhes concedem, por isso que melhor, do que elles, conhecem que lhes não convem?

A. — Essas sós razões me dissipão as duvidas, e fico sabendo, que as *Orações* do peccador, nenhuma efficacia tem.

P. — Não entende bem. O peccador, apezar de ser inimigo de Deos, tem ainda sua *Palavra* de *Oração* efficacissima para alcançar. Conheça esta importantissima differença, que ha por este respeito entre o justo, e o peccador: Aquelle, como bom filho, priva com seu *Pai*, e confiadamente pede, e alcança, como deseja, entromettendo-se ainda em varias cousas, e negocios, que conclue, bem como o faz com hum Rei o seu privado. Não presuma o peccador fazer o mesmo. Contudo devemos saber, que está *Palavra* da *Oração*, he *Palavra* de salvação; porque he meio seguro de a conseguir. Por esta razão ella devia ser efficacissima na bocca do peccador, qualquer que elle seja.

M. — Diga-me como, P., pois he isso porque suspiro saber.

P. — Peça elle em conformidade; e então direi, que mais facilmente faltaráõ os ceos e terra, do que deixará esta *Palavra* de ter o seu effeito. Venha o maior peccador, seja hum monstro, seja o mesmo demonio, se o pudesse fazer, com o coração, mais do que com palavras vocaes, diga: Deos, *meu Creador, misericordia peço, quero salvar-me, e prompto estou para fazer de minha parte, o que devo; ajudai-me* &c. elle será salvo.

M. — Bello, P.! Isso me basta, nada mais quero saber.

A. — Porem desse modo he facilima a salvação. E porque se não salvão todos?

P. — Porque não querem; e não querem porque não querem.

largar o peccado, nem fazer as devidas deligencias, e por isso não pedem, nem jamais dirigiráõ a Deos huma tal *Palavra.*

A. — Pois eu quero, e quero de todo o meu coração, e essa será a *Palavra*, que continuamente trarei na minha boca; e com ella lhe bejo as mãos por huma tão importante, e agradavel lição.

M. — Eu entro nos mesmos sentimentos, e faço o mesmo.

D. — Pois não me ganharáõ. Dê-me, pai, e Mestre as suas mãos com a sua benção.

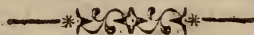
P. — Nosso bom, e verdadeiro *Pai* os abençoe.

F. — Que he isto, P.! Assim me deixa desconsolado? Que he feito da *Oração Mental*?

P. — De nenhuma outra cousa fallaremos amanhãa; e ella ultimará nossas *Palestras.*

F. — Bom, bom! Dê-me tambem a sua benção.

D. — Minhas irmãas estão pedindo o mesmo.

P. — Deos abençôe a todos, como quem he.

PALESTRA SEXTA.

Oração Mental.

Palestrantes.

Parocho, *Deista*, *Atheo*, *Materialista*, e *Freguez*.

Introducção.

Deista — Seja bem vindo de boa saude, e queira dar-nos sua benção, pai, e *Mestre*. Não o ouviremos hoje sem hum triste sentimento pela lembrança de ser esta a ultima *Palestra*. Porem não se lisongêe de ficar em descanso, pois não será necessario entrar em grandes duvidas para logo corrermos a consulta-lo. He pai, e *Mestre* nosso, a quem abaixo de Deos devemos o que de presente somos com muita satisfação, e prazer de nossas almas.

Parocho — Deos, aquem tudo devem, os abençôe. Amim unicamente devem a boa vontade, que sempre acharáõ prompta no que possa concorrer para sua completa felicidade, que então gozaráõ nesta vida, e na futura, quando sejão perfeitos *Christãos*, e não de outra sorte; como finalmente hoje havemos de ver.

D. — Julgo que todos conhecemos por experiencia propria essa verdade, que antes nos parecia hum paradoxo.

Freguez — Não entendo de paradoxos, mas entendo muito bem, que se quizerem saber, o que he vida feliz, e verda-

deiramente *Christãa*, devem entrar na minha Irmandade, chamada dos *fanaticos*, e conheceráõ, em que consiste a verdadeira felicidade desta vida.

Atheo — Resolvidos estamos a isso, e teremos em honra o appellido de *fanaticos*, que em taes tempos não tem outro sentido, nem quer dizer outra cousa, que bons, e verdadeiros *Christãos*, que de todo o coração desejamos ser.

F. — Ja querem crer! Pois ainda bem que abrirão os olhos; porem melhor os abriráõ com o devido exercicio, pois he na santa *Oração mental*, que elles se abrem, como devem. Hoje, P., falle pelos cotovêlos á esta gente.

P. — Bem pouco poderei dizer, pois não me permittem, nem as circunstancias, nem o plano, que tenho seguido, e a que me propuz, fazer Tractados, ou Dissertações da *Oração mental*. Tem sido o meu unico fim defender a santa *Religião* dos baldões de seus vís, e pedantes calumniadores, dando della o possivel conhecimento. Da *Oração mental* devo fallar, nem podia deixar de o fazer hum *Defensor* da *Religião*, que a tal fim se propõe...

D. — Assim o deve fazer para desaffrontar a vida devota.

P. — Não por isso, porque ella só he affrontada pelos declarados inimigos de Deos, e de sua *Religião*. Devo faze-lo para dar o devido conhecimento da *Religião*, e ainda do homem, e sua natureza.

A. — Pensavamos haver conseguido hum, e outro. O quadro que nos descreveo da *Religião* não exige, que seja mental a *Oração*.

F — Exige sim, e assim o requer, pois eu pintei os filhos cercando o *Pai*, não por instantes, mas com demora.

A. — Porem isso mesmo se pode fazer invocando-o de palavra.

F. — Não me retruque, porque não entende.

P. — Nada conseguiremos em quanto eu não puzer a materia em tal ordem, que possão fazer sobre ella o seu juizo. Para conseguirmos o verdadeiro conhecimento da *Religião* devemos ouvir o seu divino *Fundador*, e ver o que elle fez para nos documentar no seu exercicio. Isto feito passaremos a conhecer o que devemos entender por *Oração mental*, a necessidade, que della tem o homem por sua propria natureza, e não menos seus prodigiosos effeitos. Ouçamos primeiro a J. *Christo* nosso verdadeiro *Mestre*.

Doutrina de J. C. sobre a Oração mental.

A. — Eu não sei, que J. C. dissesse huma só palavra a tal respeito, ou não he verdadeira a idéa, que concebo da *Oração mental.* O mesmo Sr. *Fr.* me tem dito, que o principal della he a meditação. E que disse J. C. da *meditação*?

P. — Disse muito, e fez ainda mais, do que disse.

D. — Leve o dêmo nossa cegueira, Sr. At., pois vêmos as cousas, como se não as vissemos. Eu estou na mesma.

P. — Eu julgo, que estaráõ lembrados das muitas, e repetidas vezes, que J. C. pronunciou a palavra, *Vigilate*, por modo imperativo, ou seja recommendativo.

D. — Muitas, e muitas vezes o fez. Elle o fez nas parabolas dos servos vigilantes na ausencia do senhor da casa. Neste, que a vigia dos ladrões, que costumão ver de noite, em que o mesmo *Senhor* se figura para nos chamar a contas. Na parabola das dez *Virgens*, de que cinco adormecerão, representa a exclusão de sua gloria aos que não vigiarem. Manda vigiar, e orar: *Vigilate*, & *orate.* O mesmo recommendão, ou mandão os *Apostolos.* Porem que tem o vigiar com a meditação?

P. — Tem o mesmo que ella tem, porque esse vigia não quer dizer outra cousa. Se o não crêem assim, queirão dizer-me em que outro sentido tomão essa palavra! Intentaria J. C. fazer-nos soldados com o ferro na mão a vigiar o inimigo no campo? Porem nossos inimigos são invisiveis, e o he tudo aquillo contra quem J. C. nos manda vigiar. Vigiai, diz o Principe dos *Apostolos*, porque o diabo vosso adversario, como leão rugindo, vos cerca, procurando devorarvos: *Vigilate*, *quia adversarius vester diabolus* &c. 1. *Petr.* 5. 8. Poderá ser dos olhos corporaes esta vigilancia? Quando J. C. mandou aos *Apostolos* vigiar, e orar na occasião de sua prisão intentaria que se puzessem em atalaia contra *Judas*, e a escolta, que o acompanhava?

Fallando J. C. da hora, e dia do juizo, manda ver, vigiar, e orar: *Videte*, *vigilate*, & *orate*; *nescitis enim quando tempus est. Marc.* 13. 33. Tomando no seguinte *verso* a figura do servo, que espera seu senhor, accrescenta: *Vigilate ergo* &c. ℣. 35. Vigiai pois, porque não sabeis quando elle voltará, se pela tarde, se á meia noite, se no canto do galo, se de manhã, para que vos não ache dormindo: *Ne cúm venerit repenté inveniat vos dormientes.* ℣. 36.

é e l

Accrescenta ainda com grande emphase: *Quod autem vobis dico, omnibus dico: Vigilate.* ℣. 37. O que a vós digo, a todos digo: Vigiai. Queirão dizer-me, como se pode entender este vêr, e vigiar, *Videte, vigilate*, a não ser pela vista, e vigilancia do entendimento; e como isto se pode fazer a não ser pela consideração, ponderação, meditação, ou cousa que isto valha? Eu me explicarei melhor, perguntando se por ventura se pode dizer, que em tal respeito vigia o servo, que apezar de estar bem desperto, e acordado, não se lembra nem de Deos, nem da morte, nem da conta que deve dar?

A. — Essa ultima pergunta me tira toda a duvida, que poderia ter, e fico certo que essa vigilancia tão recommendada, ou mandada por J. C., não he menos que a consideração, ou meditação sem duvida das verdades eternas.

P. — De tudo o que nos pode ser proveitoso, e conducente a nosso ultimo fim, como veremos.

Exemplo de J. C. no mesmo respeito.

Se pois com as palavras nos documentou J. C. neste respeito tantas, e tão encarecidas vezes, não o fez menos antes mais com o exemplo. Nós ja vimos, que elle orava só, orava acompanhado de seus Discipulos, a nenhum outro exercicio se dava mais continuamente, que ao da *Oração.* Seria porem esta *Oração*, que por longo tempo estendia, sempre vocal? He isto o que temos a ponderar, apezar de que o *Texto* nada diz expressamente, mas o bastante para assim o entendermos.

D. — Se pelo vigiar se entende o meditar, como acaba de dizer, elle mandou assim fazer aos *Apostolos* na noite da prisão: *Vigilate & orate*; vigiai, e orai.

P. — Pelo que nessa noite fizerão devemos colligir, o que n'outras farião. Entrados que forão no horto, ou predio lhes diz o *Senhor*: *Sedete hic, donec vadam illuc, & orem. Math.* 26. 36. Ficai aqui, e Eu vou par'alli orar. Chama a *Pedro*, e os dois filhos de *Zebedeu*, que erão *Thiago*, e *João*, e adiantando-os algum espaço, os mandou tambem parar, e vigiar com elle: *Sustinete hic, & vigilate meum.* ℣. 38. Elle se apartou ainda hum pequeno espaço, e ahi se lançou por terra a orar: *Progressus pusillum procidit in faciem suam, orans.* ℣. 39. Veio aos Discipulos ou *Apostolos*, e os achou dormindo: *Sic non potuistis una hora vigilare*:

mecum? Não pudestes vigiar comigo huma hora? lhes diz. Vigiai, e orai para que não cahiais na tentação: *Vigilate, & Orate, ut non intretis in tentationem.* ℣. 41. Aqui vemos, que não costumavão orar juntos no mesmo lugar, talvez por se não distrahirem huns com os outros, pois vemo-los aqui em duas turmas de oito, e de tres; e o divino *Mestre* retirado breve espaço. Vemos em quanto ao tempo, que se passou huma hora até que J. C. os visitou pela primeira vez: *Non potuistis una hora vigilare mecum.* Não fosse embora completa, he certo que se passou longo espaço. Ainda lhes fez mais duas visitas, achando-os sempre dormindo, mas ignoramos os espaços, que mediarão.

Daqui devemos concluir, que esta *oração*, que recommendava aos *Apostolos*, não era vocal, pois que nesse caso não os separaria huns dos outros, nem elle mesmo o faria. Não podia deixar de ser *mental*; mesmo a que fazia J. C., pois a ser de palavra, como estava mui perto seria ouvido; e nesse caso não se separaria. He verdade, que os *Evangelistas* o representão dirigindo algumas palavras a seu *Pai*; porem com tão poucas não podia occupar tão longos espaços.

D. — He claro, que não devião fallar em voz perceptivel, porque se perturbarião, nem elles saberião occupar tanto tempo com orações vocaes. Porem o farião com o só entendimento sem a meditação.

P. — Isso he o mesmo, que chamamos com toda a propriedade *oração mental*, isto he, *oração* com o só entendimento, e que por mais que trabalhe, e se cance não poderá separar do que chamamos *meditação*, ainda que esta se pode separar daquella. A *meditação* he huma fixação do entendimento, e memoria, sobre qualquer objecto; e sem esta não pode haver *oração mental*. Se me não engano era esta a vigilancia, que J. C. recommendou aos Discipulos, e a nós recommenda esta consideração mental, esta memoria actual, e reflectiva sobre objectos religiosos conducentes á salvação, juntamente com a *oração*. Nós veremos isto melhor por varias razões. Somente por ora desejo, que entendão ser o exercicio religioso, em que J. C. nos documentou por palavras, e com o exemplo. Sendo assim, como na verdade he, conhecerão, quam grande he a sua importancia. Por isto, e pela definição, que vou a dar da *oração mental* no sentido mais lato em que a costumamos tomar, concluirão, que he ella a que verdadeiramente faz o

exercicio da *Religião* melhor, e mais extensamente, do que a só oração, de que fallamos na antecedente *Palestra.*

D. — Bem claro fica com essas sós razões, pois que dizem tudo as palavras, e exemplo de J. C., e seus Apostolos. Que tomarão o mesmo costume os *Christãos* documentados por elles, e sempre seguio a *Igreja*; e que era a *oração mental*, ja fica mostrado, e entendido. A *oração* em que passavão os dias, e noites os *Monges* nos desertos, e ainda presentemente os *Religiosos*, não he outra.

P. — De todos os modos orão; e não só os Religiosos na clâusura, mas todos os bons, e verdadeiros *Christãos* em suas casas, nos Templos, ou qualquer outra parte. Não me contento porem com sós estas razões; outras temos, que farão o desenvolvimento desta materia segundo o methodo, e estilo, que temos seguido para o melhor conhecimento da *Religião*, e sua harmonia com a natureza do homem. Vejamos pois o que entendemos por *oração mental*, que tanto nos recommendou, se não mandou, J. C. com palavras, e exemplos continuados.

Definição da oração mental.

Tomada em seu proprio, e natural sentido he a *oração*, que se faz a Deos interiormente com o só entendimento sem proferir palavras; ou para melhor dizer he a *oração*, em que falla o espirito, emmudecendo a boca. Melhor idéa he esta, e mais coherente com o que deixamos dito, que a *Oração*, he *Palavra*, que o homem dirige a Deos, ou seja da boca corporea, ou do só espirito. Esta tanto mais he superior, quanto a outra sem esta nada vale, pois ninguem pode ignorar, que nada valem as palavras, que não são acompanhadas do espirito. Sendo esta a definição natural, e rigorosa da *Oração mental*, dá-se este mesmo nome á meditação, consideração, ou contemplação das verdades eternas, ou quaesquer outros objectos, que tem relação com a nossa salvação. Com razão se dá o nome de *Oração mental*, e ainda se chama simplesmente *Oração* esta *meditação*, que entenderão quando entenderem, o que ella he. Por nos pouparmos a palavras entenderemos daqui por diante pela palavra *Oração* a *mental*, qual vou a dizer.

Consiste ella em ferir o nosso espirito, revocar a nosso entendimento com viva fé a presença de Deos, meditar, revolvendo na actual memoria huma qualquer verdade da

Religião, fazer della a devida applicação a nós mesmos, e tirar dahi resoluções proprias para corregirmos nossos máos costumes, e defeitos, e desempenharmos nossos deveres para com Deos, e nossos proximos.

D. — Sendo assim affirmo, que he a alma do *Christianismo.*

F. — Diz bem; essa he a pura verdade: sem *oração*...

P. — Vamos com passos vagorosos, pois a materia he importantissima, e mais necessario se faz seu desenvolvimento, por isso mesmo que como diz o Sr. Br., seu exercicio he a alma do *Christianismo*, que por isso acaba onde esta acaba. Para que se faça com o devido fruto, he boa a preparação, conforme o que nos manda o *Espirito Santo*: *Ante orationem praepara animam tuam. Eccl.* 18. 23. Prepara a tua alma para a *oração*. Conheceráõ a necessidade desta preparação lembrando-se do que temos dito do homem, e de sua natureza; o que não devem perder de vista, não só para que conheção a harmonia da *oração* com sua natureza, mas tambem a grandissima necessidade, que della tem.

Preparação para a Oração.

Lembrando-se pois de que o homem sem a instrucção he por natureza o mais embrutecido de todos os viventes, como fica provado, e em fim que nem hum só bom pensamento pode ter sem os divinos soccorros, e não menos que a mesma *oração* he o seguro meio de os alcançar, deve antes de tudo com viva fé, e confiança, qual costuma ter o bom filho no bom pai invocar as necessarias graças, soccorros, e luzes, ao que por antonomasia se chama o *Pai das luzes*, luz verdadeira, que illumina aos homens, que vem a este mundo, e sem a qual não ha luz, nem entendimento algum: *Erat lux vera, quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum. Joan.* 1. 9.

Depois desta humilde, mas confiada invocação do *Espirito Santo*, choque-se com a possivel força, e viveza o espirito da presença de Deos. Deos me he presente! Deos me vê! Deos conhece tudo o que se está passando por mim! Não lhe são encubertos os mais occultos pensamentos do meu coração! Nada ignora do que eu tenho sido, e sou! Que grande pensamento, que grande lembrança!

A. — Tal que agora me chocou bem vivamente.

F. — Anime-se Sr. M. Que he isso? Está afflicto!

D. — Tenha paciencia Tambem a mim sensibilisou. Vamos abrindo os olhos para vermos estas verdades. Porem confiança. Este Deos em cuja presença estamos he nosso amantissimo *Pai*; e mais nos deve consolar, do que atterrar.

M. — Tem razão; mas eu tenho sido mais bruto do que filho.

P. — Esta lembrança he grande, he importantissima, he fecundissima em consequencias, e seus bons effeitos; e eu não cumpriria com o que lhes prometti, se não dissesse a tal respeito mais alguma cousa; porem terá melhor lugar mais ao diante, por não cortar o fio ao discurso, que vamos seguindo.

D. — Vá continuando, e marchando por onde lhe pareça melhor, e fica em minha lembrança adverti-lo.

P. — Com esta vem o sentimento de respeito a sua infinita *Magestade*, que com os olhos da fé se vê presente, e que pede hum acto de humildade a mais profunda, que aqui tem todo o lugar. Eis aqui a *prostração* por terra com o corpo, e ainda mais com o espirito. Deste acto nos deo exemplo nosso *Salvador*, quando apezar de ser verdadeiro Deos, porque he verdadeiro *Homem*, e nosso *Mestre*, não só dobrou os divinos joelhos, mas ainda arrojou por terra sua divina face na presença de seu *Pai*: *Procidit in faciem suam Math.* 26 39...

F. — Entendem bem quem he a Autor de tal *fanatismo*?

P. — Quanto mais o deveremos nós fazer na presensa do nosso *Pai*! Devemos procurar imitar a humildade do *Publicano*, que entrado no Templo desde mui longe do altar, não se atrevia a levantar os olhos ao *Ceo*· *A longe stans, nolebat nec oculos ad Coelum levare. Luc.* 18. 13. A *oração* do que se humilha na presença de Deos, penetra as nuvens, sobe aos *Ceos*, não se demora a chegar ao Throno do Altissimo, nem delle se apartará sem alcançar: *Oratio humiliantis se, nubes penetrabit*; & *donec propinquet non consolabitur*, & *non discedet donec Altissimus aspiciat. Eccl.* 35. 21*:* Bom lugar terá aqui hum fervoroso acto de contrição, ou de amor de Deos com hum vivo pezar das offensas commettidas contra este *Senhor.*

D. — Temos entendido o que he a *preparação* para a oração; e se me não engano ella mesma he *oração*.

P. — E sendo bem feita he fervorosissima *oração*; porem ella chama-se *preparação* para a *meditação* a fim de tirar della o devido fruto. Desta pois vamos a fallar com mais alguma extensão, porque devemos conhecer não só os seus ef-

feitos, mas tambem a sua necessidade. Para isto devemos outra vez ainda voltar ao conhecimento da natureza do homem, nunca bem conhecida pelos nossos Philosophos Naturalistas apezar de suas nescias presumpções.

Limitação do entendimento humano.

Em que os Naturalistas mais se devião occupar pelo que respeita ao conhecimento da natureza do homem, e o objecto mais digno da philosophia humana, he a esphera, ou capacidade do entendimento humano; e então poderião entender, o que vemos passar-se continuamente entre os homens, que se faz tão admiravel, e inintelligivel mesmo ao *Philosopho*, que não indaga tal causa. Que cousa mais pasmosa no mundo, mais admiravel, e menos intelligivel, que a diversidade dos sentimentos humanos? Nada mais differente, nada mais divergente, nada mais incompativel, sendo que todos tem a mesma natureza.

Lancem os olhos sobre essa enorme massa do genero humano, e verão huma multidão de entes, que tendo todos a mesma natureza, sendo ramos todos brotados do mesmo tronco, formados do mesmo barro, nada acharáõ mais differente, mais dissimilhante. Ver-se-hão tentados a dizer, que não são os homens todos filhos do mesmo pai, formados do mesmo barro, nem parentesco algum tem huns com os outros. Verão a huns amar, o que outros aborrecem, procurar com ancias o que outros desprezão; estes temer, o que aquelles desejão, correr aquell'outros no caminho, porque retrogradão est'outros: mil diversidades de gostos, de desejos, de paixões, e de vontades. Que? Pode dizer-se que os homens são todos da mesma natureza? Que me responderáõ os conhecedores da natureza do homem? Não me mostraráõ semelhantes differenças entre alguns outros viventes da mesma especie.

D. — Queira responder, Sr. At., com as suas philosophias.

A. — Que poderei responder? Porem direi, que a grande esphera, e capacidade do entendimento humano, que não tem outros viventes, he a causa.

P. — Eis-nos ahi tambem dissidentes hum do outro, e tanto quanto penso ser a causa a mui curta, e limitada esphera do entendimento humano. Parecer-lhes-ha hum paradoxo, mas eu vou mostrar-lhe que he huma realidade. Estão nossas almas em hum tal encerramento nestes ergastulos de

nossos corpos, que apenas vêem por huma só janella ao mesmo tempo, quando tem muitas para verem. Eu me explico melhor. Tem nossas almas huma perfeita analogia com os olhos corporaes. São estes dois; e quando fossem quatro não verião mais do que huma só cousa simultaneamente. Lancem-se os olhos por toda a parte; para verem com attenção, elles apenas se podem fixar sobre hum só objecto entre milhões delles, e hum só ponto quasi mathematico.

D. — Isso he huma verdade. Não se pode fixar a vista no mesmo tempo sobre dois objectos, ou dois pontos.

P. — Pois o mesmo he, e succede com a vista da alma. Apezar de ter muitas janellas por onde possa ver não pode simultaneamente ver mais do que por huma; e não obstante a extensão do seu entendimento, e capacidade de sua memoria, ella não pensa, ella não se lembra mais do que de huma só cousa no mesmo tempo. Pode divagar sobre varias cousas com grande celeridade, mas passando de humas a outras successivamente de tal sorte que para se lembrar de uma se esquecerá da outra; nem pensará em duas ao mesmo tempo. Fação reflexão sobre si, e tocarão esta verdade.

A. — Não ha duvida que assim he; porem parece, que prova *contra producentem.*

P. — Qual produccentes nem meios produccentes! Prova que cada hum olha por sua janella para huma só cousa, a essa só vè, a essa só attende, nella só considera, e medita; ao mesmo tempo que se esquece de todas as mais, e por isso nada lhes importão. Entende isto, ou quer que melhor o diga?

A. — Porem que intenta o Sr. Ab. concluir dahi?

P. — Que esta vista unica he, a que faz a diversidade, que notamos entre os homens principalmente entre os mundanos; porque entre os que o não são não ha esta diversidade, nem divergencia de desejos, e vontades.

A. — Por esses principios deve notar-se a mesma.

P. — Não infere bem; porque se olhassem todos para o mesmo objecto, não se poderião notar taes differenças. Não entra o Sr. At. no que quero dizer, mas eu me explico melhor, fazendo-lhe huma pergunta. Saberá dizer-me a razão porque os *Christãos* primitivos em *Jerusalem*, sendo em grande multidão, erão todos tão semelhantes huns aos outros, e tão unidos entre si em vontades, e desejos, que parecião

todos não ter mais do que huma só alma, e hum só coração? Aqui tem o *Texto*: *Multitudinis credentium erat cor unum*, & *anima una. Act. Ap.* 4. 32. Como não está preparado para a resposta, eu direi, que a razão não he outra senão esta mesma que temos entre mãos.

Tendo os homens, ou o entendimento humano huma pequenissima esphera, não entra nella mais do que aquillo, em que o homem fixa suas vistas, e attenções. Ao mesmo tempo que o faz sobre huma cousa, de tudo o mais se esquece, e he para elle, como se não fora, e não existira. Aquillo a que só olha, a isso só attende, nisso só medita, e isso só ama, ou aborrece. Mas sendo diversissimos os objectos a que os homens attendem, dahi nasce a diversidade, de que fallamos. Nasce daqui a *meditação*, que he a que faz todo o homem, e a que devemos attribuir a unidade, e semelhança dos bons *Christãos*; o que ultimará finalmente o divino *Plano* da união em hum só Corpo, hum só coração, e huma só alma. Entremos nesta demonstração.

Meditação.

A *meditação* faz todo o homem, porque, por ella dirige e regula sua vida moral, e não sei se diga animal; pela grande influencia, que nelle toma. Ja nós vimos, que o mundo he como huma fornalha que arde em differentes fogos, em que os mundanos se abrasão, e que elles mesmos accendem. O mesmo homem qualquer que seja, em seu coração tem huma fragoa de fogo ardente, e arde em fogo conforme, e semelhante á lenha que se lhe applicar. Se são differentes os fogos, que ardem na grande fornalha do mundo, e nas fragoas dos corações de cada hum dos homens, não he senão porque he differente a lenha, que se lhe mette, pois segundo esta he o fogo que arde. Mas que lenha he esta, e como se introduz na fragoa do coração humano? Não he outra a lenha se não as differentes cousas do mundo, que os mundanos amão, ou ainda as espirituaes, que merecem nosso amor, e em cujos desejos ardem os verdadeiros homens: porem tal lenha somente pela meditação se pode introduzir. Não ama o homem, nem pode amar, e por isso arder em desejos de conseguir aquillo, que não conhece, que não pensa, e em que não medita, nem considera.

A. — He esse hum axioma philosophico: *Nihil volitum, quin*

praecognitum; nada se pode desejar se antes se não conhece. He necessario que entre primeiro no entendimento para chegar á vontade.

P. — He isso tudo o que eu quero dizer; e eis-ahi o que faz arder os homens nos differentes desejos de diversas cousas, que os abrasão, porque nessas cousas pensão, e meditão. He isto mesmo, o que succede a todos, bons, e máos, porque elles assim são, ou bons, ou máos, conforme a lenha que pela meditação mettem, e applicão á fragoa de seus corações. *David*, bem versado nestas materias, falla de si neste mesmo sentido. *Concaluit cor meum intra me*, diz elle, *& in meditatione mea exardescet ignis. Psal.* 38. 2. Meu coração aqueceo d'entro em meu peito, e na minha meditação ardeo hum fogo: *In meditatione mea exarsit ignis*, diz outra *Versão*. Aqui temos tambem a *David* ardendo em fogo, qué accendeo no coração pouco a pouco pela meditação. Nós veremos que fogo foi este, depois de pôr bem patentes estas causaes. Porque razão arde este no fogo da avareza, quando aquelle he hum prodigo, e se contenta com a sua pobreza, ou modicos haveres? Porque aquelle tanto considera, e medita no dinheiro, que com elle sonha.

F. — E porque anda aquelle abrasado em corpo, e alma nas negras lavaredas do fogo infernal da luxuria, quando aquelloutro, ou aquelloutra se abrasa nas resplandecentes, e dôces chamas do amor da pureza? Porque aquelle ou aquella he hum animal immundo, que anda com a imaginação sempre enxurdada no charco da immundicia, quando este he como a pomba, quo não pousa o pé de sua imaginação nos charcos, nem immundicias?

D. — Isso mesmo! Falle-lhes portuguez claro, e deixe correr.

F. — Muito tinha eu que dizer nesta materia, e lavraria fundo; porem o Ab. põe o dêdo no nariz. Paciencia.

P. — Basta que todos entendão, que succede o mesmo em tudo o mais, e fiquem conhecendo estes principios, e razões para entrarmos no nosso proposito. Porem nós devemos profundar mais a natureza do homem, e seja-nos permittido entrar nas razões, e fins, que nella se propôz o seu Creador, pois que me parece justo, que os conheçamos a fundo para os seguirmos, e conseguirmos. Nós temos a notar a mui curta esphera do entendimento humano, qual ja disse, e tão curta que não pode ver, nem entender, nem considerar no mesmo tempo mais do que hum só objecto. Con-

sa esta bem notavel! Temos em segundo lugar outra não menos notavel, e he que sendo o homem huma fragoa, ou o seu coração, não arde senão na lenha, que por esta pequena porta do entendimento se lhe mette com a consideração, ou meditação, e he esta, e nada mais, a que faz todo o homem, ou bom, ou máo, justo, ou injusto &c. Que lhes parece a tal respeito? Como poderemos combinar isto com a grandeza da natureza da alma humana?

D. — Não olhe para mim, *Sr. Al.*; queira dar as suas razões em taes philosophias, e não conte comigo.

A. — Eu sou nellas verdadeiro hospede: mas parece-me ver nellas contradicção; pois se a meditação devia fazer todo o homem, regulando por ella sua total conducta, deveria ser mais ampla a esphera de seu entendimento.

P. — Eu penso o contrario, e dou por prova a mesma economia de Deos. Creou elle o homem, como vemos, em naturalidade com a *meditação* nas devidas proporções para ser dirigido, e formado por ella: mas para isto se conseguir, o homem não deveria poder attender a muitas cousas, porque neste caso não poderia fixar a sua attenção, e *meditação*, e por nenhuma se poderia conduzir. Supponhamos, que no mesmo acto, que meditava na riqueza podia meditar igualmente na pobreza de espirito, e desapego das cousas deste mundo; eis-aqui o homem dividido em si mesmo, e em duas partes oppostas, não podendo ser conduzido por alguma. O mesmo direi em tudo o mais.

D. — Esse exemplo diz tudo, e ficamos entendendo perfeitamente as razões da curta esphera do homem. He por isso que vemos, ou notamos no homem huma paixão dominante, qualquer que ella seja. A razão he porque essa he a que lhe occupa o entendimento, e nella medita, talvez continuamente.

P. — E quanto mais meditar nella, mais se inflama em seus desejos o coração. Eis-ahi tem a causa da infinita diversidade da conducta dos homens, que os faz tão dessemelhantes huns dos outros, sendo todos da mesma natureza, e a razão da economia de Deos, que julgou necessario encurtar a esphera do entendimento humano, para poder ser guiado por hum só movel, ou causa movente. Está o homem em harmonia com hum qualquer mecanismo em movimento, que não pode ter mais do que huma só roda, ou mola, sob pena de perfeito desmancho. He esta no homem a *meditação*; esta a causa movente.

Não quero eu dizer, que o homem não possa meditar, e inflamar o coração em muitas cousas differentes; mas só isto pode fazer nas que são conducentes ao mesmo fim, e não de outra sorte. Pode o avaro meditar, e inflamar-se nos desejos do ouro, da prata, da fazenda, dos dolos, das trapaças &c., porque tudo isto conduz ao mesmo fim, e he lenha, que applica ao fogo, da mesma qualidade. Porem não pode meditar em differentes cousas, que conduzem a differentes fins, e fazer nellas prender o fogo dos desejos.

Julgo, que agora poderemos entender a razão, porque os *Christãos* de *Jerusalem*, vivendo os *Apostolos*, sendo grande a multidão, não tinhão todos mais do que hum só coração, e huma só alma: *Multitudinis credentium erat cor unum, & anima una.* Todos erão semelhantes nos costumes, na conducta, na vontade, e nos desejos: todos ardião no mesmo fogo. Qual a razão de tão admiravel phenomeno? Notem mais, que pouco antes erão sem duvida quaes são, e costumão ser os mundanos, ardendo em diversos fogos, e mui dessemelhantes. Que mudança esta? Tantos corações amassados em hum só coração, e tantas almas refundidas em huma só alma! Que cousa mais admiravel, se a compararmos com o que se passa no mundo!

A. — Lembrados estamos de que seu exercicio mais continuo era a *oração*. Todos meditavão no mesmo objecto; e como assim devião em tudo ser semelhantes.

D. — Dahi vemos a união de vontades, e semelhança de costumes que reinão entre os bons *Christãos*.

P. — Isto entendido passemos a ver a força, e bons effeitos da meditação, quando se faz versar sobre os devidos objectos, que Deos intentou.

Effeitos da Meditação.

Não podemos duvidar, que os fins, que se propôz o Creador nesta conducta, não forão outros, que fixar a meditação do homem unicamente sobre seu ultimo destino, e mais cousas que a elle conduzem, para nada mais desejar, nada mais amar, e nada mais procurar. O homem porem desgraçadamente tudo inverte. Não medita, não considera no que deve meditar, e considerar; bem ao inverso só occupa seu entendimento, e lhe leva as attenções aquillo, cuja lembrança devia evitar. Assim o faz por mui propria,

e deliberada vontade. Eis aqui porque entre a maior parte dos chamados *Christãos* não ha desejos da salvação, nem temor de Deos, nem receios de tormentos eternos; acabou entre elles a *Religião*, e mesmo não ha Deos. Cahirão finalmente em hum perfeito *Atheismo*, qual nos está mostrando o que vemos passar-se entre elles...

F. — Agora sim, meu P; lavre ahi fundo.

P. — Não o digo somente daquellas classes, ou cathagorias de gentes, que sempre tiverão em desprezo a *Religião*, que professarão, porque taes jamais forão *Christãos*; mas sim ainda de grande parte d'entre aquelles, que mais razão tinhão para amarem, e defenderem sua *Religião*. Seus mesmos ministros (oh vergonha!) se bandearão com seus encarniçados inimigos; pelo vil interesse venderão o que nunca lhes entrou no coração, como *Júdas*, a seu Deos; e eis-los ahi puros *Atheos*! Puros *Athcos*, digo, porque estou mui bem persuadido, que se alguma vez tal gente crêo em Deos, renunciou inteiramente a tal Fé. Nem de calumniador me pode alguem arguir, porque suas obras bem mais claramente o apregoão, do que eu o digo. Gente sem Fé, sem Religião, e sem Deos! *Proh dolor*! Isto no Reino em outro tempo *Fidelissimo*! Porem circunscrevendo-me nos limites proscriptos a hum *Defensor* da *Religião*, vejamos qual seja a causa de tanto mal.

Sem algum temor de errar direi, que a causa de hum tal abandono, e renuncia da *Religião* neste desgraçado Reino foi o abandono do seu exercicio, que, como temos visto, somente se tem pela *oração*, que obrigando a todos, mais obriga a seus Ministros. Nada tão recommendado aos *Ecclesiasticos* pelos *Concilios*, *Tradições* e *Constituições Apostolicas*, como a *oração*. Direi ainda que nada tão recommendado por J. C. aos *Ecclesiasticos*, como a *Oração*. Nós ja vimos, que não foi com outros, se não com os *Apostolos*, e Discipulos, que erão, e devião ser os chefes da *Religião*, que elle se deo ao exercicio da *oração*, e documentou com palavras, e exemplos. Qual seria nos seculos Apostolicos, e não sei se diga em todos, e ainda neste ultimo, á excepção do desgraçado paiz em que vivemos, o *Chefe*, o *Ministro* da *Religião*, o *Ecclesiastico*, que não tivesse por exercicio principal a *oração*, de que fallamos? Se algum o não fazia, prouvesse a Deos, que elle nunca entrasse em tal jerarquia. Máo servo aquelle, que posto pelo *Senhor* sobre sua familia, não vigia. Abandonou-se a

oração, abandonou-se o exercicio da *Religião*; e não he muito que ella mesma se abandonasse, e se passasse ao *Atheismo*; pois *Atheo* he o que não reconhece a Deos pela *oração*.

Não só entre o clero secular, mas ainda no regular se tem visto (*Proh dolor!*) semelhantes *Atheos*! Porem que! Poder-se-ha apontar algum d'entre aquelles, que conservando seus antigos, e fundamentaes costumes, praticavão o exercicio da *oração*! Percorrão todas as *Casas Religiosas*, em que jamais deixou de se praticar este exercicio, e mostrem-me algum, que se bandeasse com os inimigos da mesma *Religião*. Attendão ás *Religiosas* em cujas todas *Casas*, apezar de alguma parcial relaxação, por costume nunca interrompido estava em pratica este exercicio. Vejão qual tem sido sua nunca assás louvada conducta em crises taes, quaes nenhum ignora...

D. — He com effeito, P., a oração, a que o attribue?

P. — E a que outra causa o posso attribuir! Se a *oração* faz o fundamento da *Religião*, e he o seu exercicio, como o não fará das *Casas Religiosas*? Tem havido por ventura jamais alguma *Instituição Religiosa*, que não fosse fundada na *Oração*? Vejão suas Regras, seus Estatutos, e em todas acharáõ duas horas, e ainda quatro, de oração entre dia e noite, alem de exercicios particulares. Acabarão estes exercicios, acabarão estas *Casas*. Não foi a mão inimiga, que as extinguio totalmente, mas a mão de Deos, envolvendo em suas ruinas outras, que o não merecião, mas que, esperamos, elle resuscitará.

Para que diga tudo de huma vez, tomando a frase de S. *João Chrisostomo*, direi, que em todo o sentido, tanto no particular, como no geral, a *Oração* em relação com a *Religião* he como a raiz para com a arvore, como os alicerces para com o edificio, e como o lastro para com a não. Assim como não floresce, nem se conserva, nem ha arvore sem raiz, nem edificio sem alicerces, nem não sem lastro, assim tambem não ha *Religião* sem a *oração*, tanto no homem em particular, como em communidade. He isto mesmo, o que mostra a razão, que não pode deixar de conhecer, o que conhece a *Religião*, e que a experiencia prova com evidencia.

A. — Quer condemnar, P., a todos os que não fazem *oração* mental? A maior parte dos *Christãos* não a fazem; e contudo não poderá negar, que ha entre elles bons *Christãos*.

P. — E que! He por ventura a maior parte dos que tem o nome de *Christãos*, que se salva? Se entre elles ha bons *Christãos*, eu direi, que o são por isso mesmo, que exercem a *oração*...

A. — Não me posso persuadir disso, porque grande parte ignorão a *oração*, e o que ella he. Como pois a farão?

P. — Não ignorão seu exercicio, pois tem bom *Mestre*, que he o *Espirito Santo*, que não faltará com suas luzes aos mais simples, e idiotas. Nada tem de difficil a *oração*, que de qualquer modo que se faça não deixará de ser verdadeiro exercicio da *Religião*. Não ha pessoa alguma, por mais simples, e idiota, que seja, que tendo conhecimento das grandes verdades, que nos propõe a *Religião*, não saiba demorar-se nellas com a consideração, invocando juntamente a Deos. Quem não poderá no silencio da noite, ou de dia, e em qualquer hora dizer comsigo mesmo: Eu hei-de morrer! Que morte terei! Eu serei julgado! Que contas darei a Deos! Ha *Ceo*, ha inferno &c. &c., e daqui tomar occasião, e passar a tomar boas resoluções, invocando os auxilios da graça? Não ha quem não seja sufficiente para isto, nem ha bom *Christão*, que isto não tenha feito seis centas vezes; e isto mesmo he a *oração*, de que fallo...

A. — Porem isso mesmo he o que todos fazem algumas.

F. — Nego que o fação, e me ponho em campo para o provar. Descance, P., por hum pouco, e deixe-me com elle. Nenhum dos máos *Christãos* o faz por isso mesmo, que he máo *Christão*, pois não o seria, se o fizesse...

D. — Essa razão he fortissima, e concludente.

F. — Cale-se lá, e não me estorve. Nenhum o faz, porque não quer, e mui de proposito não quer lembrar-se de taes cousas, porque lhes causão tristeza. Eu não lhe disse ja, que até fogem de ver os mortos, fazendo-os sahir de noite lá para os campos da igualdade com as bestas, nem ainda consentem os ja enterrados perto de si, por temerem sonhar com elles? Nem os sinos querem ouvir. Menos se lembrão das contas, nem do juizo, nem do inferno; e se á cabeça de reboada lhe vem tal lembrança, cuidão logo em arroja-la fóra. Quando dormindo lhes apparece a morte, e lhes parece ver o diabo com as garras affiadas, não sabem o que fação para o riscarem da imaginação. Elles não se lembrão de Deos, nem nelle querem crêr, e são *Atheos* ao menos de desejos. Diga-me cá huma cousa:

Quantas vezes se lembrou Vm. da morte, do inferno, e das contas, que hade dar a Deos? Dirá que não cria em Deos, nem em taes fanatismos. Pois assim são todos os máos *Christãos*, pois que o são, porque não crêem em Deos, não tem Fé, só se he morta, que he o mesmo que nada. Por isso todos os máos *Christãos* são *Atheos*. Se crêssem em Deos, não o poderião ser.

D. — O Fr. argumenta em forma, e diz a verdade.

P. — Na verdade que bem consideradas as cousas, o máo *Christão* he hum verdadeiro *Atheo*; porque não tem a verdadeira Fé, que se não pode dar sem as boas obras, como ja vimos em outra occasião. He morta a Fé, que não he acompanhada das boas obras, porque estas lhe dão a vida. Mas qual será a vida das boas obras, e por consequencia da Fé? Qual outro principio vital podem ter as boas obras, e a Fé, que não seja a *oração*, que dizemos? A nenhuma outra cousa attribuio *Jeremias* a corrupção de costumes, e por consequencia a morte da Fé, que á falta da consideração, ou meditação: *Desolatione desolata est omnis terra, quia nullus est qui recogitet corde. Jerem.* 12. 11. Toda a terra, isto he, o genero humano está todo corrompido, porque não ha quem considere, quem medite as eternas verdades em seu coração. *Quia nullus intelligit, ideo peribunt*, disse *Job.* 4. 20. Porque não entendem, porque vivem n'uma fatal cegueira, e ignorancia, por isso perecerão eternamente. O *Texto Grego* lê: *Quia non est, qui ponat cor, in saeculum peribunt*; porque não ha, quem ponha o coração, isto he, quem medite bem de coração, por isso perecerão eternamente.

A razão disto he bem clara. Supposta a natureza do homem, e o mais que temos dito, nenhuma impressão lhe pode fazer aquillo, de que se não lembra, considera, e medita. Tudo o que não pondera, he para elle como se não existira. Que importa Deos, *Ceo*, e inferno para quem nelles não pensa? Quem da morte se não lembra, vive como se não houvera de morrer. O mesmo digo de tudo; e por isso quem em Deos não pensa he hum *Atheo*, porque haver Deos, e não o haver para elle he o mesmo. Nada he tudo, o que ensina a Fé para quem nada disso se lembra, pondera, e medita. Tal he a natureza do homem, pois somente o que revolve no entendimento he, o que nelle faz impressão, e nada mais.

D. — Ponderando bem as cousas, assim he, e bem claro.

A. — Eu o creio; porem o conhecimento das cousas, ainda quando nellas se não medite, de nada serve?

P. — Nada inteiramente vale. Eu desejarei saber de que lhe serve o conhecimento, de que em certo caminho ha hum precipicio, se ao passar por elle Vm. não tiver a actual lembrança, que o faça attender?

D. — Tem razão; e fica bem claro, que a consideração, ou meditação he, a que obra no homem; e tudo o mais he para elle como se não fora: Temos entendido.

A. — Mas nesse caso diremos, que nada vale a instrucção, e os conhecimentos da Fé; o que ninguem dirá.

P. — Não ha quem tal diga. A instrucção, e os conhecimentos, que recebemos na Fé valem de muito, e valem de tudo para quem os considera, pondera, e medita. Para quem isto não faz, de nada servem. O *Espirito Santo* manda-nos a lembrança dos nossos novissimos, e não a crença, por isso mesmo que he a lembrança, que tudo faz, e não a crença. Veja quam effectiva he tal lembrança: *In omnibus operibus tuis memorare novissima tua, & in aeternum non peccabis. Eccl.* 7. 40. Em todas tuas obras lembra-te dos teus novissimos (que são a morte, o juizo, Ceo, ou inferno) e nunca jamais peccarás ainda que vivas eternamente. Ponderemos esta sentença, e oraculo divino, e o acharemos inteiramente conforme com o que digo.

Não diz elle: Crê, e sabe que ha morte, que has de morrer, entrar em juizo &c. porque nada vale a Fé, sem a actual lembrança, pois he esta a que tudo faz. Lembra-te, diz, dos teus novissimos. E que tirarás dahi? Nunca jamais peccarás com semelhante lembrança. Qual he pois a razão porque nenhum caso se faz do peccado! Não sabem, que hão de morrer? Não crêem que hão ser julgados? Não dizem todos, que crêem, que ha Ceo, e inferno? O primeiro o sabem de certo, e os outros dizem crê-lo assim; e contudo pecção, e vivem como se tal, nem soubessem, nem cressem. E porque? Porque lhes falta a lembrança actual, ou *meditação* de taes cousas, que se tivessem, jamais peccarião.

D. — Pois eu lhes protesto, que com toda a brevidade farei escrever por todas as sallas destas casas, e por todas as paredes, e varias outras partes, as quatro palavras: *Morte*, *Juizo*, *Inferno*, *Paraiso*, para nunca me esquecerem.

M. — Eu pensava no mesmo; mas acho, que seria melhor fazer quatro quadros, que os representem do melhor modo bem ao vivo.

F. — *Credo! Santo breve da marca!* Que fanatismo he este diráõ os que cá entrarem. E que fará a menina da moda se tal visse? Os faniquitos serião certos; e em tres horas não daria acordo de si.

D. — Tem cousas o Fr.! Mas em minha casa ja não entra tal gente. Contudo diz muito nisso; e na verdade que os portuguezes, de que apenas tem o nome, derão em remover da lembrança tudo o que lhes possa recordar lembranças religiosas: somente amão o vicio, e se recreão na sua imagem; e he a que se vê adornar suas habitações! Que vergonha!

F. — Casas ha, cujas paredes estão cubertas de paineis, e nem a imagem de hum *Crucifixo* terão em hum quarto retirado. E querem presumir de *Christãos*!

P. — Vejamos finalmente os effeitos da *meditação* para acabarmos de concluir, que he ella, a que tudo faz no homem, e não a só Fé, e o conhecimento. Quem poderá negar a *David* o claro conhecimento da eternidade? Hum homem divinamente illustrado, teria necessidade da *meditação*? Tanto a teve, quanto a falta della parece ser causa do seu peccado. Pelo menos no espaço de nove mezes, que perseverou no peccado, não a teve, pois logo que nella o fez entrar o Propheta *Nathan*, immediatamente o chorou. Que elle a não teve quando peccou, parece claro, porque se a tivesse facilmente se lembraria, que elle tendo sido mimoseado por Deos com innumeraveis beneficios, e tendo muitas mulheres, seria reo de morte tirando a unica que tinha hum homem tão benemerito, como era *Urias*. Foi isto, o que lhe disse *Nathan*, e a sentença, que elle mesmo deo, e o que o converteo; prova esta de que de tal se não tinha lembrado, e menos meditado.

Duas vezes, que elle menciona, o fez; e vejamos o fruto, que tirou. Refere a primeira no *Psalmo* 38. por estas palavras. *Posui ori meo custodiam*; puz guarda á minha boca, emmudeci, humilhei-me, e me esqueci do que me poderia alegrar; a minha dôr, ou tristeza se renovou, ou augmentou: *Obmutui, & humiliatus sum, & silui a bonis, & dolor meus renovatus est.* ℣. 3. Então (como ja vimos) entrou em calor seu coração, e continuando com a meditação, se accendeo o fogo: *Concaluit cor meum intra me, & in meditatione mea exarsit ignis.* ℣. 4. Segundo o que diz nos seguintes *Versos*, elle meditou na brevidade da vida humana, e na morte, que tudo acaba. Elle tirou por

conclusão huma interessantissima verdade: *Universa vanitas, omnis homo vivens.* ℣. 6. Tudo he vaidade, mas toda a vaidade he a vida do homem. Importantissima verdade he esta, que a só meditação pode fazer conhecer.

Porem não parou aqui; elle ajuntou logo a meditação á *oração* mais fervorosa, pois andão juntas, e he sempre da meditação, que esta se tira; nem esta pode ser, qual deve, sem aquella. *David* com tal *meditação* rompe em clamores a Deos, todo debulhado em lagrimas. *Senhor*, diz elle, ouvi minha oração, e os meus rogos; vède as minhas lagrimas: *Exaudi orationem meam, Domine, & deprecationem meam; auribus percipe lacrymas meas.* ℣. 13. Que pedes, *David*? Perdão, antes que chegue a morte, perdão de meus peccados, antes que passe o tempo do perdão: *Remitte mihi... priusquam abeam.* ℣. 14. Não haverá quem imittando-o em tal meditação, não tire o mesmo conhecimento, entre nas mesmas resoluções, e rompa nas mesmas orações com os mesmos sentimentos. Ninguem porem o faz, e eis aqui porque todos amão a vaidade, e para elles a morte he como se não fôra.

Não nos deve ser menos notavel a resolução, que tirou de outra *meditação*, que com mais miudeza nos refere no *Psalmo* 76., e que nos merece particular attenção. *Voce mea ad Dominum clamavi; voce mea ad Deum, & intendit mihi.* ℣. 1. Com a minha voz clamei ao *Senhor*, huma e mais vezes, e elle me attendeo. Nas minhas tribulações procurei a Deos, levantei a elle as minhas mãos, e não me enganei nas minhas confianças. ℣. 2. Passa a referir o que passou em huma noite, em que lhe fugio o sono de seus olhos, e pondo-se em *meditação*, se turbou seu espirito, e continuou em silencio: *Anteciparerunt vigilias oculi mei; turbatus sum, & non sum locutus.* ℣. 5. Porem que consideração, ou *meditação*, poderia perturbar, e inquietar o espirito de hum homem tão santo? Que tens, *David*? Que te perturba, e faz perder o sono? Elle o diz: *Cogitavi dies antiquos, & annos aeternos in mente habui.* ℣. 6. Entrei na meditação dos meus dias passados, do tempo, que ja passou, e revolvi em meu entendimento os annos eternos, isto he, a eternidade, em que brevemente vou a entrar. Continuei de noite com o meu coração e na meditação, e consideração destes annos eternos me exercitava, e nella trabalhava o meu espirito: *Meditatus sum nocte cum corde meo, & exercitabar, & scopebam spiritum meum.* ℣. 7.

Porem que? Ignoravas tu, *David*, que depois desta vida nos resta a eternidade? Quantas vezes a tens tu cantado em teus *Psalmos*? Eu não a ignoro, me diria, eu a creio, eu a sei, porem mui differente cousa he saber, e crer, do que o meditar. A eternidade sabida, e crida he grão de pimente que se engole inteira; mas quando se mastiga, e rumina com os dentes da consideração então se sente o seu amargor, então arde, e escalda. Pois dize-nos, que he o que nessa *meditação* te amarga. Não és tu amigo de Deos? A eternidade te deve alegrar. » Oh que não devo confiar nesciamente. Quem sabe, e quem me dará a certeza, de que Deos não me arrojará de si para sempre por causa dos meus peccados? Eis aqui o que me perturba: *Nunquid in aeternum projiciet Deus?* ℣. 8. Elle continua nos seguintes versos nestas mesmas duvidas, até que toma a sua resolução: *Et dixi*: *Nunc coepi*; agora começo de novo, agora me resolvo bem de coração a entrar na maior perfeição de vida, que possa ser para segurar bem a minha eternidade feliz: *Nunc coepi*; e taes sentimentos, e desejos experimento em meu coração, que me tirão toda a duvida, de que esta mudança he obra do Altissimo: *Haec mutatio dexterae Altissimi.* ℣. 11.

D. — Está muito bem dito! E que documento esse para nós! Se *David* se perturbou com tal meditação, que deverá fazer hum peccador? Mas quem bem te considera, ó eternidade? Quem te medita?

F. — Eu protesto que ninguem, nem mesmo lembrar-se della, senão somente os bons *Christãos*; porque ninguem pode deixar de o ser, se nella meditar. Por isso elles vivem como bestas, nem juizo tem para della se lembrarem, muito de preposito, não o querem fazer nem a querem crêr. Porem, desgraçados! em vão procurais ser como as bestas: para lá caminhais ainda que não queirais.

M. — Temos conhecido quam forte, e efficaz he a *meditação* para operar no homem, e regular sua conducta. He na verdade ella, que faz todo o homem moral.

A. — Fica tambem claro o *Plano* de Deos na curta esphera do entendimento humano, para não poder attender a mais que a seu unico fim, fixando nelle seu coração.

P. — Estimo, que nelle tenhão entrado. Se Deos concedesse ao homem maior esphera de entendimento, de sorte que pudesse olhar ao mesmo tempo para muitos objectos capazes de lhe occupar o coração, elle se dividiria, e em ne-

nhum se fixaria. Para se fixar somente no importantissimo com exclusão de todos quaesquer outros, e de tal sorte que nenhum outro o pudesse perturbar, fez-se necessario, para que assim diga, não dar á alma mais do que hum só olho, o[illegible]ando tres, que são o entendimento, a memoria, e a vontade ficassem em perfeita analogia com os do corpo, que sendo dois não se podem fixar em mais do que hum só objecto. Que faz porem o estupido homem? Transtorna os fins, inverte o *Plano* de Deos; fixa este unico olho nas vaidades deste mundo, na satisfação de suas sensualidades, e concupiscencias, e nada mais vê, em nada mais pensa, e nada mais tem lugar, nem entrada em seu coração. Aqui tem a razão porque os homens vivem vida brutal; e não obstante o nome de *Christãos*, são verdadeiros *Atheos*, qualquer que seja sua jerarchia; e eis aqui como se abandonou a *Religião* em *Portugal*. A falta da *oração*, que faz todo o exercicio da *Religião*, tem sido, e sempre será a causa total do abandono da mesma *Religião*.

D. — Fica bem provado. Conte com nosco, Sr. Fr. no seu rancho de *fanaticos*, e com a possivel assiduidade.

P. — Ponhamos finalmente ponto ás funebres idéas, que tão repetidaas vezes nos tem molestado, destas fataes desgraças, que puzerão em tal estado o *Fidelissimo Portugal*, que apenas conserva o nome, do que ja foi. Nada mais nos occupe daqui por diante, que a felicidade do homem, que todos desejão mas bem poucos, e rarissimos procurão pelo caminho, que a ella conduz. Para que ja o entendão, eu tenho a mostrar, que no exercicio da *Religião* pela *Oração* pôz Deos taes proporções, que são sufficientissimas para fazerem a temporal felicidade do homem. Porem antes disso porei em mais lato, e extenso sentido esta proposição:

A Religião faz a completa felicidade do homem.

F. — Basta, P., que só diga, e explique bem, o que se passa na *Oração*; com isso ficará tudo dito, e nada mais he necessario para a felicidade do homem.

P. — Quem as poderá explicar dignamente? Pode-se sim experimentar, o que deseja que eu explique, porem não se pode dizer. Tomaria huma lingoagem inintelligivel, nem mesmo acharia termos para se expressar, o que intentasse fazer conhecer as delicias, que gosão os justos na *oração*,

os favores, e doçuras, que o bom *Pai* nella communica a seus filhos. He isto hum occulto *maná*, cujo gosto só conhece o que o toma, e recebe. Não, eu não direi mais, para provar a minha proposição, do que aquillo, que possão todos entender, e ainda ver com simples golpes de vista em conformidade com o nosso fim. Ja eu me admirei, de que haja, quem admire ser tal a *Religião*, que parecendo ter por unico objecto a futura felicidade do homem, faça ainda a desta vida. Tal admiração merece hum sorriso de desprezo, pois que bem pouco conhece a *Religião*, quem de tal se admira.

A. — Ja nos mostrou com longas, e evidentissimas razões, que a *Religião* tem por fim a felicidade do homem nesta, e na outra vida; e julgo, que todos estamos persuadidos desta verdade.

P. — Parece-me nada haver dito a tal respeito em comparação do que finalmente me resta a dizer. Parece-me haver andado pela rama sem haver chegado á raiz. Porem queirão ter presente o que havemos dito, para vermos esta arvore de felicidade do homem em sua rama, e raiz, se assim m'o permittem dizer. Nem eu vou fóra do estilo, e frase divina, que compara (e nós ja comparámos) o homem com huma arvore. He mesmo neste sentido, que *David*, o mais exercitado na *oração mental*, o faz, principiando por tal comparação o livro dos seus *Psalmos*. Ella he bem propria para nos fazer conhecer a felicidade do homem, que exerce a *Religião* santa, que professa, pela *oração* de que fallamos.

D. — Aqui vejo esse *Psalmo. Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum, & in via peccatorum non stetit, & in cathedra pestilentiae non sedit. Psal.* 1. 1.

P. — Eu direi o sentido, em que se tomão essas palavras, que seguem o estilo oriental. Bemaventurado, feliz he o homem, que se não deixa conduzir pelos conselhos, e doutrinas dos impios, que não acompanha em seus costumes os peccadores, nem com elles toma parte em sua corrupção, e pessimas conductas, mas sim se compraz na lei do *Senhor*, meditando nella de dia e de noite.

D. — *Sed in lege Domini voluntas ejus, & in lege ejus meditabitur die ac nocte.* ℣. 2. Agora vai a comparação da arvore: *Et erit tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo.* ℣. 3. Elle será como a arvore, que he plantada junto das

agoas, que produzirá fruto no teu tempo. Não cahiráõ, nem se murcharáõ suas folhas; e prosperará hum tal homem, como tal arvore, em tudo o que fizer: *Folium ejus non defluet; & omnia quaecunque faciet, prosperabuntur.* ℣. 4. Parece-me ser bem propria a comparação.

P. — Da mesma se serve *Jeremias* para descrever o bem daquelle, que confia no *Senhor*; o que he o mesmo; pois só nella confia o que ora, e medita; o que he a fonte de toda a confiança, como ainda melhor veremos. *Benedictus vir*, diz, *qui confidit in Domino, & erit Dominus fiducia ejus. Jerem.* 17. 7. Bendito, feliz o homem, que, orando, ou pela *Oração* põe sua confiança em Deos, e não nas cousas deste mundo, e de quem o *Senhor* faz todas suas esperanças.

F. — Como o filhinho, que em nada mais confia nem espera, que nos braços do pai. Nelles têm tudo, o que deseja.

P. — Continuando a descrever sua felicidade diz: *Erit quasi lignum, quód transplantatur super aquas, quód ad humorem mittit radices suas.* Elle he bem como a arvore que he transplantada sobre as agoas, a cujo humor, e fresquidão lança suas raizes. Se a arvore tivesse entendimento não poderia desejar mais, pois que não teria que temer em razão do estio: *Non timebit cúm venerit aestus*; embora seja grande, e extenso não perderá suas folhas, nem murchará sua verdura, nem deixará de produzir em qualquer tempo fruto com abundancia: *Erit folium ejus viride, & in tempore siccitatis non erit sollicitum, nec aliquando desinet facere fructum.* ℣. 8. Se o tempo o permettisse, analysariamos esta comparação, e conhecerião a propriedade a mais analoga, que tem com o homem.

D. — Não temos necessidade de analyses, quando pelo que temos ouvido nestas *Palestras* sobre as relações, que ha entre Deos e o homem, nos fica bem conhecida. Talvez que com palavras o não pudesse explicar tambem, como nós todos o estamos entendendo, pois que taes cousas melhor se concebem, do que se exprimem.

M. — Fique certo, P., que tambem eu o entendo muito bem, e servindo-me do pensamento do Sr. D., accrescentarei, que o homem que ora, medita, e põe suas confianças em Deos hade ser como a arvore plantada junto das agoas, que nada terá a temer, fará frutos &c., ou he falso que Deos he o nosso *Centro*, *Principio*, *Fim*, *Cabeça*, *Pai*, &c.

F. — Bravo! Isso mesmo he. Deo conta da materia...

P. — Muito estimo, que o entendão, e tão perfeitamente entrem no fundo do *Plano* divino, e suas analogias, conformidades, e combinações, que tão admiravel o tornão para progredirmos no melhor conhecimento desta humana felicidade. Quero descubrir-lhe hum pensamento, que tive, quando os *Srs*, me derão occasião de fazer o dever de *Defensor da Religião*, e foi tomar esta proposição: *A Religião tem por fim primario a felicidade do homem nesta vida; e secundario a da outra vida.* Quando me pudessem contestar este fim relativamense ao *primario*, e *secundario*, sem me apartar do mesmo sentimento, diria assim: *Deos na Religião teve por fim felicitar o homem primeiro nesta vida, e depois na outra.* Eu sustentaria esta proposição, sobre este eixo faria rodar todas nossas *Disputas*, e *Palestras*, nunca perdendo de vista esta verdade, e faria emmudecer todo o incredulo pedantismo, que não cessa de calumniar a santa *Religião*, que ja mais entendeo. Não o fiz, porque não quiz ligar seus entendimentos, nem encurtar os espaços d'arena, em que me offereci aos combates.

D. — Agradecemos tanto favor. Com effeito ponderando bem a carreira de materias, que temos seguido, vê-se que tudo se dirige á felicidade do homem mesmo nesta vida.

P. — O que se admira de fazer a *Religião* a felicidade do homem nesta vida, pensando que só devia fazer a da outra não só a ignora, mas he hum blasphemo, por isso mesmo que faz de Deos tão máo conceito, e de sua condição, que julga intentar a desgraça do homem, e sua infelicidade em qualquer tempo de sua éxistencia.

A. — Elle o poderia intentar em razão do castigo do peccado.

P. — Não pondera o que diz. Porque hum castiga seus filhos, quer a sua desgraça? He esta a que intenta no castigo, ou a sua felicidade mesmo neste mundo?

A. — Tem razão que assim he. Contudo sempre he padecer.

P. — Porem o fim que Deos na *Religião* se propõe, he remover a causa desses padecimentos, que he o peccado; isto conseguido ja não ha padecimentos.

A. — Sempre fica a raiz de todo o padecimento, que he o peccado original, fonte de nossos males, e por isso inevitaveis.

P. — Não he o peccado original a fonte perenne dos males, mas o peccado, ou peccados actuaes. Queixem-se os homens de si mesmos, e não dos seus primeiros pais; ao menos não lhes imputem a culpa em tanta extensão como o costumão fazer, principalmenre depois do fatal *Jansenismo*,

que por força de seu impio systema os tem exagerado excessivamente.

D. — Ja vimos, e com bastante extensão, essas verdades.

P. — Que males vemos nós, que soffresse *Adão*, não obstante que foi elle, o que commetteo esse peccado original? He verdade, que foi condemnado ao trabalho, e á morte; porem esta mesma sentença seria suavissima, e a mesma morte não seria penosa ao homem, se elle depois disso observasse perfeitamente a *Religião*. Esta o felicitaria em todo o sentido.

A. — Será difficil provar, o que affirma.

P. — Nada mais facil. Em breves palavras o farei. Os males, que atacão, e infelicitão o homem, ou são exteriores, vindos dos outros homens, ou das necessidades, e circunstancias, que o cercão, ou são interiores, e naturaes ao mesmo homem. Em quanto a estes ultimos, que parecem ser annexos á mesma natureza do homem pela fragilidade da materia, eu sou obrigado a dizer, que tem sua origem principal, se não total, nos peccados actuaes, e não no original. Sendo assim concluiremos, que a *Religião* observada livraria de taes males. Que assim he bem claro o vemos em *Adão*, naquelles primeiros homens, em quem o peccado original deveria produzir esses males, se com effeito fosse a sua causa. Que robustos, que fortes, que sãos, e vigorosos, izentos de enfermidades deverião ser huns corpos, que não obstante serem formados do limo da terra, vivião quasi mil annos? Ninguem poderá dizer, que erão fracos, enfermos, e frageis, quaes agora o são. E que? Se o peccado original he a causa, porque não produzião os mesmos effeitos naquelle mesmo, que o commetteo, e seus proximos descendentes?

Não nos falla *Moyses* da qualidade das mortes, que soffrião estes primeiros homens, porem podemos fazer idéa pela de *Jacob*, que contando cento quarenta e sete annos, nos he representado convocando a seus filhos em roda do leito, conversando com elles, dando-lhes a benção: tudo concluido, no momento, que parece quiz, e foi sua vontade, se deitou, e morreo: *Collegit pedes suos super lectum, & obiit. Gen.* 49. 32. Ninguem dirá, que soffreo grandes dores; e bastantes probabilidades temos de que as não sentio; e o mesmo podemos dizer dos mais. Onde estiverão nestes homens os effeitos do peccado original?

D. — Ja vimos, que taes males tem sua origem, e causa-nos

vicios, por isso mesmo, que são oppostos á sua natureza.

P. — Mas a *Religião* por consequencia tem por fim livrar delles; e com effeito não haverião taes males a padecer, quando ella fosse observada. Em quanto aos trabalhos, a que fomos condemnados, quando se observàsse a *Religião*, elles serião tão leves, e tão suaves, que mais parecerião ter por fim o entertenimento do homem, do que o seu castigo.

A. — Como o pode provar huma tal proposição?

P. — Com a palavra de Deos, e com o seu complemento, e experiencia. Veja o *Pentateuco* principalmente o *Deutoronomio*, onde vem as promessas feitas áquelle Povo *Judaico*, e verá a palavra de Deos empenhada a cubri-lo de toda a riqueza, da maior abundancia, não pelos seus trabalhos, mas pela observancia da sua Lei; mesmo pelos seus nenhuns trabalhos nos dias, e annos *Sabbaticos*. Ainda promettida toda a paz, toda a prosperidade, segurança, e inteira felicidade. Porem estas promessas porque senão entenderião a todos os verdadeiros observadores da *Religião*? Veja o *Evangelho*, que está cheio destas mesmas promessas, e felicidades.

São, *meus Srs.*, demasiadamente exagerados os males do peccado original, para se excusarem os peccados actuaes, que são a verdadeira causa dos que soffre o genero humano. Supponhamos, que elles vem da mão de Deos: por ventura envia-los-hia este bom *Pai*, a não sermos máos filhos? Que pai dá males, ou castigos a filhos, que o não merecem! Ah que eu affirmo, sem receio algum de errar, que não obstante o peccado original, o genero humano mui pouco perderia da felicidade premittiva, se observasse, como devia, a *Religião*, que lhe foi dada. Elle teve por fim pôr os homens em hum segundo *Paraiso* mui semelhante ao primeiro. Eis-aqui huma conclusão, que forçosamente tirarão, se bem ponderarem tudo o que temos dito em nossas *Disputas*, e *Palestras*.

D. — Nenhum de nós pode deixar de conhecer essa verdade.

A. — Eu a confesso: porem supposto serem tão grandes os males, que o homem soffre da parte da sua mesma natureza ja corromdida em demasia pelos mesmos peccados actuaes, ou proprios, ou alheios por seus pais, e ainda mais pelos que soffre da parte da *Sociedade*, ou boa ou má, principalmente dos mundanos, como ja nos descreveo, e pintou com vivas côres, quando nos fallou das tentações, que allivio, que felicidade pode trazer ao homem em particular

a *Religião*, e seu exercicio com tão graves contrapesos?

P. — Mui grande; e mesmo huma completa felicidade, apezar de todos esses males, que menciona, e de que temos fallado. He esse mesmo o ponto, em que estamos, que não tenho perdido de vista, e que enunciarei nesta proposição:

A Oração felicita o homem em todo o sentido.

Tendo visto que a *oração* he o perfeitissimo exercicio da *Religião*, o mesmo será dizer da *oração*, o que affirmo da *Religião*; e fallando daquella, fallo desta. Bemaventurado o homem, que medita na Lei do *Senhor*, dissemos ja com *David*; bendito, o que põe sua confiança em Deos, dissemos com *Jeremias*, figurando ambos hum tal homem com a arvore plantada junto das agoas. Aqui levavamos o discurso, cujo fio cortamos, e agora tomamos. A *meditação* da Lei do *Senhor*, e a confiança nelle se equivocão, com a *oração*, ou não se podem ter sem ella. Disserão, que entravão no conhecimento da propriedade da comparação da arvore; porem devemos entrar no fundo desta felicidade, ou feliz dita: *Beatus vir*, *benedictus vir*, como se explicão os dois *Prophetas*. Elles representão o homem, que ora, feliz, e ditoso. Elle o he, não só porque, como a arvore plantada junto das agoas, cresce na virtude, e não teme os contratempos, nem deixa de produzir bons frutos em abundancia, mas tambem porque goza de huma verdadeira *felicidade*, e merece em todo o sentido o nome de feliz, e ditoso apezar de todos os males, que o cercão, atacão, ou podem atacar. Eis-aqui o que nos resta a mostrar. Eu porei claro, que a *Religião* felicitaria todo o genero humano, bem observada, e ainda felicita ao homem em particular, apezar de todos os males, que sobre elle possão carregar.

D. — Grande cousa he essa, e bem digna de pôr o remate a seus trabalhos. Huma grande felicidade he conseguir o homem pela *oração* o remedio de suas necessidades, como ja vimos.

P. — Mas elle goza ainda huma felicidade intrinseca.

F. — Que maior felicidade, do que a de hum filho, que se põe nos braços do pai, e de hum tal *Pai*? Não querem crêr isto?

P. — Agora o vamos a ponderar. A *oração* he o *Ceo* desta vida. Nosso Deos que nos destina á sua mesma gloria, quiz

fazer-nos ja neste mundo partecipantes della do melhor modo. Elle se nos faz presente, e comnosco trata, e nós com elle por meio da *oração*. E não he isto hum primeiro *Ceo*? O homem meditando em seu Deos, na sua Lei, nas verdades, que nos revelou, o faz presente a sua imaginação, e entendimento; e o faz na realidade, porque verdadeiramente ahi está presente. Meditando ora, e com elle trata familiarmente. Poderá isto fazer-se sem hum dôce prazer, que se assemelhe á gloria dos *Bemaventurados*?

A. — Porem eu acho grandissima differença, que me faz entender, que a meditação pode ser mui molesta ao homem. Se meditar na Gloria, em Deos, no excessivo amor, que nos tem, e cousas semelhantes concedo, que lhe seja bem agradavel; porem se meditar na morte, no juizo, no inferno..?

P. — Concedo, que sejão molestas ao máo, mas não ao bom *Christão*, pois que olha a Deos como seu *Pai*, e nelle põe suas confianças. Não teme a morte, antes talvez a deseje. Não teme o juizo, nem a terrivel sentença daquelle a quem serve, a quem ama, e com quem trata, como filho com seu *Pai*. E poderá haver outra maior felicidade do que esta? Considerem-no bem, e acharáõ, que toda a felicidade do homem tem a sua origem, e seu assento na satisfação de sua alma. Esta não a pode ter maior do que quando se approxima ao seu Centro, ao seu Principio, e Fim, ao seu *Pai*, que faz, e só elle pode fazer toda sua felicidade. Eu sinto não poder expressar com palavras esta felicidade; mas por estas razões, attendendo ás relações, que tem visto, entre Deos e nossas almas, a poderáõ entender.

Queirão, para melhor o fazer, lançar os olhos ao grande *Plano*. Suppostas as relações, que temos com Deos, nosso Creador, Centro &c. como sôpro de sua boca, sua imagem, e semelhança, deveo dar-nos hum meio de communicação com elle, muito mais porque he *Pai*, a fim de não andarmos delle isolados. Se faltasse este meio de communicação, o *Plano* seria informe. Como ficariamos separados, ou sem communicação com o nosso Centro, Principio, Fim, boca, de que somos spiração, imagem, e semelhança? Como do nosso Pai? Que informe seria hum tal *Plano*! Nada lhe faltou: aqui temos este grande meio de communicação de trato, de palavra, e tal qual podiamos desejar, e se fazia necessaria.

D. — Essa razão he grande, e merece toda attenção.

P. — E não merece menos a consequencia forçosa, que

eu desejo saibão dahi tirar; e queirão dizer qual seja?

F. — Então! Tirão-na, ou tiro-a eu com o meu bestunto?

D. — Ja me occorre: Eu a tiro, e he que por força dessas razões, por força de taes relações, essa communicação do homem com Deos por meio da *Oração* devia felicita-lo nesta vida, nem poderia haver outra cousa que mais o pudesse felicitar em todo o sentido.

F. — Ainda bem, que deo no chiste. Descance hum pouco, P.; eu continuarei com a lição aos meninos. Querem ver como a *oração* faz as delicias do homem, seu maior prazer, sua felicidade neste mundo, e seu primeiro Ceo? Olhem para os *Apostolos*, que ficarão gostando tanto della, depois que seu *Mestre* subio ao *Ceo*, que nada mais quizerão fazer, que prégar, e orar. Vejão esses primeiros *Christãos*, que elles converterão, que apenas lhe tomarão o gosto até vendião seus bens, para em nada mais cuidarem, que na *oração*. Mas eu não quero tomar tempo, pois julgo, que ha muito que dizer. Quero chama-los a hum só ponto; e esse me basta.

Quero que me digão, como pode ser, que hum moço homem, fugindo da sociedade dos mais moços, que nada tanto desejão como passar em alegria, e prazer sua mocidade, e toda a vida, fugisse para os desertos, onde não visse viva alma, e ahi sustentando-se de hervas, ou não sei de que, pudesse passar sem enojo dez, vinte, trinta, quarenta, e mais annos, e toda sua vida? Respondão-me a isto; e olhem, que por encurtar razões desde ja saibão, que o não pergunto por hum só moço, mas por milhares de milhares, que para os desertos fugirão, e não moços mas tambem moças, que em igual numero fazião o mesmo. Perguntarei depois o mesmo a respeito dos que fogem para os Claustros, e tem fugido em todos os tempos. Respondão, se he que sabem dar conta da materia.

D. — A sua pergunta tem todo o lugar, e eu admiro o mesmo, e me parece digno de toda a admiração. Parece mesmo superior a todas as forças humanas. Hum homem poder passar em huma solidão toda sua vida, privado de tudo. o que costuma suavisar os amargores. . . .

F. — Pare lá, e advirta que *Salomão* nada negando a seus desejos, embriagado nos prazeres, tanto se enojou, que se enfastiou de viver, não achando mais que vaidade de vaidades; quando os *Monges* privados de toda a humana consolação andavão tão alegres, e contentes como humas

Pascoas, e toda sua vida passavão, como em huma bemaventurança. Que mandinga haveria aqui?

D. — Quando erão muitos lhes seria mais suave.

F. — Quando erão muitos, era o mesmo que se estivessem sós. Que pensa fazião? Que jogavão as cartas nas longas noites? Que fazião theatros, comedias, dánças, e assembleas? Que aquellas santas Meninas passarião os serões com os jogos de prendas, depois de fazerem o chá, com as danças, e contradanças? Todos vivião separados huns dos outros em pequeninas cellas ou grutas, como sepulturas, nem se fallavão. Respondão como isto podia ser? Como as nossas *Religiosas*..?

P. — Bem; os *Srs.* tem entendido, e nada mais de exemplos são necessarios para responderem.

F. — Pois respondão, e quero ver o que dizem.

A. — Os desejos de salvação podem obrigar a esses...

D. — Não, não creio, que nada mais houvesse que os desejos da salvação. Em suas casas poderião consegui-lo. Aqui havia e ha alguma cousa de divino, que lhes suavisava os enjôos da solidão, e que a ella os chamava. A solidão, a isolação não he natural ao homem, e por isso nada lhe he, ou pode ser mais sensivel.

F. — Ai, ai, que os meninos devem chegar á palmatoria! Quem lhes deo nos desertos a solidão? Ahi tinhão a melhor companhia, que he a de seu *Pai*, com quem tratavão com tanto prazer, tanta satisfação, tanta doçura, e tanta consolação, que havia tal que se punha em *oração* nos montes pela tarde voltadas as costas ao sol, e de tal sorte se embebia nella, que o accusava por madrugar muito a dar-lhe nos olhos a perturba-lo nas suas delicias. Eis aqui o que ahi mesmo os fazia felizes. Elles aborrecião a companhia dos homens, por não perderem a de seu *Pai* Deos. Elles não estavão em solidão, mas na melhor companhia, que podião desejar. Ainda mesmo nos seus trabalhos elles sentião a Deos presente, com tanta certeza como se o estivessem vendo, e por isso sempre estavão orando, e tratando com elle, pois ninguem se pode lembrar da presença de Deos sem logo entrar a tratar com elle. Esta he a verdadeira sociedade de companhia, a de filho com o *Pai*, e tal *Pai*! Eis aqui a que faz a verdadeira felicidade do homem, e que fazia a dos *Monges* nos desertos dos verdadeiros Religiosos, e de todos os bons *Christãos*; e tenho dito.

D. — Vm. *Sr. Fr.* he hum *Mestre* consummado.

F. — Consumidos devião ser todos os inimigos do meu Deos.

P. — A sociedade he necessaria ao homem, e entra em sua natureza por causa da instrucção, e remedio de suas naturaes necessidades. Cessando estas necessidades, cessa a necessidade de sociedade effectiva com os homens. Porem o que nunca cessa he a necessidade da communicação, e mesmo sociedade com Deos. As relações, que temos visto, bem o provão. Esta he a que por força de natureza he tão essencial ao homem, que ella só faz toda a sua felicidade, como acaba de dizer o Fr.; assim devia ser, e assim o prova a experiencia. Tal he esta felicidade, que apenas conhecem os que a gosão, porem podemos estar certos, que o *Solitario* da *Thebaida*, ou qualquer outro deserto, não trocaria os enjôos da sua solidão pelas alegrias dos theatros, nem os seus jejuns, e rigorosissimas abstinencias pelas delicias das lautas mezas dos regalões do seculo, quando ainda tudo isto lhes fosse mui licito, e permittido.

Diz o *Sr. D.*, que deve haver algum segredo occulto na *Religião*, que opera estes prodigios. Assim he; e na verdade que he occulto a quem o não experimenta; porem ao menos o deve concluir o que entra no conhecimento do *Plano* divino, attendendo ás relações, que ha entre Deos, e o homem. Nós vimos, fallando da Gloria, que este *Plano* de união com Deos se ultimará perfeitissimamente no nosso ultimo fim, e que fará toda a nossa felicidade. Seguese daqui, que a communicação, que possa haver neste mundo com Deos, devia principiar esta felicidade. Aqui temos pois a *oração*, que he e faz esta communicação, fazendo nosso primeiro *Ceo*, nossa felicidade temporal, que se coroará com a eterna.

Poderia ajuntar a tudo isto a *Communhão* do Corpo de J. C., que dá novo, e fortissimo vigor á *oração*, concorrendo tudo de hum modo todo divino para a perfeição do grande *Plano*: porem ja dissemos o bastante a tal respeito.

D. — Temos feito idea de tão admiraveis cousas, e resolvidos estamos a procurar nossa felicidade, pelo caminho, que nos aponta. Sem duvida a lembrança da *presença* de Deos, como diz o *Fr.*, não só será necessaria para a *oração*, mas tambem augmentará a nossa felicidade. Ja nos prometteo fallar della, e agora o fará sem duvida.

F. — Diga, P., aquellas cousas tão boas, que lhe tenho ouvido da..

Presença de Deos.

P. — Que poderei eu dizer, que seja digno de huma tal consideração, que forma a base, e fundamento de toda a virtude, e da verdadeira felicidade, de que fallamos, e ainda a sua corôa? A lembrança continua da *presença de Deos* a todas as nossas acções, palavras, e pensamentos, he bem digna de pôr o remate a nossas *Disputas*, e *Palestras Religiosas*; porem eu tenho o sentimento de não poder dizer o bastante para seu devido desenvolvimento, e fazer della o devido appreço, perdendo em minha boca, por diminuta, sua estimação. Parece-me que a só palavra, *presença de Deos*, diz mais que todos os discursos, todos os elogios, e encomios, que della se possão fazer. Como porem devo dizer alguma cousa, mencionarei tão somente os effeitos, que naturalmente produz huma tal lembrança para concluirmos com a felicidade daquelle que conseguio de Deos o dom desta continua lembrança de sua presença.

D. — Que ella he necessaria a *Oração*, entendemos nós. e não tem necessidade de dizer mais a tal respeito. Em vão oraria aquelle, que não crêsse com actual lembrança, que Deos lhe he presente, o ouve, e attende.

A. — Eu tambem entendo, que todo o grande *Plano* divino exige huma tal crença, e actual lembrança.

M. — Não menos eu me persuado, que sem esta lembrança não haverá jamais cousa que se possa chamar virtude, e que ella só por si he bem capaz de fazer a verdadeira felicidade do homem neste mundo, quando ainda o cerquem immensos males, pela consolação, que lhe dará sem duvida, tendo pura sua consciencia, e livre de remorsos.

P. — Dizem todos muito bem; devemos porem não perder de vista finalmente a divina economia nesta, que podemos chamar, ultimação de seu *Plano*; como tambem devemos fazer a devida individuação possivel dos bens, que della se seguem, para o melhor conhecimento, ainda que não passemos de só sua menção.

Com hum golpe de vista, ou quando mais com huma simples reflexão, se ve bem claro, que sem a crença deste Dogma, e sem a sua lembrança actual, e continua quanto possa ser, não haverião *Planos* a formar sobre os destinos do homem, nem mesmo Deos poderia sem ella tira-lo de sua natural brutalidade. Somente neste fundamento podia Deos assentar o seu *Plano*.

M. — He essa bem clara verdade, pois que poderia fazer o homem, que não crêsse a *presença* de Deos?

F. — O que fazem os *Incredulos*, que não crêem, que ha Deos.

P. — Não basta porem a só crença, pois já vimos, que esta nada vale, nada importa, e he o mesmo que o não houvesse, quando não ha lembrança actual da verdade, que se crê. He neste respeito necessaria a crença da *presença* de Deos com a sua actual lembrança. A estas ambas deveo Deos providenciar, visto que não deveo entrar no seu *Plano* fazer-se-nos visivel em sua propria *Pessoa*. Povidenciou com effeito do modo mais admiravel, e só delle proprio. Eu julgo, que se lembrão do lugar, que tem no divino *Plano* a Fé, que nelle se fez de necessidade absoluta; e por isso nada digo a tal respeito: só rogo, que a tenhão presente para entrarem no fundo deste *Plano*. Pasmará absorto de admiração o Philosopho *Christão*, que philosophar em tal respeito sobre as obras de Deos. De tal sorte organisou a natureza humana em sua creação, de tal modo formou o homem mesmo em sua organisação mecanica, que não houvesse cousa, que não lhe fizesse saltar logo aos olhos do entendimento, e lembrança, a sua *presença*.

Na infancia do genero humano, e ainda em sua mocidade procurou seu *Creador* fazer-se presente por meios, e modos extraordinarios. Elle fazia ouvir com os ouvidos corporaes a sua voz, elle se fez presente aos olhos corporaes no Tabernaculo pela columna da nuvem, e ainda no Templo, como ja vimos. Finalmente na sua virilidade, e perfeição, Jesus *Christo* se nos fez tão presente, como temos visto, e bem lembrados devem estar. Melhor o faria a não ser a necessidade da Fé.

D. — Tão presente, que quiz ficar comnosco em propria *Pessoa*, como *Pai* com seus filhos, pondo-nos á sua *Mesa*, em que nos alimenta com seu proprio *Corpo*, nos espiritualisa, e divinisa comsigo mesmo.

P. — Muito bem. Lançando agora os olhos a toda a natureza, e ao mesmo homem, eu affirmarei que nada teve tanto em vistas nosso Creador, que fazer-se-nos presente continua e incessantemente, chocando, e despertando nossa lembrança, de sorte que não se pudesse jamais apartar do homem aquella grande palavra, que inseparavelmente acompanhou os antigos *Patriarchas*, *Prophetas*, e grandes homens d'antiga Lei: *Deus, in cujus conspectu sto*! *Deos, em cuja pre-*

sença estou! Que grande palavra! Palavra..! *Deos, em cuja presença estou*! Que palavra! Ah! Permittão-me os *Srs.*, que, tomando hum pequeno desafogo, exclame: Palavra, grande palavra! Nunca tu te possas apartar de minha boca menos de meu coração em todas minhas obras, em todos os instantes de minha vida. Vigiando, tu occupes todas as potencias da minha alma, e dormindo eu ouça os eccos, que resôem na minha imaginação. Nada mais eu possa ouvir, nada mais pensar que não seja esta palavra: *Deos, em cuja presença estou*!

F. — Dê-me licença, que tambem me não posso conter. *Deos, em cuja presença estou*! O'palavra, porque me não acompanhas tu todos os instantes de minha vida? Porque te não posso eu prender em meu coração? Porque me foges a meu pezar? Tu fazes as minhas delicias; tu és o meu *Ceo* nesta minha vida mortal, nenhum algum outro prazer eu sinto em minha alma, nada que se possa comparar com o que experimento, quando digo: *Deos, meu Pai, em cuja presença estou*! Acabasses tu antes, ó coração meu, do que te esquecesses, ou deixasses fugir esta palavra. Diga-me, P, como a poderei prender, de sorte que me não escape?

D. — Fazem-me correr as lagrimas! Porem eu lhes prometto, que brevemente a verão escrita por todas estas paredes de minhas casas, de sorte que continuamente esteja lêndo: *Deos, em cuja presença estou*!

P. — He isso mesmo, o que Deos fez em toda a natureza creada, gravando por toda a parte esta palavra, que todos devemos lêr continuamente, e gravar nos corações. Porem a desgraça he, que o homem mais bruto que todos os brutos, quando perde o amor ao seu Deos, teimosamente fecha os olhos. Se me não engano, direi, que não nos deo Deos os sentidos corporaes com o unico fim de remediar nossas necessidades: outro intentou, e me sinto tentado para affirmar, que este foi o primario. Pelo menos admiro a fecundidade de fins intentados nesta obra. Os sentidos corporaes tem ainda por fim o fazer-nos sensivel a *presença de Deos*, e despertar continuamente esta lembrança. Parece-me ser este o fim primario, quando attendo á disposição, em que o Creador pôz tudo o creado, e á marcha do seu regulamento. Ao menos os sentidos corporaes nos forão dados para nossa felicidade temporal, e eterna.

D. — Em quanto ao primeiro sentido direi, que na verdade parece, que não tanto pela nossa propria necessidade nos

deo Deos os olhos, quanto para vermos as maravilhas de suas obras, confessarmos sua existencia, e nos lembrarmos de sua *presença* em toda a parte. Se os lançarmos orisontalmente, nós o veremos presente em tudo, que nos cerca; na creação, na formação, na organisação, na conservação dos pequeninos viventes, nos vegetaes, na materia mais bruta, e em tudo o creado nós o vêmos presente, pois tudo isto nos préga não só a sua existencia, mas a sua immensidade, e *presença.* Sem duvida tudo nos obrigará a clamar, ou exclamar: *Deus, in cujus conspectu sto. Deos, em cuja presença estou!*

Se porem os levantarmos ao alto, que pasmo, que assombro! Que sermão mais eloquente apezar da sua mudez, da *presença* de Deos, alem da sua existencia nos apresenta huma bella noite! Que espectaculo tão grande! Ah, que na verdade o Incredulo he verdadeiro bruto, quando á sua vista deixa de exclamar: Deos! Deos grande! Deos immenso! Deos, *em cuja presença estou! Deus, in cujus conspectu sto!*

A. — A esse respeito confessarei eu, que na maior força, ou auge de minha incredulidade, huma noite deixei de o ser. Estava ella mui clara, a lua cheia no seu zenith, correndo sobre a atmosphera grossas, e prateadas nuvens, apparecendo muito alem da lua, immensas estrellas scitillantes. Que grande espectaculo! Confesso, que foi necessaria toda a minha voluntaria, e teimosa cegueira para não romper o silencio de tal noite, exclamando: Deos grande! Deos immenso! Deos, *em cuja presença estou! Deus, in cujus conspectu sto!* Mesmo assim me cubri de suores frios.

M. — Gelado o sangue, e todo o corpo tive eu huma noite de grande trovoada, vendo fusilar os raios por toda a parte, parecendo-me que a cada instante me partião. Trinta vezes principiei o acto de contrição, e nenhuma o acabei. Tres dias não pude fallar, e tive cara de defunto! Fóra! Parece-me que agora depois da minha confissão não teria tal temor.

F. — Eu nada digo; mas cá me vou rindo. O caso he que em taes occasiões os maiores Incredulos emmudecem, e até querem ser *fanaticos!*

D. — Creio ainda, que o segundo sentido, o do ouvido nos apregoa, não só a existencia de Deos na formação deste orgão, mas ainda a sua existencia. Que admiravel he o som,

sua percepção, e a intelligencia da palavra, que como ja vimos he hum dom de Deos mui singular!

M. — Não ignora, que a *Physica* explica o mecanismo organico de todos os sentidos corporaes.

P. — Mas como o faz? Com huma gerigonça de palavras, vasias de sentido, que nem seus mesmos inventores entendem, e que são mais proprias para envolver, e tornar menos intelligivel a questão, do que para a desenvolver. Não ignoro eu as membranas, os humores cristalinos, os globos, as lentes convexas, planas, e concavas, os reflexos, as fracções da luz, a retina, e tudo o mais que dizem relativamente ao primeiro sentido. Elles com isto ficão satisfeitos, porem eu não.

O mesmo me succede em quanto ao segundo sentido com o tympano do ouvido, a vibração do ar em ondulação ordenada mais desta que daquella sorte para formar os differentes sons, e tudo o mais que dizem neste respeito e dos mais sentidos com as suas particulas da materia, ou do ether, rotundas, agudas, asperas &c. para fazerem agradavel, e sensivel o gosto, o cheiro, e o tacto. Porem poderáõ taes palavras pôr á luz, e conhecimento essas cousas? Entendem elles mesmos, o que dizem? E quando o entendessem, que poderião concluir senão a presença actual do Creador, que com sua mão omnipotente está obrando no lodo, de que he formado o homem, taes prodigios?

Não nos podemos demorar nestas demonstrações: e sem me alongar do meu fim, menciono de passagem o que ja disse em outra occasião, e he, que o homem com as observações da experiencia entra em parte do conhecimento da marcha das leis, que o *Creador* deo á natureza, segundo as quaes a materia se devia regular para beneficio do homem. Dahi não passa, se a tanto chega. Quem porem dá esse regulamento, essa ordem, essa organisação á materia morta? Quem a faz viver para a pôr em movimento em tal ordem, que opere no homem as sensibilidades, que experimenta por estes sentidos? Quam cego he o homem, que não vê em tudo isto, em toda a natureza presente a mão de Deos, que continuamente está operando taes prodigios.

D. — Temos entendido, que tudo está clamando ao homem com fortes vozes: *Deos, em cuja presença estás!* O mesmo corpo do homem..! Que prodigiosa a sua organisação! Como poderia conservar-se hum só momento sem a mão do

omnipotente ahi presente? Finalmente tudo o que cerca o homem, e que elle conhece pelos sentidos, lhe apregoa em altos gritos a *presença* de Deos, e continuamente o deve fazer exclamar: *Deus in cujus conspectu sto*; Deos, em cuja presença estou. Entendemos muito bem, que a sua proposição he verdadeira, e ficamos tambem indecisos, se o fim primario dos sentidos corporaes foi o remedio das necessidades do homem, e seu bem estar, se a continua lembrança da *presença de Deos*.

F. — Eu tenho huma cousa que dizer aqui, P., e peço particular licença para a dizer, se assim quer.

P. — Diga Vm. a sua cousa unicamente para maior gloria do *Senhor*, e nada mais.

F. — Ha outra cousa, que aviva continuamente a memoria, ou lembrança da *presença* de Deos, porem eu não sei qual ella he; só sim sei, que o coração o sente presente, quando a gente anda fervorosa na *oração*: o que dá hum tal prazer..! Mas não he sempre; o que muito sinto.

P. — Pois bem; louve a Déos, quem recebe esses mimos; seja-lhe agradecido na humildade, e conhecimento da sua indignidade; porem como segredos occultos não tem aqui lugar. Só direi, que he esse sentimento o que fazia gostosa a solidão dos *Monges* no deserto, por isso que continuamente sentião a companhia de Deos, e sua *presença*. Porem não tem aqui lugar.

A. — O inferno levasse a cegueira, em que anda o mundo, pois que não vê, nem entende taes cousas.

M. — Lève o demo, o que ja lá tem. Daqui por diante...

P. — Não percamos o fio do que vamos dizendo. Foi necessario, que Deos nos apresentasse em tudo a sua *presença* em conformidade com o seu *Plano*; cujo fundo deve fazer esta lembrança. Sem ella não se poderia de sorte alguma entrar no exercicio da *Religião*, que faz a *oração*. pois que esta não pode ter lugar, quando falta tal lembrança. Antes de progredir nos seus effeitos admiraveis notemos de passagem a dôce harmonia, e o abraço, que se dão mutuamente a lembrança da *presença* de Deos, e a *oração*. Esta chama, e se abraça immediatamente com aquella; e não ha aquella sem esta. Quando o homem ora, immediatamente aviva a memoria da *presença* de Deos: e quando esta assalta o coração vem logo a *oração*, pois que naturalmente tal lembrança a ella o leva.

D. — Entendemos muito bem: dois amigos juntos não ficão em silencio; menos hum filho com tal Pai.

Effeitos da lembrança da presença de Deos.

P. — He ja tempo de singularisarmos os effeitos, ou frutos desta feliz lembrança, para que vejão quam interessante, e proveitosa lhes será. Taes são, que se bem os ponderarem, conhecerão, que são sufficientissimos para fazerem a solida felicidade do homem mesmo nesta vida mortal, que se coroará com a immortal. Com tod'a razão nos recommenda *David*, que procuremos ter ja neste mundo huma boa porção de gloria qual a gozão os *Bemaventurados. Quaerite Dominum*, diz, *& confirmamini*; procurai ao *Senhor*, e o fazei com firme resolução; procurai sempre a sua face: *Quaerite faciem ejus semper. Psalm.* 104. 4. He isto o que faz a gloria do *Ceo*, onde se goza da sua face: mas he esta, que o *Psalmista* quer, que procuremos ter neste mundo. Porem como? Procurando ver cá mesmo a face de Deos: *Quaerite faciem ejus semper.*

Não se admirem, parecendo-lhes impossivel. Que he a face de Deos, pergunta St.º *Agostinho*, que aqui se nos manda procurar? Responde que não he outra, que a lembrança da *presença* de Deos: *Quid est facies Dei, nisi praesentia Dei*? Eis aqui que a lembrança da *presença* do *Senhor* he em certo modo ver a face de Deos, e partecipar da summa gloria, que no *Ceo* se goza. Esta he a que o mesmo *Senhor* nos quiz conceder nesta vida mortal para nos felicitar nas nossas miserias, e que manda para desempenharmos deveres.

Toda a crença, que nos propõe a *Religião*, tem por fundamental o Dogma da *presença* de Deos, a todas nossas acções, palavras, e pensamentos, de tal sorte, que nada lhe he occulto: *Omnia nuda, & aperta sunt oculis ejus. Hebr.* 4. 13. De tal modo, e com tal attenção nos presencía, que vê todos nossos caminhos, e intenções; e considera todos nossos passos: *Respicit Dominus vias hominis, & omnes gressus ejus considerat. Prov.* 5. 21. Não he por ventura o *Senhor*, perguntava *Job.*, que considera, ou conhece todos meus caminhos, e até conta todos os meus passos? *Nonne ipse considerat vias meas, & cunctos gressus*

meos dinumerat? *Job.* 31. 4. Elle tem contados os cabellòs de nossa cabeça: *Capilli capitis vestri omnes numerati sunt. Luc.* 12. 7.

M. — Eu, e todos cremos essa verdade; mas quizera saber como pode ser interessante essa lembrança a hum peccador, como eu? Devera ella sê-lo tão somente para os que sempre tem sido amigos de Deos?

P. — Para todos o he; e ella mesma he bellissimo, e efficacissimo meio de conseguir a melhor amizade com Deos. Esta lembrança não pode deixar de inspirar no coração do peccador hum vivo pezar de suas culpas, como que forão commettidas na mesma *presença* de Deos. Era esta consideração a que fazia dizer ao verdadeiro exemplar dos penitentes fallando com este *Senhor*: *Tibi soli peccavi, & malum coram te feci. Psal.* 50. 6.; pequei, *Senhor*, contra vós, e minhas abominaveis maldades forão commettidas na vossa mesma presença. Parecia sentir com esta lembrança, e consideração huma particular e viva dôr; e com razão, por isso mesmo que he huma circunstancia mui agravante da culpa o ser commettida na *presença* de Deos.

F. — Que he isso? Mudão de côr! Tenhão paciencia. Lembrem-se do que tem feito na mesma presença, e aos olhos do *Senhor*.

P. — *Peccavimus ante Dominum Deum nostrum. Baruch.* 1. 17., clamavão os *Judeos* no cativeiro de *Babylonia*. Ai de nós, que peccámos diante, e na presença do *Senhor* nosso Deos! Por causa dos peccados, que commettestes diante de Deos, lhes diz *Baruch*, fostes vós expatriados, expulsos da cidade santa, e levados cativos a *Babylonia*: *Propter peccata, quae peccastis ante Deum; abducemini in Babylonem captivi.* d.° 6. 2. Para maior motivo de seu pezar lhes lembrava esta circunstancia, bem capaz de inspirar o maior sentimento.

A. — Lembro-me de que o filho prodigo, que he outro exemplar de peccadores penitentes, tambem disse ao pai: *Pater, peccavi in Coelum, & coram te. Luc.* 15. 18.; pequei, pai, contra o *Ceo*, e na tua presença.

P. — Lembra-se bem; assim o disse, e assim o deveo dizer, porque esse pai representa o verdadeiro *Pai* Deos.

D. — Creio, que não só he meio de chorar os peccados ja commettidos, mas tambem he remedio seguro para não mais os commetter. Quem se lembrar, que Deos está presente, como poderá peccar?

A. — Poderá pela força das paixões, mas não deixa de ser hum bom meio de evitar o peccado.

D. — Pois eu affirmarei, que não poderá, huma vez que avive esta fé da *presença* de Deos, pois ficará tremendo de terror, que sem duvida sentirá. Não lhe parece, P., ser isto huma verdade?

P. — Tem em prova della hum exemplo na infancia da *Religião*, outro na sua *mocidade*, e bem famosos, e innumeraveis achará na historia em sua virilidade, e perfeição. Tem na *Religião Natural* a hum *José* no *Egypto*, e na *Escrita* a huma *Susanna* em *Babylonia*; cujas terras infectadas da corrupção melhor provão essa verdade.

A. — He por ventura a tal lembrança, que se attribue a heroicidade de taes factos?

P. — Ao menos o *Texto* assim o inculca, e com taes circunstancias, que singulariza, que mui bem o provão, *José* filho de *Jacob* na flôr de sua mocidade, cativo no *Egypto*, foi tentado por huma dissoluta, e petulante mulher: tentação sem duvida molestissima, tanto por ser domestica, e continua, quanto por ser da propria senhora, em cuja escravidão elle se achava. Ponderemos as criticas circunstancias que revestirão este facto. Posto que filho do grande Patriarcha *Jacob*, vendido por seus irmãos, se achava na condição de escravo, e a delicadeza de sua consciencia, não lhe permittia tomar a fuga, nem o podia fazer em terra alheia da sua tão apartada. Não podia elle ignorar a condição de sua senhora, nem o que he huma mulher irada, e por taes motivos desprezada. Não podia elle duvidar da morte prompta, e quando menos de hum carcere perpetuo mais terrivel, que a mesma morte; porque esta mulher não era menos poderosa, que vingativa. Tudo isto se lhe deveria apresentar com a face mais terrivel. Como pois pode o Joven *José* fechar os olhos a estas imagens da morte mais terrivel, e resistir ás solicitações, e tentações desta lasciva, e impudica mulher?

D. — Na verdade que foi posta a tod'a prova! Porem não sei, que possa ter caso com a *presença* de Deos.

P. — Tem tudo. Quando fortemente solicitado, e instigado por aquella mulher, elle a desengana, que não pode commetter tal maldade, por isso mesmo que se lembra da *presença* do seu Deos: *Quomodo possum*, lhe diz elle, *hoc malum facere*, *& peccare in Deum meum*? *Gen.* 39. 9. Como posso eu, ó mulher, fazer esta maldade contra o meu Deos?

Mas os *Setenta* dizem: *Peccare coram meo Deo?* Como posso eu peccar na *presença* do meu Deos? Foi o mesmo que dizer: Não posso, he-me impossivel peccar com a lembrança da *presença* de meu Deos, que me he continua.

F. — Se os sensuaes dos nossos tempos se lembrassem... Mas que digo? Nada faria nelles tal lembrança, porque não crêem em tal Deos, nem tem juizo para isso.

P. — Não sei se teve ainda mais força esta lembrança na casta *Susanna*, não só por sua condição do sexo mais timido, mas ainda porque foi mais terrivel a crise, em que se achou. Em outra occasião á ponderámos; e agora somente mencionemos a palavra em que rompeo: *Melius est mihi absque operibus incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini. Dan.* 13. 23. Melhor me he, diz ella, cahir innocente nas vossas mãos, nas vossas vinganças, morrer morte infame, qual me preparais, do que peccar á vista do *Senhor*; *Quam peccare in conspectu Domini.*

A. — Lembro-me de que em outra occasião attribuio essa herocidade á boa educação de seus pais.

F. — Pois ahi tem a educação, que seus pais lhe derão, e que eu, e a mãi não cessamos de dar a nossos filhos. Somente os pais Atheos he que não dirão a seus filhos cem vezes cada dia: Filhos lembremo-nos, que Deos nos vê.

D. — Assim o fazião meus pais; porem a minha cegueira foi grande pelas más companhias.

F. — Como o nosso *Ab.* está com pressa em outra occasião eu lhes contarei casos bem bonitos, que leio nos meus livros, principalmente de santa *Thais*, que sendo de vida muita dissoluta, dizendo-lhe hum *Monge*: O' desgraçada mulher! tu crês, que Deos te vê, e atreves-te a commetter taes peccados, e maldades á sua vista? Nem hum raio a encheria de mais terror. Ella cahio por terra sem sentidos, e tornando a si, perguntou o que faria? Foi levada ao deserto, onde viveo santamente.

P. — Não temos necessidade de mencionar casos singulares, quando elles são geraes. He esta crença, a que tem convertido a todos com a graça do mesmo *Senhor*; he esta lembrança, que segura o homem para não ceder ás tentações; he esta a que o dirige de tal sorte, que faltando ella não ha qualquer outro freio que o retenha na furia de suas sensualidades, e concupiscencias brutaes. Eu julgo não ser necessario mencionar os elogios, que os Santos *Padres*, e Autores *Asceticos* fazem á continua lembrança da

presença de Deos. Todos a aconselhão, e recommendão, como o melhor, e mais seguro meio de evitar o peccado. S. *Clemente Alexandrino* affirma, que com esta lembrança jamais algum cahirá em peccado. S. *Jeronimo* não menos insigne Mestre na escola espiritual, mais de huma vez affirma nas suas grandes obras, que he impossivel que o homem peque lembrando-se da *presença* de Deos, e dirigindo-lhe a *Oração*. Ah! diz, se quando peccamos, ou somos provocados pela tentação, nos lembrassemos, que Deos nos vê, e está presente, jamais fariamos, o que desagrada a seus divinos olhos: *Certé cum peccamus, si cogitaremus Deum videre, & esse praesentem, nunquam, quod ei displicéret, faceremus.*

D. — A mesma razão natural o mostra. Não commette o crime o malfeitor na presença do juiz, que o hade julgar.

P. — Pelo contrario succede tudo ao homem, quando sua cegueira o não deixa ver presente a todas suas obras, palavras, e pensamentos. Esta especie de *Atheismo*, se o não he verdadeiro, he causa de todo o mal, e peccados. Eu dou o nome de *Atheismo* a este esquecimento, pois ja mostrei, que faz nullo, o que se crê, ou sabe; tanto importa o esquecimento do que creio, como o não crê-lo. Nada vai pois de differença entre o *Atheo*, e o que de Deos se não lembra.

A. — Porem eu julgo, que o peccador *Christão* algumas vezes se lembra da presença de Deos.

F. — Que importa o lembrar-se, se elle o não crê?

P. — Para que o *Sr. At.* entenda bem a fundo estas cousas, deve assentar nesta regra certa, que logo mostrarei melhor, que todo o peccador qualquer que seja he tal qual Vm. foi ha poucos tempos, com a só differença, de que Vm. fazia gala de seu *Atheismo*, e elle mais descarado a faz de *Christão* sem o ser. Embora elle se lembre de Deos, elle não o crê, e menos sua presença.

D. — Julgo não ser necessaria essa demonstração. Já nos fez ver em outra occasião, que a Fé que não he acompanhada das boas obras, he morta: *Fides sine operibus mortua est.* Tanto importa a nenhuma Fé, como a Fé morta. Por consequencia fica claro, que entre o *Atheo*, e máo christão não ha differença. Ninguem o pode duvidar; e queira o *Sr. Ab.* continuar com a materia sem outra distracção, pois estou impaciente por ver a corôa, que a lembrança da *presença* de Deos põe á felicidade do homem.

P. — Pois bem; e fico satisfeito. Grande felicidade do homem he conservar-se neste mundo sem offensa de seu creador, e perfeita amizade com aquelle em cujas mãos está posta toda ella. He isto o que faz esta lembrança, como acabamos de ver; bem assim como seu esquecimento faz por este respeito sua total desgraça. Elle fica sendo hum bruto furioso levado do vento, e furia de suas paixões, quando lhe falta esta lembrança, que só ella pode enfrear, e nada mais. *Non est Deus in conspectu ejus*, disse *David*, bem experimentado em taes cousas, *inquinatae sunt viae illius in omni tempore. Psal.* 9. 26. Desgraçado homem, que perdeo a Deos de suas vistas, que se não lembra de sua *presença*, porque elle se corrompe em todos seus caminhos, isto he, em todas suas obras, palavras, e pensamentos; não só na sua mocidade, ou em algum tempo, mas em todos os tempos, em todas as idades de sua vida: *In omni tempore.*

F. — Eis ahi porque os vemos máos na infancia, peiores na mocidade, e pessimos ainda na velhice, e quando ja com os pés par'a cova. Como pode isto ser sem que sejão verdadeiros *Atheos*, que nada de Deos crêem, nem querem?

P. — He a este fatal esquecimento, ou *Atheismo*, que nas divinas *Paginas* se attribue toda a razão dos peccados. Vês tu, pergunta Deos a *Ezequiel*, mostrando-lhe as maldades, que os principaes daquella Nação commettião no Templo, vês tu as abominações que estes aqui fazem? Pois sabe, que as fazem, porque estão pensando, e dizendo, que Eu os não vejo: *Dicunt enim: Non videt nos Dominus; dereliquit Dominus terram. Ezech.* 8. 12.; o *Senhor* deixou a terra, não faz caso, do que se passa no mundo; elle não nos vê.

D. — Esses erão verdadeiros *Deistas*! que não crião a Providencia.

F. — Ao menos crião, que ha Deos; porem os d'agora muito peiores do que esses, não o crêem, e vivem como brutos.

P. — No *Ecclesiastico* nos representa o *Espirito Santo* o peccador, dizendo: *Quis me videt!* Quem me vê! As trevas me cercão, as paredes me cobrem, ninguem me vê, a ninguem tenho, que temer: *Tenebrae circundant me, & parietes cooperiunt me, & nemo circunspicit me: quem vereor. Eccl.* 23. 26.

F. — Isso foi em outro tempo; ja isso acabou!

D. — Que diz, Sr. Fr.? Lembre-se que aquillo he palavra de Deos.

F. — O que eu digo, bem o sei. Deos fallava d'outros tempos, em que havia vergonha do peccado, e se escondião. Porem isso ja por desgraça acabou, e se trocarão as scenas. Para ser bom he necessario esconder-se nas trevas, e entre as paredes: para ser máo, para ser borracho, para ser sensual, peior que as bestas, para as porcarias, que vomitão pelas immundas bocas... isso então hade ser ao olho de todo o mundo, porque eis ahi a honra da moda. E não pensem, que he isto somente entre certa ordem de gentalha. Até a menina da moda leva em muita honra o dizer na sociedade muito senhora de si, que ja deitou a vergonha por cima do hombro, para traz das costas. Porem ellas não tem a culpa; mas sim a louca da mãi, e a tonta da tia, que se babão com a discrição da menina. Ah bom arrocho, com huma, e com outra!

D. — Ninguem descreve o mundo da moda como o *Freguez.* Temos entendido, que a razão de todo o mal he o esquecimento da *presença* de Deos, e por consequencia a razão da desgraça do homem; nem he necessario mais a tal respeito.

A. — Dahi devemos inferir no sentido inverso, que tod'a razão da felicidade do homem, e sua boa dita consiste na lembrança da *presença* de Deos.

M. — A conclusão, ou inferencia, he legitima: e eu estou por ella, e vou entrando no conhecimento desta *felicidade* apezar da minha rudeza. O Sr. Fr. em huma conferencia particular ja me fez saber, que não he só Deos a ver-nos.

P. — Não seria necessario mais que Deos a ver-nos; porem augmenta a felicidade do homem, que verdadeiramente o quer ser, a continua lembrança, de que, bem como de si dizião os Apostolos; *Spectaculum facti sumus mundo*, & *Angelis*, & *hominibus.* 1. *Cor.* 4. 9. Nós somos objecto das vistas, e attenções, não só de Deos, mas tambem dos *Anjos*, e dos homens. Porem vamos indo por partes, e não larguemos ainda a *presença* de Deos, porque nella temos quanto o homem pode neste mundo desejar para sua perfeita felicidade. Eu julgo que os Srs. concordarão comigo, que a paz, a satisfação, e alegria do coração em quaesquer tempos, crises, e circunstancias, em que o homem se veja, faz o fundo de sua felicidade temporal.

A. — Não ha quem não convenha nessa verdade; porem nem *Salomão* cercado de todas as delicias, e prazeres a pôde achar. Como a poderá achar o homem cercado de inimigos, e perigos mortaes..?

P. — Entre inimigos, perigos, guerra encarniçada, e sanguinolenta, trabalhos, e penalidades a encontrarão, e gosarão em huma occasião os *Judeos*, o que sem duvida nos ficou servindo de representativa figura, do que vou dizendo. Conclue o sagrado *Historiador* o 2.° *Livro* dos *Machabeos* com hum celebre caso, e o mais admiravel. Veio sobre o bem pequeno, e inarme exercito dos *Judeos*, que commandava *Judas Machabeo*, o soberbo *Nicanor* com hum formidavel exercito dos mais valerosos *Gentios*, bem armados de todo o genero d'armas, e ainda defendidos, e acompanhados de elephantes, e numerosa cavallaria.

Não se desanimou o famoso General, e se resolveo a esperar nos campos da *Samaria* ao formidavel inimigo com forças tão desiguaes, pondo sua confiança naquelle, que não necessita das forças do homem para lhe dàr a victoria. Com effeito a consegue qual desejava com a perda de trinta e cinco mil inimigos, que ficarão no campo incluso o soberbo, e blasphemo *Nicanor*. Não he isto o que me admira, pois quando Deos he servido compraz-se em dar a victoria a hum homem, que cercado de alguns centenares, foragidos entre montes, mede suas armas com os maiores exercitos das grandes, e maiores potencias do mundo, que aterra, vence, e desfaz em cem batalhas, sempre coroado de triunfos, por isso mesmo que nelle põe as suas confianças. Admiro-me sim do modo com que peleijarão, e vencerão nesta occasião tão formidavel exercito os *Judeos*.

Manu quidem pugnantes, diz o *Historiador* sagrado, *sed Dominum quidem orantes*, *prostraverunt non minus triginta quinque millia*, *praesentia Dei magnifice delectati*. 2. *Mach.* 15. 27. Peleijando com a mão, invocando, e orando ao *Senhor* em seus corações, prostrarão no campo não menos, que trinta e cinco mil inimigos, alegres, cheios de grande prazer com a *presença* de Deos. Ha caso igual! Hum punhado de gente, quasi desarmada, cercado por toda a parte de inimigos mui superiores em forças, e alegre, e contente! Huns poucos d'homens, cercados das sombras da morte, defendendo-se, e accommettendo bravas gentes, cavallarias, e monstruosas feras, e cheios de prazer, e alegria! *Magnifice delectati!* Que poderia ser a causa? A *presença* de Deos, que tinhão em seu favor: *Praesentia Dei magnifice delectati*. Porem vião-no elles? Não o vião com os olhos corporaes, mas com os da Fé, e esta bastava para entre tantos, e taes perigos não perderem,

antes acharem aquella *felicidade*, que não pôde encontrar *Salomão* engolfado nas concupiscencias, e sensualidades da carne.

D. — He bem trazida essa! Ahi tem, Sr. At., como a *presença* de Deos faz feliz o homem entre as mesmas sombras da morte. *David* dizia com prazer, e qualquer outro servo de Deos pode dizer: Eu nada tenho a temer, nada pode perturbar a minha satisfação, e prazer d'alma, nem ainda quando me veja no meio das sombras da morte, porque o *Senhor* he comigo: *Si ambulavero in medio umbrae mortis, non timebo mala, quoniam tu mecum es. Psal.* 22. 4.

P. — Ai, ai de nós, que faremos? disse a *Elizeu* hum seu criado, quando vio a melhor força do exercito do Rei da *Syria*, que os cercava. Não temas, lhe diz o *Propheta*: muitos mais temos em nosso favor do que esses inimigos, que nos cercão. Pede ao *Senhor*, que lhe faça ver estes amigos, e immediatamente descobre os montes cubertos de exercitos d'*Anjos*, que o *Ceo* enviava em seu soccorro: *Aperuit Deus oculos pueri, & vidit; & ecce mons plenus equorum, & curruum igneorum in circuitu Elisei.* 4. *Reg.* 6. 17. Isto o que fará o *Ceo*, ou Deos em favor dos seus servos quando fosse necessario. Que pois poderia o homem temer, quando a Deos, ao Ceo, aos *Anjos* tem em seu favor promptos a soccorre-lo!

Demasiadamente honra Deos ao homem. Não satisfeito com lhe assistir sempre com sua *presença*, ainda lhe dá huma outra companhia, que não he menos, que a de hum principe dos *Ceos*, o *Anjo Custodio*, que lhe serve de fiel guarda, e defensa em seus perigos, e soccorro em suas necessidades. Quanto Deos felicitou o homem por este respeito não o posso eu dizer melhor, do que com as palavras do *Psal.* 90. Não temas, ó homem, que te lembras de Deos, e nelle pões tuas esperanças, e confianças; não te poderá chegar algum mal, nem á tua habitação se avisinhará o flagello: *Non accedet ad te malum, & flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* ℣. 10. Sabe, que Deos mandou a seus *Anjos*, incumbindo-os de te guardarem em todos teus caminhos: *Quoniam Angelis suis mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis.* ℣. 11. De tal sorte o faráõ que pareceráõ trazer-te em suas mãos para que não offendas teus pés na pedra, em que possas tropeçar: *In manibus portabunt te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum.* ℣. 12. Andarás sobre aspides, e basiliscos, cal-

carás leões, e dragões, isto he, não te prejudicaráõ as tentações, ou quaesquer outros males com que teus inimigos te possão atacar: *Super aspidem & basiliscum ambulabis; & conculcabis leonem, & draconem.* ℣. 13.

Ouve feliz, e ditoso homem, continua, ouve o que te diz o *Senhor*; *Quoniam in me speravit, liberabo eum*; porque o homem em mim espera, Eu o livrarei, Eu o defenderei nas suas tribulações, por isso mesmo, que me conhece, que me vê presente, e que como a *Pai*, me ama: *Liberabo eum, protegam, cum quoniam cognovit Nomem meum.* ℣. 14. Elle, clamará a mim, e pode, e deve estar certo, que o ouvirei, e não debalde, porque me terá presente nas suas tribulações, de que Eu o tirarei com triunfo, e o glorificarei: *Clamabit ad me, & ego exaudiam eum; cum ipso sum in tribulatione; eripiam eum & glorificabo eum.* ℣. 15. Eu finalmente o encherei de dias, dias bons, e felizes, darei vida feliz, e ditosa, e confie, que conseguirá a minha gloria: *Longitudine dierum replebo eum, & ostendam illi salutare meum.* ℣. 16.

Facilmente poderia eu mostrar, que tudo isto se verifica naquelle que sinceramente procura desempenhar os seus deveres; o que somente então fará quando continuamente se lembrar da *presença* de Deos: porem não o julgo necessario. Nem tambem á vista disto temos necessidade de ponderarmos, que todas nossas boas ou más obras, palavras, e pensamentos tem por testemunha a todo o *Ceo*, ao inferno, e teráõ a todo o mundo, porque no grande dia tudo será manifestado. Porem antes que passe a pôr presente hum maior quadro para qûe vejão em hum golpe de vista os bens, que a santa *Religião* de J. C. confere ao homem, com que a final concluiremos, fixemos primeiro as vistas na dita, e felicidade do homem, cuja consciencia lhe dicta estar em amizade com seu Deos, e que se considera continuamente em sua *presença*. Poder-se-ha imaginar maior felicidade, quaesquer que sejão as crises, os fracassos, os males, em que se vejão?

D. — Responda o *Sr. At.*, que tem sido o mais teimoso.

A. — Eu o tenho sido para melhor entrar no fundo de cousas tão admiraveis, que tenho ouvido. Porem a resposta melhor, que posso dar, serão as minhas obras. Eu jamais procurarei outra *felicidade* neste mundo, que não seja o serviço do meu Deos, sua amizade, sua *presença*, e a mais estreita união.

M. — Eu entro nos mesmos sentimentos, e protestos.

D. — Julgo, que todos entrão nos meus. Mas que outro quadro nos quer apresentar, P., que não seja este mesmo, que temos á vista?

P. — Nenhum outro, que não seja o que sempre temos traçado: porem quizera por conclusão, se me fosse possivel, sugeitar a hum golpe de vista o que deixamos dito relativamente ás ventagens, que a *Religião* confere ao homem, que a desempenha como deve, para confrontarmos a felicidade de hum verdadeiro *Christão* com a de hum *Atheo*, ou qualquer outro Incredulo.

D. — Não tem necessidade de mais se cançar em tal respeito. Em nossos corações temos gravadas as grandes verdades, que nos tem exposto. O Incredulo, o *Atheo* jamais conheceo sua natureza, nem se quer exceder de bruto irracional. Elle sendo por natureza hum *quasi-Deos*, se faz hum monstro. Ai P! Quando a *Religião* nada mais fizesse que dar ao homem o conhecimento de sua propria natureza, ella mereceria altares por tod'a parte. Este só conhecimento felicita o homem nas suas maiores desventuras. Eu sou o sôpro de Deos, poderá elle dizer comsigo mesmo, eu sou sua spiração, imagem, e semelhança, minha origem he toda divina, meus destinos não são menos, que a união com o meu Creador, que he o meu *Centro*, *Principio*, e *Fim*! Que mais dôce prazer pode banhar o coração do homem?

F. — Diga mais; quando não direi eu.

D. — Direi para prova de que tenho entendido.

A. — A mim pertence, e peço a palavra, por isso mesmo que tenho mostrado aqui maior renitencia. Se esse prazer dá a *Religião* ao homem pelo simples conhecimento de sua natureza, e por isso o felicita, ella o eleva ao cume de sua *felicidade* quando recebe em seu seio, e braços. Ella pelos *Sacramentos* o põe na *Sociedade*, e Rebanho de J. C., com elle o encorpora, espiritualisa, e divinisa! Ah! O *Christão* pelos *Sacramentos* deixa de ser homem, e passa a ser Deos! Elles...

F. — Bom vai! Os meninos dão conta da lição.

M. — Peço a palavra, que a mim pertence, por isso que sendo o mais rude de entendimento, devo mostrar os meus progressos. A *Religião* felicita o homem em suas maiores desventuras, porque lhe faz conhecer, que por ellas se lhe abre o caminho para o seu ultimo destino. Ella lhe representa a gloria eterna, como premio de suas penas, e tra-

balhos; e por isso não pode deixar de os levar não só com paciencia, mas ainda com gosto, e prazer. Que dôce lhe he a esperança da futura gloria, que faz o seu ultimo destino! Aquella reunião com o seu *Creador*, como *Centro*, de que sahio, aquella transformação em Deos..! Ah, que taes esperanças lhe tornaráõ agradavel, e appetitosa a mesma morte. Que direi..?

D. — Nada mais dirá sob pena, ou de repetir tudo, o que em cincoenta e tantas tardes se tem dito, ou de deslustrar o quadro, que se tem debuxado, e de que se não pode tirar miniatura, pois he nesta mesma, que elle tem sido traçado, e nada ha nelle, que, bem ponderado, não concorra para a *felicidade* do homem não só eternal, mas mas ainda temporal. O silencio pois he o mais eloquente.

F. — Não estou por isso, porque não lembrão a *Sociedade* de filhos cercando o *Pai*, e pondo-se em seus braços.

D. — Fique satisfeito, porque he isso mesmo o que mais temos gravado em nossos corações, e conte com todos nós na sua sociedade de fanaticos. Nada nos resta mais que agradecermos a nosso Mestre...

P. — Agradeção tudo a Deos, e nada a mim, pois he elle a quem tudo devem. Apezar de estarem satisfeitos, acho eu, que ao menos em brevissima miniatura devem pôr a par do quadro da *Religião*, o que apresenta o *Atheismo*, em que sem algum escrupulo podemos incluir, não só todos os Incredulos de todas as côres, mas ainda os que presumindo de *Cristãos* não tem as obras dignas deste nome. Elles derão a morte á sua Fé, se algum tempo a tiverão, e verdadeiramente são *Atheos*, e como taes vivem, e morrem. Julgo que fica provado.

D. — Fica sem duvida, e com abundancia de razões, que

O Atheismo faz a desgraça do homem.

P. — Se a *Religião* santa faz a felicidade do homem mesmo nesta vida, o *Atheismo* devia fazer sua completa desgraça, não só a eterna, mas tambem a temporal. Que cego do entendimento, que embrutecido anda o homem, quando para viver feliz neste mundo se abraça com o fantasma do *Atheismo*! Eu diria, que elle se abraça menos com huma sombra, do que com hum monstro, hum dragão, que lhe devora as entranhas. He isto o que elle faz tanto em particular, como em geral na sociedade. Multidão de razões

se me apresentão em confirmação do que digo; porem poucas me serão sufficientes. O retrato que os sagrados *Escritores* fazem dos *Atheos* do seu tempo, convem exactamente com os do nosso. Eis aqui como os pinta *David*:

Dixit insipiens in corde suo: Non est Deus. Psalm. 12. 1. Disse o insensato no seu coração, e desejos: Não ha Deos, não ha supremo Juiz, que castigue o mal, e premie o bem. Logo que isto disse, e assim o quiz crer, eis-lo corrompido, e abominavel em seus desejos, e suas obras: *Corrupti, & abominabiles facti sunt in studiis suis.* Não ha hum só entre elles, que faça o bem; tudo he nelles corrupção, e abominação: *Non est qui faciat bonum, non est usque ad unum.* ỳ. 2 Suas bocas respirão a infecção dos sepulcros dos mortos: *Sepulcrum patens est guttur eorum*; suas lingoas exalando o mortifero veneno dos aspides, se movem somente para dar a morte com o dolo, com a mentira, e seducção: *Linguis suis dolose agebant, venenum aspidum sub labiis eorum.* Suas bocas estão cheias da maldição, da calumnia, da amargura, odio, e tod'a má vontade contra seus irmãos; e bem mostrão que estão promptos, para derramar seu sangue: *Quorum os maledictione, & amaritudine plenum est, veloces pedes eorum ad effundendum sanguinem.*

D. — He isso, o que ja vimos, e estamos vendo presentemente.

P. — Pois bem; mas perguntarei se ha feras brutas por mais bravas, e ferozes que sejão, que mereção, ou de que se se possa fazer semelhante pintura?

F. — Não ha: huma alcatéa de lobos não tem semelhança alguma, pois vivem pacificamente huns com os outros. Os *Atheos* são as feras mais feras de todas as feras.

P. — Ponhamos as vistas sobre as palavras, que se seguem: *Contritio & infelicitas in viis eorum, & viam pacis non cognoverunt.* ỳ. 13. O sentido destas palavras, que devemos indagar, he, o que faz ao nosso caso, para vermos se nellas se retratão nossos *Atheos Pantheistas*, sua propria felicidade, e a que elles com suas decantadas philanthropias procurão a seus irmãos de sociedade. Eu as interpretarei com as formaes palavras do famoso Expositor *Calmet* no sentido literal, e que escreveo muito antes delles, para que me não possão arguir de infidelidade.

Contritio & infelicitas in viis eorum. Elle lhes dá dois sentidos, e ambos literaes. Direi antes o segundo, e concluiremos com o primeiro. Este respeita as philantrophias

com seus irmãos, e aquelle a si mesmos. A vida de tal gente he desgraçada, he triste, melancolica, e desditosa, porque, *Solliciti semper*, *anxii*, *inquieti*, *laborantes*, *turbati*, *anguntur*; porque elles sempre cheios de cuidados, anciosos, inquietos, em mil trabalhos mettidos, afflicções, disgostos, e perturbações, se angustião, e se atormentão.

F. — Para isso bem lhes basta a lembrança dos tormentos eternos, que apezar de lhes fecharem os olhos, não deixão de os atormentar ja nesta vida até mesmo dormindo, porque se lhes figura ver o diabo a lançar-lhes as garras; e não cessão de soffrer de varios modos.

P. — *Nunquam in pace*, continua, *nunquan in tranquillo sunt*: *Viam pacis non cognoverunt*; elles jamais estarão comsigo mesmos em paz, nunca em socego, porque jamais conhecerão, nem entenderão, qual he o caminho por onde se alcança a dôce paz, nem o que ella seja. Este he o caminho dos impios, caminho, ou vida dura, laboriosa, e anciosa: *Haec est impiorum vita*, *dura*, *laboriosa*, *anxia*. Elle cita a confissão dos condemnados, que ja ponderamos: *Lassati sumus in via iniquitatis*, & *perditionis*, & *ambulavimus vias difficiles*, *viam autem Domini ignoravimus*; nós nos desentranhamos cançados nos caminhos da iniquidade, e perdição, que nos forão bem penosos, ignorando os meios, que o *Senhor* nos deo para em paz conseguirmos nossa felicidade.

F. — Mentem; elles não os quizerão seguir, e teimosamente lhe fecharão os olhos. Isso porem he somente em quanto ao peccado, e serviço do diabo: mas em quanto á paga, que Deos lhes dá cá mesmo neste mundo! Olhem o que ja vai passando por elles. Vejão como essa can....

P. — Ja vimos, e ponderamos o mais.

F. — (Valha-me Deos, que nem agora por fim me deixa fallar!)

M. — Eu estou neste pensamento, e he, que quando não fosse verdadeira a *Religião*, ella seria hum bello ideal, que faria pelo menos a completa felicidade temporal do homem.

A. — Eu ainda estou porque seria necessario inventa-la, se tanto pudesse o homem, para fazer a *felicidade* da Sociedade. Porem só hum Deos podia ser seu inventor.

P. — Mais se confirmarão nesse pensamento, se attenderem á desgraça, em que incorre, quando sua direcção, e governo por terrivel castigo cahe nas mãos do *Atheismo*. Eis aqui o primeiro sentido, que *Calmet* dá ás mencionadas

palavras do *Psalmo*: *Contritio & infelicitas in viis eorum.* Todos os conselhos, diz, todos os desejos, intenções, e passos dos *Atheos*, apezar de suas dolosas palavras, e promessas coincidem nisto, e nenhuma outra cousa tem por fim: *Consilia illorum omnia húc collimant.* E qual he? Não he outro, que affligir, subverter, perder a *sociedade*, e fazer miseraveis, e desgraçados: *Consilia illorum omnia húc collimant, ut affligant, subvertant, miseros reddant.*

D. — Bravo! Que pensamento! Quam justo, e proprio he! Eu tomo á minha conta desenvolve-lo, e pôr patente sua verdade exactamente provada na infeliz experiencia propria.

F. — Pois faça-o bem, quando não aqui estou eu.

D. — Eu o farei de tal modo, que, attendidas as circunstancias, e crises dos tempos, não terá de que se queixe. Levantou a horrenda cabeça no *Norte* da *Europa* o monstro do *Atheismo*, quebra os scetros, sóbe aos thronos, e se assenhorea da direcção da *Sociedade*, quando mil desgraças chovem sobre ella; sua felicidade, prosperidade, paz, socego, e tudo o que a podia felicitar, se evapora, se perde, e desapparece. As casas da paz são arruinadas, os paizes assolados, não ha segurança, a fome, a miseria, a morte corre por toda a parte, e o sangue inunda a terra: as mais bellas Cidades se tornão em montões de ruinas; e o dragão se ceva em sangue humano.

Aventa o horrendo monstro a *Inglaterra*, serpentando passa os mares, entra... Ah infeliz *Inglaterra*, desgraçada *Nação*! A gloria, a que te elevou o grande *Alfredo*, desapparece; tuas riquezas passão ás garras de esfaimados abutres, que te devorarão as entranhas; teu solo se tinge de sangue humano, que fumega por toda a parte, e as fogueiras, em que ardem vivos teus pacificos cidadãos levantão ás nuvens columnas de negro fumo, que de longe horrorisa. Os que escapão ao ferro, ao fogo, aos carceres, aos patibulos, soffrem morte ainda mais desgraçada na fome, na miseria, e na desgraça, quando pouco antes não havia em toda a extensão de teu vasto paiz, quem incorresse na necessidade de mendigar o sustento. Ainda presentemente depois de seculos se contão a milhares, os que annualmente morrem de fome, porque se esgotarão, e secarão as fontes d'onde manava em abundancia a riqueza dos pobres, e que somente a santa *Religião* faz perennes, e inexgotaveis.

F. — Isso he fallar em latim, falle mais claro.

D. — Bem claro falla a *França*, e a *Hespanha*...

F. — E mais *Portugal*. Metta-o na conta.

D. — Dos nossos dias. Ah *França*, em outro tempo tão felíz! Que foi feito da gloria a que te elevarão teus fanaticos Reis *Henrique* IV., e *Luiz* XIV.? Tu emmudeceste de pasmo, e de assombro, quando o enorme monstro do *Atheismo* bebeo o sangue de teus Reis, devorou milhões de teus nobres, e melhores cidadãos, deitou por terra teus magnificos Templos, depois de fazer assentar em seus altares a execravel abominação, pôz em montões de ruinas tuas cidades, e cubrio de cadaveres teu solo... Pare aqui o retrato....

F. — Não disse o melhor; eu quero faze-lo á minha moda.

P. — De nada mais necessitamos.

A. — Julgo, que não se deve ommitter huma cousa, para mim mui digna de poderação pelo que respeita á Politica. Eu creio, que são da cathagoria daquelles, que nos representa *Job*, dizendo a Deos: *Dixerunt Deo*: *Recede a nobis*; *scientiam viarum tuarum nolumus*. *Job*. 21. 14. Aparte-se Deos de nós, nada queremos delle, nem de sua *Religião*; sua Lei, ou mandamentos, porque sempre se governou o genero humano, e que fazem a base de todos os governos, não devem entrar em nossas Constituições, por isso mesmo que nada queremos delle, nem de sua *Religião*. Noto eu agora, que as formas de governos, que tem adoptado na *França* tem sido tantas, e tão varias, que eu não sei ja contar. Só me lembro, que as leis, que derão nos cinco annos da revolução *Atheista* montarão a quinze mil, de que ha enormes volumes.

F. — Eu lá tenho as *Affonsinhas* por que *Portugal* se governou por muitos tempos, em hum pequeno livrinho. Ah, *Portugal*! Que ditoso então foste!

A. — Não havia mais do que hum só Ministro com o Rei a governar os extensissimos Reinos da *França*, e da *Hespanha* no maior auge de suas glorias. Desde então Constituições ora d'um, ora de outra sorte, Cartas Constitucionaes, Camaras, Comités, bancos direito, e esquerdo, ora vetos, ora sem vetos, Cortes, Ministerios de varias côres, repartições, commissões, Senados, e em fim o diabo a quatro, ainda não assentarão no que hade ser. Só sim parecem mancommunados em fazer desgraçados os povos, que por castigo de grandes peccados, Deos pôz ás suas disposições.

D. — Muito bem dito, e bem provado, que deslocarão desde seu centro a felicidade do homem tanto em particular, como em geral. Nós porem, que ficamos conhecendo o caminho, e os meios de a conseguir, não desistamos com a graça do *Senhor*, da empreza começada. Confiamos na direcção, e soccorro do nosso pai, e Mestre, a quem beijamos as mãos por tantos favores, e pedimos sua benção.

P. — O nosso bom *Pai* Celestial a todos abençôe na abundancia de suas graças.

F. — Fiquei engasgado, mas paciencia. Meus amigos, nova vida; e assim o tenhão entendido.

D. — Com promptidão obedeceremos; e queira ser nosso zelador, pois nada mais desejaremos do que a nossa temporal, e eterna felicidade.

P. — A todos a conceda o *Senhor.* Concluamos saudando a *Nossa* Senhora, que trataráõ sempre, como verdadeira Mãi, e singular Protectora, com a *Salve.*

PROTESTAÇÃO.

Diante de Deos, e dos homens, de todo o meu coração, e com toda a minha alma, protesto, que jamais terei outra Crença, nem outra Fé, que não seja a que tem, guarda em deposito, ensina, e manda ter, crer, e professar, a *Igreja Santa*, *Catholica*, *Apostolica*, *Huma*, e unica verdadeira, Mestra *Infallivel*, sempre assistida do *Espirito Santo.* Não me lisongearei de haver dito a verdade nestas *Disputas*, e *Palestras*, com prazer do meu coração, senão quando me conste, que esta minha *Mãi*, *Mestra*, e Depositaria da sãa Doutrina, não acha nellas, que reprovar. Quando assim não seja, quando esta minha *Mestra* ache nellas alguma cousa censuravel, por erronea, e digna de condemnação, eu desde ja para todo o sempre, a censuro, a reprovo, e a condemno; o que farei publico, quanto possivel me seja, logo que assim me conste. Sirva-me esta *Protestação* par'a vida, e par'a morte, perante o *Juiz Supremo*, cuja *Religião* santa intentei defender. Seja elle servido perdoar-me o mal que o tenha feito, attendendo a meus desejos, e intenções.

O DEFENSOR DA RELIGIÃO.

Errata ☞ Part. 3.ª das *Disp.* pag. 101. lin. 8. apago — *Isaias.*